

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA TAPIRAPÉ

(Família Tupí-Guaraní)

Walkíria Neiva Praça

Orientador: Prof. Dr. Francisco Queixalós

Brasília

dezembro/2007

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL

MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA TAPIRAPÉ
(Família Tupí-Guaraní)

Walkíria Neiva Praça

Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Brasília
dezembro/2007

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Lingüística - PPGL

TESE DE DOUTORADO

MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA TAPIRAPÉ

(Família Tupí-Guaraní)

Walkíria Neiva Praça

Orientador: Prof. Dr. Francisco Queixalós

Banca examinadora:

Prof. Dr. Francisco Queixalós (UnB, CNRS/IRD)

Profa. Dra. Yonne de Freitas Leite (UFRJ)

Profa. Dra. Lucy Seki (UNICAMP)

Profa. Dra. Heloisa M. M. L. Salles (UnB)

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier (UnB)

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes (UnB) (suplente)

Dedico este texto

aos Tapirapé,

a Nathália e

a Adriana Viana

*Aos Tapirapé e Nathália, que, em situações diferentes, lutam com bravura e coragem pela sobrevivência, proporcionando-me a oportunidade singular de vivenciar e de aprender que resistir é preciso, e que vencer o que se diz *impossível* é bastante *possível*.*

A Adriana cuja vida foi ceifada de maneira abrupta e que se foi fisicamente tão cedo... mas que permanece viva, pulsando em nossos corações...porque amigo é coisa para se guardar no lado esquerdo do peito....

Olha, as estrelas brilham e brilhavam também na época dos antigos....

Hoje, quase tudo é diferente: a gente usa roupa de 'branco', toma remédio de 'branco', come comida de 'branco'....

Mas o sangue que corre no corpo da gente continua Tapirapé.....

As estrelas continuam brilhando....

Xãko'iãpari Marcos Tapirapé

(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que me foram solidários durante o desenvolvimento deste trabalho e, muito especialmente:

Aos Tapirapé, este povo alegre, gentil e guerreiro, que nunca perde o bom humor e o sorriso nos lábios, nem esmorece quando tudo parece perdido, pela experiência ímpar de me receber como um dos seus no seio de sua sociedade. Agradeço-lhes ainda pela generosidade com a qual me ensinaram sua língua.

Ao meu orientador, Francisco Queixalós, verdadeiro mestre, ativo e participante, norteador na aprendizagem de um conhecimento novo, pela paciência, pela amizade.

Ao Wãriniã'y'i, Lourenço, Makãpyxowa e Xãwãraxowi e suas respectivas famílias, por terem me acolhido em suas casas, com amor, dedicação e gentileza.

A todos os meus xeparama'eãra 'professores' e em particular ao Wãriniã'y'i, Jeremy'i, Xe'ã, Makãto, que trabalharam mais constantemente comigo não só no ensino da língua, mas também nas transcrições dos mitos e dos textos.

Às irmãzinhas de Jesus, Veva, Elisabeth, Odile, Ruth, verdadeiros anjos dos Tapirapé, e seres humanos exemplares... Ficam aqui apenas os meus agradecimentos e minha admiração, porque as palavras são indizíveis para traduzir os seus feitos extraordinários e os meus sentimentos.

À irmãzinha Mayie (*in memoriam*), que não conheci, mas que deixou um trabalho lingüístico grandioso, do qual me beneficiei.

Aos amigos Luiz e Nice, que tão jovens, partiram para o nordeste do Mato Grosso, a fim de ajudar a fundar a escola que os Tapirapé tanto queriam. Pelos mais de 35 anos dedicados a esse povo. Além disso, pela amizade, presteza e carinho com que sempre me receberam e pelas vezes que me hospedaram em sua casa.

Às professoras Heloisa Salles e Daniele Grannier, pelo aprendizado e pelo apoio incondicional.

Ao Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues, por ter me iniciado nos estudos das línguas indígenas e pela oportunidade da descoberta de um mundo novo, que do ponto de vista geográfico é perto, porém distante da concepção comum que temos de civilização.

À querida amiga-irmã Mônica Veloso Borges, pela amizade, apoio, companheirismo. Agradeço-lhe também pelas discussões sobre o Avá-Canoeiro e o Tapirapé e pelo entusiasmo com que leu meus manuscritos.

A Leinha, por ser sempre a amiga, a grande amiga, em todos os momentos. Uma pessoa de alma muito grande, que faz com que a vida valha a pena.

Ao Ministério da Educação, por ter me concedido licença para cursar o doutorado.

À Universidade Católica de Brasília, pela concessão do Programa de Incentivo à Qualificação - PIQ.

Ao Institut de Recherche pour Développement - IRD, pelo apoio financeiro destinado à realização dos trabalhos de campo.

À Fundação Nacional do Índio - FUNAI, pela permissão para entrada nas Áreas Indígena Tapirapé-Karajá e Urubu Branco, a fim de realizar as pesquisas de campo.

Aos meus pais, Ricardo e Iris Praça, pessoas com personalidades sem igual, que me ensinaram os verdadeiros valores da vida, com amor, dedicação, com franca e solidária convivência. Agradeço-lhes também por terem me ensinado a brincar com a dor e nunca desistir.

Ao Seu Herculano, Eliane, Mariozinho, por estarem sempre por perto e, principalmente, pela amabilidade e doçura que lhes são inerentes.

Ao Hércules Sisonetto, “Branquelinho”, homem possuidor de todos os valores que admiro, meu companheiro de todas as horas, pelo apoio, pelo incentivo, pelo encorajamento, por tudo...

SUMÁRIO

Lista de tabelas.....	viii
Lista dos mapas.....	xiv
Abreviaturas e símbolos utilizados.....	xv
Resumo.....	xviii
Abstract.....	xix
0. Introdução: O povo, a língua e a pesquisa.....	1
0.1 O povo Tapirapé e sua língua.....	1
0.2 A pesquisa.....	7
Capítulo 1: A dupla oposição nome/verbo e argumento/predicado.....	10
1.1 Predicado e argumento.....	11
1.2 Nome e verbo.....	18
1.2.1 A distinção nome e verbo.....	19
Capítulo 2: Morfologia transcategorial.....	25
2.1 Sistema de marcadores de pessoa.....	26
2.1.1 Os marcadores de pessoa.....	26
2.1.2 A distribuição das Séries II e II.....	27
2.1.3 Peculiaridades dos marcadores de pessoa da Série II.....	32
2.1.3.1 A natureza clítica das pessoas intralocutivas.....	32
2.2 Prefixo relacional {r-}	35
2.3 O sufixo {-a}.....	39
2.4 O intensivo {-’o}.....	45
2.5 Atenuativo {-’i}	47
2.6 Intensificador {-ete}.....	49
2.7 A negação de constituinte {-e’ym}.....	50
2.8 A reduplicação.....	52

Capítulo 3: O nome.....	55
3.1 Tipos de nome.....	56
3.1.1 Nomes relativos.....	56
3.1.2 Nomes autônomos.....	58
3.1.3 Nomes absolutos.....	60
3.2 Categoria de número.....	61
3.3 Nomes simples e nomes complexos.....	64
3.3.1 Nomes simples.....	64
3.3.2 Nomes complexos.....	65
3.3.2.1 Nomes derivados.....	65
3.3.2.1.1 Nomes derivados de base nominal.....	65
3.3.2.1.2 Nominalizações.....	67
3.3.2.1.2.1 Nomes deverbais.....	67
3.3.2.1.2.2 Nomes derivados de outras categorias.....	70
3.3.2.2 Nomes compostos.....	71
3.4 Formas pronominais do nome.....	76
3.4.1. Pronomes pessoais independentes.....	76
3.4.2 Pronomes indefinidos.....	78
3.4.3 Demonstrativos espaciais e anafóricos.....	81
3.4.3.1 Demonstrativos espaciais.....	81
3.4.3.2 Demonstrativos anafóricos.....	87
3.5 A estrutura do sintagma nominal.....	90
Capítulo 4: O verbo.....	94
4.1 Tipos de verbo.....	94
4.1.1 Verbos intransitivos ativos.....	96
4.1.2 Verbos descritivos.....	98
4.1.3 Verbos transitivos.....	100
4.1.3.1 Hierarquia de pessoa.....	102
4.1.3.2 Ausência de verbos divalentes com oblíquo obrigatório e de bitransitivos.	105
4.1.3.2.1 Inexistência da classe de verbos divalentes com oblíquo obrigatório.....	105

4.1.3.3 Inexistência de verbos bitransitivos.....	107
4.2 Aspecto.....	112
4.3 Modalidade.....	115
4.4 O Indicativo 2.....	120
4.5 Mudanças de valência.....	125
4.5.1 Reflexivo {xe-}.....	126
4.5.2 Recíproco {xa-}.....	127
4.5.3 Causativo {ma-}.....	128
4.5.3 Causativo comitativo {era-}.....	130
4.5.4 Incorporação nominal	132
Capítulo 5: Expressões adverbiais.....	137
5.1 Posposições.....	137
5.1.2 Formas e significados das posposições.....	139
5.2 Locuções posposicionais.....	146
5.3 Quantificação.....	149
5.3.1 Quantificação discreta.....	149
5.3.2 Quantificação não-contínua.....	151
5.4 Advérbios temporais, locativos dêiticos e de maneira.....	152
5.4.1 Advérbios temporais.....	152
5.4.2 Advérbios locativos dêiticos.....	153
5.4.3 Advérbios de maneira.....	154
Capítulo 6: Partículas intra-oracionais.....	156
6.1 Partículas de posição fixa.....	157
6.1.1 Partículas de segunda posição.....	157
6.1.1.1 Fonte da informação.....	157
6.1.1.2 Confiabilidade da informação.....	165
6.1.1.3 Aspecto habitual.....	169
6.1.1.4 Interrogação.....	170
6.1.1.5 Foco assertivo.....	171
6.1.2 Partículas de posição final de oração.....	172
6.1.2.1 Passado.....	173

6.1.2.2 Futuro.....	173
6.1.2.3 Aspecto iterativo.....	174
6.1.2.4 Advertência.....	175
6.2 Partículas flutuantes.....	175
6.2.2 Aspecto perfeito.....	176
6.2.3 Restritivo.....	177
Capítulo 7: A estrutura da oração.....	179
7.1 Orações independentes.....	179
7.1.1 Orações com predicados verbais.....	180
7.1.1.1 Orações intransitivas.....	180
7.1.1.1.1 Orações intransitivas ativas.....	180
7.1.1.1.2 Orações intransitivas descritivas	182
7.1.1.2 Orações transitivas.....	183
7.1.1.3 Relações gramaticais.....	186
7.1.2 Orações com predicados nominais.....	190
7.1.2.1 Orações existenciais.....	190
7.1.2.2 Orações equativas/inclusivas.....	193
7.2 O Tapirapé: Uma língua de estrutura ativa “estendida”.....	195
7.3 A sentença complexa.....	201
7.3.1 Orações coordenadas.....	201
7.3.2 Orações subordinadas: orações adverbiais.....	205
7.3.2.1 Orações adverbiais com {-ãramõ} ‘subjuntivo’.....	205
7.3.2.2 Orações adverbiais com {-wo} ‘gerúndio’.....	206
7.3.2.3 Orações adverbiais com {-ire} ‘consecutivas’.....	208
7.3.2.4 Orações adverbiais com {-ramõ} ‘subordinador de predicado não-ativo’.	209
7.4 Tipos oracionais.....	210
7.4.1 Orações declarativas.....	210
7.4.1.1 Orações declarativas afirmativas.....	210
7.4.1.2 Orações declarativas negativas.....	211
7.4.2 Orações interrogativas.....	212
7.4.3 Orações imperativas.....	214

Considerações finais.....	217
Bibliografia.....	220
Anexos.....	243
Anexo 1: Aspectos da fonologia Tapirapé.....	243
Anexo 2: Textos Tapirapé.....	250
Anexo 3: Álbum de fotografias Tapirapé.....	268
Anexo 4: Os Tapirapé na internet.....	275

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1: Marcadores de pessoa.....	26
Tabela 2: Pronomes independentes e clíticos da Série II.....	32
Tabela 3: Nomes relativos.....	57
Tabela 4: Nomes relativos indicados por /p/.....	58
Tabela 5: Nomes autônomos.....	59
Tabela 6: Nomes absolutos.....	60
Tabela 7: Pronomes pessoais independentes.....	76
Tabela 8: Demonstrativos espaciais (visibilidade).....	82
Tabela 9: Marcadores de pessoas da Série I e II.....	96
Tabela 10: Verbos intransitivos ativos.....	97
Tabela 11: Verbos descritivos.....	100
Tabela 12: Verbos transitivos.....	101
Tabela 13: Numerais.....	150
Tabela 14: Fonemas consonantais.....	243
Tabela 15: Fonemas vocálicos.....	245

LISTA DOS MAPAS

Mapa 1: Terras Indígenas Urubu Branco e Tapirapé/Karajá.....	06
Mapa 2: Localização das Terras Indígenas Tapirapé no Mato Grosso e no Brasil.....	07

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS UTILIZADOS

~	alternância
[]	realização fonética
→	age sobre
>	maior
<	menor
I	Série I
II	Série II
III	Série III
IV	Série IV
A	agente, sujeito de verbos transitivos
O	objeto
P	predicado
R	relacional
S	sujeito
V	verbo
1sg	primeira pessoa do singular
1excl	primeira pessoa do plural exclusiva
1incl	primeira pessoa do plural inclusiva
2sg	segunda pessoa do singular
2pl	segunda pessoa do plural
3	terceira pessoa
ADVER	advertência
APREC	apreciativo
ATE	atenuativo
CAUS	causativo
CC	causativo comitativo
CD	conectivo discursivo
CERT	certificação
C.I.COM	conteúdo informacional compartilhado

COM	aspecto completivo
CONS	consecutivo
CONTR	contrafactual
D.E	demonstrativo espacial
DEM	demonstrativo
DES	desiderativo
DUB	dubitativo
EVOC.M	evocação da memória partilhada pelos interlocutores
EXORT	exortativo
F.IMI	futuro iminente
FN	futuro nominal
FOC	foco assertivo
FRUST	frustrativo
FUT	futuro
GER	gerúndio
GRAT	gratuito
HAB	aspecto habitual
H.IND	humano indefinido
I2	indicativo 2
IMI	aspecto iminentivo
IMP	imperativo
IND	pronome indefinido
INFER	inferência
INTNS	intensificador
INTER	interrogação
INT	intensivo
ITER	aspecto iterativo
LOC	locativo
LOC.POS	locução posposicional
MASD	mantenedor de agentividade do sujeito demovido
N.AGT	nominalização de agente
N.ASS	conteúdo informado não assumido pelo falante
N.CIR	nominalização de circunstância

NEG	negação
N.PAC	nominalização de paciente
N.PASS	nominalização passiva
N.PRED	nominalização de predicado
N.PROC	nominalização de instrumento, processo, local
PAS	passado
PAS.MED	passado médio
PAS.REC	passado recente
PAS.REM	passado remoto atestado
PERF	aspecto perfeito
PL	plural
P.MED.N.A	passado médio não atestado
PN	passado nominal
POS	posposição
POT	potencialidade
P.REM.N.A	passado remoto não atestado
PROP	propensão
REC	recíproco
REDUP	reduplicação
REF	reflexivo
REFER	referenciante
REST	restritivo
RET	interrogação retórica
Sa	sujeito de verbos intransitivos ativos
SG	singular
SI	similaridade
So	sujeito de verbos intransitivos descritivos
S.P.N.AT	subordinador de predicado não-ativo
SUB	subjuntivo
TRANS	transitivo
VEL	velho

RESUMO

Esta tese tem por objetivo apresentar uma descrição gramatical da língua Tapirapé (família Tupí-Guaraní) com enfoque em sua morfossintaxe. O trabalho é composto por sete capítulos. No Capítulo 1, verifica-se o fenômeno gramatical em que tanto nomes quanto verbos podem instituir as funções sintáticas de argumento e predicado, além de compartilhar similaridades morfossintáticas. O Capítulo 2 oferece uma descrição dos morfemas que são onipresentes em constituintes formados por nomes e verbos, mas que também podem ocorrer nos constituídos por posposições e advérbios. O Capítulo 3 é reservado ao nome e aos pronomes, sendo apresentadas suas características morfossintáticas. O verbo bem como os fenômenos a ele ligados, tais como categoria de aspecto, modalidade, processos de ajuste de valência e o indicativo 2, são discutidos no Capítulo 4. O Capítulo 5 é dedicado às expressões adverbiais. Sob este título foram agrupados e discutidos elementos que pertencem a distintas classes como posposições, quantificadores e advérbios, mas que compartilham propriedades distribucionais e morfológicas. O Capítulo 6, por sua vez, é destinado às partículas intra-oracionais, elementos de conteúdo semântico diversificado que são essenciais à compreensão da oração nos níveis sintático e semântico. No Capítulo 7 são discutidos as estruturas oracionais, abrangendo as sentenças independentes e as complexas, os tipos oracionais e a estrutura ativa “estendida” dessa língua.

Palavras-chave: língua Tapirapé, morfossintaxe, sintaxe

ABSTRACT

This dissertation presents a grammatical description of the Tapirapé language (Tupí-Guaraní family), focusing on its morphosyntax. It comprises seven chapters. Chapter 1 discusses a grammatical phenomenon characterized by the fact that nouns and verbs can both play the syntactic functions of argument and predicate, in addition to sharing morphological properties. Chapter 2 offers a description of morphemes which occur with noun and verb phrases, as well as adverbial and postpositional phrases. Chapter 3 presents the morphosyntactic characteristics of both nouns and pronouns. The verb and its properties (such as aspect, modality, valence-changing processes, and the Indicative 2), are discussed in Chapter 4. Chapter 5 deals with “adverbial expressions,” discussing morphemes that, although belonging to different parts of speech such as postpositions, quantifiers, and adverbs proper, share both distributional and morphological properties. Chapter 6 describes clausal particles, a category of semantically-diverse elements which are essential to the syntactic and semantic comprehension of the sentence. Chapter 7 analyzes clause structures, including simple and complex sentences, clause types, and the “extended” active structure of the language.

Keywords: Tapirapé language; morphosyntax; syntax

0. Introdução: O povo, a língua e a pesquisa

0.1 O povo Tapirapé e sua língua

Os Tapirapé¹, povo Tupí do Brasil central, são um povo amazônico, adaptado à floresta tropical úmida, compartilhando seu modo de vida com outros povos nativos do sistema hidrográfico do Amazonas (Baldus, 1971, Wagley, 1988: 49). Este povo foi praticamente dizimado no final da década de quarenta, restando apenas 47 pessoas, segundo a Irmãzinha de Jesus Genoveva² (em comunicação pessoal), e Wagley (1988). Primeiro as doenças infecto-contagiosas adquiridas pelo contato com os não-índios reduziram a população drasticamente. Conforme Baldus (1970: 77), em 1947 restavam apenas 59 pessoas.

Para agravar a situação deste povo, no final do mesmo ano, foram atacados pelos Kayapó Metuktire, grupo guerreiro inimigo. A aldeia foi saqueada, algumas casas queimadas, três mulheres foram mortas e crianças raptadas. Os Tapirapé, abalados pelo terrível ataque e com receio de novos embates com os Kayapó, abandonaram Tãpi'itãwa em busca de socorro. Destarte, refugiaram-se na fazenda do Sr. Lúcio da Luz³ e no Posto de Proteção aos Índios. Alguns deles mendigavam sustento em Furo de Pedra⁴. Estavam apáticos e desinteressados por qualquer atividade, principalmente porque não acreditavam que sobreviveriam a tantas dificuldades.

¹ Xãko'iãpari (*in memoriam*) foi um grande líder muito respeitado por todos. Era conhecedor de todos os cantos, histórias e mitos e sempre fez questão de frisar que o nome do seu povo era Ápyãwa. Disse-me (em comunicação pessoal), em uma das minhas primeiras pesquisas de campo, que eles nunca se autodenominaram Tapirapé, que o rio se chamava “caminho de anta” e a aldeia, “aldeia da anta” (Tãpi'itã•a), mas que o nome deles não era este. Depois das visitas dos *mãira* ‘estrangeiros, não-índio’, entretanto, todos os chamam de Tapirapé, inclusive eles mesmos.

² Missionárias católicas (Congregação Irmãs de Jesus) que vivem com os Tapirapé e os ajudam desde 1952.

³ Próspero fazendeiro da região, cuja fazenda deu origem à cidade de Luciara.

⁴ Povoado não-indígena na região do médio Araguaia, hoje praticamente inexistente.

Em 1950, foram persuadidos por Valentim Gomes⁵ e pelos Dominicanos a formarem uma aldeia perto do posto do S.P.I.⁶, hoje localizada na atual área indígena Tapirapé/Karajá. Foram ajudados por esses, enquanto erguiam suas casas e organizavam o plantio das roças. Com a ajuda das Irmãzinhas de Jesus, cuja auxílio foi de fundamental importância, iniciaram um processo de recuperação populacional, da identidade e de suas terras.

Atualmente os Tapirapé, que se autodenominam ãpyãwa, são aproximadamente 600 pessoas, que vivem em duas áreas indígenas, a saber: Terra Indígena Tapirapé/ Karajá e Terra Indígena Urubu Branco (Tãpi'itãwa), tendo sido esta última reconquistada recentemente. A Terra Indígena Tapirapé/ Karajá localiza-se às margens do rio Tapirapé, nos municípios de Luciara e Santa Terezinha no Mato Grosso. Sua extensão é de 66.166 hectares e atingiu o final do processo de regulamentação fundiária. Foi homologada pelo decreto 88.194, de 23/03/1983. Delimita-se com grandes latifúndios desmatados, onde a principal atividade econômica é a pecuária.

Por sua vez, a Terra Indígena Urubu Branco localiza-se nos municípios de Santa Terezinha, Confresa e Porto Alegre do Norte, situados no nordeste do Mato Grosso. Com extensão de 167.533 hectares, foi homologada pelo decreto presidencial sem número, de 08/09/1998 publicado no Diário Oficial em 09/12/1998. Essa área tem como centro a serra do Urubu Branco, área tradicional desse povo, e distancia-se da Terra Indígena Tapirapé/Karajá cerca de 180 km. A Terra Indígena Urubu Branco também faz divisa com grandes latifúndios, como por exemplo, a Destilaria de álcool Araguaia S.A, na qual é plantada a cana de açúcar em quase toda sua extensão.

A Terra Indígena Urubu Branco tem grandes áreas desmatadas, onde cresce o capim apropriado para o pastoreio de gado bovino. Essas áreas são arrendadas pelos fazendeiros circunvizinhos, que argumentam estar “ajudando” os Tapirapé a se desenvolverem. De certa forma impedem que os Tapirapé deixem essas áreas se

⁵ Chefe do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e amigo dedicado dos Tapirapé. Valentim os conhecia bem, pois além de ser da região, havia sido o guia de Wagley em 1939.

⁶ O Serviço de Proteção ao Índio (SPI) foi substituído pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

recuperarem. Recentemente, alguns campos, nos quais a vegetação vinha se recuperando com suas espécies nativas, foram totalmente destruídos para dar lugar a um novo pasto. O pasto foi cercado com madeira oriunda da reserva. Em consequência, não só da criação de gado, mas também da degradação da região circundante como um todo, observa-se a escassez de caça e de locais apropriados para o plantio de roças e para coleta de materiais necessários à confecção de artesanato e de objetos importantes à cultura.

Muitos Tapirapé estão preocupados com o futuro de suas terras e com a presença constante dos *tori* ‘não-índios’ nas aldeias. Mas, apesar de conviver quase que compulsoriamente com a sociedade não-indígena, o povo Tapirapé, que é um exemplo de resistência, luta com a mesma bravura para preservar seu povo, sua cultura, suas terras e sua língua. Pelejam diariamente para defender suas terras, as quais são freqüentemente invadidas por posseiros, e para manterem-se como uma unidade sócio-cultural distinta. Associam a língua Tapirapé ao próprio sangue e consideram-na elemento vital para a sobrevivência do seu povo.

A língua Tapirapé, classificada por Lemle (1971), Rodrigues (1984/1985) e Rodrigues & Cabral (2002) como pertencente ao subconjunto IV da família Tupí-Guaraní, do tronco Tupí, que inclui também o Asuriní do Tocantins, o Avá-Canoeiro, o Guajajára, o Parakanã, o Suruí (Mujetire), o Tembé e o Turiwára, é usada com plena vitalidade por esse povo. Na escola⁷, tanto no ensino fundamental como no Médio, trabalha-se a língua materna. As crianças são alfabetizadas primeiro em Tapirapé para depois serem iniciadas no Português. No ensino médio, os alunos têm noções fundamentais de lingüística aplicadas à descrição do Tapirapé. O corpo docente da Escola Indígena Tapirapé é basicamente constituído por professores Tapirapé.

Todos os professores possuem o Ensino Médio completo. Sete deles concluíram, em 2006, o Ensino Superior - Projeto de Formação de Professores Indígenas - oferecido pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), e seis estão cursando o referido curso. Além desses, mais 14 professores ingressaram, no início de 2007, na Licenciatura

⁷ A Escola Estadual Indígena Tapirapé, há mais de 35 anos, conta com a eficiente e atuante colaboração dos professores Luiz G. de Paula e Eunice D. de Paula.

Intercultural, curso de formação de professores, oferecido pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Os Tapirapé são, em sua grande maioria, bilíngües em Tapirapé e Português. Porém, muitos deles, principalmente os que habitam a aldeia **Majtyritãwa**, situada na Terra Indígena Tapirapé/Karajá, são trilingües. Falam o Tapirapé, o Karajá (pertencente ao Tronco Macro-Jê) e o Português. Nas aldeias **Tãpi'itãwa**, a maior das cinco aldeias, onde se concentram aproximadamente 250 indivíduos, **Tãpiparanytãwa**, **Towãjaatãwa**, **Wiriaotãwa** e **Akara'ytãwa**, situadas na Terra Indígena Urubu Branco, falam quase que exclusivamente o Tapirapé, com algumas palavras de origem portuguesa. Entretanto, os Tapirapé escolarizados, bem como os estudantes dos ensinos fundamental e médio, vêm se recusando a aceitar os empréstimos oriundos do português de forma passiva.

Essa iniciativa de substituir os empréstimos do português por palavras do Tapirapé partiu do professor Ieremy'i Tapirapé, que observou que os antigos criavam palavras em Tapirapé para os objetos da cultura não-indígena que iam sendo introduzidos na cultura Tapirapé, como no caso de **o'yepakxyiãwa**⁸ 'tesoura'. A partir daí, começou a trabalhar na escola a substituição dos empréstimos de uso corrente, como 'bola', 'bolacha', 'rádio', 'chuteira' etc, para palavras em Tapirapé. Este trabalho vem rendendo bons frutos e, paulatinamente, se ouve menos português nas interações diárias nas comunidades Tapirapé.

Apesar da degradação de suas terras e da escassez de caça, a situação atual é favorável aos Tapirapé. Possuem trator, caminhonetes, cavalos, carroças, gado, 1 barco grande, voadeiras⁹. Em todas as seis aldeias há escolas, postos de saúde, poços artesianos

8

o'y-pepa-kyxi-ãw-a
flecha-asa-cortar-N.PROC-REFER
"tesoura"

Os processos de formação desta palavra são os que se seguem:

- (i) Composição: **o'y-pepa** 'flecha de asa'
- (ii) Incorporação do composto pelo verbo **kyxi** 'cortar': [**o'y-pepa**] **kyxi**
- (iii) Nominalização, com o uso do morfema {-ãw} 'nominalização de processo, instrumento, local'

⁹Pequenas embarcações com motor de popa.

que os abasteçam com água potável. Além disso, as lideranças estão se conscientizando dos perigos que os rondam e estão buscando conhecer a sociedade não-indígena para se proteger ainda mais.

Os Tapirapé, além de serem sagazes e trabalhadores, possuem um fino senso de humor¹⁰. São muito críticos, alegres, brincalhões e gentis. Compõem uma sociedade flexível, anti-autoritária e democrática. Os adultos, assim como as crianças, são livres e independentes. Os familiares têm para com os filhos menores um forte sentimento de proteção, porém não exercem “pressão” sobre eles nem lhes atribuem obrigações. Não obstante a liberdade individual, reflexo da atitude anti-autoritária vigente, os assuntos referentes à comunidade são amplamente discutidos e decididos na **takāra**¹¹, em reuniões noturnas.

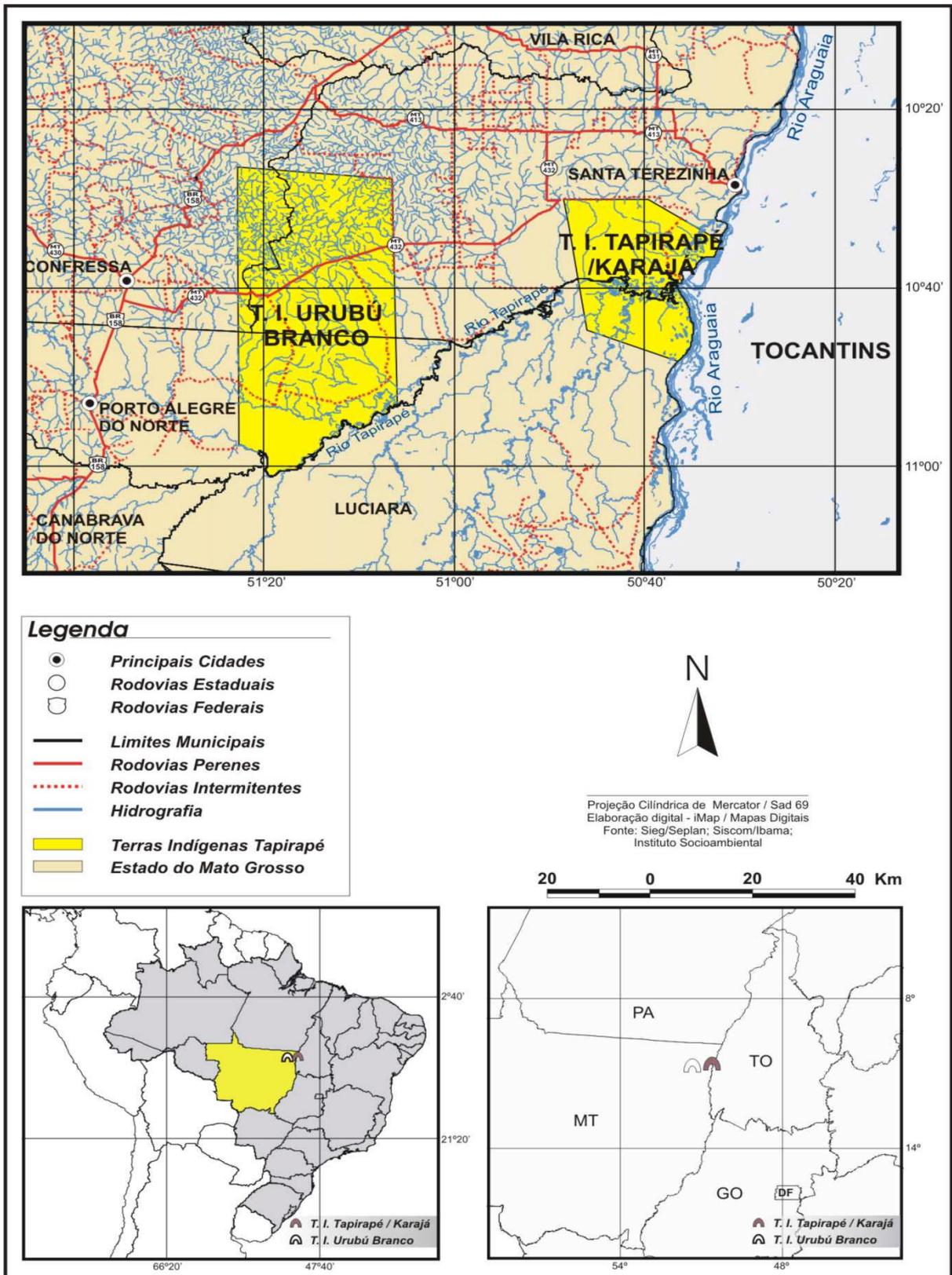
Os Tapirapé são um caso exemplar de unidade cultural. Pequena tribo, que sofreu rápida depopulação e deslocamento do seu território, foi capaz de alcançar um ajustamento com a nossa sociedade, retendo sua identidade como sociedade distinta e resistindo contra as pressões e tendências impostas.

A seguir, apresento dois mapas, um das Terras Indígenas Tapirapé e o outro com a localização dessas Terras no Estado do Mato Grosso e no Brasil.

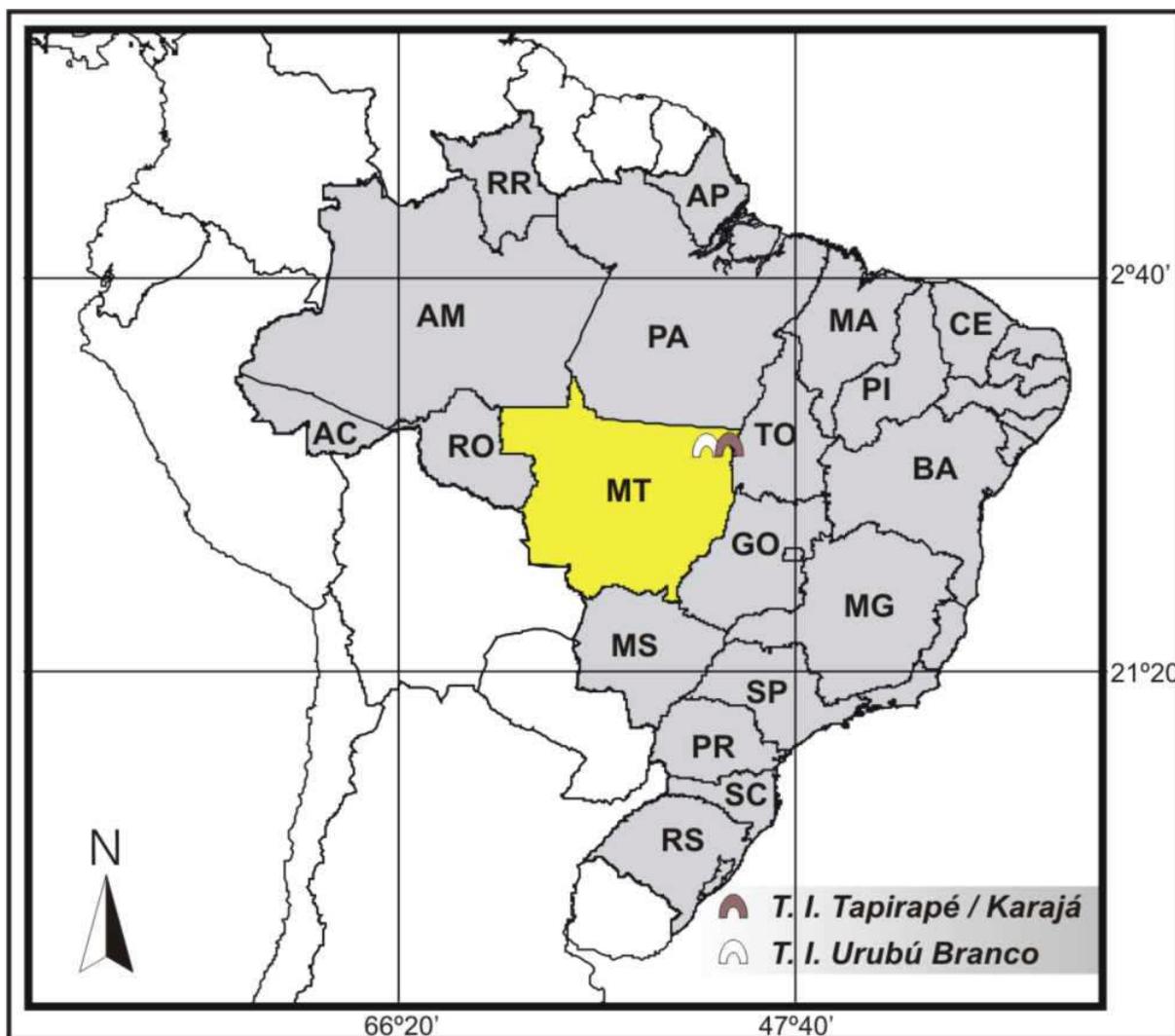
¹⁰ São exímios observadores. Em curto espaço de tempo, são capazes de imitar vozes, postura etc

¹¹ “Casa dos homens”, situada no centro da aldeia, tem a entrada vetada às mulheres.

Mapa 1: Terras Indígenas Urubu Branco e Tapirapé/ Karajá



Mapa 2: Localização das Terras Indígenas Tapirapé no Mato Grosso e no Brasil



0.2 A pesquisa

O presente trabalho, cujo objetivo é apresentar um panorama da morfossintaxe da língua Tapirapé, baseia-se nos preceitos teórico-metodológicos funcional-tipológicos, delineados nos trabalhos de Comrie (1974, 1981, 1989), DeLancey (2000), Dixon (1994, 2000), Givón (1995, 2001), Hopper & Thompson (1980), Mithun (1984, 1991, 1996), Payne (1997) e outros. Está organizado em sete capítulos, seguidos pelas considerações finais, pelas referências bibliográficas e pelos anexos.

São temas discutidos neste trabalho: a natureza predicativa dos nomes, como nomes e verbos podem exercer as funções de argumento e predicado, bem como é realizada a distinção entre essas duas classes lexicais (Capítulo 1); a morfologia transcategorial (Capítulo 2); a classe dos nomes, considerando suas propriedades estruturais e funcionais (Capítulo 3); a classe dos verbos e suas propriedades morfossintáticas (Capítulo 4); as expressões adverbiais, elementos que pertencem a diferentes classes, tais como posições, locuções posposicionais, quantificadores, bem como advérbios, que exercem funções circunstanciais na oração (Capítulo 5); as partículas intra-oracionais (Capítulo 6) e, por último, as orações independentes, subordinadas e os tipos oracionais (Capítulo 7).

Pesquisas anteriores a esta tese foram:

- (i) uma gramática - (Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula, 1983);
- (ii) estudos sobre tópicos gramaticais diversos - (Leite, 1977, 1987, 1994, 1998; Leite & Vieira, 1990, 1995; Praça, 1999, 2000, 2001, 2002a, 2002b, 2003);
- (iii) estudos fonológicos - (Leite, 1977; Rodrigues, 1981b; Facó Soares & Leite, 1991; Leite, 1995, 2003).

Embora os estudos já realizados sobre a gramática da língua Tapirapé sejam importantes para o conhecimento do seu funcionamento, descrevem pontos isolados da gramática e apresentam uma lacuna descritiva em uma significativa área de estudos: a morfossintaxe. A descrição do funcionamento morfossintático dessa língua torna-se importante não só para a documentação de uma língua ainda insuficientemente estudada, mas principalmente na medida em que os seus resultados poderão contribuir para o avanço da teoria lingüística e para estudos dos processos cognitivos. Sob o ponto de vista social, o maior conhecimento gramatical obtido poderá subsidiar ações relacionadas à manutenção da língua e aos programas de educação bilíngüe dos ensinos fundamental e médio já implantados nesta comunidade.

Os dados lingüísticos utilizados nesta pesquisa foram, em sua grande maioria, coletados em trabalhos de campo realizados nas aldeias Tapirapé nas seguintes ocasiões: (i) nos meses de julho e agosto de 1997; (ii) em janeiro e fevereiro de 1998; (iii) em julho

de 1998; (iv) em janeiro e fevereiro de 2001; (v) em dezembro de 2001; (vi) em dezembro de 2002; (vii) em outubro de 2003; (viii) em dezembro de 2004; (ix) nos meses de fevereiro, maio, agosto e outubro de 2005 e (x) nos meses de fevereiro, agosto e dezembro de 2006.

Os dados, em sua maioria, foram obtidos em situações reais e informais de fala. A intenção era também documentar o máximo possível a língua, incluindo nos registros diálogos, relatos de experiências, descrição de festas, artesanato e danças, além da narração de histórias, mitos e músicas. Utilizei elicitación de dados para verificar o funcionamento de estruturas já observadas em relatos espontâneos; mitos; músicas; para observar o inventário fonológico ou a pronúncia de palavras desconhecidas e para coleta do léxico referente a numerais; plantas; partes do corpo; termos de parentesco; elementos da natureza. Esses dados foram todos transcritos e estão armazenados em 87 fitas cassetes, as quais paulatinamente estão sendo digitalizadas. Fazem parte desse material, além dos cadernos de campo, um inventário Tapirapé-português e português-Tapirapé, uma vasta compilação de mitos e histórias pessoais que foram transcritos e digitados e uma gama de dados que foi apenas registrada graficamente, oriunda de interações espontâneas.

Capítulo 1: A dupla oposição nome/verbo e argumento/predicado

“[...] a distinção verbo-nome não é nítida, pois todo nome pode tornar-se predicativo, e todo verbo no infinitivo é um verdadeiro nome. Os mesmos parece terem dois ‘status’: o verbal e o nominal.” (Lemos Barbosa, 1956:393)

Em línguas da família Tupí-Guaraní, como o Chiriguano (Dietrich, 1986), o Mbyá (Dooley, 2006), o Tupinambá (Rodrigues, 1996, 2001b) e o Kamaiurá (Seki, 2000b), entre outras, tanto o “nome” quanto o “verbo” podem funcionar como predicado ou argumento. Nessas línguas, o uso do critério sintático, em que a função básica do nome é a de ser argumento e a do verbo é a de ser predicado, é irrelevante para distingui-los como duas classes lexicais distintas. Este fato levou Lemos Barbosa (*op. cit*) a postular uma certa ‘neutralidade’ entre ambos. Em Tapirapé, verifica-se o mesmo fenômeno gramatical. Nomes e verbos (cf. seção (1.2.1)) podem exercer as funções sintáticas de predicado ou de argumento, além de compartilhar outras similaridades morfossintáticas. Entretanto, apesar dessa semelhança, nomes e verbos podem ser identificados como duas classes lexicais distintas com base em critérios morfológicos.

Este capítulo trata da distinção das classes lexicais nome e verbo do Tapirapé e de como estas duas classes podem exercer as funções de argumento e predicado. Na seção (1.1) descrevo como o “nome” e o “verbo” desempenham as funções sintáticas de predicado e argumento, sem que haja processos derivacionais promovendo mudança de classe. Por sua vez, em (1.2), abordo como é realizada a distinção entre nome e verbo.

1.1 Predicado e argumento

A priori, em Tapirapé, qualquer item lexical que possa ser identificado como nome com base em suas características semânticas prototípicas, como ser entidade, ter configuração espacial e estabilidade temporal (Givón, 2001), pode instituir núcleo de predicado sem que haja cópula ou morfologia que indique mudança de classe gramatical:

(1) marare- \emptyset i-**memyr**
vaca-REFER 3.II-filho¹
"a vaca tem filhote (lit: a vaca filhote dela (existe))"

(2) xe=r-**etym**
1sg.II=R-casa
"eu tenho casa (lit: (existe) minha casa)"

(3) **xãwãr**
cachorro
"é cachorro"

Por sua vez, o mesmo "nome" pode servir de argumento. Para isso, precisa receber o sufixo referenciante {-a} (-a ~ - \emptyset).

(4) i-memyr-**a** a-xaj'a
3.II-filho-REFER 3.I-chorar
"o filho dela chorou"

(5) xe=r-opy- \emptyset a-xokã xãwãr-**a**
1sg.II=R-pai-REFER 3.I-matar cachorro-REFER
"meu pai matou um cachorro"

¹ Filho do ego feminino.

No exemplo (1), **memyr** ‘filho do ego feminino’ é núcleo de predicado existencial possessivo e em (4) é utilizado como sujeito². Em (3), **xāwār** ‘cachorro’ é um predicado existencial ‘absoluto’ (cf. Praça, 1999), enquanto que em (5), é usado como objeto.

Por outro lado, os temas identificados com características semânticas prototípicas de verbos, como tendo instabilidade temporal e não-inscrição no espaço (Givón, *op. cit.*), ou seja, descrevendo acontecimentos, são predicados:

(6) a-**hyj**

3.I-correu

"ele correu"

(7) ka'i-∅ a-xe'eg a-ka-wo 'ywyřã-∅ r-e
macaco-REFER 3.I-falar 3.III-estar-GER árvore-REFER R-POS
"os macacos estão falando na árvore"

Entretanto, de maneira similar ao “nome”, ao receberem o morfema {-a}, os temas identificados com características semânticas prototípicas de “verbos” funcionam como argumento:

(8) ne=∅-hyj-a i-kãto
2sg.II= R-correr-REFER 3.II-ser.bom
"sua corrida foi boa"

(9) ã-inow i-xe'eg-a
1sg.I-ouvir 3.II-falar-REFER
"eu escuto a fala dela"

² A justificativa das noções de **sujeito** e **objeto** está na seção (7.1.1.3).

1... A dupla oposição nome/verbo e argumento/predicado

Nos exemplos acima, como se pode observar, os “verbos” prototípicos (6) **hyj** ‘correr’ e (7) **xe’eg** ‘falar’ são utilizados como núcleos de predicado. Já em (8) e (9) são empregados como argumentos, sendo que em (8) **hyj** é sujeito e em (9) **xe’eg** é objeto.

O “nome” tem maior ocorrência como núcleo de argumento que como predicado; o “verbo”, por sua vez, tem maior ocorrência como núcleo de predicado que como argumento. Apesar disso, observa-se o mesmo comportamento morfossintático entre eles ao instituírem as funções de predicado e argumento. A função predicativa não é marcada morfologicamente, ou seja, a ausência de marca indica a função predicativa. A função argumentativa é assinalada pelo {-a} (cf. seção 2.3 do capítulo 2). Ao receberem o morfema referenciante, “nome” e “verbo” desempenham funções típicas de argumento, conforme demonstrado acima. Tal sufixo não assinala mudança de classe lexical. Sua função é a de atribuir referência a temas originalmente predicativos, designando entidades, e, como consequência deste fato, a de marcar a função de argumento.

Este fato conduz a uma análise segundo a qual todos os temas flexionais do inventário aberto do Tapirapé têm caráter predicativo. São inerentemente predicados. Línguas como o Nootka (Swadesh, 1939), as Salish (Kinkade, 1983), o Nahuatl (Launey, 1994), entre outras, foram descritas como apresentando esse mesmo comportamento morfossintático verificado no Tapirapé, e foram denominadas por Launey (1986) “línguas onipredicativas”.

Além do que foi demonstrado, outros fenômenos gramaticais compartilhados por “nome” e “verbo” reforçam a existência do caráter onipredicativo do Tapirapé, quais sejam:

- a) O prefixo {**ma-**} “causativo” acrescenta-se a “nomes” e “verbos” do Tapirapé, quando estes instituem núcleos de predicados monovalentes. A causativização promove um aumento na valência do predicado, que passa a ser divalente:

“nome”

- (10) pãxe-ø xe=ø-**ma**-memyr
pajé-REFER 1sg.II=R-CAUS-filho
"o pajé me fez ter filho"

- (11) teny-ø kãto'yw-a a-**ma**-pyyro
Teny-REFER Kãto'ywa-REFER 3.I-CAUS-sapato
"Teny fez Kãto'ywa ter sapato"

“verbo”

- (12) ã-**ma**-ger ãpy korinãka'i-ø
1sg.I-CAUS-dormir antes Korinãka'i-REFER
"antes eu farei Korinãka'i dormir"

- (13) ie-ø ã-**ma**-mar
1sg-REFER 1sg.I-CAUS-sair
"eu fiz ele sair"

No caso do Tapirapé, como mostram os dados acima, o {**ma**-} deriva “verbos” transitivos (cf. (4.5)) a partir de “nomes” e “verbos”, independentemente da classe lexical do núcleo do predicado. Ou seja, o que está em jogo neste processo é a natureza predicativa inerente às classes lexicais. Por conseguinte, este tipo de comportamento indica que o {**ma**-} é um causativizador de predicados monovalentes, e que o “nome” e o “verbo” instituem predicados naturalmente.

O Guarani Mbyá, família Tupí-Guaraní, apresenta um comportamento diferente do Tapirapé. Segundo Martins (1996: 24), o prefixo causativo {**mbo**-}, que corresponde etimologicamente ao {**ma**-} no Tapirapé, só ocorre com verbos intransitivos, ou melhor, de acordo com a autora *‘só ocorre com verbos de um único argumento: t-ata o-gue³ ma (Rel-fogo 3sg/pl-apagar já “o fogo já se apagou”)*. Os verbos derivados com {**mbo**-} são

³ Grifo meu.

1... A dupla oposição nome/verbo e argumento/predicado

transitivos, como por exemplo: “*a-mbo-gue t-ata* (1sg-Caus-apagar Rel-fogo “eu apaguei o fogo”)”.

b) As partículas de fonte da informação **rāka** “passado recente atestado”, **kwee** “passado médio atestado” (cf. (6.1.1.1)), entre outras, que também denotam tempo e aspecto em Tapirapé, co-ocorrem com predicados nominais e verbais:

“nome”

(14) *ãxe'i rāka topỹ-∅ i-py*
ontem PAS.REC topỹ-REFER 3.II-pé
"ontem o topỹ⁴ tinha pé"

(15) *i-ypy-ramõ kwee ∅-etym majtyri-pe*
3.II-começo-S.P.N.AT PAS.MED 3.II-casa Majtyri-LOC
"antigamente ele tinha casa em Majtyri⁵"

“verbo”

(16) *kwāxi-∅ r-ewiri rāka i-yj-∅ xe=r-eymāw-a*
quati-REFER R-POS PAS.REC 3.II-correr-I2 1sg.II=R-animal.doméstico-REFER
"meu cachorro correu atrás de um quati"

(17) *ã'ẽpe kwee ara-ixāk are-a-wo marare-∅*
CD PAS.MED 1excl.I-ver 1excl.III-ir-GER vaca-REFER
"para lá, nós vimos as vacas"

Em Kamaiurá (Seki,1990: 370) as partículas de segunda posição (tempo/aspecto), cognatas às partículas de fonte da informação do Tapirapé, só ocorrem em sentenças com característica verbal, ou seja, em sentenças, cujo núcleo do predicado é um verbo, como no seguinte exemplo:

⁴Tipo de boneco feito de cera de abelha. Neste exemplo, o falante está dando a entender que alguém mexeu e danificou a parte inferior do boneco que ele havia terminado no dia anterior.

⁵Majtyri é o nome de uma das 6 aldeias Tapirapé.

1... A dupla oposição nome/verbo e argumento/predicado

- (18) a-ha rak-e ko'yt⁶
 1sg-ir T/A PART
 "eu fui"

c) A negação de predicados em Tapirapé é realizada pelo morfema descontínuo {**na=....-i**} (nã ~ n=-i ~ -j ~ -∅)⁷:

“nome”

- (19) n=i-men-i 'yn-a⁸ n=i-memyr-i ranõ
 não=3.II-marido-NEG 3.sentar-GER não=3.II-filho-NEG ITER
 "a que está sentada não tem marido nem filho também"
 "(lit: a que está sentada, marido e filho dela (não existem))"
 (referindo-se à arara que estava na árvore sozinha)

- (20) ie-∅ nã=xe=∅-'yty-pej-ãw-i
 1sg-REFER não=1sg.II= R-lixo-varrer-N.PROC-NEG
 "eu não tenho vassoura (lit: (não existe) minha vassoura)"

“verbo”

- (21) ã'ẽ=gã-∅ n=a-kãxym-i kã'ã-pe
 DEM=SG-REFER não=3.I-sumir-NEG mata-LOC
 "ele sumiu na mata "
- (22) xe=r-opy-∅ n=a-tym-i 'awãxi-∅ ka-pe
 1sg.II=R-pai-REFER não=3.I-plantar-NEG milho-REFER roça-LOC
 "meu pai não plantou milho na roça"

⁶ O dado foi renumerado e traduzido.

⁷ O alomorfe (-i) ocorre em temas terminados em consoante exceto /j/; o alomorfe (-j) ocorre em temas terminados em vogal exceto /i/, enquanto que o alomorfe (-∅) se dá em temas terminados em /i/ ou /j/.

⁸ O verbo 'yn 'sentar' é irregular.

d) um outro fenômeno interessante é o funcionamento do sufixo {-ama'e} (-ama'e ~ -ma'e) 'nominalizador de predicado'. Em Tapirapé, ele ocorre em qualquer tipo de predicado, tanto nos constituídos por núcleos "nominais" quanto pelos "verbais", como demonstram os seguintes exemplos:

“nome”

(23) akoma'e-∅ **i-pa-e'ym-ama'e-∅**⁹ n=a-'yytã-kwããw-i
 homem-REFER 3.II-mão-NEG-N.PRED-REFER não=3.I-nadar-saber-NEG
 "o homem que não tem mão não sabe nadar"

(24) konomĩ-∅ **∅-ewek-ama'e-∅** were-ka ewa-'i-∅
 menino-REFER 3.II-barriga-N.PRED-REFER 3.CC-estar minhoca-ATE-REFER
 "o menino que tem barriga está com verme"

“verbo”

(25) a-ixãk akoma'e-∅ **a-yj-ama'e-∅**
 3.I-ver homem-REFER 3.I-correr-N.PRED-REFER
 "ele viu o homem que correu"

(26) ka-∅ koxy-∅ **a-waem-ama'e-∅** i-y-∅
 D.E-REFER mulher-REFER 3.I-chegar-N.PRED-REFER 3.II-mãe-REFER
 "esta mulher que chegou é mãe dele"

À luz dos dados, pôde-se observar que os processos morfossintáticos de aumento de valência, indicação de tempo ou aspecto e negação demonstram de forma clara que as similaridades comportamentais compartilhadas são decorrentes da predicatividade de “nomes” e “verbos”.

⁹ O prefixo {i-} de terceira pessoa da classe II possui os seguintes alomorfes (i- ~ ∅- ~ t- ~ h-). Para maiores esclarecimentos ver seção (2.1.1) do capítulo 2.

Consoante Queixalós (2006), as línguas que apresentam um padrão onipredicativo não possuem uma classe lexical extensa cuja vocação seja ser argumento. Conseqüentemente, a função argumental é derivada da predicatividade. Seguindo este raciocínio, observa-se que, no Tapirapé, a função predicativa não necessita de morfologia para ser expressa, já que o item lexical é gerado no léxico como predicado. O que se vê é que essa função é imanente ao item lexical. Entretanto, a função argumental necessita de material gramatical complementar para ser expressa, ou seja, o sufixo {-a}. Naturalmente, esta é secundária em relação à predicatividade.

1.2 Nome e verbo

Por ser uma língua onipredicativa, o critério funcional é irrelevante para distinguir nome e verbo em Tapirapé. Segundo Kinkade (1983), nas línguas Salish¹⁰, não há como diferenciar nome de verbo. Só se podem distinguir predicados e partículas. Kinkade (*op. cit*) ainda argumenta que noções semânticas e critérios morfológicos (flexão de número, tempo etc) não são razões lógicas para estabelecer a distinção entre nomes e verbos, uma vez que ambos podem exercer as mesmas funções sintáticas.

Contudo, ainda que o critério sintático seja o mais recorrente na distinção nome/verbo em outras línguas, não significa que seja o único universalmente válido. O Tapirapé apresenta em sua morfologia processos que permitem distinguir “nome” e “verbo”, apesar de não apresentar a superposição nome/argumento e verbo/predicado. Antes, porém, é necessário diferenciar dois níveis de análise, conforme proposto por Rose (2003), para o Emerillon, um lexical — *nome* e *verbo* — e outro sintático — *argumento* e *predicado*.

Em um patamar lexical, processos morfológicos específicos de cada classe, inclusive os que derivam itens lexicais de uma classe a partir de itens da outra, demonstram que nome e verbo compõem duas classes lexicais distintas. Launey (1994), Langacker

¹⁰ As línguas Salish são faladas no noroeste da América do Norte.

(1987) e Schachter (1985) argumentam a favor da universalidade de nomes e verbos, apesar de autores como Swadesh (1939) e Kinkade (*op. cit*) a questionarem. Para Launey (1994: 284), a onipredicatividade concerne à sintaxe. Conseqüentemente, esta característica não invalida que a distinção entre nome/verbo seja realizada pela morfologia: “*l’um des points remarquables de la logique omniprédicative du nahuatl est qu’elle laisse intacte l’opposition verbo-nominale*”. Entretanto, Kinkade (1983: 31) desconsidera qualquer critério, para distinguir nome/verbo nas línguas Salish, que não seja o sintático: “*The noun-verb distinction is often justified on syntactic grounds*”.

De acordo com Schachter (1985: 7), a distinção nome/verbo vai além do uso do critério funcional: “[...]. *While the universality of even this distinction has sometimes been questioned, it now seems that the alleged counter-examples have been based on incomplete data, and that there are no languages that be said to show a noun-verb distinction when all relent facts are take into account*”.

1.2.1 A distinção nome e verbo

A possibilidade ou não de ocorrência de morfemas específicos de cada classe permite por si só caracterizar nome e verbo.

O nome em Tapirapé é identificado pela propriedade de receber os sufixos {-**kwer**}¹¹ (-kwer ~ w-er ~ -er) e {-**rym**}, conhecidos por “passado nominal” e “futuro nominal” respectivamente (Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula, 1983), (Seki, 2000, 2001), e pelos morfemas {-**ryn**} ‘similaridade’ e {-**ymyn**} ‘velho’, vetados aos verbos.

O passado nominal {-**kwer**} exprime uma idéia de caduquice, de prescrição de uma referida entidade. Do ponto de vista sintático, o nome flexionado com o referido

¹¹ Seki (*op. cit*), ao estabelecer a distinção entre nomes e verbos em Kamaiurá, demonstra que o sufixo {-**het**} “passado nominal” é uma propriedade nominal, da mesma forma que o é no Tapirapé. Entretanto, observa-se que este não é um comportamento descrito como geral para a família Tupí-Guaraní. Segundo Dietrich (1986 e 2001), o referido sufixo se encontra em predicados e orações verbais em Chiriguano e Siriôno.

1... A dupla oposição nome/verbo e argumento/predicado

morfema ocorre como núcleo de sintagma nominal (exemplos (27) e (28)) ou núcleo do predicado existencial (29):

(27) \emptyset -exã'ẽ-**kwer**¹²-a i-ky'ã 'yn-a paej-tãj-pe
 3.II-panela-PN-REFER 3.II-ser.sujo 3.sentar-GER lavar-N.PROC-LOC
 "A ex-panela¹³ dela está suja na pia"

(28) kyxe- \emptyset \emptyset -pe i-pir-ak-i xãwã-pimin-a \emptyset -pir-**er**-a
 faca-REFER R-POS 3.II-pele-arrancar-I2 onça-pinta-REFER R-pele-PN-REFER
 "com a faca ele arrancou a pele da onça pintada"

(29) 'ã tã xe=r-yro-**kwer**
 D.E INTER 1sg.II=R-invólucro-PN
 "aqui/esta é a roupa que eu tive?"

O futuro nominal {-**rym**} exprime uma idéia de “vir a ser”, ou melhor, de projeção do que está destinado. Sintaticamente, o nome sufixado também exerce a função de núcleo do sintagma nominal:

(30) xe=r-o'y-**rym**-ã a-pen
 1sg.II= R-flecha-FN-REFER 3.I-quebrar
 "a minha futura flecha quebrou"

(31) ie- \emptyset rãka ã-pyyk t- yro- \emptyset wex-yro-**rym**-a
 1sg-REFER PAS.REC 1sg.I-comprar 3.II-invólucro-REFER 1sg.III-invólucro-FN-REFER
 "eu comprei tecido que será minha roupa"

Provavelmente por uma questão semântica, o nome marcado com o sufixo {-**rym**} ‘futuro nominal’ não institui núcleo de predicado existencial.

¹² Rodrigues (1981a) refere-se ao {-**kwer**} como “o que foi” e ao {-**rym**} como “o que vai ser”. Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula (*op. cit*) utilizam a mesma terminologia.

¹³ Resposta dada pelo falante ao ser interrogado quanto ao paradeiro da panela com a qual sua tia havia apresentado sua mãe.

Semanticamente, o sufixo {-**ryn**} denota idéia de similaridade, ou seja, determinada entidade tem qualidade ou caráter de ser similar à outra. Tal sufixo deriva nomes que podem exercer as funções de núcleos de sintagmas nominais ((32) e (33)) e de predicados existenciais (4).

(32) mǎir-a mĩ a-'o xety-**ryn**-a
 não.índio-REFER HAB 3.I-comer batata.doce-SI-REFER
 "o não-índio sempre come batatinha"

(33) ãpĩ, tãto-**ryn**-a¹⁴ a-xe-mim
 mamãe tatu-SI-REFER 3.I-REFL-esconder
 "mamãe, os marimbondos se esconderam"

(34) miã-**ryn**
 veado-SI
 "cabra (lit: (existe) cabra)"

O sufixo {-**ymyn**} ‘velho’, que não se aplica a seres humanos, expressa juízo de valor à determinada entidade, quanto às suas características antiquadas, obsoletas ou gastas pelo uso. No plano sintático, o nome derivado ocorre como núcleo de sintagma nominal (exemplos (35) e (36)) e como núcleo do predicado existencial (37).

(35) ø-'oyw-**ymyn**-a a-pen
 3.II-flecha-VEL-REFER 3.I-quebrar
 "a flecha velha dele quebrou"

(36) ãxe'i rãka i-pyyk-i xany-**ymyn**-a
 ontem PAS.REC 3.II-pegar-I2 óleo-VEL-REFER
 "ontem ela comprou óleo velho"

¹⁴ tãtoryna é uma espécie de marimbondo, cuja casa se parece com o casco de tatu.

(37) xe=r-o'yepakyxiãw-**ymyn**

1sg.II-R-tesoura-VEL

"eu tenho tesoura velha" (lit: (existe minha tesoura velha))

Os verbos diferenciam-se dos nomes por poderem receber o sufixo nominalizador {-ãw} (-ãw ~ -tãw) 'nominalização de processo/ instrumento' (cf.. Este sufixo nominaliza verbos ativos, transitivos (38) e intransitivos (39), bem como verbos descritivos (40).

(38) tãxão-∅ ∅-xokã-ãw-a i-kãto

porcão-REFER R-matar-N.PROC-REFER 3.II-ser.bom

"a matança dos porcos foi boa"

(39) ie-∅ ã-ino-patãr i-xe'eg-ãw-a

1sg-REFER 1sg.I-ouvir-querer 3.II-falar-N.PROC-REFER

"eu quero ouvir a fala dela (lit: eu quero ouvir a falação dela)"

(40) ie-∅ n=ã-jxãk-i ne= ∅-kane'õ-ãw-a

1sg-REFER não=1sg.I-ver-NEG 2sg.II= R-ser.cansado-N.PROC-REFER

"eu não vi seu cansaço"

Ao receberem o sufixo {-ãw}, verifica-se um processo de mudança de categoria gramatical de verbo em nome.

Os critérios morfológicos usados até aqui na distinção de nomes e verbos aplicam-se ao campo lexical e não repercutem no nível sintático. As funções sintáticas exercidas por ambos independem de suas propriedades morfológicas inerentes.

Um outro critério que pode ser agregado ao descrito acima, e que distancia verbos de nomes em Tapirapé, é o uso do imperativo. Somente a classe dos verbos pode receber os prefixos de imperativo {e-} '2sg' e {pe-} '2pl', que ocorrem em orações afirmativas:

(41) **e-par-o**
2sg.IMP-sair-INT
"saia rápido"

(42) **pe-kyrã**
2pl.IMP-ser.gordo
"sejam gordos"

E também os prefixos de imperativo {**ere-**} '2sg' e {**pexe-**} '2pl', os quais ocorrem em orações negativas, sendo que a negação é feita pela partícula clítica {**ewi**}:

(43) **wākiri, ere-ker=ewi**
Walkíria, 2sg.IMP-dormir=NEG
"Walkíria, não durma"

(44) **pexex-ary-xaryw=ewi**
2pl.IMP-alegria-REDUP=NEG
"não fiquem alegres"

Em geral, os lingüistas dispõem de quatro níveis de análise lingüística para definir as principais classes de palavras de uma língua: o semântico, o morfológico, o sintático e o pragmático¹⁵. Entretanto, para o Tapirapé, o critério formal por si só é capaz de estabelecer

¹⁵ A seguinte citação (tradução livre) traz uma síntese dos quatro níveis de análise que podem ser utilizados na identificação das principais classes lexicais:

"Os lingüistas procuram distinguir entre nomes e verbos em pelo menos quatro ângulos: um deles o semântico, as noções se aglutinam em torno de dois pólos prototípicos: um deles afim com a configuração espacial e estabilidade através do tempo, e outro afim com a configuração temporal e não inscrição no espaço (Givón, 2001). Esta polarização fornece os fundamentos para uma oposição entre entidades e acontecimentos. No plano da forma, a combinatória revela atrações muito generalizadas entre determinadas raízes e determinadas categorias expressas por material explícito, por exemplo, gênero e número de um lado, tempo e aspecto de outro. No plano pragmático, algumas classes de raízes são mais aptas do que outras a introduzir no discurso participantes manipuláveis, e outras aptas a narrar acontecimentos (Hopper & Thompson, 1984). De modo mais homogêneo conceitualmente, percebe-se uma especialização, ora voltada à expressão do(s) tema(s), ora voltada à expressão do rema, o que, finalmente, repercutiria no plano da função, por meio da distinção entre argumento e predicado." (Queixalós, 2006: 249-287)

1... A dupla oposição nome/verbo e argumento/predicado

a distinção entre nome e verbo. Neste contexto, observa-se que nomes e verbos diferenciam-se no léxico, apesar de serem predicados. O critério semântico corrobora a diferenciação entre estas duas classes na medida em que identifica prototipicamente entidades e acontecimentos. A complexidade da identificação de nomes e verbos em Tapirapé demonstra que os critérios utilizados para o estabelecimento dessas classes lexicais não são universais, antes, são específicos de cada língua.

No próximo capítulo tratarei da morfologia transcategorial.

Capítulo 2: Morfologia Transcategorial

Este capítulo, que traz uma introdução à morfossintaxe da língua Tapirapé, tem por objetivo oferecer uma descrição de morfemas que são onipresentes em diferentes tipos de constituintes, principalmente naqueles compostos por nomes e verbos, mas que também podem aparecer nos constituídos por posposições e advérbios. Por não serem “específicos” de uma só classe, e devido à alta produtividade destes morfemas, fez-se necessário agrupá-los em um único capítulo e apresentá-los antes dos capítulos referentes ao nome (Capítulo 3) e ao verbo (Capítulo 4). Alguns destes morfemas transcategoriais, como é o caso do morfema referenciante {-a}, foram aduzidos no Capítulo 1 e serão discutidos aqui.

Os morfemas transcategoriais ora trabalhados são os seguintes: i) os marcadores de pessoas; ii) o prefixo relacional {r-}; iii) o sufixo referenciante {-a}; iv) o sufixo intensivo {-’o}; v) o sufixo atenuativo {-’i}; vi) o intensificador {-ete}; vii) a negação de constituinte {-e’ym} e, por último, em viii) a reduplicação. Na seção (2.1), discuto o sistema de marcadores de pessoa, sua distribuição e as peculiaridades dos marcadores da Série II. Por sua vez, a seção (2.2) é destinada ao prefixo relacional {r-}, cuja distribuição é ampla nas principais classes gramaticais e nas posposições. A seção (2.3) é dedicada à distribuição e ao funcionamento do morfema {-a}. As seções (2.4), (2.5), (2.6) e (2.7) são referentes aos morfemas intensivo, atenuativo, intensificador e à negação de constituinte, respectivamente. Por fim, a seção (2.8) é destinada à descrição do processo morfológico da reduplicação de extensa ocorrência em nomes, verbos, posposições, numerais e até em morfemas como o atenuativo e o intensivo. Funcionalmente, esse processo varia de classe para classe, de maneira que as funções relativas a cada uma delas serão trabalhadas nos respectivos capítulos.

2.1 Sistema de marcadores de pessoa

Os marcadores de pessoa são onipresentes no Tapirapé. São obrigatórios nos verbos e ocorrem nos nomes relativos¹ e autônomos e nas posposições.

2.1.1 Os marcadores de pessoa

Os marcadores de pessoa dividem-se em seis marcas, sendo três para a primeira pessoa, duas para a segunda pessoa e uma para a terceira pessoa, e em quatro paradigmas denominados de Séries. A tabela a seguir apresenta os marcadores de pessoa do Tapirapé²:

	Série I	Série II	Série III	Série IV
1sg	ã-	xe	we- ~ wex-	
1incl	xi-	xane	xere- ~ xerex-	
1excl	ara-	are	ara- ~ arax-	
2sg	ere-	ne	e- ~ ex-	ara- (1ou 1excl → 2sg)
2pl	pe-	pe	pexe- ~ pexex-	ãpa- (1sg → 2pl)
3	a-	i- ~ ø- ~ t ³ - ~ h ⁴ -	a- ~ w-	

Tabela 1: Marcadores de pessoa

Os marcadores de pessoa das Séries I, III e IV são prefixos não-acentuados, ao passo que os da Série II, exceto o da terceira pessoa, são pronomes clíticos também não-acentuados, mas que podem receber acento em determinados casos⁵ (cf. 2.1.3). A terceira pessoa desta Série é manifesta por meio de prefixos, como nas demais Séries. Todos os morfemas das quatro séries estão fonologicamente ligados a temas e não ocorrem como núcleos de sintagma, apenas como modificadores. O sistema referente às pessoas

¹ Os nomes relativos são assim chamados por manterem uma relação de “dependência” com uma expressão referencial, cuja presença é obrigatória.

² O sistema pessoal do Tapirapé é tipicamente de línguas Tupí-Guaraní e se mostra bem conservador, mantendo praticamente as mesmas formas reconstruídas por Jensen (1999: 147) para o Proto-Tupí-Guaraní.

³ Em geral, este prefixo indica uma terceira pessoa humana e indeterminada.

⁴ Este prefixo só ocorre em temas monossilábicos começados por vogal.

⁵ Em geral, os clíticos da Série II recebem acento quando complemento da posposição *we* ‘dativo’

intralocutivas distingue singular/plural, sendo que na primeira pessoa do plural é feita a distinção de inclusão e exclusão do interlocutor, ou seja, a primeira pessoa do plural inclusiva e a exclusiva. Entretanto, a terceira pessoa, a “não-pessoa”, conforme Benveniste (1991: 251), não marca diferença de número, gênero-classe, noções estas inferidas pelo contexto.

As formas das Séries II e III são compatíveis com os temas nominais, verbais e posposicionais, ao passo que as das Séries I e IV são exclusivas de verbos e serão detalhadas no capítulo 4.

2.1.2 A distribuição das Séries II e III

Nesta seção apresentarei a distribuição das Séries II e III nos três tipos de temas flexionais, a saber: nomes, verbos e posposições.

A Série II ocorre em orações independentes e subordinadas, bem como em posposições. Nas orações independentes, esta série é usada nos predicados descritivos, referindo-se ao sujeito, independentemente se o núcleo do predicado é um nome relativo (45) ou um verbo descritivo (46).

(45) *ie-∅* *xe=r-enyr*
1sg-REFER 1sg.II=R-irmã
"eu tenho irmã (lit: (existe) minha irmã)"

(46) *marãxe'i-∅* *i-kywer*
Marãxe'i-REFER 3.II-ser.magra
"Marãxe'i é magra"

As formas da Série II são utilizadas para marcar o complemento de nomes relativos e autônomos e o complemento de posposições. A utilização desses marcadores em nomes relativos ocorre desde que não haja correferência entre o possuidor do nome relativo na

função de objeto e o sujeito da oração⁶ (exemplo (47)). No caso das posposições, o complemento não pode ser correferente ao sujeito das orações transitivas (48) nem ao sujeito das intransitivas (49).

(47) **kã'i-ø** **a-o'o** **xe=ø-pa-ø**
 macaco-REFER 3.I-morder 1sg.II=R-mão-REFER
 "o macaco mordeu minha mão"

(48) **ne=r-amõj-a** **a-kome'o** **xãkowi-ø** **ø-parageta-ø** **xe=ø-we**
 2sg.I=R-avô-REFER 3.I-contar Xãkowi-REFER R-estória-REFER 1sg.II=R-POS
 "seu avô contou a estória de Xãkowi para mim"

(49) **ã-a** **i-kãty**
 1sg.I-ir 3.I-POS
 "fui na direção dele"

Esta Série também ocorre em outras construções tais como:

a) orações transitivas independentes, quando o Paciente⁷ é hierarquicamente superior ao Agente (A) na hierarquia de referência $1 > 2 > 3$.

(1 > 2)

(50) **ane-ø** **ãkaj** **xe=r-exãk** **rã'ẽ**
 2sg-REFER C.I.COM 1sg.II-R-ver PAS
 "você me viu"

⁶ Caso haja correferência entre o possuidor do nome relativo na função de objeto e o sujeito da oração, verifica-se o uso dos prefixos da Série III:

kã'i-ø **a-o'o** **we-pa-ø**
 macaco-REFER 3.I-morder 3.III-mão-REFER
 'o macaco mordeu sua própria mão'.

⁷ Os papéis semânticos de Agente e Paciente estão sendo usados prototipicamente.

(1 > 3)

- (51) *kã'ã-pe rãka ã'ẽ=ga-ø are=ø-nopỹ*
 mata-LOC PAS.REC DEM=SG-REFER 1excl.II-R-bater
 "ontem na mata ele nos bateu"

(2 > 3)

- (52) *korinãka'i-ø xe ãkaj ere=ø-mook*
 Korinãka'i-REFER RESTR C.I.COM 2sg.II-R-molhar
 "só Korinãka'i te molhou"

Entretanto, quando Agente e Paciente são de terceira pessoa, o Agente é privilegiado, e o verbo recebe os prefixos da Série I (53):

- (53) *xãwãr-oo-ø a-xokã xãkãre-ø xigy-pe*
 cachorro-INT-REFER 3.I-matar jacaré-REFER praia-LOC
 "a onça matou o jacaré na praia"

Por ser a hierarquia de pessoa restrita a verbos transitivos, ela será discutida no capítulo 4, destinado ao verbo. Cabe ressaltar que na fala dos mais velhos ocorrem pronomes, em geral no final da oração transitiva, que identificam quando o sujeito é ou inclui o ouvinte e quando o objeto é de primeira singular ou exclusiva, **xepe** (2→1), **pexepe** (23→1), **arepe** (2/23→13) (cf. (4.1.3.1)).

- b) construções transitivas subordinadas subjuntivas⁸ {-**ãramõ**} (-ãramõ⁹ ~ -ramõ¹⁰ ~ -amõ ~ -mõ) e consecutivas {-**ire**} (-ire ~ -re)¹¹, referindo-se ao objeto:

⁸ Nas orações subordinadas transitivas somente o objeto é marcado no verbo.

⁹ Os alomorfes (-ãramõ e -amõ) variam livremente após temas terminados em consoante. Observe que no dado (54) ocorre o alomorfe (-amõ), enquanto que já no dado abaixo, o alomorfe (-ãramõ).

kwãxi-ø ø-kotok-ãramõ i-xe-mim-i
 quati-REFER R-cutucar-SUB 3.II-REFL-escondeu-I2
 "quando cutucaram o quati, ele se escondeu"

Poder-se-ia se pensar a vogal inicial desses alomorfes como sendo o sufixo referenciante {-**a**}. Entretanto, este sufixo e o subjuntivo estão em distribuição complementar.

¹⁰ Os alomorfes (-ramõ e -mõ) variam livremente após temas terminados em vogal.

¹¹ Este tipo de construção não ocorre com verbos descritivos.

- (54) **xe=**∅-kotok-**amõ** ekwe **xe=r-**opy-∅ a-nopỹ
1sg.II=R-cutucar-SUB F.IMI 1sg.II=R-pai-REFER 3.I-bater
"quando vierem me cutucar, meu pai vai bater nelas"

- (55) **pe=** ∅-pyk-**ire** rãka amyn-ã i-ma-ypy-∅ a-kyj-ta
2pl.II=R-cobrir-CONS PAS.REC chuva-REFER 3-CAUS-começo-i2 3.I-chover-GER
"depois que (ela) cobriu vocês, começou a chover"

e nas intransitivas referindo-se ao argumento único:

- (56) ã-a ekwe **i-waem-ãramõ**
1sg.I-ir F.IMI 3.II-chegar-SUB
"irei se ela chegar"

- (57) wãkiri **are=**∅-xinyk we-ka-wo **ne=**∅-xinyk-**ãramõ**
Walkíria 1excl.II=R-ser.triste 1sg.III-estar-GER 2sg.II-R-ser.triste- S.P.N.AT
"Walkíria, nós ficamos triste quando você está triste"

- (58) namĩ-∅ a-xaj'a **h-a-re**
namĩ¹²-REFER 3.I-chorar 3.II-ir-CONS
"o menino chorou depois que ela foi embora"

c) construções transitivas no gerúndio {-wo} (-wo ~ -a)¹³, referindo-se ao objeto:

- (59) ã'ẽ=ga-∅ 'or **xe=r-**exãk-**a**
DEM=SG-REFER 3.vir 1sg.II-R-ver-GER
"ele veio para me ver"

¹² *Namĩ* 'menino': designação que identifica a criança do sexo masculino na faixa etária de 1 a 10 anos aproximadamente. Esta forma varia livremente com *konomĩ*.

¹³ O alomorfe (-wo) ocorre em temas terminados em vogal, ao passo que o (-a) em temas terminados em consoantes.

Os prefixos da Série III flexionam-se com verbos, nomes e posposições, assinalando a correferência de seus complementos, ou seja, indicando que estes são idênticos ao sujeito da oração independente. Em orações no gerúndio, esses prefixos ocorrem somente como argumentos únicos de intransitivos ativos (60); já no subjuntivo desempenham as funções de sujeito de verbos descritivos (61) e de objeto de verbos transitivos (62). Nos nomes e nas posposições, ocorrem como genitivo (63) e complemento (64), respectivamente.

(60) *mori* *ma'e-∅* *tã* *ere-ãpa* *e-ka-wo*
 Mori IND-REFER INTER 2sg.I-fazer 2sg.III-estar-GER
 "Mori, o que você está fazendo?"

(61) *a-kane'õ-ramõ* *mĩ* *a-ker*
 3.III-cansar-S.P.N.AT HAB 3.I-dormir
 "quando ela está cansada, ela dorme"

(62) *ã-yj* *ekwe* *wex-exãk-ãramõ*
 1sg.I-correr F.IMI 1sg.III-ver-SUB
 "eu vou correr, se (você) me olhar"

(63) *are-∅* *are-ãpa* *ara-kãwĩ-∅*
 1excl-REFER 1excl-fazer 1excl-cauim-REFER
 "nós fazemos nosso próprio cauim"

(64) *'y-∅* *r-opi* *amõtee-∅* *tãwãxãr-a* *n=a-pyyk-i* *a-xe-we* *ipikyr-a*
 água-REFER R-POS outro-REFER índios-REFER não=3.I-pegar-NEG 3.III-REFL-POS piaba-REFER
 "pelo rio, os outros índios não pegam muitas piabas para eles mesmos"

2.1.3 Peculiaridades dos marcadores de pessoa da Série II

2.1.3.1 A natureza clítica das pessoas intralocutivas

Discuto aqui a natureza clítica dos marcadores de pessoas intralocutivas da Série II. A distinção entre clíticos e afixos é muito tênue. Segundo Zwicky (1977,1985) e Zwicky & Pullum (1983), clíticos compartilham propriedades de “palavras” e de afixos. Para Halpern (1998), a distinção entre palavras independentes/sintagmas e afixos é facilmente verificada. Entretanto, em muitas línguas há formativos que são difíceis de serem classificados como sendo um ou outro. No caso do Tapirapé, os clíticos têm características em comum com os prefixos marcadores de pessoa e com os pronomes independentes. Ou seja, mesclam características de “palavras” e prefixos. Ocorrem na mesma posição que sintagmas nominais, em geral, são destituídos de acento e sempre precisam de um hospedeiro.

Ao comparar os pronomes independentes com os clíticos (Série II), pode-se considerar que, historicamente, esses são derivados daqueles, como mostra a tabela abaixo.

	PRONOMES INDEPENDENTES	SÉRIE II
1sg	ie	xe
1incl	xane	xane
1excl	are	are
2sg	ane	ne
2pl	peẽ	pe

Tabela 2: Pronomes independentes e clíticos da Série II

Os pronomes independentes ocorrem como constituintes isolados, são tônicos, usados basicamente em orações independentes em função enfática e também podem ocorrer como palavra-enunciado (65a e b) ou como qualquer palavra (66):

(65a) mỹ=ga-∅ tã'ẽ ka-∅ para-ma'e-ãw-a
 IND=SG-REFER INTER D.E-REFER H.IND-ensinar-N.INST-REFER
 "— de quem é está cartilha"

(65b) **ie-∅**
 1sg-REFER
 "— minha"

(66) **ane-∅** ranõ
 2.sg-REFER ITER
 "você de novo"

Os clíticos e os pronomes independentes têm distribuição morfosintática diferente. Os clíticos não ocorrem como constituintes isolados e precisam de um hospedeiro. Formam com este uma unidade acentual. Contudo, verifica-se que ocupam a mesma posição que um sintagma nominal modificador, ou seja, imediatamente antes de seus núcleos, os quais são prefixados com o relacional {r-} (cf. 2.3). Os exemplos a seguir demonstram a ocorrência de núcleos nominais, verbais e posposicionais, cujos determinantes ora são clíticos ((67), (69) e (71)), ora são sintagmas nominais ((68), (70) e (72)):

nome

(67) marynime tã'ẽ **ne=r-ã'y**¹⁴
 quantos INTER 2sg.II=R-filho
 "quantos filhos você tem?"

(68) korinãka'i-∅ **wāriñiāy'i-∅** r-ã'y-r-a
 Korinãka'i-REFER Wāriñiāy'i-REFER R-filho-REFER
 "Korinãka'i é filho do Wāriñiāy'i"

¹⁴ Filho do ego masculino.

verbo

(69) a-a rãka **pe=r-exãk-ire**
3.I-ir PAS.REC 2pl.II=R-ver-CONS
"ele foi depois que vocês foram vistos"

(70) koxỹ-ø a-xe-mim **xãwãr-oo-ø** r-exãk-ire
mulher-REFER 3.I-REF-esconder onça-INT-REFER R-ver-CONS
"a mulher se escondeu depois que viu a onça"

posposição

(71) xe=r-eymãw-a mĩ a-ka **xe=r-ewiri**
1sg.II=R-animal.doméstico-REFER HAB 3.I-estar 1sg.II=R-POS
"meu cachorro sempre está comigo"

(72) xãwãr-a a-yj **wyrãkaj-a** r-ewiri
cachorro-REFER 3.I-correr galinha-REFER R-POS
"o cachorro correu atrás da galinha"

De acordo com Zwicky & Pullum (1983: 510), os clíticos dividem-se em duas categorias: “clíticos simples” e “clíticos especiais”. Os clíticos simples são formas reduzidas de uma palavra e têm a mesma distribuição desta; enquanto que os clíticos especiais, em geral, não são formas reduzidas de uma palavra, mas, se por um acaso são, diferem destas quanto à sua distribuição.

Como se viu, a distribuição dos clíticos difere da dos pronomes independentes. Neste caso, os clíticos da Série II são clíticos especiais por estarem, de certa maneira, em distribuição complementar como os pronomes independentes, com os quais ocorrem em determinadas condições.

Em suma, os clíticos podem ser anexados ao núcleo de um sintagma nominal, verbal ou posposicional, possuem ordem fixa e sempre precedem seu hospedeiro, que é prefixado pelo relacional. O relacional assinala uma relação de contigüidade entre

elementos dentro de um mesmo sintagma. Isso significa dizer que o clítico não forma, com seu hospedeiro, uma unidade lexical, e sim um sintagma. Essa é a mesma relação entre itens lexicais plenos como nos exemplos ((67), (70), (72)).

2.2 Prefixo relacional {r-}

No Tapirapé, o relacional {r-}¹⁵ (r- ~ ø- ∞ n-)¹⁶ ocorre em temas nominais, verbais e posposicionais, indicando que os elementos estão hierarquizados dentro de um mesmo sintagma, sendo que o núcleo é prefixado por ele (núcleo à direita). Ele aponta, portanto, uma marcação no núcleo típica de “head-marking” (cf. Nichols, 1986)¹⁷.

A ocorrência desse prefixo está basicamente interligada ao uso dos marcadores de pessoa da Série II, quando os complementos de núcleos nominais, verbais e posições são pessoas intralocutivas. No caso de o complemento ser de terceira pessoa, verifica-se o seu uso apenas quando o complemento é um sintagma nominal, marcado com o referenciante {-a}.

Nos nomes, sua ocorrência é restrita aos relativos, isto é, aqueles que mantêm uma relação de dependência com uma expressão referencial obrigatória, e aos autônomos, aqueles que podem admitir uma expressão referencial como complemento (cf. Capítulo 3), estabelecendo uma relação genitiva, na qual o complemento é o possuidor. A ocorrência do prefixo relacional é, portanto, obrigatória nos nomes relativos (73) e facultativa nos nomes autônomos (74).

¹⁵ Adoto o termo relacional (cf. Rodrigues, 1996: 56) somente para o prefixo {r-} do Tapirapé.

¹⁶ O alomorfe (r-) precede temas começados por vogal. Por outro lado, temas começados por consoante e alguns começados por vogal recebem a variante (ø-). O alomorfe (n-) ocorre apenas quando o complemento é de 2ª pessoa do plural da Série II, conforme o exemplo abaixo:

pe=n-ow-a
2pl.II=R-pai-REFER
'pai de vocês'

¹⁷ Segundo Nichols (*op.cit.*), a morfologia indica relações que se estabelecem por meio da marcação no núcleo ou em seu dependente e, ainda, ressalta a dependência sintática entre os elementos. Deste modo, o núcleo é marcado como tendo um dependente.

- (73) marewir-a r-etym-a i-kãto
 Marewira-REFER R-casa-REFER 3.II-ser.bom
 "a casa de Marewira é boa"

- (74) xe=r=amõj-a a-ãpa-kãto 'ywyrãpãr-a¹⁸
 1sg.II=R-avô-REFER 3.I-fazer-bem arco-REFER
 "meu avô faz arco bem"

De forma semelhante aos nomes relativos, as posições, cujo complemento é obrigatório, são sempre introduzidas pelo relacional quando o complemento é um sintagma nominal (75) ou um clítico da Série II (76):

- (75) arar-a i-'ew māk-a r-e
 arara-REFER 3.II-gostar manga-REFER R-POS
 "a arara gosta de manga"

- (76) xãwãr-a a-yj xe=r-ewiri
 cachorro-REFER 3.I-correr 1sg.II=R-POS
 "o cachorro correu atrás de mim"

Nos verbos, por sua vez, verifica-se a ocorrência do relacional nos transitivos e descritivos de orações independentes. Naqueles, o relacional ocorre quando o sujeito é de terceira pessoa e o objeto de primeira ou segunda pessoa, obedecendo à hierarquia de referência (1>2>3) (cf. exemplos (50-52)), ao passo que nos descritivos, o relacional ocorre somente com as pessoas intralocutivas (77).

¹⁸ Observe que no nome autônomo 'ywyrãpãra, no dado abaixo, verifica-se a presença do relacional e de um complemento.

xe=ø-'ywyrãpãr-a	a-pen
1sg.II=R-arco-REFER	3-quebrar
" meu arco quebrou "	

- (77) i-ypy-ramõ kwākaj ane-∅ ne=∅-kywer
 3.II-começo-S.P.N.AT EVOC.M 2sg-REFER 2sg.II=R-ser.magro
 "antigamente você era magro"

A ocorrência do relacional nas orações subordinadas adverbiais¹⁹ com o subjuntivo {-āramõ}, o consecutivo{-ire} e o gerúndio {-wo} é ampla, entretanto, depende das peculiaridades do funcionamento de cada tipo de oração. Nas orações no subjuntivo, os núcleos de seus predicados são introduzidos pelo relacional:

- (78) xāko'iāpari-∅ rāka a-marāka ne=∅-ker-āramõ we
 Xāko'iāpari-REFER PAS.REC 3.I-cantar 2sg.II=R-dormir-SUB PERF
 "Xāko'iāpari cantou enquanto você ainda dormia"

- (79) miār-a ∅-xokā-ramõ ara-'o ∅-a'a-∅
 veado-REFER R-matar-SUB 1excl.I-comer 3.II-carne-REFER
 "quando o veado for morto, comeremos a carne dele"

Exceção ao que foi dito é quando o sujeito da oração principal é correferente ao objeto da subordinada. Neste caso, verifica-se a ocorrência dos marcadores de pessoa da Série III:

- (80) a-yj mĩ a-ixāk-āramõ
 3.I-correr HAB 3.III-ver-SUB
 "ele sempre corre quando você o olha"

Nas orações subordinadas consecutivas {-ire}, cujos núcleos são sempre verbos ativos, o relacional é prefixado ao núcleo do predicado, desde que o argumento único da subordinada não seja correferente ao sujeito da principal, conforme o dado a seguir:

¹⁹ Para as orações adverbiais com {-āramõ} e {-wo}, utilizo a terminologia tradicionalmente usada nas línguas da família Tupí-Guaraní, ou seja, subjuntivo e gerúndio, respectivamente.

- (81) ã-ã rãka ne=r-exãk-ire
1sg.I-ir PAS.REC 2sg.II-R-ver-CONS
"eu fui depois que te vi"

Caso contrário, observa-se a ocorrência dos prefixos da Série III:

- (82) we-kãrõ-pãw-ire ekwe ã-porããj
1sg.III-comer-COM-CONS F.IMI 1sg.I-dançar
"depois que eu acabar de comer, dançarei"

Nas orações subordinadas com o gerúndio, somente os núcleos verbais transitivos recebem o relacional:

- (83) xãri'i-ø a-a miãr-a ø-mamyrõ-wo
Xãri'i-REFER 3.I-ir veado-REFER R-procurar-GER
"Xãri'i foi procurar veado"

- (84) ãxe'i rãka a-a xe=r-exãk-a
ontem PAS.REC 3.I-ir 1sg.II=R-ver-GER
"ontem ele foi para me ver"

Na literatura sobre as línguas Tupí, o morfema que indica a pessoa extralocutiva {i-} (i²⁰- ~ ø- ~ t- ~ h-) da Série II, ou a não-pessoa, segundo (Benveniste, *op. cit*), comporta-se de maneira diferente da dos demais morfemas da Série. Essa particularidade tem gerado análises diferentes. Esse morfema tem sido analisado ora com um prefixo **relacional** (segundo a terminologia de Rodrigues), ora como um prefixo de terceira pessoa.

De acordo com Rodrigues (1996: 58), o prefixo {i-}²¹ marca a “não-contiguidade de um determinante”, ou seja, o determinante está fora do sintagma. Não o analisa, portanto, como um marcador de pessoa. Deste modo, Rodrigues (*op. cit*) cria um

²⁰ Os alunos do ensino médio Tapirapé, nas aulas de língua materna, denominavam o {i-} de “espelho daquele ou daquilo de quem ou de que se fala ou falou”.

²¹ Referente ao Tupinambá.

paradigma que alinha o morfema {i-} ao relacional {r-}, e ambos fazem referência ao contexto gramatical, indicando “não-contigüidade” e “contigüidade” do determinante²², respectivamente. Assim, a contigüidade assinalada pelo {r-} é estrutural, pois é contigüidade entre elementos que se encontram dentro de um mesmo sintagma, e não entre elementos de sintagmas distintos, o que significa que o determinante de uma dada palavra forma um sintagma com ela.

O tratamento dos prefixos {r-} e {i-} como “relacionais” está baseado na distribuição de suas formas, sempre prefixadas ao núcleo do sintagma. Por outro lado, análises como as de Rose (2003), Jensen (1999) e Corrêa da Silva (2002), feitas para o Emerillon, família Tupí-Guaraní e Ka’apor, respectivamente, incluem o morfema {i-} como um marcador de “terceira pessoa”. Devido às propriedades morfológicas do morfema {i-} no Tapirapé, analiso-o como uma marca de terceira pessoa.

2.3 O sufixo {-a}

O morfema {-a} do Tapirapé apresenta formas cognatas em muitas línguas da família Tupí-Guaraní. Segundo Cabral (2001), este morfema é reconstruído para o Proto-Tupí-Guaraní, onde marcava formas em função argumental. Seu comportamento sintático e fonológico varia de língua para língua. Em muitas línguas desta família, este morfema desapareceu completamente ou permaneceu somente associado à raiz.

No Tapirapé, entretanto, a ocorrência desse sufixo é muito produtiva. Produtividade esta que pode estar intrinsecamente ligada à forte onipredicatividade existente na língua. Ou seja, como as principais entradas lexicais, nomes e verbos, são geradas no léxico como predicado, elas necessitam da presença do referido morfema para serem capazes de servir como argumento. Foneticamente, este morfema ocorre nos seguintes contextos: o alomorfe

²² Segundo Rodrigues (em comunicação pessoal), *determinante* equivale, em outra terminologia, a *dependente*.

(-a²³), em temas terminados em consoantes (85) e o alomorfe (-ø), em temas terminados com vogal (86).

(85) t-amõj-**a** a-ãpa o'yw-**a**
3.II-avô-REFER 3.I-fazer flecha-REFER
"o avô dele fez flecha"

(86) 'ãwãxi-**ø** mĩ a-kytyk xe=ø-y-**ø**
milho-REFER HAB 3.I-ralar 1sg.II=R-mãe-REFER
"minha mãe sempre rala milho"

Nomes e verbos quando instituem argumentos (complementos) recebem esse morfema. Não somente os itens lexicais, como nomes, incluindo os nomes próprios, e verbos, mas também as classes fechadas de pronomes e de demonstrativos podem recebê-lo. Os nomes marcados com {-a}, referenciantes, portanto, ocorrem como: sujeito e objeto de verbos transitivos (87); argumento único de intransitivos (88) e (89); complemento de posição (90); e em orações nominais equativas/inclusivas (91):

(87) xãwãr-**a** a-o'ó konomĩ-**ø**
cachorro-REFER 3.I-morder menino-REFER
"o cachorro mordeu o menino"

(88) miãr-**a** mĩ a-yj kã'ã-pe
veado-REFER HAB 3.I-correr mata-LOC
"o veado sempre corre na mata"

(89) xe=ø-memyr-**a** i-xinyk
1sg.II=R-filho-REFER 3-ser.triste
"meu filho está triste"

²³ O alomorfe (-a) varia em [ã] e [a]. Na fala dos mais velhos, observa-se uma maior ocorrência da variedade [ã]. Entretanto, na fala dos mais jovens, ocorre a variante [a], que em determinadas falas é quase inaudível.

- (90) i-men-a xe=r-ãpe-ø r-opi a-a
3.II-marido-REFER 1sg.II=R-caminho-REFER R-POS 3.I-ir
"o marido dela vai no meu caminho"

- (91) xe=ø-kywyr-a kãpitãw-a
1sg.II=R-irmão-REFER capitãw-REFER
"meu irmão é capitão (cacique)"

Os verbos, por sua vez, podem receber o morfema {-a} nos seguintes ambientes sintáticos: argumento único de verbo descritivo e objeto de transitivo, como em (92) e (93), respectivamente:

- (92) xe=ø-xe'eg-a mĩ i-ãrõãrõ
1sg.II=R-falar-REFER HAB 3.II-ser.bonito
"minha fala sempre é bonita"

- (93) ie-ø ã-ixã-matãr ne=ø-porããj-a
1sg-REFER 1sg.I-ver-querer 2sg.II=R-dançar-REFER
"eu quero ver sua dança"

Observe-se que o uso referenciante de verbos é bem menor que o de nomes. Possivelmente, este fato ocorra porque os nomes, mesmo sendo predicados, possuem características semânticas como a de ser entidade, ao passo que os verbos, a de descrever acontecimentos.

Na literatura da família Tupí-Guaraní, o sufixo {-a} vem recebendo diversas denominações, tais como: *índice nominal* (Rodrigues, 1953; Lemos Barbosa, 1956), *caso nominal* (Rodrigues, 1981; Jensen, 1989); *nominalizador* (Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula, 1983; Vieira, 1993); *caso argumentativo* (Rodrigues, 1996, 2001; Praça, 1999); *caso nuclear* (Seki, 2000; Borges, 2006) e *referenciante* (Queixalós, 2006). De todas as análises propostas para esse morfema, a de Queixalós (2006) é a única que não o considera como

uma marca de caso ou nominalizador, ou seja, uma marca de mudança de função - de predicado em argumento.

Segundo este autor, o sufixo {-a} institui uma expressão capaz de construir referência em temas que por si só não são capazes de referir, por serem primariamente predicado. Assim sendo, o morfema {-a}, denominado de *referenciante* por Queixalós (*op. cit*), constrói designações a partir de raízes lexicais predicativas, já que enquanto predicado não remetem a nenhuma entidade. Esta análise seria conveniente se o morfema {-a} fosse apenas marcado em nomes e verbos. Mas como explicar sua marcação em nomes próprios, demonstrativos e pronomes, que são expressões referenciantes por natureza?

nome próprio

- (94) **kãtowyg-a** rãka a-mor xe=∅-we mayg-a
 Kãtowyga-REFER PAS.REC 3.I-dar 1sg.II=R-POS remédio-REFER
 "foi Kãtowyga que me deu remédio"

demonstrativo

- (95) **ã'ẽ=gã-e'y-m-a** mĩ a-enow ne=∅-mãrãkã-∅
 DEM=SG-NEG-REFER HAB 3.I-escutar 2sg.II=R-cantar-REFER
 "não é ele que sempre escuta seu canto"

pronome

- (96) **ie-e'y-m-a** kwee ã-ty-m 'ãwãxi-∅ ka-pe
 1sg-NEG-REFER PAS.MED 1sg.I-plantar milho-REFER roça-LOC
 "não fui eu quem plantou milho na roça"

Como se observou acima, apesar de os nomes próprios, demonstrativos e pronomes pessoais pertencerem semanticamente à classe das designações, eles precisam receber o referido morfema para instituir argumentos. Este fato difere o Tapirapé de outras línguas que também apresentam um comportamento onipredicativo, como o Tagalog, o Tongiano, o Nootka e o Nahuatl (*apud* Queixalos, *op. cit*), em que as designações não recebem morfemas cuja função seja a de ser capaz de referir.

Em Tapirapé nomes próprios em função vocativa, ou seja, fora do contexto sintático não recebem o {-a}, como em (97). Provavelmente, isso ocorra por ser o vocativo uma das manifestações por excelência da função conativa da linguagem. O falante, neste caso, está interessado em envolver o ouvinte, diretamente, no processo comunicativo.

nome, vocativo

- (97) **kātowyg**²⁴ e-xar ãpy²⁵
Kātowyg 2sg.IMP-vir antes
"Kātowyg²⁶, venha, por favor"

Um fato está claro: o morfema {-a} age no campo sintático. A ocorrência deste sufixo em itens lexicais plenos, como nomes e verbos, bem como em demonstrativos, pronomes e nomes próprios, assinala uma derivação de função sintática. Entretanto, pode-se considerá-la como uma função secundária à de construir referência em raízes de natureza predicativa, pois, ao se tornar capaz de referir, um item lexical nominal ou verbal torna-se disponível à função argumental.

Minha hipótese é que, no Tapirapé, a função primária do {-a} seja realmente a de atribuir referência em temas predicativos, designando entidades. Contudo, essa marca firmou-se como um morfema disponível a formar itens que podem servir como argumento. E exatamente por isso, foi estendido aos elementos que semanticamente já designam. Outrossim, esse morfema exerce duas funções imbricadas: a função primária, que é a de fazer com que raízes originalmente predicativas tenham referência, e, como consequência desta, a função de ser argumento (complemento).

²⁴ Em uma de minhas primeiras idas ao campo, ao chamar pelo nome (vocativo) da minha anfitriã **kātowyg**, utilizei a forma marcada com {-a}, ou seja, agramatical. Como no seguinte exemplo: * **kātowyg-a**, ne=r-ow-a a-xe'eg ne=ø-we (**kātowyg-REFER**, 2sg.II=R-pai-REFER 3.I-chamar 2sg.II=R-POS) 'kātowyg, seu pai te chamou'. Imediatamente, o seu avô materno, Tāywi, me disse: — você falou errado. Quando chama... não chama com o nome completo, tem que faltá Então, perguntei a ele como que se falava, e ele pronunciou vagarosamente **kā-to-wyg**. Aproveitando a oportunidade, perguntei-lhe: — quando chamo Xāpi'i não falta pedacinho do nome? Ele me respondeu: — no ouvido não.....aqui na cabeça.....

(notas de arquivo de campo).

²⁵ ãpy ~ ypy significa 'primeiro, antes'. Em predicados imperativos funciona como um "suavizador" do comando. Tem uma função semelhante ao "por favor" do Português.

Em suma, a função do morfema {-a} ainda merece investigação. Sua função parece ir além da de atribuir referência a temas predicativos, designando entidades e, por conseguinte, a de ser argumento. As orações equativas/inclusivas do Tapirapé têm estrutura sintática diferente das demais orações, uma vez que têm um nome marcado com o sufixo {-a} como predicado ((98) equativa e (99) inclusiva).

(98) xywãeri- \emptyset kãpitãw-a
Xywãeri-REFER capitão-REFER
"Xywãeri é o cacique (capitão)"

(99) ãrãr-a koxỹ- \emptyset r-eymãw-a
arara-REFER mulher-REFER R-animal.doméstico-REFER
"arara é animal doméstico da mulher"

Trata-se, portanto, de uma construção sintática essencialmente diferente das orações existências, apesar de essas também terem nomes como núcleos de predicado (cf. dados (1)-(3)).

Segundo Seki (2001), o núcleo do predicado das equativas no Kamaiurá também recebe o morfema {-a}, ou melhor, de acordo a autora, o caso nuclear. Assim "o predicado nominal é marcado pelo deslocamento do acento do radical para o sufixo de caso" (Seki, 2001: 61):

(100) je= \emptyset -tutyt-a morerekwar-á²⁷
1sg=Rel-tio-N chefe-N
"meu tio é o chefe"

Contudo, Seki (2001: 62) demonstra que os núcleos do predicado nominal das orações classificadoras não recebem o referido morfema, estão, portanto, no caso não-marcado e

²⁷ O dado foi renumerado.

“identificam o referente do nominal sujeito como pertencente à classe designada pelo nominal predicado”:

- (101) je=∅-tutyt-a Morerekwat²⁸
1sg=Rel-tio-N chefe-NM
"meu tio é chefe"

Conforme visto acima, o predicado das orações equativas/inclusivas do Tapirapé não se diferencia de sintagmas nominais em função argumental e necessita do referido morfema, possivelmente por ser um tipo de predicado referencial. A minha hipótese para este caso é que a ocorrência do morfema {-a}, no predicado, identifica a classe das entidades a qual pertence o sujeito. Ainda não sei esclarecer ao certo o porquê da ocorrência deste sufixo em tais predicados. Esta análise será aprofundada em trabalhos futuros, tanto do ponto de vista histórico-comparativo, quanto sincrônico.

2.4 O intensivo {-’o}

O sufixo intensivo {-’o}²⁹ (-’o ~ -oo ~ -oho), muito produtivo no Tapirapé, ocorre em raízes nominais, verbais e em formas adverbiais. Em raízes nominais, esse sufixo pode indicar o aumentativo³⁰ de determinada entidade como em (102) ou pode derivar nomes como em (103). O nome sufixado com o intensivo pode funcionar como argumento único (103), como sujeito (102) e objeto (104) de transitivo, como núcleo de oração existencial (105) ou complemento de posposição (106):

- (102) konomĩ-∅ a-nopỹ myrixow-a
menino-INT-REFER 3.I-bater Myrixowa-REFER
"o menino bateu em Myrixowa"

²⁸ O dado foi renumerado.

²⁹ Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula (1983) referem-se aos sufixos {-’o} e {-i} como gradativos.

³⁰ Semanticamente, o aumentativo pode ser interpretado como admiração, xingamento, quantidade.

- (103) xãwãr-**oo**-ø i-ãroãro
cachorro-INT-REFER 3.II-ser.bonita
"a onça é muito bonita"
- (104) 'y-ø r-opi ara-xokã xawaxi-'**o**-ø mõ-ø
rio-REFER R-POS 1excl-matar jabuti-INT-REFER IND-REFER
"pelo rio nós matamos uma tartaruga"
- (105) ã'ẽ=ga-ø i-nami-**o**
DEM=SG-REFER 3.II-orelha-INT
"aquele tem orelhão"
- (106) ã-ma'ẽ maj-**oo**-ø r-e
1sg.I-olhar cobra-INT-REFER R-POS
"eu olhei a cobra grande"

O referido sufixo ocorre em núcleos de predicados verbais transitivos (107) e intransitivos (108) e indica um tipo de modalidade que expressa intensificação do processo verbal.

- (107) xe=r-opy-ø a-pyyk-**oo** 'ipirã-ø
1sg.II=R-pai-REFER 3.I-pegar-INT peixe-REFER
"meu pai pegou muito peixe"
- (108) n=a-a-j-**oo**
não=3.I-ir-NEG-INT
"não foi mesmo"

Por outro lado, nas formas adverbiais é focado o grau de intensidade da maneira/modo como se processa a ação verbal:

- (109) taneme-’o xe=∅-pe ke e-xar ka-∅ ∅-wi
 rápido-INT 1sg.II=R-POS DUB 2.IMP-*vir* roça-REFER R-POS
 "venha rápido da roça para mim (lit: venha rapidão da roça para mim)"

2.5 Atenuativo {-’i}

Em Tapirapé, o atenuativo é feito por meio do sufixo {-’i} (-’i ~ -i), que se realiza como átono, na grande maioria dos casos, ou como tônico (110). De modo similar ao intensivo, este sufixo ocorre em raízes nominais, verbais e em formas adverbiais.

- (110) ã-ma-’i marare-∅ r-a’a-∅
 1sg.I-CAUS-ATE vaca-REFER R-carne-REFER
 "eu piquei a carne da vaca"

Nos nomes, o atenuativo expressa o diminutivo, ou seja, a noção de pequenez de uma determinada entidade (111) ou uma idéia apreciativa/afetiva (112), bem como pode derivar nomes³¹ (115):

- (111) **xixin-i-∅** a-wewe a-ka-wo
 libélula-ATE-REFER 3.I-voar 3.III-estar-GER
 "a libelulazinha está voando"

- (112) ekwe i-tor-i ne=∅-men-i ne=∅-we ne
 D.E 3.II-*vir*-I2 2sg.II=R-marido-ATE 2sg.II=R-POS FUT
 "lá virá um maridinho para você"

³¹ No âmbito desse trabalho, os processos morfológicos de derivação e flexão são analisados como um contínuo, conforme proposto por Bybee (1985). Os morfemas {-’i} ‘atenuativo’ e {-’o} ‘intensivo’, devido à regularidade e produtividade de seus paradigmas, são analisados como morfemas flexionais, apesar de não se enquadrarem no critério obrigatorialidade, ou seja, morfemas que são requeridos pela sintaxe (cf. Greenberg, 1963). Possivelmente em virtude da semântica desses morfemas, eles também podem derivar nomes. Cabe ressaltar que o processo morfológico de derivação nas línguas é idiossincrático e irregular.

O nome sufixado com o atenuativo pode funcionar como argumento único (exemplos acima), como sujeito e objeto de transitivo (113), bem como núcleo de oração existencial e complemento de posposição, (114) e (115) respectivamente:

(113) ãxe'i rãka koxỹmoko-'i-ø tamãkorã³²-'i-ø i-ãpa-ø
ontem PAS.REC moça-ATE-REFER tamãkorã-ATE-REFER 3.II-fazer-I2
"ontem a mocinha fez um tamãkorãzinho"

(114) 'ã topỹ-ø i-xor-i ãẽ n=i-ãrõãrã-j
D.E topỹ-REFER 3.II-pescoço-ATE CD não=3.II-ser.bonito-NEG
"aqui/este topỹ tem pescocinho por isso ele não é bonito"³³

(115) mārākãxã-ø a-a wyrã-'i-ø ø-kãty
maracajá-REFER 3.I-ir pássaro-ATE-REFER R-POS
"maracajá foi em direção ao passarinho"

Cabe ressaltar que nos nomes o sufixo atenuativo {-i} pode-se combinar ao intensivo {-o}. A combinação dos dois morfemas exprime uma idéia de tamanho, neste caso “mediano”, de uma entidade:

(116) wyrãxig-oo-'i-ø a-wewe xe=ø-wi
garça-INT-ATE-REFER 3.I-voar 1sg.II=R-POS
"a garça, de tamanho médio, voou de mim"³⁴

Nos verbos, tal sufixo denota um tipo modalidade que exprime amenização do processo verbal. Ocorre em núcleos verbais transitivos (117) e intransitivos (118).

³² Enfeites usados nos tornozelos

³³ Boneco feito de cera de abelha, cujo pescoço é bem longo.

³⁴ Neste caso, a garça voou, porque se chegou perto dela.

- (117) a-ow ywãtyr-ã ã'e a-'o-'i ywãtyr-ã r-yãpir-ã
3.I-achar flor-REFER C.D 3.I-comer-ATE flor-REFER R-néctar-REFER
"ele (o beija-flor) acha a flor, aí come um pouquinho do néctar da flor"

- (118) maj-a a-pi-kãto-'i 'op-a
cobra-REFER 3.I-parar-APREC-ATE 3.deitar-GER
"a cobra está bem paradinha"

Já nas formas adverbiais, o sufixo {-'i} expressa uma idéia de atenuação da maneira/modo como se realiza a ação verbal:

- (119) ãpi-ø a-ãpa tamãkorã-ø mawej-'i-'i i-r-yn-a
mamãe-REFER 3.I-fazer tamãkorã-REFER devagar-REDUP-ATE 3.I-CC-sentar-GER
"mamãe faz tamãkora muito devagarzinho, estando sentada"

2.6 Intensificador {-ete}

O sufixo {-ete}³⁵ ocorre apenas em raízes nominais e verbais. Diferentemente do intensivo {-'o}, o sufixo {-ete} não expressa a noção de aumentativo nos nomes, pois funciona como um intensificador de identidade, de essência. Exprime intensidade como “é verdadeiro”, “legítimo”. Sua ocorrência em nomes é menos freqüente que em verbos. Em geral, ele ocorre como núcleo de predicado nominal das orações equativas/inclusivas (120) ou em enunciados isolados (121):

- (120) ãrãreme'i-ø tãpi'irãpe-ete
Ãrãreme'i-REFER tãpi'irãpe-INTNS
"Ãrãreme'i é Tapirapé de verdade"

³⁵ Bendor-Samuel (1972) registra a partícula **et**, cognata ao sufixo {-ete} do Tapirapé, como enfática em Guajajara. Cabral & Rodrigues (2003: 80), por sua vez, consideram **eté** como um nome descritivo em Asurini do Tocantins. Jensen (1998: 553) explica que a partícula **ete** codifica sentimentos do falante. Em Avá também é enfático (Borges, 2006: 203).

- (121) kwār-**ete**-ø
sol-INTNS-REFER
"sol muito quente"

Em núcleos de predicados verbais, o sufixo intensificador funciona como um quantificador global (cf. Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula, 1983: 46), ou seja, indica quantidade, abundância. Ocorre em verbos transitivos (122) e intransitivos (123):

- (122) xe=r-opy-ø a-xokã-**ete** miâr-a
1sg.II=R-pai-REFER 3.I-matar-INTNS veado-REFER
"meu pai matou muitos veados"

- (123) amyn-a a-kyr-**ete** ã'ëramõ i-koj ponte-ø
chuva-REFER 3.I-chover-INTNS CD 3.II-cair ponte-REFER
"choveu muito (em grande quantidade), por isso a ponte caiu"

Nos referidos predicados, o sufixo intensificador pode ser compatível como o intensivo {-’o}, como pode ser visto no dado (124). A junção desses dois morfemas denota quantificação, associada à intensificação/dinamicidade:

- (124) xe=r-amõj-a a-ãpa-**ete-oo** o’yw-a
1sg.II=R-avô-REFER 3.I-fazer-INTNS-INT flecha-REFER
"meu avô faz muitas flechas mesmo (de verdade)"

2.7 A negação de constituinte {-e’ym}

O ponto de convergência da negação de constituinte, sufixo {-e’ym}, é amplo e diversificado. O morfema de negação adjunge-se a diversos tipos de constituintes, tais como: nominais (incluídos aqui os demonstrativos e pronomes (cf. seção (2.3))), verbais, adverbiais, posposicionais e construções subordinadas adverbiais. A negação de

constituente é um tipo de foco contrastivo, em que toda a sentença é afirmativa, sendo que somente o constituinte focado está sob o escopo da negação (cf. Givón, 2001).

Em temas nominais e verbais, a negação {-**eym**} só ocorre em constituintes com a função de argumento, precedendo o sufixo referenciante {-**a**}:

(125) konomĩ-**e'ym**-a rõ'õ a-o'o xãwãr-a
menino-NEG-REFER N.ASS 3.I-morder cachorro-REFER
"não foi o menino que o cachorro mordeu"

(126) e-nopỹ ãrãrãme'i-**e'ym**-a
2sg.IMP-bater ãrãrãme'i-NEG-REFER
"bata não em ãrãrãme'i"

(127) ã-jno-patãr ne=ø-xe'eg-**e'ym**-a
1sg.I-ouvir-querer 2sg.II-R-falar-NEG-REFER
"eu quero ouvir não sua fala"

Por sua vez, o sufixo de negação ocorre imediatamente após as formas adverbiais e as posições:

(128) ãxe'i-**e'ym** ãkaj xe= ø-mook rã'ẽ
ontem-NEG C.I.COM 1sg.II=R-molhar PAS
"não foi ontem que você me molhou"

(129) 'y-ø r-opi-**e'ym** rãka ã-pinãpaj we-ka-wo
água-REFER R-POS-NEG PAS. REC 3.I.pescar 1sg.III-estar-GER
"eu estava pescando não no rio"

Observe que em (129) acima, a negação tem seu escopo no sintagma posposicional e não no seu complemento, como em (130):

- (130) *kã'ã-e'ym-a* *r-opi* *ka-ø* *i-xokã-ø* *rã'ẽ*
mata-NEG-REFER R-POS D.E-REFER 3.II-matar-I2 PAS
"não foi pela mata que ela matou este"
(lit. pela não-mata que ela (a onça) matou este (o veado)).

A negação das orações subordinadas adverbiais com {-*ãramõ*} 'subjuntivo' (131), {-*wo*} 'gerúndio' (132) e {-*ire*} consecutivo (133) ocorre imediatamente após o núcleo do predicado, precedendo seus respectivos sufixos, os quais são morfemas terminais:

- (131) *ara-ãro* *ekwe* *ka-pe* *i-a-e'ym-amõ*
2sg.IV-esperar F.IMI roça-LOC 3.II-ir-NEG-SUB
"eu te esperarei na roça, se ele não for"

- (132) *ã-a* *rãka* *we-pinãpaj-e'ym-a*
1sg.I-ir PAS.REC 1.sgIII-pescar-NEG-GER
"eu fui para não pescar"

- (133) *marãxe'i-ø* *a-a* *ipajro-ø* *r-exãk-e'ym-ire*
Marãxe'i-REFER 3.I-ir Ipajro-REFER R-ver-NEG-CONS
"Marãxe'i foi embora depois que não viu Ipaíro"

2.8 A reduplicação

A reduplicação é um processo morfológico produtivo em Tapirapé. Ocorre em nomes, verbos, posposições, advérbios, numerais e em morfemas como o atenuativo e o intensivo. Funcionalmente, varia de classe para classe, mas o processo de reduplicação é o mesmo para todas elas, isto é, a reduplicação ocorre tanto em temas monossilábicos (dados (134) e (135)), quanto em dissilábicos ((136) e (137)). Entretanto, não foi verificada no Tapirapé a reduplicação de apenas uma das sílabas (independentemente se a primeira ou

segunda³⁶) de temas constituídos de duas ou mais sílabas, como descrito para outras línguas Tupí-Guaraní (Rodrigues, 1953; Lemos Barbosa, 1956; Rose, 2003; Borges, 2006; entre outros). Segundo esses autores, um mesmo tema pode reduplicar-se tanto monossilábica quanto dissilabicamente, com funções distintas.

(134) **a-ke-ke** takãr-ipe
 3.II-entrar-REDUP takãra-LOC
 "eles entraram sucessivamente na takãra"³⁷

(135) xe=∅-yj-a **a-ko-koj**³⁸
 1sg=R-dente-REFER 3.I-cair-REDUP
 "meus dentes caíram um após o outro"

(136) ie-∅ **ã-nopỹ-nopỹ** i-re-ka-wo maj-a
 1sg-REFER 1sg.I-bater-REDUP 3.II-C.C-estar-GER cobra-REFER
 "eu bati várias vezes na cobra"

(137) Marãxe'i-∅ i-kywe-kywer-i
 Marãxe'i-REFER 3.II-ser.magro-REDUP-ATE
 "Marãxe'i é magrinha, magrinha"

A reduplicação, em temas constituídos de até duas sílabas, poderia ser considerada como uma cópia “total” do tema. Isso porque, em Tapirapé, as formas canônicas das raízes são monossilábicas ou dissilábicas³⁹. Entretanto, há raízes trissilábicas, nas quais pode ocorrer reduplicação. Nessas raízes é verificada a reduplicação dissilábica, ou seja, é feita a cópia da sílaba tônica e da pré-tônica:

³⁶ No Emérrillon (Rose, 2003) e no Avá-Canoeiro (Borges, 2006), a reduplicação monossilábica ocorre com a sílaba inicial de temas verbais, diferentemente do que se nota em línguas como o Waiampi (Jensen, 1989), o Kamaiurá (Seki, 2000b) e o Asuriní do Tocantins (Cabral & Rodrigues, 2003), em que há a repetição apenas das sílabas finais dos temas verbais.

³⁷ “Casa dos homens”, situada no centro da aldeia, tem a entrada vedada às mulheres.

³⁸ A queda de consoante final diante de consoante inicial é uma regra obrigatória em fronteira de morfema.

³⁹ As raízes são oxítonas.

- (138) **karoka-roka-mõ-wãr-a** pa ke mĩ a-pa-par rõ'õ
tarde-REDUPL-LOC-N.CIR-REFER INFER DUB HAB 3.I-sair-REDUP N.ASS
"a turma da tarde está saindo, parece"

(Gouvêa de Paula, 2001: 75)

Nos nomes em função de argumento, a reduplicação manifesta a pluralidade/multiplicidade dos referentes, como mostra o exemplo abaixo:

- (139) 'ywyrã-ø r-e i-xe'eg-i **wyrã-wyrã-ø**
árvore-REFER R-POS 3.II-falar-I2 pássaro-REDUP-REFER
"os pássaros estão falando na árvore"

A reduplicação em predicados verbais possui valor aspectual. Expressa iteração, intensificação e atenuação. Nos predicados descritivos, a reduplicação, basicamente, indica intensificação, conforme ilustra o exemplo (140), enquanto que, nos verbos ativos, expressa iteração ou atenuação da ação verbal (cf. dado (136)).

- (140) xe=ø-pyyro-ø **i-piro-piro**
1sg.II=R-sapato-REFER 3.II-ser.seco-REDUP
"meu sapato está seco, seco"

Observam-se itens lexicalizados oriundos de antigas reduplicações como é o caso de **ãrõãrõ** 'beleza', **pykãpykãwa**⁴⁰ 'borboleta'. O processo morfológico da reduplicação é transcategorial, mas suas propriedades variam de acordo com as classes com as quais ela ocorre. Desse modo, é mais conveniente trabalhá-la nos capítulos subseqüentes, destinados a cada uma destas classes.

No Capítulo 3 tratarei da classe 'nome'.

⁴⁰ Observa-se que esse item lexical é oriundo de uma antiga reduplicação dissilábica, ou seja, cópia da sílaba acentuada e de sua precedente.

Capítulo 3: O nome

Este capítulo tem por finalidade descrever a classe dos nomes em Tapirapé, considerando suas propriedades estruturais e funcionais. Como descrito na seção (1.2), o nome é caracterizado, do ponto-de-vista morfológico, por receber os sufixos {-kwer} ‘passado nominal’, {-rym} ‘futuro nominal’, {-ryñ} ‘similaridade’, {-ymyn} ‘velho’. Há duas classes de nome, sendo uma classe lexical aberta, composta de três tipos de nomes, a saber: nomes relativos, autônomos e absolutos; e outra fechada, composta por pronomes. Os nomes lexicais podem ser simples ou complexos. Os nomes complexos são formados pelos processos de derivação e composição, ambos muito produtivos na língua.

Qualquer nome, sendo simples ou complexo, bem como as formas pronominais, pode funcionar como núcleo de sintagma nominal. Os sintagmas nominais são constituídos por um núcleo obrigatório e pelos modificadores. Os modificadores são obrigatórios nos nomes relativos e opcionais nos nomes autônomos. As formas pronominais podem funcionar como núcleo ou como modificador; quando núcleos de sintagmas, elas inviabilizam a possibilidade de preenchimento da posição de modificador.

Este capítulo está estruturado da seguinte maneira: na seção (3.1), abordo quais são os tipos de nomes lexicais que, de acordo com suas propriedades morfossintáticas, podem ou não se combinar com uma expressão referencial; na seção (3.2), apresento como é marcada a categoria de número; por sua vez em (3.3), descrevo a formação dos nomes, que podem ser simples ou complexos; a seção (3.4) é destinada às formas pronominais, nas quais se incluem os pronomes independentes, os indefinidos, os demonstrativos espaciais e anafóricos; e na seção (3.5) descrevo a estrutura do sintagma nominal.

3.1 Tipos de nome

Os nomes lexicais em Tapirapé, de acordo com suas características morfossintáticas de poderem ou não se combinar com uma expressão referencial, são divididos em três tipos: nomes relativos, autônomos e absolutos.

3.1.1 Nomes relativos

Os nomes relativos¹ mantêm uma relação intrínseca com uma expressão referencial, que é o seu complemento adnominal obrigatório. Funcionam como nomes “presos”, uma vez que não ocorrem sem marcadores pessoais ou sintagmas nominais que os modificam. Quando o complemento é um sintagma nominal (cf. exemplo (141)) ou um clítico da série II (cf. (142)), o nome relativo é precedido pelo prefixo relacional {r-} (cf. (2.2)). Caso contrário, ele é introduzido pelo prefixo {i-} de terceira pessoa da Série II (cf. (143)) ou pelo paradigma de pessoa da Série III (cf. (144)). Os nomes relativos e seu complemento adnominal formam uma construção genitiva, na qual o nome relativo é o núcleo do sintagma e o complemento adnominal, o seu modificador.

(141) xãwãr-a **ø-memyr**-a i-ãrõãrõ-'i
cachorro-REFER R-filho-REFER 3.II-ser.belo-ATE
"o filhote da cachorra é bonitinho"

(142) xe=**ø-ãpin**-a ø-ãy-ãy
1sg.II=R-cabeça-REFER 3.II-doer-REDUP
"minha cabeça dói muito"

(143) **i-y-ø** a-xãok a-ka-wo
3.II-mãe-REFER 3.I-tomar.banho 3.III-estar-GER
"a mãe dele está tomando banho"

¹ Os nomes relativos são tradicionalmente conhecidos em publicações sobre a família Tupí-Guaraní tais como Rodrigues (1996), Seki (2001), Borges (2006), entre outros, por “nomes inalienavelmente possuídos”.

- (144) ã-ma-wy-wyk **wex-yro-ø**
 1sg.I-CAUS-juntar-REDUP 1sg.III-invólucro-REFER
 "eu costurei minha própria roupa"

Semanticamente, incluem-se nesse tipo de nome termos que denotam membros do corpo, relações de parentesco (+ humano e – humano), conceitos ligados aos seres vivos, como rastro, sombra, cheiro, plantas cultivadas e alguns artefatos, como rede. Os exemplos da tabela 3 ilustram essa classe de nomes.

NOMES RELATIVOS	GLOSA	EXEMPLOS	
xoro	boca	i- xoro -ø 3.II-boca-REFER	“boca dele ”
kanãwã	joelho	me’i-ø ø- kanãwã -ø Me’i-REFER R-joelho-REFER	“joelho da Me’i”
pepa	asa	to’ixigi-ø ø- pepa -ø periquito-REFER R-asa-REFER	“asa do periquito”
ow	pai	pe=n- ow -a 2PL.II=R-pai-REFER	“pai de vocês”
ãty	esposa	xe=r- ãty -ø 1sg.II=R-esposa-REFER	“minha esposa”
ã’yr	filho ²	t- ã’yr -a 3.II-filho-REFER	“filhote dele”
opi’a	ovo	wyrã-’i-ø r- opi’a -ø pássaro-ATE-REFER R-ovo-REFER	“ovo do passarinho”
patyr	flor	amanyxo-ø ø- patyr -a algodão-REFER R-flor-REFER	“flor do algodão”
pypar	rastro	xane=ø- pypar -a 1incl.II=R-rastro-REFER	“nossos rastros”
ekwãr	rede	are=r- ekwãr -a 1excl=R-rede-REFER	“nossas redes”
etym	casa	ø- etym -a 3.II-casa-REFER	“casa dele”

Tabela 3: Nomes relativos

Por serem um tipo de nome preso, a forma não-marcada dos nomes relativos é sempre assinalada pelo prefixo de terceira pessoa {i-} (i- ~ ø- ~ t- ~ h-) da Série II. Entretanto, essa regra não se aplica aos nomes relativos começados pelo fonema /p/, quando o seu complemento adnominal obrigatório é uma entidade humana não-referencial. Para expressar o possuidor humano-genérico, o fonema inicial /p/ realiza-se como a homorgânica nasal [m]:

² Filho do ego masculino.

- (145) e-ixāk ã'ẽ=gã-ø ekwe a-'o **my'ã-kwer-a**³
 2sg.IMP-ver DEM=SG-REFER F.IMI 3.I-ingerir fígado.humano-PN-REFER
 "veja! ele vai comer o que foi fígado humano"

Contudo, quando o modificador é semanticamente uma entidade humana especificada, verifica-se a realização do fonema /p/ nos nomes relativos como nos demais casos. Ou seja, é exigida a presença de marcadores de pessoa ou de sintagmas nominais que modificam esses nomes. Os dados da tabela 4 ilustram o fenômeno ora descrito.

NOMES RELATIVOS	HUMANO-GENÉRICO	HUMANO ESPECIFICADO E OUTRAS ENTIDADES
pa 'mão'	ma 'mão humana'	xe=ø- pa -ø 1sg.II=R-mão-REFER 'minha mão'
py 'pé'	my 'pé humano'	i- py -ø 3.II-pé-REFER 'pé dele'
py'a 'fígado'	my'a 'fígado humano'	ne=ø- py'a -ãtỹ 2sg.II=R-fígado-ser.duro 'você está satisfeito?' (lit: seu fígado está duro?)
piroro 'ferida'	miroro 'ferida humana'	ãtawe-ø ø- piroro -ø gato-REFER R-ferida-REFER 'ferida do gato'
payg 'remédio'	mayg 'remédiodo humanos'	ãpi e-mor xe=ø- payr -a mamãe 2sg.IMP-trazer 1sg.II=remédio- REFER 'mamãe, traga meu remédio'

Tabela 4: Nomes relativos iniciados por /p/

3.1.2 Nomes autônomos

Há um segundo tipo de nomes, os autônomos⁴, que podem admitir uma expressão referencial como complemento adnominal. Entretanto, sua ocorrência não é sistematicamente obrigatória como no caso dos nomes relativos. Quando há uma expressão referencial modificando o nome, verifica-se uma construção genitiva similar à dos nomes relativos, em que há a presença do possuidor, como demonstram os seguintes exemplos:

³ Referindo-se a um personagem, de filme veiculado na televisão, que matava as pessoas para comer-lhes o fígado.

⁴ Os nomes autônomos são tradicionalmente conhecidos na literatura sobre a família Tupí-Guaraní, como em Rodrigues (1996), Seki (2001), Borges (2006), entre outros, por "nomes alienavelmente possuídos".

(146) **xe=r-opy-ø** **a-ãpa-kãto** **w-o'yw-a**
 1sg.II=R-pai-REFER 3.I-fazer-APREC 3.III-flecha-REFER
 "meu pai faz bem a flecha dele"

(147) **xãpi'i-ø** **a-pyej** **xe=r-exã'ẽ-ø**
 Xãpi'i-REFER 3.I-lavar 1sg.II=R-panela-REFER
 "Xãpi'i lavou minha panela"

Caso contrário, não apresenta possuidor, como demonstram os seguintes dados:

(148) **o'yw-a** **a-pen**
 flecha-REFER 3.I-quebrar
 "a flecha quebrou"

(149) **porãke'i-ø** **a-pyhyk** **xã'ẽ-ø⁵** **mokõj**
 Porãke'i-REFER 3.I-comprar panela-REFER dois
 "Porãke'i comprou duas panelas"

Nesse tipo de nome estão incluídos termos que designam artefatos domésticos, armas, ferramentas e adornos. Exemplos dessa classe de nomes estão ilustrados na tabela 5, abaixo:

TAPIRAPÉ	GLOSA
kyxe	machado
yro	cesto/invólucro
yropem	peneira
xy	machado
'ywyrãpãr	arco
xyporore	enxada
'yãr	canoa
pinã	anzol

⁵ A forma **exã'ẽ** varia com **xã'ẽ**, quando não há possuidor.

e'ym	fuso
pe'yra	tipo de cesto que se carrega nas costas
'ywãw	copo

Tabela 5: Nomes autônomos

3.1.3 Nomes absolutos

Os nomes absolutos não mantêm relação com uma expressão referencial e apenas excepcionalmente admitem a indicação de um possuidor. Estes nomes compreendem termos referentes a membros da sociedade, elementos e fenômenos da natureza, formações geográficas, animais⁶ e plantas não cultivadas, como demonstrado na tabela 6.

TAPIRAPÉ	GLOSA
pãxe	pajé
koxỹ	mulher
pityga	criança
kwãr	sol
xãytãta	estrela
ywãk	céu
tãxão	porcão/caititu
wyrãkãj	galinha
xetywãk	taquara/bambu
myrxi	buriti

Tabela 6: Nomes absolutos

6 Para expressar a noção de posse de animais domésticos, utiliza-se o nome relativo **eymãw** 'animal doméstico', que pode ser acompanhado pelo nome que designa o animal.

xe=r-eymãw-a	xãwãr-a	a-yj	a-a-wo	kwãxi-ø	ø-kãty
1sg.II-R- animal.doméstico -REFER	cachorro-REFER	3.I-correr	3.III.ir-GER	quati-REFER	R-POS

"meu animal doméstico, o cachorro, correu atrás de um quati"

Não é freqüente a posse desses elementos, mas em alguns contextos verifica-se que nomes absolutos não-humanos podem ser possuídos, como por exemplo: uma menina estava comendo um coco (macaúba), neste íterim seu irmãozinho mais velho veio correndo e o tomou de sua mão. Imediatamente ela o solicitou de volta:

- (150) **e-m-or** **xe=ø-mokãxã-ø**
 2sg.IMP-CAUS-*vir* 1sg.II=R-macaúba-REFER
 "dê-me minha macaúba"

3.2 Categoria de número

A categoria de número é expressa de distintas maneiras. As noções de singular e plural são marcadas nos índices⁷ de pessoas, exceto na terceira pessoa. O plural pode ser expresso pelo sufixo {-**kwer**} (-*kwer* ~ -*wer*) ‘grupo’, pela reduplicação e pela partícula **agỹ** ‘plural’. Os nomes absolutos com o referente [+ humano] podem receber o sufixo {-**kwer**} ‘grupo’, homófono ao sufixo de passado nominal, para indicar membros de uma mesma classe:

- (151) **koxỹ-wer-a** **ke** **i-’ew** **marãxi-ø** **r-e**
 mulher-GRUP-REFER DUB 3.II-gostar melancia-REFER R-POS
 "parece que as mulheres gostam de melancia"

- (152) **akoma’e-kwer-a** **a-a** **i-ãpy-wo** **ka-ø**
 homem-GRUP-REFER 3.I-ir 3.II-queimar-GER roça-REFER
 "os homens estão indo para queimar roça"

O plural de objetos com o traço [- animado] e de vegetais em geral é expresso por reduplicação:

⁷ Segundo Aikhenvald (1996, Unit3: 5): “Number is usually obligatory with pronouns/cross-referencing markers, but optional with nouns and often confined to human or animate referents. [...] Usual opposition is singular vs non-singular.”

(153) *ãxe'i rãka ã-pyyk ma'e-ma'e-ø* confresa-pe
ontem PAS.REC 1sg.I-pegar IND-REDUP-REFER Confresa-LOC
"ontem eu comprei muitas coisas em Confresa"

(154) *xiwã'ã-ø a-xe-ma-awã ywa-ywa-ø r-e*
caititu-REFER 3.III-REF-CAUS-gente fruta-REDUP-REFER R-POS
"o caititu se faz crescer por causa das frutas"

Os referentes com o traço [+ animado], como animais, por exemplo, podem expressar o plural por meio de reduplicação ou com a partícula *agỹ ~ gỹ* 'plural':

(155) *zozoziko-pe niwãxaj wyrã-wyrã-ø*
zoológico-LOC não.pouco pássaro-REDUP-REFER
"no zoológico tem inúmeros pássaros"

(156) *wyrã-ø=gỹ-ø tanã a-xe'e-xe'eg a-xa-ope*
pássaro-REFER=PL-REFER CERT 3.I-falar-REDUP 3.III-REC-POS
"os pássaros falaram entre eles"

(157) *miãr-ã= agỹ-ø mĩ a-'o xõ-ø*
veado-REFER=PL-REFER HAB 3.I-ingerir capim-REFER
"os veados sempre comem capim"

A referida partícula é, morfologicamente, a marca de plural mais produtiva:

(158) *xyre-'i-ø= agỹ-ø a-pyyk 42 tokonare-ø 'yopãw-ã ø-wi*
rapaz-ATE-REFER=PL-REFER 3.I-pegar 42 tucunaré-REFER lago-REFER R-POS
"os rapazinhos pegaram 42 tucunarés do lago"

(159) *konomĩ-ø=gỹ-ø a-yj 'ot-a*
menino-REFER=PL-REFER 3.I-correr 3.vir-GER
"os meninos vieram correndo"

- (160) are=r-etã-ø=**gỹ**-ø wetepe ø-ary-aryw
 1excl.II=R-companheiro-REFER=PL-REFER muito 3.II-ser.alegre-REDUP
 "nossos companheiros são muito alegres"

A partícula **agỹ** ~ **gỹ** ocorre ainda com demonstrativos anafóricos (161), com sintagmas nominais indicando companhia (162), ou como único elemento do sintagma (163), sendo que em todos os casos citados, o sintagma nominal exerce a função de sujeito. Segundo Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula (1983), nos casos em que a partícula **agỹ** ~ **gỹ** ocorre como único elemento do sintagma nominal, ela se refere especialmente aos Tapirapé.

- (161) **ã'ẽ=gỹ**-ø a-a ka-ø r-opi
 DEM=PL-REFER 3.I-ir D.E-REFER R-POS
 "eles foram por aqui"

- (162) xe=r-opy-ø=**agỹ**-ø a-a ka-pe
 1sg.II=R-pai-REFER=PL-REFER 3.I-ir roça-LOC
 "meu pai e a companheira foram à roça"

- (163) **gỹ**-ø rõ'õ rãkã'ẽ mĩ a-xokã xãwawi'o-ø o'yw-ã ø-pe xe
 PL-REFER N.ASS P.REM.N.A HAB 3.I-matar tartaruga-REFER flecha-REFER R-POS REST
 "eles (se referindo aos Tapirapé antigos) só matavam tartarugas com flechas"
 (Comunidade Tapirapé, 1996: 84)

Quando essa partícula ocorre com um nome já marcado com o sufixo {-**kwer**} 'grupo', indica que outro grupo se juntou a esse:

- (164) koxỹ-**wer**-a=**agỹ**-ø mĩ a-a mori'i-ø r-e
 mulher-GRUP-REFER=PL-REFER HAB 3.I-ir murici-REFER R-POS
 "as mulheres (e os homens) sempre vão por causa do murici"

O singular não é morfologicamente marcado em sintagmas nominais lexicais. Entretanto, é assinalado pela partícula **gã** ‘singular’ em pronomes demonstrativos anafóricos (165) e indefinidos (166):

(165) **ã’ẽ=gã-ø** wer-or ’ãwãxi-ø
 DEM=SG-REFER 3.CC-vir milho-REFER
 "ela trouxe o milho"

(166) **mỹ=gã-ø** tã a-xe’eg xe=ø-we
 IND=SG-REFER INTER 3.I-falar 1sg.II=R-POS
 "quem me chamou?"

A partícula **gã** ‘singular’ ocorre somente na presença dos referidos pronomes e com os demonstrativos espaciais (cf. (3.4.3.1)). À semelhança da partícula **agy** ‘plural’, a partícula **gã** ‘singular’ sempre ocorre em função de sujeito.

3.3 Nomes simples e nomes complexos

3.3.1 Nomes simples

Os nomes simples são aqueles que possuem apenas uma base nominal sem sufixos derivacionais. Podem ser um nome comum (167) ou próprio (168). Cabe ressaltar que os nomes comuns podem ser relativos, autônomos e absolutos, ao passo que os nomes próprios são absolutos.

(167) **miār-a** a-kwããw kã’ã-pe
 veado-REFER 3.I-estar.plural mata-LOC
 "os veados estão na mata"

(168) **Korinãka’i-ø** a-yj a-a-wo xe=ø-we
 Korinãka’i-REFER 3.I-correr 3.III-ir-GER 1sg.II=R-POS
 "Korinãka’i correu de mim"

3.3.2 Nomes complexos

Em Tapirapé, há duas subclasses de nomes complexos, a saber: nomes derivados e nomes compostos. Aqueles podem ser constituídos por bases nominais, verbais ou adverbiais. Os nomes compostos, por sua vez, são formados por duas bases, às quais podem juntar outras para formarem um novo composto. As bases que formam o composto nominal podem ser de dois tipos: nome + nome e nome + verbo (intransitivo estativo ou ativo).

3.3.2.1 Nomes derivados

A derivação em Tapirapé ocorre mediante o acréscimo de afixos às bases. O processo predominante na derivação é a sufixação. Apenas na derivação deverbal é usado um prefixo, qual seja: {**emi-**} ‘nominalização de paciente’.

3.3.2.1.1 Nomes derivados de base nominal

Novos nomes podem ser formados a partir de outros nomes. O processo usual de formação de nomes dentro da própria classe é o de sufixação. Neste tipo de derivação são empregados os seguintes sufixos transcategoriais: {-’o} ‘intensivo’ e {-’i} ‘atenuativo’, (cf. (2.4) e (2.5) respectivamente). O sufixo intensivo {-’o}, em bases nominais, pode indicar o aumentativo de determinada entidade, mas também pode derivar nomes dentro da própria classe. As bases nominais **xano** ‘aranha’ (169a) e **wyrã** ‘pássaro’ (170a), ao receberem o referido sufixo, derivam os nomes **xanoo** ‘ema’ (169b) e **wyrão** ‘jaburu’ (170b).

(169a) amerew-a mĩ a-’o **xano-ø**
 amerewa-REFER HAB 3.I-ingerir aranha-REFER
 "a amerewa (espécie de lagartixa) sempre come aranha"

(169b) **xano-o-ø** a-pik 'op-a w-ajty-pe
 aranha-INT-REFER 3.I-parar 3.estar.imóvel-GER 3.III-ninho-LOC
 "a ema está quieta no ninho dela"

(170a) xãri'i-ø rãka a-xokã **wyrã-ø** wetepe ãxe'i
 Xãri'i-REFER PAS.REC 3.I-matar pássaro-REFER muitos ontem
 "Xãri'i matou muitos pássaros ontem"

(170b) **wyrã-o-ø** a-wewe a-ka-wo
 pássaro-INT-REFER 3.I-voar 3.III-estar-GER
 "o jaburu está voando"

Por sua vez, o atenuativo {-i}, que expressa o diminutivo nos nomes, também pode derivar nomes dentro da própria classe nominal, como pode ser visto nos exemplos que se seguem. Em (171a), a base **'ãwãxi** 'milho' deriva uma nova entidade, que é **'ãwãxi'i** 'arroz' (171b), ao passo que, **wyrã** 'pássaro', em (172a), nome genérico para aves em geral, ao receber o sufixo atenuativo, designa um tipo de pássaro como em (172b).

(171a) ka-ø ø-wi nã=wer-or-i **'ãwãxi-ø**
 roça-REFER R-POS não=3.CC-trazer-NEG milho-REFER
 "da roça, ela não trouxe milho"

(171b) **'ãwãxi-i-ø** r-e i-py'ã-ãtỹ komonĩ-ø
 milho-ATE-REFER R-POS 3.II-figado-ser.duro menino-REFER
 "o menino ficou satisfeito de tanto comer arroz"

(172a) kã'ã-pe a-kwãp-a niwãxaj **wyrã-ø**
 mata-LOC 3.III-estar.plural-GER não.pouco pássaro-REFER
 "na mata tempo muitos (inúmeros tipos) pássaros"

(172b)	wyrã-'i-ø	a-a	w-ajty-ø	ø-kãty
	pássaro-ATE-REFER	3.I-ir	3.III-ninho-REFER	R-POS
	"o passarinho (espécie de pássaro) foi na direção do ninho dele"			

3.3.2.1.2 Nominalizações

A nominalização é um processo derivacional muito produtivo que permite criar um tipo de nome que só ocorre como núcleo de sintagma nominal em Tapirapé. Há quatro tipos de nominalização deverbal e dois tipos de nominalização de outras categorias. As nominalizações deverbais formam nomes relativos, ou seja, têm sempre um complemento adnominal como modificador. Os outros dois tipos de nominalização são a nominalização de circunstância e a nominalização de predicado. A base para a formação de nominalização de circunstância são expressões adverbiais, ao passo que a nominalização de predicado é definida pelo predicado intransitivo de núcleo nominal ou verbal.

3.3.2.1.2.1 Nomes deverbais

Os nomes deverbais são formados por bases verbais e afixos nominalizadores: os sufixos nominalizadores {-ãw} (-ãw ~ -tãw) 'nominalização de processo, instrumento, local', {-ãr} (-ãr ~ -tãr) 'nominalização de agente', {-pyr} (-ipyr ~ -pyr) 'nominalização de passiva' e pelo prefixo {emi-} 'nominalização de paciente'.

i) {-ãw} (-ãw ~ -tãw) 'nominalização de processo, instrumento, local'

O sufixo {-ãw} anexa-se às raízes verbais transitivas e intransitivas, formando nomes que se referem a processo, instrumento ou local. Os nomes formados com {-ãw} têm sempre um complemento adnominal obrigatório, ou seja, são nomes relativos. A expressão referencial associada ao nome derivado faz menção ao paciente, que em verbos transitivos, é tratado como objeto e em intransitivos, como argumento único.

(173) ie-∅ n=ã-ixāk-i ne=∅-xe-rakwã-ãw-ã
 1sg-REFER não=3.I-ver-NEG 2sg.II=R-REF-escorregar-N.PROC-REFER
 "eu não vi você escorregar"

(174) ãpĩ-∅ rãka a-pyyk 'y-∅ ∅-w-ãw-a
 mamãe-REFER PAS.REC 3.I-pegar água-REFER R-ingerir-N.PROC-REFER
 "mamãe comprou copos"

(175) t-yro-paej-tãw-a
 3.II-invólucro-lavar-N.PROC-REFER
 "tanque de lavar roupa' (lit: local onde se lava roupa) "

ii) {-ãr} (-ãr ~ -tãr) 'nominalização de agente'

O nominalizador de agente {-ãr}⁸ deriva nomes a partir de raízes verbais transitivas, indicando o agente da ação verbal. O nome derivado mantém referência ao paciente, que é seu complemento adnominal obrigatório, por meio dos índices de pessoa da Série II (176) ou por sintagmas nominais (177).

(176) t-yro-paej-tãr-a a-xe'eg a-ka-wo 'y-pe
 3.II-invólucro-lavar-N.AGT-REFER 3.I-falar 3.III-estar-GER água-LOC
 "as lavadeiras de roupa estão falando no rio"

(177) xãrio-∅ miãr-a ∅-koto-k-ãr-a
 Xãrio-REFER veado-REFER R-matar-N.AGT-REFER
 "Xãrio é matador de veado"

⁸ Comrie & Thompson (1985: 348) referem-se a esse tipo de nominalização como "nominalização agentiva", na qual os verbos nominalizados formam nomes atributivos como "matador", "cutucador", "mordedor".

iii) {-pyr} (-pyr ~ -ipyɾ) ‘nominalização passiva’

O sufixo ‘nominalizador passiva’ {-ipyɾ} (-ipyɾ ~ -pyr) também se anexa a bases verbais transitivas, indicando que a entidade sofreu ou sofre a ação. O nome derivado flexiona-se apenas com o alomorfe (i-) de terceira pessoa da Série II, que indica o paciente. Nesta construção o agente da ação não é expresso, como mostram os exemplos abaixo. A referência ao paciente pode ser recuperada por meio de um item lexical (179):

(178) i-nopỹ-pyr-a a-xa’ja a-ka-wo
 3.II-bater-N.PASS-REFER 3.I-chorar 3.III-estar-GER
 "a que apanhou está chorando"

(179) are-∅ rãka ara-’o miãr-a i-kotok-ipyɾ-a
 1excl-REFER PAS.REC 1excl.I-ingerir veado-REFER 3.II-cutucar-N.PASS-REFER
 "nós comemos o veado cutucado"

iv) {emi-} ‘nominalização de paciente’

O prefixo nominalizador {emi-} deriva nomes relativos a partir de bases verbais transitivas. O resultado da derivação é um nome que mantém a mesma valência da base, de maneira que os dois participantes do evento continuam a ser expressos. Neste tipo de construção, o agente é necessariamente expresso pela posse genitiva, ele é o possuidor do evento nominalizado. A referência ao paciente é feita pelo prefixo nominalizador {emi-}, como exemplificado abaixo:

(180) xe=r-emi-py-kwer-a konomĩ-∅ epe a-aka
 1sg.II=R-N.PAC-cobrir-PN-REFER menino-REFER D.E 3.I-estar
 "o menino que eu cobri ali está" (lit: ‘o que foi meu coberto, o menino, ali está’)

- (181) **xere=ø-ypy-ø** **agỹ-ø** **r-emi-ãpa-ø** xawie
 1incl.II=R-primeiro-REFER PL-REFER R-N.PAC-fazer-REFER POS
 "iguais aos feitos pelos nossos antigos"
 (Referindo-se aos cestos e peneira que um jovem Tapirapé aprendeu a fazer, apenas olhando fotografias antigas desses objetos)

3.3.2.1.2.2 Nomes derivados de outras categorias

- i) {-wār} “nominalização de circunstância”

O sufixo {-wār} ocorre somente com expressões adverbiais⁹, formando nomes de entidade caracterizada pela circunstância a ela associada:

- (182) ãxe'i-wār-a a-pãw
 ontem-N.CIR-REFER 3.I-acabar
 "o que é de ontem acabou"
- (183) ãpĩ-ø a-ãpa-'i ma-ãkyg-a r-opi-wār-a
 mamãe-REFER 3.I-fazer-ATE mão.humana-dedo-REFER R-POS-N.CIR-REFER
 "mamãe fez delicadamente o anel"
 (lit. 'mamãe fez delicadamente o que (fica) pelo dedo da mão')
- (184) ere-ma-tarak ke kwe takypy-ø r-e- wār-a
 2sg.I-CAUS-rasgar DUB F.IMI estaca-REFER R-POS-N.CIR-REFER
 "você poderá rasgar o que está nas estacas"
 (Referindo-se a lona esticada nas estacas)

⁹ Os sintagmas posposicionais são formas circunstanciais à semelhança dos advérbios. Ambos ativam o indicativo 2 (cf. (4.4)), quando ocupam a posição mais à esquerda da sentença e os participantes do evento são de terceira pessoa.

ii) {-ama'e} (-ama'e ~ -mae) “nominalização de predicado”¹⁰

O sufixo {-ama'e}¹¹ é anexado somente a predicados intransitivos, sejam de bases verbais intransitivas ativas, descritivas ou nominais em função de predicado. As bases verbais intransitivas ativas, mesmo sendo nominalizadas pelo referido sufixo e recebendo o referenciante {-a}, mantêm a flexão dos prefixos pessoais da Série I, tipicamente usados em orações independentes (185). Por sua vez, as nominalizações de bases verbais descritivas (186) e nominais (187) flexionam-se com os clíticos da Série II. O nome resultante deste tipo de nominalização ocorre apenas com participantes de terceira pessoa, indicando que a entidade se caracteriza como experienciador ou atributo expresso pela base.

(185) ã-ow parãxi-ø a-kãxym-ama'e-kwer-a
 1sg.I-achar lápis-REFER 3.I-sumir-N.PRED-PN-REFER
 "eu achei o lápis que havia sumido"

(186) akoma'e-ø i-eew-ama'e-ø n= a-ãpa-j ka-ø
 homem-REFER 3.II-preguiça-N.PRED-REFER não=3.I-fazer-NEG roça-REFER
 "o homem que tem preguiça não faz roça"

(187) i-pepa-e'ym-ama'e-ø a-manõ
 3.II-asa-NEG-N.PRED-REFER 3.I-morrer
 "a que não tem asa morreu"¹²

3.3.2.2 Nomes Compostos

Em Tapirapé, novos nomes podem ser formados a partir da combinação de duas bases nominais, (N+N), ou de uma base nominal acompanhada por uma verbal intransitiva (N+V).

¹⁰ Rodrigues (1953, 1981, 2001) denominou esse sufixo de 'nome relativo', 'nominalizador de predicado' e 'nominalização relativa'. Por sua vez, Jensen (1998: 542) refere-se a esse tipo de nominalização como 'nominalização do sujeito'.

¹¹ Almeida, Irmãzinhas de Jesus & Paula (1983: 32) denominam o sufixo {-ma'e} de 'agente relativo'.

¹² Referindo-se à galinha que foi atacada pelo cachorro e que foi tratada pelas crianças.

(N+N)

- (188) wyrākāj-opi'a
galinha-ovo
"ovo de galinha"

(N+V)

- (189) maj-āiw
cobra-ruim
"jararaca"

Os compostos (N+N) podem ser de dois tipos, a saber: compostos de núcleo final e compostos de núcleo inicial. Nos compostos de núcleo final, a primeira base nominal funciona como modificador e a segunda como núcleo. A estrutura deste tipo de composição é paralela à sintaxe interna dos sintagmas nominais, cujo núcleo é um nome relativo:

- (190a) **men** 'marido' + **y** 'mãe' → **men-y** 'mãe de marido', (forma absoluta)
'sogra'

- (190b) **my** 'pé humano' + **yro** 'invólucro' → **my-yro** 'invólucro de pé',
(forma absoluta) 'sapato'

- (190c) **ỹj** 'dente' + **pir** 'pele' → **ỹj-mir** 'pele de dente' (forma absoluta)
'gengiva'

As relações semânticas que se estabelecem entre os elementos desses compostos são similares às aquelas existentes entre elementos nos sintagmas nominais (cf. (3.5)). Entretanto, a composição possui regras morfofonêmicas específicas¹³ das junturas internas, ou seja, das fronteiras de morfemas no interior de palavras. A queda de consoante final diante de consoante inicial é uma regra obrigatória em fronteira de morfema e facultativa em fronteira de palavra. Nos compostos ocorre apenas um acento, formando, assim, uma única palavra fonológica, ao passo que nos sintagmas nominais há tantos acentos quanto as palavras que os constituem. Na composição não há marcação do sufixo referenciante {-a} entre as duas bases nem a marcação do relacional. A composição cria nomes genéricos como em (191) e (193), ao passo que o sintagma nominal, usando o relacional no núcleo nominal, indica o nome do possuidor, marcado com o sufixo referenciante {-a}, especificando-o, como em (192), e (194).

¹³ a) a consoante oclusiva bilabial surda /p/ nasaliza-se após vogal nasal:

(1) **kō** + **poko** → **kō-moko** 'língua comprida'
 'língua' 'comprida'

b) a consoante oclusiva bilabial surda /p/ muda-se na sonora /w/ quando precedida por uma das consoantes orais, /w/ ou /r/:

(2) **xor** + **poko** → **xo-woko** 'pescoço comprido'
 'pescoço', 'comprido'

(3) **takār** + **pyter-ipe** → **takā-wyter-ipe** 'no meio da takāra'
 'casa dos homens' 'interior'-LOC

Esta regra tem uma restrição. Se houver alguma consoante nasal na base seguinte, ocorre apenas a redução da seqüência consonantal, desaparecendo a consoante final da primeira palavra:

(4) **xor** + **piryg** → **xo-piryg** 'pescoço vermelho'
 'pescoço' 'vermelho'

c) queda da oclusiva glotal após alveolar /r/ e labial /m/:

(5) **āwyr** + **'yāo** → **āwyr-yāo** 'casa nova'
 'casa' 'nova'

(6) **yār** + **'yāo** → **yār-yāo** 'canoa nova'
 'canoa' 'nova'

- (191) marare-a'a- \emptyset
 vaca-carne- REFER
 "carne de vaca"
- (192) marare- \emptyset r-a'a- \emptyset
 vaca-REFER R-carne-REFER
 "carne da vaca"
- (193) xãwã-pinim-a
 onça-pinta-REFER
 "onça pintada"
- (194) xãwãr-a \emptyset -pinim-a
 onça-REFER R-pinta-REFER
 "pintas da onça"

Por sua vez, os compostos de núcleo inicial são de outra natureza. A ordem dessa composição é invertida em relação à de núcleo final. A primeira base nominal funciona como núcleo, tendo a segunda como modificador. Este tipo de composto sempre expressa um atributo da entidade:

(195a) **tãto** 'tatu' + **nami** 'orelha' → **tãto-nami** 'tatu com orelha' (espécie de tatu)

(195b) **xã'ẽ** 'panela' + **kopy** 'perna' → **xã'ẽ-kopy** 'panela com perna'

(195c) **'ipirã** 'peixe' + **ỹj** 'dente' → **'ipir-ỹj** 'peixe com dente'
 (forma absoluta) 'piranha'

Os compostos do tipo (N+V) são participiais. A base nominal funciona como núcleo e a verbal como modificador. Os verbos que constituem esses compostos são verbos

intransitivos ativos e descritivos. Os exemplos arrolados a seguir demonstram a formação destes compostos.

(N+V.descritivo)

(196a) **koxỹ** ‘mulher’ + **poko** ‘ser.comprido’ → **koxỹ-moko** ‘mulher alta’,
(forma absoluta) ‘moça’

(196b) **yro** ‘cesto’ + **pem** ‘ser.anguloso’ → **yro-pem** ‘cesto anguloso’,
(forma absoluta) ‘peneira’

(196c) **maj** ‘cobra’ + **ãiw** ‘ser.ruim’ → **maj-ãiw** ‘cobra ruim’, (forma absoluta) ‘jararaca’

(N+V.ativo)

(197a) **maj** ‘cobra’ + **xinig** ‘retinir’ → **maj-xinig** ‘cobra que retine’,
(forma absoluta) ‘cascavel’

(197b) **’ipirã** ‘peixe’ + **wewe** ‘voar’ → **’ipirã-wewe** ‘peixe que voa’, ‘peixe voador’

(197c) **xo’i** ‘rã’ + **pokã** ‘rir’ → **xo’i-pokã** ‘rã que ri’ (tipo de rã)

A um composto com núcleo final, inicial ou participial pode-se juntar uma outra base nominal ou verbal para formar um novo nome:

(198a) **wyrã** ‘pássaro’ + **kāj** ‘cantar’ → **wyrã-kāj** ‘galinha’
+ **opi’a** ‘ovo’ → **wyrã-kāj-opi’á** ‘ovo de galinha’

(198b) **wyrã** ‘pássaro’ + **xĩ** ‘bico’ + **pew** ‘ser.chato’ → **wyrã-xĩ-mew**
‘pássaro de bico chato’ (forma absoluta) ‘arapapa’

(198c) **koxỹ** ‘mulher’ + **poko** ‘ser.comprido’ → **koxỹ-moko** ‘moça’ + **’yão**
 ‘novo’ → **koxỹ-moko-’yão** ‘moça jovem’

(198d) **marare** ‘vaca’ + **kym** ‘ubre’ → **marare-kym** ‘ubre de vaca’
 + **’y** ‘líquido’ → **marare-kym-y** ‘líquido de seio de
 vaca’ (forma absoluta) ‘leite’

3.4 Formas pronominais do nome

Os pronomes são uma classe fechada que, à semelhança dos nomes lexicais, não distinguem gênero e classe, mas desempenham funções sintáticas similares àquelas que os nomes lexicais desempenham. Os pronomes pessoais independentes indicam as pessoas da enunciação e, diferentemente de outros pronomes, distinguem número. Os pronomes indefinidos referem-se a uma terceira pessoa de modo vago. Por sua vez, os demonstrativos podem ser espaciais ou anafóricos. Os demonstrativos espaciais são pronomes em que o eixo de orientação egocêntrico-localista é que determina o referente, ao passo que os não-dêiticos, denominados aqui de ‘anafóricos’, não são determinados por esse eixo.

3.4.1. Pronomes pessoais independentes

Os pronomes pessoais independentes recebem o sufixo referenciante {-a}, são tônicos e usados basicamente em orações independentes e em orações adverbiais de subjuntivo em função enfática. Diferentemente dos marcadores de pessoa das Séries I, II e III (cf. (2.1.1)), estes pronomes se dividem em cinco marcas de pessoa, sendo três para a primeira pessoa e duas para a segunda pessoa, conforme se pode verificar na tabela 7:

PESSOA	PRONOME
1sg	ie
1incl	xane
1excl	are
2sg	ane
2pl	peẽ

Tabela 7: Pronomes pessoais independentes

O Tapirapé, semelhante a outras línguas da família Tupí-Guaraní como o Tupinambá (Rodrigues, 1990, 2001), o Kamaiurá (Seki, 2000), o Eméillon (Rose, 2003), e o Avá-Canoeiro (Borges, 2006), não possui pronomes para a terceira pessoa. Para suprir essa lacuna, é utilizada a forma demonstrativa anafórica¹⁴ **ã'ẽ** 'aquele de quem se fala', à qual, na maioria dos casos, são acrescentadas as partículas de número **gã** 'singular e **agỹ** 'plural':

(199) **ã'ẽ=gã-ø** rãka 'a 'or¹⁵ a-mãrãkã-wo
 DEM=SG-REFER PAS.REC D.E 3.vir 3.III-cantar-GER
 "ele veio aqui para cantar"

(200) **ã'ẽ=gỹ-ø** wer-or 'ãwãxi-ø
 DEM=PL-REFER 3.CC-vir milho-REFER
 "eles trouxeram milho"

Os pronomes independentes podem ocorrer como qualquer nome pleno:

(201) **ie-ø** ranõ
 1.sg-REFER ITER
 "eu de novo"

¹⁴ O referente foi mencionado previamente.

¹⁵ O verbo **xar** 'vir' apresenta paradigma irregular.

3.4.2 Pronomes indefinidos

Há no Tapirapé alguns nomes genéricos, como **ãwã** ‘pessoa, gente’ (+ humano) e **ma’e** ‘algo indefinido, genérico’ (- humano), que foram gramaticalizados como pró-formas indefinidas. Ainda funcionam como nomes plenos (202), mas basicamente estão sendo usados como pronomes interrogativos. Estas formas co-ocorrem com as partículas interrogativas **tã’ẽ** ~ **tã**¹⁶ e **pa**, de segunda posição (cf. capítulo 6).

- (202) xãri’i-ø a-pyyk a-a-wo **ma’e-ø** a-xe-we xe
 Xãri’i-REFER 3.I-pegar 3.III-ir-GER IND-REFER 3.I-REF-POS REST
 "Xãri’i foi para pegar ‘aquilo’ só para ele mesmo"

- (203) **ãwã** tã’ẽ
 IND INTER
 "quem é?"

- (204) **ma’e-ø** tã pa a-kwãw kã’ã-pe
 IND-REFER INTER EVID 3.I-estar.PL mato-LOC
 "o que está no mato?"

Outra forma que pode ser classificada como pronome indefinido é **mỹ**¹⁷, sempre acrescido das partículas de número **gã** ‘singular’ e **agỹ** ‘plural’, ou seja, **mỹ=gã** e **mỹ=agỹ** ‘quem’, que só ocorre em sentenças interrogativas (partícula **tã’ẽ** ~ **tã** e **pã’ẽ** ~ **pã**), ocupando a primeira posição da sentença. Diferentemente das formas **ãwã** e **ma’e**, **mỹ=gã** não ocorre em posições argumentais, ou seja, *in situ*. À semelhança dos demonstrativos espaciais (cf. (3.4.3.1)), a forma **mỹ**, sem as referidas partículas, pode ativar o indicativo

¹⁶ Atualmente a partícula **tã’ẽ** é a mais produtiva. Contudo, nas saudações, usa-se somente a partícula **pa**.

¹⁷ Alguns alunos do projeto Aranyão ‘Novos pensamentos’ (ensino médio Tapirapé), ao verem algumas anotações, nas quais eu havia glosado a forma **mỹ** como ‘quem, onde’, logo me corrigiram, argumentando que deveria ser “**cadê**”. Entretanto, outros me disseram que **mỹ** pode significar “**quem**” também. Ao final da discussão, chegaram à conclusão de que a forma **mỹ** com as partículas **gã** ‘singular’ e **agỹ** ‘plural’ só significa “quem”, interrogando.

2¹⁸ (cf. (4.4)). Isso significa que o indefinido **mỹ** pode exercer função tipicamente nominal, como argumento nuclear (exemplos (205) e (206)), quando acompanhado pelas partículas **gã** ‘singular’ e **agỹ** ‘plural’, ou função adverbial (207). A função adverbial ocorre sem as referidas partículas.

(205) **mỹ=gã-ø** tã'ẽ pa a-xe'eg xe=ø-we
 IND=SG-REFER INTER INFER 3-falar 1sg.II=R-POS
 "quem está me chamando"

(206) **mỹ=gỹ-ø** ø-pyri tã pa ere-ka
 IND=PL-REFER R-POS INTER INFER 2sg.I-estar
 "com quem você está"

(207) **mỹ** tã'ẽ i-ka-ø marãxeãw-a
 IND INTER 3.II-estar-I2 Marãxeãwa-REFER
 "onde está Marãxeãwa"

Veja que a referencialidade da forma **mỹ=gã** tem suas origens na noção espacial, ou seja, é a noção espacial **mỹ** ‘onde’ que passa a indicar a referência. Entretanto, a

¹⁸ O Indicativo 2 é um tipo de oração principal, com argumentos sujeito e objeto de terceira pessoa, que apresenta uma modificação no predicado, quando uma expressão adverbial ocupa a posição mais à esquerda da sentença, ou seja, iniciando-a. O I2 é caracterizado morfologicamente pelo sufixo {-i} (-i ~ -ø). A referência ao sujeito do verbo intransitivo ativo e ao objeto do transitivo é realizada somente por meio do alomorfe (i-) do prefixo {i-} da Série II. Cabe ressaltar que sintagmas nominais (argumentos nucleares) não ativam o I2. Observe que em (1a) a sentença é iniciada por um argumento nuclear e o núcleo do predicado recebe o prefixo de terceira pessoa da Série I, ao passo que em (1b) a sentença é iniciada por uma expressão adverbial, em que se verifica a marcação do I2:

(1a) **t-amōj-a** a-xãok 'y-ø r-opi
 3.II-avô-REFER 3.I-banhar-se rio-REFER R-POS
 "um avô (de gente) se banha pelo rio"

(1b) **'y-ø** r-opi i-xãok-i t-mōj-a
 rio-REFER R-POS 3.II-banhar-se-I2 3.II-avô-REFER
 "pelo rio, um avô (de gente) se banha "

Para maiores detalhes veja seção (4.4).

3.4.3 Demonstrativos espaciais e anafóricos

Os demonstrativos²⁰ são uma classe fechada. Em sua maioria são formas dêiticas, em que semanticamente estão envolvidos parâmetros de proximidade espacial, de visibilidade/não-visibilidade e de forma/posição. Há outros demonstrativos que são neutros em relação aos parâmetros descritos acima e foram denominados aqui como demonstrativos anafóricos. Já os que possuem tais parâmetros são denominados demonstrativos espaciais.

3.4.3.1 Demonstrativos espaciais

Os demonstrativos espaciais são pró-formas que revelam uma relação intrínseca entre a forma/posição e a localização do referente em relação ao falante. Ou seja, os demonstrativos espaciais indicam a locação espacial de seus referentes, na qual vinculam forma/posição, focando a perspectiva do falante, que é sempre entendido como um ponto de referência dêitica, isto é, o eixo egocêntrico-localista. Segundo Leite (1998), a forma da entidade está associada e é dependente de sua posição ‘deitado’, ‘sentado’ ou ‘em pé’. Ao mudar a posição do objeto, automaticamente, sua forma é alterada. A classificação dos demonstrativos espaciais, ou melhor, das formas geométricas proposta por Leite (1998: 87), é a seguinte:

ka	/ekwe	'ã	/epe	'yn	/ewin ²¹
próximo/distante		próximo/distante		próximo/distante	
“comprido”/“chato”		“redondo”		“alto”	

Assim, “*faca no chão, remo, canoa surubim (peixe), traíra (peixe), bicuda (peixe), rede, animais mortos, água correndo, peixe elétrico, cobra*” se enquadram nas formas descritas por **ka/ekwe**; enquanto que “*prato, peneira, cachorro, boi, homem/mulher de pé, tartaruga, arraia, árvores, pássaros, água no poço, mosca, escorpião, sapo, besouro*”

²⁰ Os demonstrativos do Tapirapé são semelhantes aos descritos para outras línguas da família Tupí-Guaraní: “*Demonstratives have a wide function in Tupí-Guaraní. The same morfemes may refer to person, objects, time or location, or they may make reference to elements of a discourse*”. (Jensen, 1998: 549)

²¹ Na ortografia da língua Tapirapé, as formas **'yn/ewin** utilizadas por Leite (*op. cit*) correspondem respectivamente a **'ỹ/ewĩ**.

incluem-se nas formas descritas por **'ã/epe**. Por outro lado, as formas **'ỹ/ewĩ** compreendem objetos tais como “*panela, copo, pacu (peixe), tucunaré (peixe), coisas empinhadas, cobra enrolada para dar o bote, abóbora, abacaxi, homem/mulher sentado(a), faca espetada numa árvore*” (Leite, *op. cit.*).

O parâmetro de distância espacial está vinculado ao eixo egocêntrico-localista do falante, ou seja, o referente está próximo dele, distante dele e perto do ouvinte ou distante dele e de seu interlocutor. Já o parâmetro de visibilidade ou de não-visibilidade²² do referente está ligado ao falante e ao interlocutor. Em geral, quando há visualização do referente, há o uso de recurso gestual. Os seguintes demonstrativos sempre indicam a visibilidade do referente:

PRÓXIMO DO FALANTE	DISTANTE DO FALANTE / PERTO DO OUVINTE	DISTANTE DO FALANTE E DO OUVINTE	FORMA
ka	ekwe	kwe	‘comprido/ chato’
'ã	epe	pe	‘redondo, não-contínuo’
'ỹ	ewĩ	wĩ	‘alto/ # apoiado sobre uma base’
‘este (a), aqui’	esse (a), aí	‘aquele (a), lá’	

Tabela 8: Demonstrativos espaciais (visibilidade)²³

As formas atribuídas ao referente são usadas de acordo com a percepção da disposição deste em uma superfície. Assim, os demonstrativos **ka** (212) e **ekwe** (213) são selecionados quando o referente está disposto de forma contínua, geralmente em posição horizontal, o que denota uma forma “comprida”.

²² Cabe ressaltar que, ao receberem os sufixos locativos {-ipe} e {-wo}, os demonstrativos espaciais indicam que o referente está fora do campo da visibilidade (não-visível) dos interlocutores.

²³ Os demonstrativos espaciais apresentam uma neutralidade em relação às funções pronominal e adverbial. Por isso estão sendo fornecidos dois tipos de glosa. Além desse fato, essas mesmas formas são usadas para referência temporal.

(212) e-pyyk **ka**
 2.IMP-pegar D.E
 "pegue este/aqui" (referindo-se a um remo deitado)

(213) yni **ekwe** e-mor ãpy
 não D.E 2sg.IMP-dar antes
 "não. Ali/aquele, dê-me"
 (referindo-se ao facão que estava no chão)

Os demonstrativos **'ã** e **epe** indicam que o referente está de forma “arredondada” e não-contínua na superfície, mas também podem indicar um tipo de forma difusa. Em geral, quando o referente é único, ou seja, uma só entidade, esses demonstrativos expressam basicamente a forma arredondada e não-contínua, como demonstram os dados (214) e (215). Contudo, podem indicar uma forma difusa, a qual está vinculada à noção de pluralidade e/ou de diversidade do referente. Neste caso, ainda se mantém a idéia de forma não-contínua. O referente pode ser animado, inanimado, humano ou não-humano, tais como, um grupo de pessoas, sentadas ou em pé, próximas umas às outras, animais juntos, utensílios domésticos etc., como no exemplo (216).

(214) **'ã** i-tow-i
 D.E 3.II-deitada-I2
 "aqui deitada"
 (referindo-se à metade de uma fatia de melancia (forma não-contínua))

(215) **epe=ga-ø** a-kwããw xe=r-exãk-a
 D.E=SG-REFER 3.I-saber 1sg.II=R-ver- REFER
 "aquele sabe que você me viu"
 (referindo-se a uma pessoa que estava parada (forma arredondada))

(216) **'ã** **i-kwãw-i**
 D.E 3.II-estar.plural-I2
 "aqui estão" (referindo-se a vários objetos em um pequeno jirau)

Por sua vez, as formas **'ỹ** e **ewĩ** indicam que o referente está disposto sobre uma base, de forma pontual na superfície. Entretanto, em geral, destaca-se a posição mais vertical do referente:

(217) **e-pyyk** **'ỹ**
 2sg.IMP-pegar D.E
 "pegue este/aqui"
 (referindo-se a um saco de farinha encostado à parede)

(218) **e-xokã** **ewĩ**
 2sg.IMP-matar D.E
 "mate essa/aqui"
 (referindo-se a uma cobra enrolada para dar o bote)

Uma característica desses demonstrativos, peculiar também a expressões adverbiais, é que eles podem ativar o **I2** (cf. (4.4)), ao se posicionarem mais à esquerda da sentença, como em (219). Entretanto, este fato só ocorre quando são interpretados como formas dêiticas. Caso contrário, quando interpretados como nome, núcleo ou modificador de sintagma nominal, não se verifica tal fenômeno (220).

(219) **ka** **i-tow-i**
 D.E 3.II-estar deitado-I2
 "aqui está" (referindo-se ao lápis sobre a mesa)

(220) **ka** **koxỹ-ø** **a-waem** **'ot-a** **ã'ẽ** **i-y-ø**
 D.E mulher-REFER 3.I-chegar 3.vir-GER CD 3.II-mãe-REFER
 "esta mulher que está chegando é mãe dela"
 (referindo-se a uma mulher que estava chegando, mas ainda estava em movimento)

Talvez esse fenômeno ocorra no Tapirapé por não haver uma nítida distinção entre a função dêitica pronominal (este (a)) e a função dêitica adverbial (aqui) dos demonstrativos espaciais. Observe que o demonstrativo **'ã**, em (221), foi interpretado como

advérbio, ao passo que o mesmo demonstrativo foi interpretado como nome em (222), inclusive com marcação do sufixo {-a} ‘referenciante’.

(221) 'ã-e'ym xe=∅-ka-∅
 D.E-NEG 1sg.II=R-roça-REFER
 "aqui não é minha roça"

(222) 'ã-e'ym-a xe=∅-ka-∅
 D.E-NEG-REFER 1sg.II=R-roça-REFER
 "esta não é minha roça"

Como se viu nos dados acima, essas formas podem ser interpretadas como “aqui” ou “este (a)”. Possivelmente, isso ocorre por serem usados de modo mais puro e geral, conforme proposto por Lyons (1975:65):

“Any theory of deixis must surely take account of the fact (must discussed in pilosophical treatments of ostensive definition) that the gesture of pointing itself will never be able to make clear whether it is some entity, some property of an entity, or some location that the addressee’s attention is being directed to. Identification by pointing, if I may use the term ‘pointing’ in a very sense, is deixis as its purest [...].”

Possivelmente, em virtude de uma tênue fronteira entre a função dêitica pronominal e a adverbial, os demonstrativos espaciais apresentam uma flutuação quanto à categoria gramatical à qual pertencem. Quando interpretados como sintagmas nominais, podem receber morfologia tipicamente nominal, como é o caso das partículas **gã** ‘singular’ (223) e **agỹ** ‘plural’ (224) e dos sufixos locativos²⁴ {-ipe} e {-wo}, em (225) e (226) respectivamente. Além desse fato, essas formas têm a possibilidade de exercer funções tipicamente nominais como núcleos de sintagmas nominais (215), determinantes (220) e

²⁴ Ao receberem os sufixos locativos {-ipe} (-ipe ~ -pe ~ -ime ~ -me) e {-wo}, os demonstrativos espaciais exercem apenas função adverbial. São as seguintes as formas dos nomes espaciais que recebem os sufixos locativos: 'ã-wo e pewo ~ epewo; 'ỹme e wĩme ~ ewĩme; kwepe ~ ekwepe. O critério de visibilidade/não-visibilidade está intrinsecamente ligado às noções endocentria de exocentria.

complemento de posposição (227). Assim, essas formas têm funções características de nomes, inclusive a marcação do morfema referenciante {-a}²⁵.

- (223) e-pyyk **ewĩ=ga-ø**
 2sg.IMP-pegar D.E=SG-REFER
 "pegue aquela" (referindo-se à melancia inteira)
- (224) **ekwe=gỹ-ø** a-ino-patār ne=ø-marākã-ø
 D.E=PL-REFER 3.I-ouvir-DES 2.II=R-canto-REFER
 "aqueles querem ouvir o seu canto"
 (referindo-se a algumas pessoas que estavam indo na direção dos interlocutores)
- (225) xãri'i-ø a-nog paraxĩ-ø **pe-wo**
 Xãri'i-REFER 3.I-por.deitado lápis-REFER D.E-LOC
 "Xãri'i colocou o lápis lá (ou por lá)"
- (226) anoxã-ø **'ỹ-me** a-ke
 rato-REFER D.E-LOC 3.I-entrar
 "o rato entrou ali"
- (227) **ka-ø** r-opi i-a-ø
 D.E-REFER R-POS 3.II-ir-I2
 "por aqui, eles foram (apontando a direção)"

Em suma, mesmo exercendo funções adverbiais e ativando o indicativo 2, os demonstrativos espaciais apresentam características nominais que permitem apontá-los como nomes. A mais marcante delas, e que os afasta das expressões adverbiais, é a possibilidade de receberem o sufixo referenciante {-a}, vedada às expressões adverbiais “genuínas”.

²⁵ Cabe ressaltar que o morfema {-a} não ocorre em expressões adverbiais.

3.4.3.2 Demonstrativos anafóricos

Há outros tipos de demonstrativos que são neutros em relação ao parâmetro de forma/função, bem como do eixo egocêntrico-localista do falante, como fazem os demonstrativos espaciais, mas que explicitam conceitos de definitude. A seguir apresento os demonstrativos anafóricos do Tapirapé:

- i) **ã'ẽ** 'ele, ela, aquele, aquela, de quem se fala, determinado'.

O uso deste pronome indica que o referente foi mencionado anteriormente. Em geral, utilizam-se as partículas **gã** 'singular' e **ãgỹ** 'plural' (exemplos (228) e (229)), mas verifica-se sua ocorrência sem esses morfemas, como em (230). Em função pronominal, a forma **ã'ẽ**, que também é usada como conector discursivo, introduzindo uma oração coordenada (cf. (7.3.1)), só ocorre em função de sujeito (exemplos de (228) a (230)) e de complemento de posposição (cf. (231)).

(228) **ã'ẽ=gã-ø** a-a Brasília-pe
 DEM=SG-REFER 3.I-ir Brasília-LOC
 "ela foi a Brasília"

(229) **ã'ẽ=gỹ-ø** a-xokã wetepe tãxão-ø
 DEM=PL-REFER 3.I-matar muitos porcão-REFER
 "eles mataram muitos porções"

(230) **ã'ẽ** rãka a-a i-kãty ranõ
 CD PAS.REC 3.I-ir 3.II-POS ITER
 "e elas foram à direção (do pequi) de novo"

(231) **ã'ẽ-ø** ø-wi i-r-or-i
 DEM-REFER R-POS 3.I-CC-vir-I2
 "de lá ele trouxe"

- ii) **emĩ** (emĩ ~ mĩ) ‘isso, aquele (a), determinado ou indeterminado, dual’

Em geral, esta forma expressa que o referente é dual (232). A forma **emĩ=gã**, ou seja, demonstrativo acrescido da partícula **gã** ‘singular’, é usada para indicar que se escolhe ou se refere a uma pessoa ou elemento perto do falante (233). Já a forma **mi=gã** indica que se escolhe ou se refere a uma pessoa ou elemento longe dos interlocutores (234). A forma **emĩ ~ emĩ=gỹ** é usada para se referir ao fato de o referente estar próximo física ou psicologicamente do ouvinte (235). Por sua vez, **mĩ ~ mĩ=gỹ** indica que o referente está longe dos interlocutores (236).

(232) ma'e-ø tã **mĩ**²⁶

IND-REFER INTER DEM

"o que são isso?" (o falante referindo-se a dois objetos que estavam na sua mão)

(233) **ã-patâr** **emĩ=ga-ø**

1sg.I-querer DEM=SG-REFER

"quero esta" (ao escolher uma blusa amarela)

(234) **e-pyyk** **mi=ga-ø**

2sg.IMP-pegar DEM=SG-REFER

"pegue aquela"

(235) **emĩ=gỹ-ø** i-ãrõãrõ-'i

DEM=PL-REFER 3.II-ser.bonito-ATE

"seus filhos são bonitos"

(236) **mĩ** **a-ãta** **a-a-wo**

DEM 3.I-caminhar 3.III-ir-GER

"os dois caminham (indo)"

²⁶ Neste caso houve a queda da vogal inicial por elisão.

iii) **ākaj** ‘aquilo, aquele, aquela, determinado e não-visível’

Este pronome tem um uso peculiar se comparado aos demais anafóricos. Em geral ele é utilizado nos casos em que o referente não foi mencionado anteriormente. É como se este estivesse residente na mente dos interlocutores, ou seja, é de conhecimento mútuo.

(237) kārāxã-∅ mō-∅ rāka a-manō
 karajá-REFER IND-REFER PAS.REC 3.I-morrer
 "— um karajá morreu"

mỹ=gã-∅ tã'ẽ
 IND=SG-REFER INTER
 "— quem?"

ākaj ∅-ewe-ho-ho
 DEM 3.II-barriga-INT-REDUP
 "— aquele que tem barrigão"

Às vezes, os interlocutores estão se referindo a alguém, a algo ou a um fato que desejam recuperar no discurso:

(238) **ākaj** kwākaj tã'ẽ
 DEM EVOC.M INTER
 "aquela como é mesmo?"

Cabe ressaltar que, à semelhança dos nomes espaciais, em algumas sentenças a forma **ākaj** pode ativar o indicativo 2:

(239) **ãpĩ-ø** a-mataj komanã-ø
 mamãe-REFER a-pimentar feijão-REFER

"— mamãe apimentou o feijão"

ma'e-ø tã'ẽ

IND-REFER INTER

"— qual?"

ãkaj i-maãpyk-i **rã'ẽ**

DEM 3.I-cozinhar-I2 PAS

"— aquele que ela cozinhou"

Entretanto, mesmo podendo ativar o indicativo 2 de modo similar aos demonstrativos espaciais, não se verifica, no **ãkaj**, a marcação do sufixo referenciante {-a}, das partículas **gã** 'singular' e **gỹ** 'plural', nem dos sufixos locativos {-ipe} e {-wo}. A inclusão desse demonstrativo na classe nominal advém do fato de ele poder funcionar como núcleo de sintagma nominal, como visto nos exemplos acima, e de não precisar receber o sufixo referenciante para ocupar uma posição de argumento, como os demonstrativos espaciais. Contudo, o funcionamento dessa forma ainda precisa ser investigado em futuros trabalhos.

3.5 A estrutura do sintagma Nominal

Os sintagmas nominais do Tapirapé são constituídos por um núcleo nominal obrigatório, com exceção do demonstrativo **ãkaj**, sempre marcado pelo sufixo referenciante {-a}, e pelos modificadores, que são elementos periféricos opcionais. Na maioria das vezes, o nome lexical constitui o núcleo do sintagma nominal. Os pronomes podem ocupar a posição de núcleo ou de modificador. A ocorrência de uma forma pronominal como núcleo exclui a possibilidade de preenchimento da posição de modificador. Os sintagmas nominais ocorrem como argumentos de predicado na função de sujeito e objeto, além de funcionarem como complemento de posposição. Os sintagmas nominais dessa língua podem ser configurados das seguintes maneiras:

a) um nome-núcleo formado apenas por um nome ou por um pronome:

Os nomes que formam os sintagmas nominais constituídos apenas pelo núcleo são o nome autônomo (dados (148) e (149)) e o nome absoluto (240), incluindo o nome próprio (dado (168)), enquanto que os pronomes que exercem esta função são os independentes (241) e os demonstrativos (cf. dados (199)-(200), (202)-(203), (205), (208)-(209), (210), (212)-(213), (215), (217)-(218) entre outros constantes da seção (3.4)).

(240) **xāwār-a** n=a-o'o-j **konomĩ-ø**
 cachorro-REFER não=3.I-morder-NEG menino-REFER
 "o cachorro não mordeu o menino"

(241) **ie-ø** ekwe ara-ma'e escola-pe
 1sg-REFER F.IMI 2sg.IV-ensinar escola-LOC
 "eu te ensinarei na escola"

b) um nome-núcleo antecedido por um modificador:

Em geral, o nome que ocupa a posição de núcleo antecedido por modificador é um nome relativo ou autônomo, mas há situações em que o nome absoluto pode receber um modificador. Neste caso, o modificador é um demonstrativo, e o nome absoluto não é introduzido pelo prefixo relacional (244). É um tipo de constituição diferente da dos nomes relativos e autônomos. Os modificadores do nome relativo podem ser os marcadores de pessoa da Série II (cf. (142)) ou III (242) ou um nome lexical (243).

(242) eiri-ø a-ãpa **a-kawĩ-ø**
 Eiri-REFER 3.I-fazer 3.III-cauim-REFER
 "Eiri faz seu próprio cauim"

(243) are-∅ rāka ara-'o **miār-a** **r-a'a-∅** i-re-ka-wo wetepe
 1excl-REFER PAS.REC 1excl.I-ingerir veado-REFER R-carne-REFER 3.II-CC-estar-GER muito
 "nós estávamos comendo muita carne de veado"

(244) **epe-∅** **akoma'e-∅** rõ'õ a-nopỹ xe=r-eymãw-a confresa-pe rã'ẽ
 D.E-REFER homem-REFER N.ASS 3.I-bater 1sg.II=R-animal.doméstico-REFER Confresa-LOC PAS
 "aquele homem (parece) bateu no meu cachorro em Confresa"

c) um nome-núcleo seguido por um modificador:

O núcleo dos sintagmas constituídos por um nome-núcleo seguido por modificadores pode conter um nome absoluto ((245) e (246)), na maioria das ocorrências, ou um nome autônomo (247). Ocorrem como modificadores os numerais ((245) e (247)) e a pró-forma **amõ** 'um (a), um pouco' (246).

(245) **māir-a** **mokōj** a-a ka-pe
 não.índio-REFER dois 3.I-ir roça-LOC
 "os dois não índios foram à roça"

(246) xane=∅-xary-a a-pyy-patār **awyr-a** **mõ-∅** confresa-pe
 1incl=R-avó-REFER 3.I-pegar-DES casa-REFER IND-REFER Confresa-LOC
 "nossa avó quer comprar uma casa em Confresa"

(247) ie-∅ ekwe ã-re-ka **xã'ẽ-∅** **maāpyr**
 1sg-REFER F.IMI 1sg.I-CC-estar panela-REFER três
 "eu terei três panelas"

d) um nome núcleo precedido e seguido por um modificador:

O sintagma nominal, nome-núcleo precedido e seguido por um modificador, corresponde a uma estrutura em que o nome-núcleo é um nome relativo, ou seja, o que requer sempre um complemento adnominal obrigatório, antecedendo-o. Os modificadores

que o seguem são a pró-forma **amõ** ‘um (a), um pouco’ e os numerais, como demonstram os dados a seguir:

(248) **xe=r-o’yw-a** **mõ-ø** a-pen
 1sg.II=R-flecha- REFER IND-REFER 3.I-quebrar
 "minha outra flecha se quebrou"

(249) **ã-paej** **rãka** **wex-yro-ø** **maãpyr**
 1sg.I-lavar PAS.REC 1sg.III-invólucro-REFER três
 "lavei minhas três roupas"

Assim, o sintagma nominal pode ser representado pelo seguinte esquema:



Em suma, a posição de modificadores pode ser preenchida por marcadores de pessoa das Séries II e III, por nomes autônomos, pelo indefinido **amõtee** e por demonstrativos que antecedem o núcleo. Já a posição que segue ao núcleo é preenchida pelo pronome indefinido **amõ** e pelos numerais.

No capítulo que se segue tratarei da classe de verbos.

Capítulo 4: O verbo

Neste capítulo discuto a classe dos verbos do Tapirapé e suas propriedades morfossintáticas. Nessa língua há dois tipos verbais, a saber: os intransitivos, que se subdividem em intransitivos ativos e descritivos, e os transitivos, todos distintos entre si por suas combinações com os marcadores de pessoa das Séries I e II. Independentemente de o verbo ser monovalente ou divalente, ele possui somente uma vaga morfológica que, no caso dos transitivos, pode ser ocupada pelo argumento Agente ou pelo Paciente, de acordo com a hierarquia de pessoa, enquanto que, nos intransitivos, esta vaga é preenchida pelo argumento único. Neste capítulo abordo, além dessas propriedades, outros fenômenos morfossintáticos e semânticos envolvendo os verbos, tais como a marcação do aspecto, da modalidade, a ocorrência do indicativo 2 e as operações de mudança de valência, nas quais está inclusa a incorporação nominal.

O capítulo está assim distribuído: na seção (4.1) demonstro os tipos de verbos; nas seções (4.2) e (4.3) trato da categoria de aspecto e modalidade, respectivamente; por sua vez, na seção (4.4) discuto o indicativo 2, fenômeno que ocorre somente com verbos ativos, ou seja, com os intransitivos e transitivos; e por último, em (4.5) são vistos os processos de ajuste de valência.

4.1 Tipos de verbo

Uma classe geral de verbos é identificada pela propriedade de seus membros poderem receber o sufixo {-**ãw**} ‘nominalização de processo, instrumento, local’, (250 e 251). A essa propriedade pode-se acrescentar a possibilidade de os verbos receberem os prefixos imperativos {**e-**} ‘2sg’ e {**pe-**} ‘2pl’ (252 e 253), os quais ocorrem em orações afirmativas (cf. (1.2.1)).

(250) *koxãwiri-ø a-ixãk i- xãj'a-ãw-a*
Koxãwiri-REFER 3.I-ver 3.II-chorar-N.PROC-REFER
"Koxãwiri a viu chorar"
(lit: Koxãwiri viu a choração dela)

(251) *ã-ixãk rãka i-nopỹ-ãw-a*
1sg.I-ver PAS.REC 3.II-bater-N.PROC-REFER
"vi a apanhação dele"
(tradução livre feita pelo informante, referindo-se à cena final de um filme de artes marciais, na qual o inimigo foi surrado violentamente).

(252) *e-pik*
2sg.IMP-parar
"fique parado"

(253) *pe-xokã ewĩ-ø maj-a*
2pl.IMP-matar D.E-REFER cobra-REFER
"matem aquela cobra"

Esta classe é constituída pelos seguintes tipos de verbos: intransitivos ativos, descritivos e transitivos. Os verbos diferenciam-se com base na utilização dos marcadores de pessoa das Séries I e II, cujos paradigmas estão demonstrados na tabela abaixo.

	SÉRIE I	SÉRIE II
1sg	ã-	xe
1incl	xi-	xane
1excl	ara-	are
2sg	ere-	ne
2pl	pe-	pe
3	a-	i- ~ ø- ~ t- ~ h-

Tabela 9: Marcadores de pessoa das Séries I e II

4.1.1 Verbos intransitivos ativos

Os verbos intransitivos ativos são identificados por se flexionarem exclusivamente com o paradigma de prefixos da Série I e por possuírem apenas um participante único.

(254) **ã-yj** rāka ã'ê nã=xe=r-ākwār-i
 1sg.I-correr PAS.REC CD não=1sg.II=R-escorregar-NEG
 "corri e não escorreguei"

(255) **ere-par** ākaj e-a-wo xe=r-exāk-a
 2sg.I-sair C.I.COM 2sg.III-ir-GER 1sg.II=R-ver-GER
 "você saiu para me ver"

(256) **ã-xāok** we-ka-wo
 1sg.I-banhar 3.III-estar-GER
 "estou banhando"

Expressam, na maioria dos casos, processos, e atos de volição e controle por parte do participante da ação. Entretanto, incluem verbos como **manō** 'morrer', **ker** 'dormir', **ka** 'estar' e **kyyx** 'ter medo'. A tabela 10 abaixo demonstra alguns verbos intransitivos ativos.

VERBOS	GLOSAS
ãpyk	‘sentar’
yj	‘correr’
ãtã	‘caminhar’
pãk	‘acordar’
a ~ ha	‘ir’
xar	‘vir’
par	‘sair’
wewe	‘voar’
xe’eg	‘falar’
pokã	‘sorrir’
’ar	‘cair’

Tabela 10: Verbos intransitivos ativos

Dentro dessa subclasse, há verbos que apresentam irregularidades quanto à flexão de pessoa. O verbo **’yj** ‘estar.sentado/estático’ não codifica a terceira pessoa com prefixo {a-} da Série I, sendo a ausência de marca pessoal a maneira de identificar esta pessoa (257). Além deste, os verbos **xar** ‘vir’ e **xow** ‘estar.deitado/estático’, à semelhança de **’yj** ‘estar.sentado/estático’, também não codificam a terceira pessoa com o marcador dessa Série. Entretanto, diferem desse por apresentar formas verbais supletivas para a terceira pessoa, **’or** ‘3.vir’ (258) e **’ow** ‘3.estar.deitado/estático’ (259). Para as demais pessoas os paradigmas desses verbos são regulares¹.

- (257) ã’ẽ i-pyter-ipe **’yj** takãr-a
 CD 3.II-centro-LOC 3.estar.sentado takãr-REFER
 "a takãra² está assentada no centro da aldeia"

¹ Paradigmas dos verbos **xar** ‘vir’, **xow** ‘estar.deitado’ e **’yj** ‘estar.sentado’:
xar ‘vir’: **ã-xar**; **ere-xar**; **xi-xar**; **ara-xar**; **pe-xar**; **’or**.
xow ‘estar.deitado/estático’: **ã-xow**; **xi-xow**; **ara-xow**; **ere-xow**; **pe-xow**; **’ow**.
’yj ‘estar.sentado/estático’: **ã-’yj**; **xi-’yj**; **ara-’yj**; **ere-’yj**; **pe-’yj**; **’yj**.

² cf. nota 39, cap.2

(258) $\tilde{a}'\tilde{e}=\tilde{g}\tilde{a}-\emptyset$ $r\tilde{a}ka$ $'\tilde{a}$ **'or** $a-m\tilde{a}r\tilde{a}k\tilde{a}-wo$
 DEM=SG-REFER PAS.REC D.E 3.vir 3.III-cantar-GER
 "ela veio aqui para cantar"

(259) $myxo'i-a'yr-a$ **'ow** $w-ajty-pe$
 andorinha-filhote-REFER 3.estar.deitado 3.III-ninho-LOC
 "o filhote de andorinha está no ninho dele"

Entre os verbos que apresentam um paradigma irregular, há ainda **$\tilde{a}'\tilde{e}$** 'dizer', que apresenta formas supletivas para todas as pessoas: **$\tilde{a}'\tilde{e}$** '1sg'; **$x\tilde{a}'\tilde{e}$** '1incl'; **$ar\tilde{a}'\tilde{e}$** '1excl'; **ere** '2sg'; **pexe** '2pl'; **e'i** '3'.

(260) $ne=\emptyset-kyr\tilde{a}-'i$ **$\tilde{a}'\tilde{e}$** $i-xope$
 2sg.II=R-ser.gordo-ATE 1sg.dizer 3.II-POS
 "você está gordinha, eu disse para ela"

(261) **pexe** $xi-kar\tilde{o}$ **ere** $i-xope$
 EXORT 1incl.I-comer 2sg.dizer 3.II-POS
 "vamos comer, você disse para eles"

(262) $xe=\emptyset-ra-a$ **e'i** $x\tilde{a}ri'i-\emptyset$ $\emptyset-we$
 1sg.II=R-CC-ir 3.dizer $X\tilde{a}ri'i$ -REFER R-POS
 "leve-me com você, ele disse para $X\tilde{a}ri'i$ "

4.1.2 Verbos descritivos

Os verbos descritivos são uma subclasse dos intransitivos que, diferentemente dos intransitivos ativos, indicam a categoria de pessoa por meio dos marcadores da Série II,

(exemplos (263) e (264)). Os descritivos³ compartilham com os verbos intransitivos ativos, como visto na seção (1.2.1), as propriedades de serem nominalizados pelo sufixo {-ãw} (265) e de poderem receber os prefixos imperativos (266), apesar de não poderem receber os prefixos da Série I. Codificam as pessoas da mesma forma que os nomes e os objetos de verbos transitivos, fazendo uso dos marcadores de pessoa da Série II.

(263) tokyn-a **i-kywer**
Tokyna-REFER 3.II-ser.magra
"Tokyna é magra"

(264) ãxyg-a r-eymãw-a⁴ **i-ārōārō** a-we-we a-ka-wo
espírito-REFER R-animal.doméstico-REFER 3.II-ser.bonito 3.III-voar-REDUP 3.III-estar-GER
"as borboletas azuis são muito bonitas enquanto voam"

(265) wākiri ne=∅-kywe-ãw-a i-ãi-ãiw
Walkíria 2sg.II=R-ser.magro-N.PROC-REFER 3.I-ser.feio-REDUP
"Walkíria, seu emagrecimento é muito feio"

(266) **ere-xinik=ewi**
2sg.IIMP-ser.triste=NEG
"não fique triste"

Os descritivos exprimem conceitos que denotam qualidades em geral, estados, incluindo conceitos como: a) dimensão: ser comprido, ser alto; b) valor: ser bom, ser bonito; c) cores: branco, amarelo, vermelho; d) propriedades físicas: ser duro, ser quente, ser doce; além de sensações psíquicas, como: estar alegre e estar triste. A tabela 11 traz alguns verbos descritivos da língua.

³ A cisão na classe de intransitivos é tratada na literatura como intransitividade cindida ou tipologia ativo-estativo (Creissels 2006, Dixon 1994, Klimov 1974, Lazard 1999, Leite (1990)).

⁴ ãxyg-a r-eymãw-a 'animal doméstico dos espíritos', um tipo de borboleta, cujas asas são azuis.

VERBOS DESCRITOS	GLOSAS
aryw	‘ser.alegre’
ārōārō	‘ser.belo’
xinyk	‘ser.triste’
kane’ō	‘estar.cansado’
kyrā	‘ser.gordo’
kāto	‘ser.bom’
poko	‘ser.comprido’
āiw	‘ser.feio’
āty	‘ser.duro’
kywer	‘ser.magro’
piryg	‘ser.vermelho’
ty’ar	‘estar.faminto’
ky’ā	‘estar.sujo’

Tabela 11: Verbos descritivos

4.1.3 Verbos transitivos

Os verbos transitivos diferenciam-se morfossintaticamente dos intransitivos ativos e descritivos por se flexionarem com os paradigmas das Séries I e II. A marcação dessas Séries não ocorre simultaneamente, uma vez que, independente da valência verbal, só há uma vaga morfológica no verbo, ou seja, somente um participante é codificado. Assim, os prefixos da Série I marcam o Agente (exemplos (267) e (268)), ao passo que os marcadores da Série II, o Paciente⁵ (exemplos (269) e (270)).

- (267) xāwār-a **a-o’o** xe=r-eymāw-a
cachorro-REFER 3.I-morder 1sg.II=R-animal.doméstico-REFER
"o cachorro mordeu minhas galinhas"

⁵ Os termos Agente e Paciente estão sendo usados prototipicamente.

- (268) ã'ẽ ekwe **a-xokã**
 CD F.IMI 3.I-matar
 "então (meu pai) vai matá-lo"
- (269) ãpĩ korinãka'i-ø **xe=ø-mook**
 mamãe Korinãka'i-REFER 1SG.II=R-molhar
 "mamãe, Korinãka'i me molhou"
- (270) vev-a **ne=r-arõ** a-ka-wo ka-pe
 Veva-REFER 2sg.II=R-esperar 3.III-esperar-GER roça-LOC
 "a Veva está esperando você na roça"

A codificação dos argumentos do verbo transitivo é regida por uma hierarquia de pessoa, abordada em (4.1.3.1), ainda nesta seção. Os verbos transitivos, de maneira similar aos intransitivos ativos, expressam predominantemente ações e atos volicionais. A seguir, na tabela 12, demonstro alguns verbos transitivos do Tapirapé.

VERBOS TRANSITIVOS	GLOSAS
'o	'comer, ingerir'
'ak	'arrancar'
kotok	'cutucar'
kyxi	'cortar'
mook	'molhar'
nopỹ	'bater'
patãr	'querer, desejar'
pyyk	'pegar, segurar'
xa'ak	'dividir'
xokã	'matar'

Tabela 12: Verbos transitivos

4.1.3.1 Hierarquia de pessoa

A ocupação da única vaga morfológica dos verbos transitivos nas orações independentes é regida por uma hierarquia de pessoa, sendo marcada a mais alta (cf. Zwicky, 1977). A primeira e a segunda pessoas são hierarquicamente superiores à terceira. Se o Agente é de primeira ou de segunda pessoa e o Paciente de terceira, será marcado o Agente, por ser hierarquicamente mais alto que o Paciente:

1sg > 3

(271) **ã-nopỹ**

1sg.I-bater

"eu bati nele"

1excl > 3

(272) **ara-mook** ã'ẽ ara-yj are-a-wo
 1excl.I-molhar CD 1excl.I-correr 1excl.III-ir-GER
 "molhamos (as meninas) e corremos (indo)"

2sg > 3

(273) **ere-pyy-pāw** mori'i-ø
 2sg.I-pegar-COM murici-REFER
 "você pegou todos os muricis"

Havendo um nivelamento entre os participantes, ou seja, uma terceira pessoa que age sobre outra terceira pessoa (3 → 3), o argumento marcado será o Agente:

(274) **a-mamyn** rõ'õ w-ã'yɾ-a⁶
 3.I-embrulhar N.ASS 3.III-filho-REFER
 "parece que ele embrulhou o filho dele"

⁶ Filho ego masculino.

Entretanto, se o Paciente é uma pessoa intralocutiva e o Agente uma pessoa extralocutiva, verifica-se que o Agente é hierarquicamente inferior ao Paciente, sendo este o argumento codificado:

3 < 1sg

- (275) i-poraãj-aramõ rãka pãxe-ø **xe=ø-pyter**
 3.II-dançar-SUB PAS.REC pajé-REFER 1sg.II=R-chupar
 "enquanto (eles) dançavam o pajé me chupou"

3 < 1excl

- (276) **are=ø-nopỹ** rãka konomĩ-wer-a mair-a ø-xãok-ãj-pe
 1excl=R-bater PAS.REC menino-COL-REFER não.índio-REFER R-banhar-P.PROC-LOC
 "os meninos bateram-nos lá no banho dos não índios"

3 < 2sg

- (277) eiri-ø **ne=r-exãk** santa terezinha-pe
 eiri-REFER 2sg.II=R-ver Santa Terezinha-LOC
 "Eiri te viu em Santa Terezinha"

3 < 2pl

- (278) xãpi'i-ø ãkaj **pe-kotok** rã'ẽ
 Xãpi'i-REFER C.I.COM 2pl.II-cutucar PAS
 "Xãpi'i cutucou vocês"

Na configuração, entre as pessoas intralocutivas, em que a segunda pessoa age sobre uma primeira (2→1), esta é hierarquicamente superior à segunda (2 < 1). Sendo assim, a vaga do verbo é ocupada pelo Paciente. Na fala dos mais velhos e, com menos frequência, na dos jovens, ocorrem pronomes livres que são restritos a essas ocasiões. Predominantemente, eles ocorrem em posição final de sentença e identificam quando o sujeito é ou inclui o ouvinte, e o objeto é de primeira singular ou exclusiva, **xepe** (2sg → 1sg), **pexepe** (2pl → 1sg), **arepe** (2sg/2pl → 1excl).

(2 < 1)

- (279) **xe=ø-ma'ẽ** **xepe**
 1sg.II=R-ensinar 2sg → 1sg
 "você me ensina"

(2pl < 1)

- (280) **peẽ-ø** **xe=ø-maky'ã** **pexepe**
 2pl-REFER 1sg.II=R-sujar 2pl → 1sg
 "vocês me sujaram"

(2sg/2pl < 1excl)

- (281) **peẽ-ø** **are=r-exãk** **arepe**
 2pl-REFER 1excl.II=R-ver 2sg/2pl → 1excl
 "vocês nos olharam"

Até agora, como pode ser observado, a primeira pessoa é hierarquicamente superior às demais. Entretanto, essa hierarquia natural **1>2>3** é quebrada quando acontece o enfrentamento das pessoas intralocutivas com a seguinte configuração: a primeira pessoa Agente age sobre a segunda Paciente (1→2). Nestes casos são usados os prefixos da Série IV⁷ {**ara-**} '2pl' e {**ãpa-**} '2sg', os quais fazem referência ao objeto, indicando que o Paciente de segunda pessoa tem proeminência em relação ao Agente de primeira pessoa. O prefixo {**ara-**} ocorre quando o Agente é de primeira pessoa singular ou primeira exclusiva e o Paciente é de segunda singular (1sg ou 1excl → 2sg), como em (282). A seu turno, o prefixo {**ãpa-**} ocorre quando o Agente é de primeira pessoa do singular e o Paciente de segunda do plural (1sg → 2pl) (283):

- (282) **ara-pyro** ekwe we-a-wo 'ãwãxi-ø ø-pyyk-a
 2sg.IV-ajudar F.IMI 1sg.III-ir-GER milho-REFER 3.II-pegar-GER
 "irei ajudar você a pegar o milho (lit: você será ajudado por mim a pegar o milho)"

⁷ Conforme a tabela 1, referente aos marcadores de pessoa (seção 2.1.1), o paradigma da Série IV é composto apenas pelos prefixos {**ara-**} '2pl' e {**ãpa-**} '2sg', que fazem referência à segunda pessoa do plural e à segunda pessoa do singular, respectivamente.

- (283) ie-∅ **ãpa-nopỹ**
 1sg-REFER 2plIV-bater
 "eu bato em vocês"

A ruptura da cadeia hierárquica (**1<2**) dá-se possivelmente em consequência de regras sociais de polidez, que suavizem o enfrentamento entre o falante e o ouvinte. Isto é, o falante refere-se ao seu interlocutor de forma indireta. Esse tipo de ruptura na hierarquia de pessoa é também verificado em outras línguas da família Tupí-Guaraní. Segundo Monserrat & Facó Soares (1983:181), a quebra da hierarquia de pessoa ocorre “por competição semântica entre os referentes de primeira e segunda pessoas, na relação específica sujeito “eu”/objeto “você”.

4.1.3.2 Ausência de verbos divalentes com oblíquo obrigatório e de bitransitivos

4.1.3.2.1 Inexistência da classe de verbos divalentes com oblíquo obrigatório

Alguns verbos intransitivos têm sua ocorrência basicamente vinculada a um complemento posposicional, regido pela posposição *ee* (ee ~ e), cujos significados são ‘relativo’(‘com respeito a’, ‘em relação a’, ‘por causa de’) e ‘locativo instrumental’(‘em’, ‘por meio de’). Tal fato poderia guiar uma análise segundo a qual esses verbos são tratados como uma classe de verbos “transitivos indiretos”, ou seja, de verbos divalentes com oblíquo obrigatório. Semanticamente, eles podem ser definidos como verbos de cognição e percepção, e são os seguintes: **ma’ẽ** ‘olhar’ (284), **’ew** ‘gostar’ (285) e **eã** ‘lembrar’ (286), sendo que apenas o verbo **ma’ẽ** ‘olhar’ flexiona com o paradigma de pessoa da Série I, enquanto que os outros dois flexionam com o paradigma da Série II.

- (284) ie-∅ rãka **ã-ma’ẽ** **∅-ee** ã’ẽ rãka ã’ẽ=gã-∅ n=a-ma’ẽ xe=r-ee
 1sg-REFER PAS.REC 1sg.I-olhar 3.II-POS CD PAS.REC DEM=SG-REFER não=3.I-olhar 1sg.II=R-POS
 "eu a olhei e ela não me olhou"

(285) xiwa'ã-∅ **i-'ew** mani'yw-a **r-e**
 caititu-REFER 3.II-gostar maniva- REFER R-POS
 "o caititui gosta de maniva"

(286) xe=r-eã **ne=r-ee**
 1sg.II=R-lembrar 2sg.II=R-POS
 "lembrei-me de você"

Apesar de ocorrerem basicamente com essa posposição, observa-se que o constituinte posposicional não é um argumento nuclear, ou seja, um complemento oblíquo exigido pelo verbo. Os referidos verbos podem ocorrer sem a presença desse constituinte (287) ou com um constituinte posposicional regido por outra posposição, como **kāty** (288), por exemplo.

Um outro fator que corrobora a evidência de que o constituinte posposicional é um oblíquo e não um argumento do verbo está relacionado à sua posição na sentença. Quando uma expressão adverbial, seja um constituinte posposicional ou qualquer advérbio, ocupa a posição mais à esquerda da sentença, ela ativa o indicativo 2⁸. Cabe ressaltar que o indicativo 2 só é ativado por adjuntos extra núcleo oracional (cf. (4.4)). Os argumentos nucleares, portanto, não ativam o indicativo 2 por serem constituintes internos ao núcleo oracional. Diferentemente do que postulam Caldas e Da Silva (2002) para o Proto-Tupí-Guaraní, não há, no Tapirapé, uma classe de verbos bivalentes com complemento oblíquo obrigatório.

(287) ãpi ie-∅ **xe=r-eã**
 mãe 1sg-REFER 1sg.II=R-lembrar
 "mamãe, eu me lembrei"

⁸ Sobre o **I2**, veja seção (4.4) deste capítulo.

- (288) ie-∅ ã-ma'ẽ-ixe kwe-∅ ∅-kãty ã'ẽ ã-jxãk anoxã-∅
 1sg-REFER 1sg.I-olhar-GRAT D.E-REFER R-POS CD 1sg.I-ver rato-REFER
 "olhei (à toa) naquela direção e vi o rato"

4.1.3.3 Inexistência de verbos bitransitivos

O sufixo {-akãr}⁹, cuja ocorrência é exclusiva de verbos transitivos (ou transitivizados pelo causativo {-ma}), é conhecido na literatura da família lingüística Tupí-Guaraní como *causativo de verbos transitivos*. No Tapirapé, esse sufixo também é exclusivo de verbos transitivos, [V.TRANS-akãr], entretanto, apresenta um funcionamento diferente do das demais línguas, uma vez que o referido morfema pode ou não introduzir um participante na cadeia da ação (cf. os exemplos (289b) e (290b), respectivamente, antecedidos pelos seus pares (289a) e (290a) sem a marcação do sufixo {-akãr}).

- (289a) ãpi-∅ a-mook korinãka'i-∅
 mamãe-REFER 3.I-molhar Korinãka'i-REFER
 "mamãe molhou Korinãka'i"

- (289b) marãxe'i-∅ ãpi-∅ ∅-we a-mook-akãr korinãka'i-∅
 Marãxe'i-REFER mamãe-REFER R-POS 3.I-molhar- MASD Korinãka'i-REFER
 "Marãxe'i molhou Korinãka'i por meio de mamãe"

- (290a) marare-∅ a-ma-yj kotãtã'i-∅
 vaca-REFER 3.I-CAUS-correr menina-REFER
 "a vaca fez a menina correr"

⁹ Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula (1983:41) denominam o sufixo {-akãr} de *aspecto mandativo*. Segundo esses autores, 'o aspecto mandativo exprime que um agente dá ordem a outrem para este praticar determinada ação'.

(290b) marare- \emptyset a-ma-yj-**akār** kotātā'i- \emptyset
vaca-REFER 3.I-CAUS-correr-MASD menina-REFER
"a vaca mandou a menina correr"¹⁰

Comparando os exemplos (289a) e (289b), observe-se que no segundo exemplo foi introduzido um novo participante, *Marãxe'i*, e o verbo recebe o morfema {-**akār**}. O novo participante ocupa a posição de sujeito, e, como a posição do objeto já estava ocupada, o participante demovido da posição de sujeito recebe uma marca de oblíquo. Ao examinar os dados (290a) e (290b), entretanto, percebe-se que, no segundo, a sufixação do referido morfema não alterou a estrutura da oração, que continua com o mesmo número de participantes. A análise dos dados acima suscita a questão de o novo participante introduzido em (290b) ser um argumento nuclear do verbo ou apenas um oblíquo.

A introdução de um novo participante no evento, no qual há dois participantes, gera uma reorganização na estrutura argumental. Com a introdução do *causador*, o participante que ocupava a posição de sujeito é demovido para a posição de oblíquo, que é regida pela posposição *we* 'dativo'. A posição de objeto, por sua vez, mantém-se inalterada, como demonstram os dados que se seguem.

(291a) 'āwāxi'i- \emptyset **a-xaak** ma'i'i- \emptyset
arroz-REFER 3.I-pilar Ma'i'i-REFER
"Ma'i'i pilou o arroz"

(291b) porãke'i- \emptyset **a-xaak-akār** 'āwāxi'i- \emptyset ma'i'i- \emptyset \emptyset -we
Porãke'i-REFER 3.I-pilar-MASD arroz-REFER Ma'i'i-REFER R-POS
"Porãke'i pisou o arroz por meio de Ma'i'i"¹¹

Em Tapirapé, uma característica dos argumentos nucleares sujeito e objeto, enquanto sintagmas nominais, é que eles podem ser elididos quando mencionados

¹⁰ Utilizo a tradução dada pelos Tapirapé.

¹¹ Outra tradução possível é dada pelos próprios Tapirapé: Porãke'i mandou Ma'i'i pilar o arroz.

anteriormente (292b). Os oblíquos, por sua, não são obrigatórios, entretanto podem ser evocados pelo falante (293b).

(292a) **ãxe'i** rãka moro- \emptyset i-pyyk-i peke'i- \emptyset
 ontem PAS.REC Moro-REFER 3.II-pegar-I2 pequi-REFER
 "ontem Moro pegou pequi"

(292b) **ãxe'i** rãka i-pyyk-i
 ontem PAS.REC 3.II-pegar-I2
 "ontem (ela) pegou"

(293a) xãri'o- \emptyset a-ãpa-paw tope- \emptyset ¹² 'ygixe
 Xãri'o-REFER 3.I-fazer-COM tope-REFER agora
 "Xãri'o terminou de fazer o tope agora mesmo"

(293b) a-ãpa-paw **ne= \emptyset -we**
 3.I-fazer-COM 2SG.II=R-POS
 "(ele) terminou de fazer para você"

Outra característica dos oblíquos, peculiar às expressões adverbiais, é que eles podem ativar o indicativo 2 (cf. (4.4)), quando se encontram na primeira posição da sentença, como no exemplo a seguir:

(294) wãkiri **ne= \emptyset -we** **i-ãpa-paw-i** 'ygixe
 Walkíria 2sg.II=R-POS 3.II-fazer-COM-I2 agora
 "Walkíria, ele terminou de fazer para você agora mesmo"
 (referindo-se ao tope)

¹² Tipo de peneira com um trançado elaborado que forma figuras geométricas. A confecção da peneira é um trabalho masculino. Entretanto a mulher pode ajudar a remover a tinta excedente para destacar as figuras.

Os oblíquos *causado* decorrentes da marcação do sufixo {-akār}, à semelhança das expressões adverbiais, também ativam o indicativo 2, ao ocuparem a posição mais à esquerda da sentença:

- (295) ipa'yw-a ø-we **i-ãpa-pãw-akār-i**
 Ipa'ywa-REFER R-POS 3.II-fazer-terminar- MASD-I2
 "por meio de Ipa'ywa, ele terminou de fazer"

Até esse momento da pesquisa, parece-me que o oblíquo *causado* não demonstra possuir propriedades formais que o qualifiquem como argumento nuclear. Além disso, ativa o indicativo 2, como as demais formas adverbiais. O oblíquo *causado* (296) possui uma estrutura paralela à dos sintagmas posposicionais com papel semântico de beneficiário, ou seja, são regidos pela posposição *we* 'dativo' (297).

- (296) **ã-pyro-akār** kwee kanio'i-ø teny-ø ø-we
 1sg.I-ajudar-MASD PAS.MED Kanio'i-REFER Teny-REFER R-POS
 "eu ajudei Kanio'i por meio do Teny"

- (297) mani'aki-ø a-ma-na korowã-ø **kātowyg-a** **ø-we**
 mani'aki-REFER 3.I-CAUS-ir abóbora-REFER Kātowyga-REFER R-POS
 "Mani'aki mandou abóbora para Kātowyga"

Quando há a ocorrência de quatro participantes no evento, o *causador*, o paciente, o beneficiário e o *causado*, observa-se que o argumento com papel semântico de beneficiário tem primazia sobre o *causado*, sendo este sempre antecedido por aquele:

- (298) ã-ãpa-pãw-akār tope-ø **ne=ø-we** **ipa'yw-a** **ø-we**
 1sg.I-fazer-COM-MASD topé-REFER 2sg.II=R-POS Ipa'ywa-REFER R-POS
 "eu terminei de fazer o tope para você por meio da Ipa'ywa"

Com base no que foi visto, não há diferença gramatical entre o beneficiário e o *causado*. A única diferença existente entre esses dois oblíquos é que o beneficiário

antecede o *causado* quando há ocorrência de um quarto participante. Uma evidência relevante para considerar que o *causado* não é um argumento nuclear repousa no fato de que os argumentos nucleares, em posição inicial de sentença, não ativam o indicativo 2, ao passo que o *causado*, à semelhança das expressões adverbiais, nas quais estão incluídos os sintagmas regidos por posposições, o ativa. Logo, o sufixo {-**akār**} não altera a valência do verbo transitivo, ou seja, não deriva verbos bitransitivos. Sua ocorrência fundamenta-se na motivação semântica de que o participante que ocupava a posição de sujeito ter sido demovido para a posição de objeto ou de oblíquo, por causa da introdução de um novo participante, reter um alto grau de agentividade.

A não existência de verbos bitransitivos pode ser também verificada no funcionamento dos processos de ajustes de valência promovidos pelos morfemas {**xe-**} ‘reflexivo’ (cf (4.5.1)), que reduz a valência, e pelo {**ma-**} ‘causativo’ (cf (.4.5.3)), que aumenta a valência verbal, em co-ocorrência com o sufixo {-**akār**} ‘mantenedor de agentividade do sujeito demovido (MASD). Na seqüência de exemplos abaixo se observa que em (299a) o verbo **pyk** ‘cobrir’ é um verbo transitivo que possui dois argumentos nucleares, **Xe’ã** e **Tokyna**. Já em (299b), o verbo foi intransitivizado pelo reflexivo e passou a ter apenas um argumento, **Tokyna**. Entretanto, em (299c) o verbo foi causativizado pelo sufixo {**ma-**}, que implementou uma vaga na estrutura argumental, introduzindo um novo participante, **Xe’ã**. O participante **Tokyna**, que inicialmente ocupava a posição de sujeito, foi demovido para a posição de objeto. A ocorrência do sufixo {-**akār**}, simultânea aos operadores de valência, indica que o participante que ocupava a posição de sujeito mantém sua agentividade e que age sobre si mesmo, isto é, o reflexivo refere-se ao objeto (participante demovido) e não ao sujeito.

(299a) **xe’ã-∅** **a-pyk** tokyn-a
 Xe’ã-REFER 3.I-cobrir Tokyna-REFER
 "Xe’ã cobriu Tokyna"

(299b) tokyn-a **a-xe-pyk**
 Tokyna-REFER 3.I-REF-cobrir
 "Tokyna se cobriu"

- (299c) xe'ã-ø tokyn-a **a-ma-xe-pyk-akâr**
 Xe'ã-REFER Tokyna-REFER 3.I-CAUS-REF-cobrir- MASD
 "Xe'ã mandou Tokyna se cobriu"

4.2 Aspecto

A categoria aspecto é expressa de diferentes maneiras em Tapirapé, podendo ser marcada no verbo ou por meio de partículas (cf. (6.1)). No que tange ao verbo, essa categoria pode ser expressa por meio de reduplicação (cf. (2.8)) ou por sufixação. A reduplicação expressa basicamente o aspecto iterativo e o de intensificação. Os aspectos iminentivo e completivo são expressos por sufixação.

i) iterativo (reduplicação)

O aspecto iterativo é marcado em verbos ativos por meio da reduplicação (cf. (2.8)). Esse processo exprime que a ação verbal se repete e é inconclusa, porém não manifesta duração¹³ do evento.

- (300) ãwãrã'i-ø **a-ke-ke** takâr-ipe
 ãwãrã'i-REFER 3.I-entrar-REDUP takãra-LOC
 "Ãwãrã'i entrou várias vezes na takãra"
- (301) ere-ixâk **a-xa-pa-pyy-pyk** a-kwãp-a
 2sg.IMP-ver 3.I-REC-mão-pegar-REDUP 3.III-estar-GER
 "veja! eles estão brigando"
 (lit: veja! Eles se mão-pegar (várias vezes) estão)

¹³ A noção de duração do evento é expressa, em Tapirapé, pelos verbos intransitivos **ka** 'estar', **kw** 'estar.dual', **kwãw** 'estar.plural' e pelos verbos posicionais **xow** 'estar.deitado/estático' e **'ỹj** 'estar.sentado/estático', **pa'ym** 'estar.em.pé/estático', marcados com o gerúndio, isto é, em função de auxiliar. O exemplo (301) demonstra a ocorrência do aspecto duração simultaneamente ao iterativo

- (302) **a-xe'e-xe'eg-oo** ne=r-ee
3.I-falar-REDUP-INT 2sg=R-POS
"ela fala (mal) de você repetidamente"

ii) **intensificação (reduplicação)**

Em verbos descritivos, a reduplicação está sempre associada à intensidade do estado ou do atributo expresso pelo verbo:

- (303) **xe=∅-poga-poga**
1sg.II=R-ser.podre-REDUP
"estou extremamente cansada"

- (304) **i-kyrã-∅** **i-ãj-ãjw**
3.II-ser.gordo-REFER 3.II-ser.feio-REDUP
"a gordura dele é muito feia"

iii) **iminentivo** {-exĩ }

Este sufixo exprime que o início da ação ou de um estado é iminente, (305) e (306). Pode ser traduzido como “estar prestes a”. Além disso, ele co-ocorre como o sufixo {-pãw} ‘completivo’, indicando o início da finalização completa da ação, como em (307).

- (305) **ãpi** **ã-xokã-exĩ** wyrãkãj-a
mamãe 1sg.I-matar-IMI galinha-REFER
"mamãe, estou prestes a matar a galinha"

- (306) **e-ixãk** **anoxã-∅** **a-par-exĩ** 'ỹ-me
2sg.IMP-ver rato-REFER 3.I-sair- IMI D.E-LOC
"veja! o rato está prestes a sair dali"

- (307) ie-∅ ã-xãok-pãw-exĩ
 1sg-REFER 1sg.I-banhar-COM-IMI
 "estou prestes a terminar de banhar"

iv) **completivo** {-pãw}

O item lexical **pãw** “acabar, terminar” é um verbo intransitivo ativo, usado basicamente na terceira pessoa. Em oração independente, ele se flexiona com os marcadores da Série I, (308). Entretanto, este item lexical está passando por um processo de gramaticalização, sendo utilizado como auxiliar para exprimir noção aspectual “completivo”, {-pãw}, marcado apenas em verbos ativos. Esse auxiliar sinaliza que a ação foi completamente realizada pelos participantes do evento.

Em verbos intransitivos, o auxiliar {-pãw} indica que o participante único terminou de realizar a ação expressa pelo verbo, ou seja, manifesta a finalização do evento, exemplo (309). Por sua vez, em verbos transitivos, com objeto cujos referentes são contáveis, esse sufixo manifesta que a ação se completou por atingir a totalidade desses referentes (310). Em verbos transitivos, cujos referentes do objeto são não contáveis, esse sufixo exprime a conclusão do processo verbal (311).

- (308) tãtã-∅ **a-pãw** xe=∅-wi
 banana-REFER 3.I-acabar 1sg.II=R-POS
 "as bananas acabaram (de mim)"

- (309) akoma'e-kwer-a **a-mãrãkã-pãw**
 homem-GRUP-REFER 3.I-cantar-COM
 "os homens terminaram de cantar"

- (310) pitỹwer-a **a-'o-pãw** xe=∅-wi narãxi-∅
 criança-REFER 3.I-ingerir-COM 1sg.II=R-POS laranja-REFER
 "as crianças comeram todas as (minhas) laranjas"

- (311) ãpi-∅ **a-ãpa-pãw** t-emi-'o-∅
 mamãe-REFER 3.I-fazer-COM 3.II-N.PAC-ingerir-REFER
 "mamãe acabou de fazer a comida (de gente)"

O auxiliar {-**pãw**} ‘completivo’, como visto no exemplo (307), pode co-ocorrer com o sufixo também aspectual {-**exĩ**} ‘iminentivo’. Ademais, pode manifestar-se com o auxiliar {-**kãto**} ‘apreciativo’ (cf. (4.3)), que exprime modalidade, (312). O morfema {-**pãw**} é afixado diretamente à base verbal, o que significa dizer que os demais sufixos sempre o sucedem.

- (312) morixow-a **a-'o-pã-gãto**
 Morixowa-REFER 3.I-ingerir-COM-APREC
 "Morixowa comeu tudo mesmo"

4.3 Modalidade

Diferentes modalidades são expressas no verbo por meio de sufixos e de auxiliares. Alguns desses auxiliares são resultantes de processos de gramaticalização de bases verbais produtivas na língua. Os sufixos que exprimem modalidade são i) {-**ixe**} ‘gratuito’, ii) {-**werer**} ‘contrafactual’, iii) {-**wer**} ‘propensão’, ao passo que os auxiliares são: iv) {-**patãr**} e {-**wej**} ‘desiderativo’, v) {-**kwããw**} ‘potencialidade’ e vi) {-**kãto**} ‘apreciativo’.

- i) **gratuito** {-**ixe**}

Este sufixo expressa noções como gratuidade, isto é, de forma desinteressada, à toa (313), falha (314) e depreciação (315). Anexa-se a verbos transitivos, intransitivos ativos e descritivos. Nos verbos descritivos, verifica-se basicamente a noção depreciativa.

- (313) tokyn-a **a-mana-ixe** xe=ø-we
Tokyna-REFER 3.I-dar-GRAT 1sg.II=R-POS
"Tokyna deu-me (gratuitamente)"
- (314) **ã-awy-ixe** anoxã-ø ã'ẽ a-xe-mim
1sg.I-flechar-GRAT rato-REFER CD 3.I-REFL-esconder
"flechei em vão o rato, então ele se escondeu"
- (315) xe=r-opy-ø **i-ãj-ãjw-ixe**
1sg.II=R-pai-REFER 3.II-ser.feio-REDUP-GRAT
"meu pai é muito feio"

ii) **contrafactual {-werer}**

O contrafactual {-werer}¹⁴ ocorre em verbos ativos, expressando que o evento não se concretizou conforme o previsto. Em geral, as causas da não realização do evento, conforme desejado, não são explicitadas.

- (316) ã'ẽ=ga-ø **a-xokã-werer** xãwãr-oo-ø
DEM=SG-REFER 3.I-matar- CONTR onça-INT-REFER
"ele quase matou a onça"
- (317) ie-ø kwee **ã-'ã-werer**
1sg-REFER PAS.MED 1sg.I-cair- CONTR
"eu quase cai"
- (318) **xe=ø-poro'ã-werer**
1sg.II=R-estar.grávida- CONTR
"eu quase fiquei grávida"

¹⁴ Os Tapirapé traduzem esse morfema como 'quase'.

iii) **propensão** {-wer}

O sufixo {-wer} ‘propensão’ não é muito produtivo. Ocorre apenas em verbos intransitivos. Indica que o participante único tem inclinações a determinadas ações, como em (319), ou a certos estados, tais como ‘ser.doente’, ‘estar.gripado’, ‘estar.gordo’ (320). Quando afixado a verbos intransitivos ativos, estes verbos se tornam descritivos e, em decorrência deste fato, flexionam com os marcadores de pessoa da Série II (exemplo (319)).

(319) **i-te’oma-wer**

3.II-trabalhar-PROP

"ele tem propensão ao trabalho"

(320) xe=r-ãty-ø **i-kyrã-wer**

1sg.I=R-esposa-REFER 3.II-ser.gordo-PROP

"minha esposa tem propensão a ser gorda"

iv) **desiderativo** {-patâr} e {-wej}

O desiderativo é expresso pelos morfemas {-patâr}¹⁵ e {-wej}, afixados ao verbo principal (V-**patâr**; V-**wej**). A forma {-patâr} é claramente o item lexical **patâr** ‘querer, desejar’, que desempenha um papel de categorização semântica, ou seja, de auxiliar:

¹⁵ A gramaticalização do verbo “querer” é atestada em várias línguas do mundo, como no inglês, por exemplo. Em línguas da família Tupí-Guaraní, a gramaticalização do verbo ***potar** ‘querer, desejar’ pode expressar a noção de futuro, de desejo, ou ambas. Conforme Kakumasu (1986:385), em Urubu ka’apor, o sufixo {-**ta**} expressa tanto o sentido de futuro quanto de desejo. Entretanto, o morfema {-**ta**} do Guaraní (Vieira, 1993) e seu cognato {-**tal**} do Emerillon (Rose, 2003:425) expressam o sentido de futuro. Em Tapirapé, o auxiliar {-**patâr**} expressa o sentido de desiderativo. A noção de futuro é expressa pelo demonstrativo espacial **ekwe** ‘aquele, lá’ na segunda posição da sentença (cf. (3.4.3.1)) e pela partícula **ne** ‘futuro’, que ocorre no final da sentença.

(321) ie- \emptyset **ã-patâr** ne= \emptyset -a- \emptyset
 1sg-REFER 1sg.I-querer 2sg.II=R-ir-REFER
 "eu quero sua ida"

(322) e-mor i-xope **a-patâr** marâxi- \emptyset
 2sg.IMP-dar 3.II-POS 3.I-querer melancia-REFER
 "dê a ele, ele quer melancia"

A ocorrência do morfema {-**patâr**} é bastante produtiva em verbos transitivos (323), intransitivos ativos (324) e descritivos (325). O morfema {-**wej**}¹⁶, por sua vez, tem ocorrência restrita. Ocorre exclusivamente posposto ao verbo transitivo 'o 'ingerir, comer' (326).

(323) confresa- \emptyset \emptyset -dotor- \emptyset rãka **n=ã-ixã-matâr-i**
 Confresa-REFER R-dotor-REFER PAS.REC não=1sg.I-ver-DES-NEG
 "o doutor de Confresa não quis vê-la"

(324) **n=ã-ke-patâr-i**
 não=1sg.I-dormir-DES-NEG
 "não quero dormir"

(325) veva- \emptyset panẽ **i-kyrã-patâr**
 Veva-REFER FRUST 3.II-ser.gordo-DES
 "Veva, em vão, quer engordar"

(326) **ara-'o-wej** panẽ rãka marare-a'a- \emptyset ã'ẽ rãka wyrãkãj-a xe ara-'o
 1excl.I-ingerir-DES FRUST PAS.REC vaca-carne-REFER CD PAS.REC galinha-REFER REST 1excl.I-ingerir
 "desejamos comer, em vão, carne de vaca e só comemos galinha"

¹⁶ Este morfema possui cognato em Tupinambá. Segundo Lemos Barbosa (1956:309-310), **seĩʷ** 'ter vontade de, querer' refere-se apenas a apetites fisiológicos e emprega-se apenas com objetos incorporados.

v) **potencialidade, habilidade** {-kwããw}

O auxiliar {-kwããw} exprime ‘potencialidade, habilidade’. Afixa-se a verbos transitivos (327) e intransitivos (328). Este morfema é resultante da gramaticalização do verbo **kwããw** ‘saber, conhecer’ (329), bastante produtivo enquanto item lexical.

(327) makãto-∅ a-ãpa-**kwããw** tamãkorã-∅
 Makãto-REFER 3.I-fazer-POT tamãkorã-REFER
 "Makãto sabe fazer tamãkorã"

(328) konomĩ-∅ a-’yytã-**kwããw** w-ow-a ∅-xãwie
 menino-REFER 3.I-nadar-POT 3.III-pai-REFER R-POS
 "o menino sabe nadar igual ao pai dele"

(329) ãpi-∅ **a-kwããw** tãtã-∅ ∅-’o-pã-ãw-a
 mãe-REFER 3.I-saber banana-REFER R-ingerir-COM-N.PROC-REFER
 "mãe soube que eles comeram todas as bananas"
 (lit:mãe soube da começão de todas as bananas)

À semelhança da forma {-pãw} ‘completivo’, o auxiliar de potencialidade pode co-ocorrer com o sufixo {-kãto} ‘apreciativo’:

(330) ie-∅ **ã-xemimõj-kwãã-gãto**
 1sg-REFER 1sg.I-cozinhar-POT-APREC
 "eu sei cozinhar bem"

vi) **apreciativo** {-kãto}

A forma **kãto**, cujo significado é ‘ser.bonito, ser.bom’, é um verbo intransitivo descritivo que flexiona com os marcadores de pessoa da Série II, como no exemplo (331). No entanto, observa-se que este verbo vem sendo gramaticalizado e ocorre como auxiliar

{-kãto} ((v-kãto)). Esse morfema exprime o sentido ‘apreciativo, maneira’, no qual se incluem noções como ‘bem, realmente’, indicando que a ação foi realizada de maneira satisfatória, ou seja, com um alto grau de eficiência. Ocorre em verbos transitivos (332), intransitivos ativos (333) e descritivos (334). Ademais, ele co-ocorre com o completivo {-pãw} (312).

(331) **ne=r-etym-a** **i-kãto**
 2sg.II=R-casa-REFER 3.II-ser.bonito
 "sua casa é bonita"

(332) **xe=r-opy-ø** **mĩ** **a-ãpa-kãto** 'yropem-a
 1sg.II=R-pai-REFER HAB 3.I-fazer-APREC peneira-REFER
 "meu pai faz bem peneiras "

(333) **eiri-ø** **a-ke-kãto**
 Eiri-REFER 3.I-dormir-APREC
 "Eiri dorme bem"

(334) **wãkiri** **i-e-kãto** **xe=r-ee**
 Walkiria 3.II-gostar-APREC 1sg.II=R-POS
 "Walkíria, gosta muito de mim"

4.4 O Indicativo 2

O indicativo 2 (**I2**) caracteriza-se por ser uma construção com argumentos sujeito e objeto de terceira pessoa, resultante de uma modificação no predicado, motivada pela ocorrência de uma expressão adverbial¹⁷ na posição mais à esquerda da sentença, isto é, iniciando-a. Esse tipo de construção só ocorre em verbos transitivos e intransitivos ativos. Morfologicamente, o **I2** é caracterizado pelo sufixo {-i} (-i ~ -ø)¹⁸. Esta construção apresenta um alinhamento ergativo, no qual a referência ao sujeito do verbo intransitivo e

¹⁷ A descrição das expressões adverbiais é feita no capítulo 6.

¹⁸ O morfema {-i} ocorre como (-i) após consoante e como (-ø) após vogal.

ao objeto do transitivo é realizada somente por meio do alomorfe (i-) do prefixo {i-} da Série II.

Cabe ressaltar que o alomorfismo característico do paradigma de terceira pessoa dessa Série não se propaga a esse morfema no **I2**. O núcleo do predicado recebe a seguinte morfologia: (**i-v-i**) [3.II-verbo-I2], independentemente de o núcleo do predicado ser um verbo transitivo (335) ou intransitivo ativo (336). Entretanto, se a primeira posição for preenchida por outros constituintes, tais como sintagmas nominais¹⁹ (337) e (338) ou pelo próprio verbo (339), observa-se que o verbo flexiona com os prefixos marcadores de pessoa da Série I.

(335) **ãxe'i** rãka **i-exãk-i** wetepe wyrã-wyrã-∅ xe=r-opy-∅ **kã'ã-pe**
ontem PAS.REC 3.II-ver-I2 muitos pássaros-REDUP-REFER 1sg.I=R-pai-REFER mata-LOC
"ontem meu pai viu muitos pássaros na mata"

(336) **'y-∅** **r-opi** **i-xãok-i** t-amōj-a
rio-REFER R-POS 3.II-banhar-I2 3.II-avô-REFER
"pelo rio, um avô (de gente) toma banho"

(337) **makãto-∅** rō'õ **a-moon** a-men-a **ãxiwe**
Makãto-REFER N.ASS 3.I-pintar.de.preto 3.III-marido-REFER amanhã
"Makãto (parece) vai pintar o marido dela amanhã"

(338) **wãkiri-∅** mĩ **a-xãok** 'y-∅ **r-opi**
Walkíria-REFER HAB 3.I-banhar rio-REFER R-POS
"Walkíria sempre toma banho pelo rio"

¹⁹ Os sintagmas nominais podem ser completamente elididos uma vez mencionados anteriormente.

- (339) **ara-nopỹ** **ã'ẽ=gỹ-ø** **kã'ã-pe**
 1incl.I-bater DEM=SG-REFER mata-LOC
 "batemos neles na mata"

O **I2** é conhecido na literatura sobre línguas da família Tupí-Guaraní como modo indicativo II (Rodrigues, 1953; Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula 1983; Praça, 2002) ou circunstancial (Rodrigues, 1996; Praça, 1999). Até o momento, essa construção parece ser um fenômeno restrito a essa família. O funcionamento desse fenômeno apresenta algumas diferenças de língua para língua. No Tupinambá, por exemplo, diferentemente do Tapirapé, o **I2** ocorre também com argumentos de primeira pessoa e a negação é feita por meio do sufixo {-e'ym}. Contudo, apesar das variações apresentadas de uma língua para outra, o cerne da questão é o mesmo: expressões adverbiais, ao serem deslocadas para a primeira posição da sentença, a posição mais à esquerda, geram modificações morfológicas no núcleo do predicado das orações principais.

Praça (2001) imputa à topicalização de um complemento circunstancial a ocorrência do **I2** no Tapirapé. Sugere, assim, que a primeira posição não é uma posição canônica de expressões adverbiais que, como elementos periféricos, ocupam, em geral, a posição final da sentença, apesar de esses elementos poderem ocupar outras posições como, por exemplo, a pós-verbal. Contudo Praça (*op. cit*) deixa em aberto muitos pontos concernentes a esta construção.

A primeira posição da sentença é privilegiada do ponto de vista informacional e é, freqüentemente, ocupada por sintagmas nominais. Entretanto, uma questão que parece ser pertinente é: por que somente as expressões adverbiais podem ativar o **I2** ao ocupar essa posição? Minha hipótese para esta questão é a de que as expressões adverbiais são elementos periféricos ao núcleo da oração²⁰, enquanto que os argumentos nominais são elementos internos. Sintaticamente, as expressões adverbiais são 'adjuntos extra núcleo oracional', isto é, compõem a oração, no entanto, não fazem parte do núcleo oracional. O núcleo da oração, neste caso, é constituído apenas pelo predicado e seus argumentos, ou

²⁰ Segundo Longacre (1985), oração é uma unidade gramatical baseada na interação de forma e função, sendo sua função básica a predicação.

seja, um predicado com sua estrutura argumental saturada, como demonstram os exemplos a seguir:

- (340) **xãwãroo-ø marare-ø ø-memyr-a a-xokã**
 onça-REFER vaca-REFER R-filhote-REFER 3.I-matar
 "a onça matou o bezerro" (lit. a onça o filhote da vaca matou)

- (341) **xãko'iãpari-ø a-waem**
 Xãko'iãpari-REFER 3.I-chegar
 "Xãko'iãpari chegou"

Ocorre, entretanto, que as expressões adverbiais acrescentam informações adicionais à oração, e, por não serem essenciais à predicação, geralmente, ocupam a posição final nas sentenças, como nos exemplos (337) a (339). Contudo, se as expressões adverbiais forem deslocadas para a posição mais à esquerda (exemplos (335), (336)), passam a ser o rema, a informação mais importante, recaindo sobre elas um relevo informacional maior, que contextualiza o evento descrito pelo verbo. Desse modo, somente as expressões adverbiais podem instituir um ambiente informacional ao qual a predicação se refere, sem, todavia, comporem o núcleo oracional, pois, uma vez que os sintagmas nominais são elementos internos ao núcleo oracional, não poderiam exercer tal função.

Comumente em uma oração, o predicado é o rema²¹, a informação central e nova. Em uma oração como (342) abaixo,

- (342) **xe=r-eymãw-a a-yj kwãxi-ø r-ewiri**
 1sg.II=R-animal.doméstico-REFER 3.I-correr quati-REFER R-POS
 "meu animal doméstico (cachorro) correu atrás do quati"

²¹ As noções de **tema** e **rema** surgiram no seio da Escola lingüística de Praga. Essas noções são definidas em termos da estrutura informacional do enunciado: tema constitui a informação previamente dada, ou inferível, enquanto que rema corresponde à informação central, nova. Essas noções têm sido abordadas de maneira bastante diferentes, de acordo com o ponto de vista adotado pelos autores ou por distintas escolas lingüísticas.

tem-se, em [*xe=r-eymãw-a a-yj*], o núcleo oracional (um predicado com sua estrutura argumental saturada), em que [*xe=r-eymãw-a*] é o sujeito, [*a-yj*] o predicado, e [*kwãxi-ø r-ewiri*] é o adjunto extra núcleo oracional. Pragmaticamente, o sujeito é o tema, ao passo que o predicado é o rema, o constituinte da oração que possui a maior carga informacional. Apesar de serem sintaticamente adjuntos extra núcleo oracionais, as expressões adverbiais carregam consigo uma informação adicional à oração. A partir do momento em que são deslocadas à esquerda, desrematizam o predicado.

A natureza pragmática dessa operação é revelada na forma do verbo, que adota um alinhamento ergativo. Ele toma uma forma não finita na recuperação dos seus argumentos, que é a mesma das nominalizações. Sujeito e objeto pegam a forma de genitivo, flexionando com o prefixo {*i-*} da Série II, e a desrematização do predicado é marcada pelo sufixo {-*i*} (343b). Observe que, no exemplo (343a), o predicado recebe morfologia de verbo ativo.

(343a) *ã'ẽ=ga-ø* *rõ'õ* **a-moon** a-men-a *ãxiwe*
 DEM=SG-REFER N.ASS 3.I-pintar 3.III-marido-REFER amanhã
 "parece que elas pintarão os maridos delas amanhã"

(343b) **ãxiwe** *rõ'õ* *ã'ẽ=ga-ø* **i-mooni** a-men-a
 amanhã N.ASS DEM=SG-REFER 3.II-pintar-I2 3.III-marido-REFER
 "parece que é amanhã que elas pintarão os maridos delas"

A negação de predicado {*na=....-i*}²² faz com que o predicado mantenha seu status de rema, mesmo que expressões adverbiais ocupem a periferia à esquerda. A negação, por ser um tipo de foco contrastivo (cf. Givón, 2001), aumenta a carga informacional do predicado, impedindo-o de perder sua função remática. Nestes termos, o verbo fica

22 O morfema {-*i*} da negação de predicado {*na=....-i*} tem distribuição diferente da do morfema {-*i*} do I2. O alomorfe (-*i*) ocorre em temas terminados em consoante exceto /j/; o alomorfe (-*j*) ocorre em temas terminados em vogal exceto /i/, enquanto que o alomorfe (-[ɨ]) aparece em temas terminados em /i/ ou /j/.

inalterado, ou seja, mantém suas características de verbo finito, flexionando com o prefixo {a-} da Série I, como demonstram os exemplos a seguir:

- (344) epe kã'ã-pe n=a-kwãw-i magãw-ã
 D.E mata-LOC não=3.I-ser.pl-NEG mangaba-REFER
 "lá na mata não tem mangaba"
- (345) ãxe'i rãka n=a-a-j xe=r-opy-ø ka-pe
 ontem PAS.REC não=3.I-ir-NEG 1sg.II=R-pai-REFER roça-LOC
 "ontem meu pai não foi na roça"
- (346) majtyri-pe kwee n=a-xokã-j wetepe tãxão-ø
 Majtyri-LOC PAS.MED não=3.I-matar-NEG muito porcão-REFER
 "em Majtyri, eles não mataram muitos porções"

A negação do adjunto extra núcleo oracional, que ocorre por meio da negação de constituinte {-e'ym} (cf. (2.7)), apesar de ser também um tipo de foco contrativo, não altera o status de rema do predicado da oração afirmativa:

- (347) mãir-a a-xãok 'y-ø r-opi-e'ym
 não.índio-REFER 3.I-banhar água-REFER R-POS-NEG
 "o não.índio banhou não no rio"

4.5 Mudanças de valência

Esta seção trata dos processos de mudança de valência verbal em Tapirapé. As modificações de valência, em geral, são descritas em termos da promoção ou destituição sintática dos argumentos em virtude da hierarquia das funções sintáticas (Comrie, 1981: 149 e 170). Há cinco grandes mecanismos de mudança de valência em Tapirapé, a saber: a

forma {**xe-**} ‘reflexivo’; {**xa-**} ‘recíproco’; {**ma-**} ‘causativo’²³; {**era-**} (**era-** ~ **ra-** ~ **r-** ~ **ere-** ~ **re-** ~ **wera-** ~ **wer-**) ‘causativo comitativo’²⁴ e a incorporação nominal que, dependendo do tipo do nome incorporado, pode também reduzir a valência do verbo. Como se pode observar, os operadores morfológicos de ajuste de valência são todos prefixos, enquanto que os morfemas que exprimem aspecto e modalidade são sufixos.

4.5.1 Reflexivo {**xe-**}

O reflexivo {**xe-**}25 é um tipo de mecanismo de ajuste que reduz a valência de verbos bivalentes em monovalentes, como demonstram os exemplos (348b) e (349b), antecedidos pelas formas equivalentes sem reflexivização em (348a) e (349a). Esse morfema é prefixado à raiz verbal e é precedido pelos marcadores de pessoa. O prefixo reflexivo {**xe-**} indica identidade entre o Agente e o Paciente do evento.

(348a) **ãpi-ø** **a-moon** kori-ø **ã'ẽ** ø- awy-awy-pãw a-ka-wo
 mamãe-REFER 3.I-pintar.de.preto Kori-REFER CD 3.II-ser.escurο-REDUP-COM 3.III-estar-GER
 "mamãe pintou Kori de preto e ele ficou todo escuro"

(348b) **ã-waem** **rãka** we-a-wo tãj-pe **ã'ẽ** **ã-xe-moon**
 1sg.I-chegar PAS.REC 1sg.III-ir-GER aldeia-LOC CD 1sg.I-REF-pintar.de.preto
 "eu cheguei à aldeia e pinteime de preto"

(349a) **ie-ø** **ã-kã** 'ywãw-a
 1sg-REFER 1sg.I-quebrar copo-REFER
 "eu quebrei o copo"

²³ "... uma construção causativa relaciona-se a uma segunda construção mais simples, transitiva ou intransitiva, da qual ela difere por ter a presença adicional de um SN percebido como o instigador direto da ação expressa na construção mais simples..." Trask (1996:38) traduzido.

²⁴ Utilizo aqui a terminologia tradicionalmente adotada para a descrição das línguas da família Tupí-Guaraní. Cabe ressaltar que, em muitos casos, o semantismo de morfema não é de causativo.

²⁵ Esse morfema também ocorre em posposição, simultaneamente aos marcadores de pessoa da Série III, que indicam correferencialidade entre participantes.

- (349b) 'ywãw-a **a-xe-kã**
 copo-REFER 3.I-REF-quebrar
 "o copo se quebrou"

Freqüentemente, o reflexivo {**xe-**} co-ocorre com o causativo {**ma-**} (cf. (4.5.3)):

- (350) **a-xe-ma-mar** rãka tãxão-ø a-a-wo kã'ã-ø r-opi
 3.I-REF-CAUS-sair PAS.REC porcão-REFER 3.III-ir-GER mata-REFER R-POS
 "o porcão se fazia pular indo pela mata"

4.5.2 Recíproco {**xa-**}

O recíproco {**xa-**}, à semelhança do reflexivo, é um tipo de operador de ajuste que também reduz a valência verbal de bivalentes, tornando-os monovalentes, como se pode verificar nos pares de exemplos ((351a) e (351b)) e ((352a) e (352b)). Ele ocorre entre o prefixo marcador de pessoa e a raiz verbal e expressa ações semelhantes e simultâneas entre os participantes de um mesmo evento. São dois ou mais participantes que agem igualmente um em relação ao outro. Eles são, ao mesmo tempo, Agente e Paciente, entretanto não são correferentes:

- (351a) **e-pyyk** ekwe=gã-ø
 2sg.IMP-pegar D.E=SG-REFER
 "pegue aquela"

- (351b) tãwãxãr-a **a-xa-pyyk** takope-pe
 outros.índios-REFER 3.I-REC-pegar pátio-LOC
 "os outros índios brigam no pátio da aldeia"
 (lit: os outros índios se pegam no pátio)

(352a) ekwe- \emptyset akoma'e- \emptyset **a-xokã**²⁶ marare- \emptyset \emptyset -memyr-a
 D.E-REFER homem-REFER 3.I-matar vaca-REFER R-filho-REFER
 "aquele homem matou o bezerro"²⁷

(352b) kã'i- \emptyset **a-xa-xokã-patâr** ãxoro- \emptyset \emptyset -ne
 macaco-REFER 3.I-REC-machucar-DES papagaio-REFER R-POS
 "o macaco e o papagaio estão querendo se machucar"

4.5.3 Causativo {ma-}

O causativo {**ma-**} é um operador de ajuste de valência muito produtivo em Tapirapé. Afixa-se a núcleos de predicados intransitivos, aumentando-lhes a valência. O resultado desse processo [**ma-PREDICADO.INTRANSITIVO**] é sempre uma construção transitiva, como se pode observar nos exemplos (353b), (354b) e (355b), antecedidos pelas formas equivalentes sem a causativização (em (353a) verbo intransitivo ativo, (354a) verbo descritivo e (355a) nome). Como qualquer construção transitiva, observa-se a ocorrência da hierarquia de pessoa, como demonstram os dados (353c), (354c) e (355c).

(353a) kotâtã'i- \emptyset **a-yj**
 menina-REFER 3.I-correr
 "a menina correu"

(353b) marare- \emptyset **a-ma-yj** kotâtãi- \emptyset
 vaca-REFER 3.I-CAUS-correr menina-REFER
 "a vaca fez a menina correr"

(353c) marare- \emptyset **xe= \emptyset -ma-yj**
 vaca-REFER 1sg.II=R-CAUS-correr
 "a vaca fez-me correr"

²⁶ O verbo **xokã** possui o semantismo de 'machucar ou matar'.

²⁷ O homem estava em movimento.

- (354a) **i-kane'õ**
 3.II-estar.cansado
 "ele cansou"
- (354b) me'i-∅ **a-ma-kane'õ**
 Me'i-REFER 3.I-CAUS-estar.cansado
 "Me'i o cansou"
- (354c) ie-∅ **ãpa-ma-kane'õ**
 1sg-REFER 2pl.IV-CAUS-estar.cansado
 "eu fiz vocês se cansarem"²⁸
- (355a) tãpapytyg-a **i-pyyro**
 Tãpapytyga-REFER 3.II-sapato
 "Tãpapytyga tem sapato (lit: Tãpapytyga sapato dela (existe))"
- (355b) ie-∅ tãpapytyg-a **ã-ma-pyyro**
 1sg-REFER Tãpapytyga-REFER 1sg.I-CAUS-sapato
 "eu provi Tãpapytyga de sapato"
 (lit: eu fiz Tãpapytyga ter sapato)
- (355c) ã'ẽ=gã-∅ **ara=∅-ma-pyyro**
 DEM=SG-REFER 1excl.IV=R-CAUS-sapato
 "ele proveu-nos de sapato"
 (lit: ele fez-nos ter sapato)

²⁸ Este exemplo compõe um diálogo em que um ancião Tapirapé pergunta aos jovens se eles estavam cansados: **peẽ tã pe=∅-kane'õ** (2pl INTER 2pl.II=R- estar.cansado) 'vocês estão cansados'. Quando recebeu a resposta afirmativa, disse a todos que ele havia os feito cansar, referindo-se à longa distância que eles tinham percorrido para conhecer uma antiga aldeia.

Ao aumentar o número de argumentos, o causativo {**ma-**}²⁹ promove uma reorganização da cadeia de ação. O novo participante *causador* ocupa a posição de sujeito e, automaticamente, o participante que ocupava a posição de sujeito passa a ocupar a vaga de objeto na estrutura argumental. O participante introduzido é um argumento nuclear do verbo. Semanticamente, observa-se que há também uma intervenção direta e física por parte do *causador*, ou seja, uma concentração de energia por parte do *causador*, que provoca uma mudança de estado no *causado*.

O causativo {**ma-**} pode co-ocorrer com o reflexivo {**xe-**}. Nesse tipo de construção, verifica-se um jogo de mudança de valência, em que uma construção divalente é intransitivizada pelo reflexivo {**xe-**} (356). Por sua vez, o causativo devolve-lhe a transitividade, como demonstra o exemplo (357).

(356) tãxão-∅ mĩ **a-xe-ma-ãwã** mani'ak-a r-e
 porcão-REFER HAB 3.I-REF-CAUS-gente mandioca-REFER R-POS
 "o porcão sempre se cria na mandioca"³⁰

(357) wer-or tamanowa-∅ memyr-a **i-ma-xe-ma-ãwã-wo**
 3.CC-vir tamanduá-REFER filho-REFER 3.II-CAUS-REF-CAUS-gente-GER
 "ela trouxe um filhote de tamanduá para criá-lo"

4.5.4 Causativo comitativo {**era-**}

O causativo comitativo {**era-**} (**era-** ~ **ra-** ~ **r-** ~ **ere-** ~ **re-** ~ **wera-** ~ **wer-**) é um aplicativo³¹ que, diferentemente do morfema {**ma-**}, aumenta a valência verbal apenas de verbos intransitivos ativos. O produto dessa operação é sempre uma construção transitiva,

²⁹ Há vários verbos transitivos lexicalizados oriundos de antigas causativizações do prefixo {**ma-**} em Tapirapé. Segundo Bybee (1985:18), a combinação semântica do causativo com o tema verbal provoca consideráveis mudanças de significado no verbo.

³⁰ Referindo-se aos porções que estavam comendo as mandiocas da roça.

³¹ "Aplicativo" é um processo morfossintático que promove um participante para a posição de objeto.

como pode ser verificado nos pares de exemplos ((358a) e (358b) e (359a) e (359b)), onde se observa também a ocorrência da hierarquia de pessoa (360).

(358a) xãko'iãpari-ø rãka 'ã 'or a-mãrãkã-wo
 Xãko'iãpari-REFER PAS.REC D.E 3.vir 3.III-cantar-GER
 "Xãko'iãpari veio aqui para cantar"

(358b) ã'ẽ rãka **wer-or** xawaxio-ø mããpyr i-pyyk-a xe= r-opy-ø
 CD PAS.REC 3.CC-vir tartaruga-REFER três 3.II-pegar-GER 1sg.II=R-pai-REFER
 "aí meu pai trouxe três tartarugas que ele pegou"

(359a) xãri'i-ø **a-par** a-yj-ta
 Xãri'i-REFER 3.I-sair 3.III-correr-GER
 " Xãri'i saiu correndo "

(359b) e-**ra-par**-o'o
 2sg.IMP-CC-sair-INTENS
 "saia rápido com ela (com a motinha³²)"

(360) ãpi ã'ẽ=gã-ø **are-wer-or** kaho-ø ø-pe
 mamãe DEM=SG-REFER 1excl.II-CC-vir carro-REFER R-POS
 "mamãe, ela nos trouxe de carro"

Esse morfema possui um semantismo peculiar que o vincula, predominantemente, a verbos de movimento (exemplos (358b) e (359b)), a verbos posturais (361) e (362) e ao verbo **ka** 'estar' (363).

(361) ãpi-ø a-pir-ak **i-r-yn-a** tãxão-ø
 mamãe-REFER 3.I-pele-arrancar 3.II-C.C-estar.sentado-GER porcão-REFER
 "mamãe arrancou a pele do porcão estando sentada (com ele)"

³² Tipo de velocípede confeccionado em plástico.

(362) ma'era tã'ẽ ere-pyyk i-r-a'ym-a
 por.que INTER 2sg.I-segurar 3.II-CC-estar.em.pé-GER
 "por que você o segura, estando em pé"

(363) ã'ẽ=gã-ø ekwe **were-ka** w-ã'yr-a³³
 DEM=SG-REFER F.IMI 3.CC-estar 3.III-filho-REFER
 "a onça (macho) estará com o filhote dele"

4.5.5 Incorporação nominal

A incorporação nominal só ocorre em verbos transitivos e pode causar ou não mudança na valência verbal. As construções em que a incorporação nominal motiva a redução de valência verbal podem ser descritas como um tipo de formação de palavras em que um 'objeto' é incorporado pelo verbo transitivo, que passa a ser intransitivo, conforme Sapir (1911). O verbo absorve um argumento, que se torna inerte sintaticamente, perdendo automaticamente sua referencialidade. Nome e verbo passam a formar um predicado intransitivo que representa uma atividade ou estado institucionalizado, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

(364) agỹ-ø mĩ **a-pirã-paj** pinã-ø ø-pe
 PL-REFER HAB 3.I-peixe-alimentar anzol-REFER R-POS
 "eles sempre pescam com anzol"
 (referindo-se aos Tapirapé)

(365) eirowi-ø **a-yty-peir** a-ka-wo ne=r-etym-a
 Eirowi-REFER 3.I-lixo-varrer 3.III-estar-GER 2sg.II=R-casa-REFER
 "Eirowi está varrendo sua casa"

³³ Filho do ego masculino

- (366) xiwã'ã-ø mĩ a-'y-'o 'yopãj-pe
 caititu-REFER HAB 3.I-água-ingerir lago-LOC
 "o catitu sempre bebe água no lago"

Nesses exemplos, os compostos lexicais designam um novo campo semântico. Em (364) **pirã-paj** 'peixe-alimentar' significa "pescar com anzol"; em (365), **yty-peir** 'lixo-varrer' significa "varrer" e não apenas "lixo"; em (366), **'y-'o** 'água-ingerir' significa "beber", ou seja, "ingerir qualquer tipo de líquido".

A intransitivização do verbo é uma consequência da incorporação, embora não seja sua finalidade. A perda da posição referenciante está diretamente ligada ao tipo do nome incorporado. Nos exemplos acima, os nomes incorporados - **pirã** "peixe", **yty** "lixo", **'y** "água"- são nomes absolutos (cf. (3.13)), os quais não possuem um complemento obrigatório, como ocorre com os nomes relativos (cf. (3.11)). Ao formarem, juntamente com o verbo, um composto, esses nomes têm eliminadas suas posições argumentais por não terem outros participantes - neste caso, seus complementos - para ocupá-las.

Há ainda um segundo tipo de incorporação nominal, no qual o verbo transitivo mantém sua valência. Neste caso, a incorporação do argumento libera uma posição na estrutura argumental, porém, esta posição não é eliminada. O argumento incorporado é o núcleo de um nome relativo, que mantém uma relação de dependência com o seu complemento adnominal. O verbo, ao incorporar o argumento, abre uma vaga na estrutura argumental, que é ocupada por outro participante mais saliente: o complemento adnominal obrigatório do nome relativo, exemplos (367a), (368a) e (369a). O nome incorporado perde seu status sintático de argumento, e sua referencialidade é eliminada. Entretanto, esse nome continua a manter uma dependência semântica de paciente com o seu genitivo, o qual é alçado para a posição de argumento.

(367a) **konomĩ-ø a-ẽã-kotok ãxoro-ø**
 menino-REFER 3.I-olho-cutucar papagaio-REFER
 "o menino cutucou o olho do papagaio"
 (lit: menino olho-cutucou o papagaio)

(368a) **ã'ẽ xe=r-opy-ø a-pir-ak i-r-ot-a xãwãpinim-a**
 CD 1sg.II=R-pai-REFER 3.I-pele-arrancar 3.II-CC-vir-GER onça.pintada-REFER
 "então meu pai arrancou a pele da onça pintada e trouxe-a consigo"
 (lit: então meu pai pele-arrancou onça pintada e trouxe-a consigo)

(369a) **wex-etym-a rãka ã-wãjpy-petek i-re-ka-wo**
 3.III-casa-REFER PAS.REC 3.III-interior-bater 3.II-CC-estar-GER
 "estava batendo o interior (chão) da minha casa"
 (lit: minha casa interior-bati, estando ele comigo)

Para melhor exemplificar a relação genitiva entre os nomes relativos e seus complementos adnominais obrigatórios, apresento abaixo, em (367b), (368b) e (369b), paráfrases sintáticas correspondentes às incorporações nominais, vistas em (367a)-(369a) acima.

(367b) **konomĩ-ø a-kotok ãxoro-ø r-ẽã-ø**
 menino-REFER 3.I-cutucar papagaio-REFER R-olho-REFER
 "o menino cutucou o olho do papagaio"

(368b) **kyxe-ø ø-pe i-ak-i xãwãpinim-a ø-pir-er-a**
 faca-REFER R-POS 3.I-arrancar-I2 onça.pintada-REFER R-pele-PN-REFER
 "com a faca ele arrancou a pele da onça pintada"

(369b) **wex-etym-a r-õwãjpy-ø rãka ã-ãpa-kãto i-re-ka-wo**
 3.III-casa-REFER R-interior-REFER PAS.REC 1sg.I-fazer-APREC 3.II-CC-estar-GER
 "o interior (chão) da minha casa, eu fiz bem"

Um fato que demonstra que nesse tipo de incorporação nominal o verbo mantém sua valência é que o verbo pode ser intransitivizado pelo reflexivo {**xe-**} mesmo com um nome incorporado. Observe que no exemplo (370), o nome relativo **ãw** ‘cabelo’ recebe o prefixo {**w-**} ‘3.III’, o qual identifica o complemento nominal como sendo correferente ao sujeito da oração. Esse nome, ao ser incorporado, libera a posição de objeto. Entretanto, como o participante mais saliente é correferente ao sujeito, a posição de objeto é preenchida pelo reflexivo (371).

(370) ãpi-∅ mĩ **a-patokã** **w-ãw-a** ’y-pe
 mamãe-REFER FREQ 3.I- lavar 3.III-cabelo-REFER rio-LOC
 "minha mãe sempre lava os cabelos dela no rio"

(371) ãpi-∅ mĩ a-xãok ’y-pe ã’ẽ **a-xe-ã-patokã**
 mamãe-REFER FREQ 3.I-banhar rio-LOC CD 3.I-REF-cabelo-lavar
 "minha mãe sempre banha no rio e lava os cabelos dela"

Como pode ser observado nos exemplos (367a), (368a) e (369a), os complementos **ãxoro** ‘papagaio’, **xãwãpinim** ‘onça’ e **etym** ‘casa’, respectivamente, foram alçados para a posição de argumento por serem mais proeminentes semanticamente que os seus núcleos. Queixalós (2000)³⁴ classificou esse tipo de incorporação nominal de ‘redistributiva direta’, comparando-a a um jogo de cartas. Isto é, o jogo morfossintático que ocorre entre os argumentos é semelhante a um jogo de cartas, em que os participantes podem ser redistribuídos em uma posição argumental de acordo com o seu grau de saliência.

Como visto, a incorporação nominal pode alterar ou não a valência verbal. A mudança da valência do verbo está diretamente ligada ao tipo de nome incorporado. A incorporação de nomes absolutos diminui a valência verbal, ao passo a incorporação de

³⁴ Queixalós (*op. cit*) descreve a incorporação nominal como “absorção de um argumento por um verbo”, cuja finalidade é construir uma noção complexa, mais compacta, em que o sentido do nome incorporado tende a modelar sensivelmente o sentido do verbo, enriquecendo-o e complementando-o. Em termos funcionais, a incorporação muda o foco nos participantes e promove elementos não nucleares à posição de argumentos. O participante, ao ser incorporado, continua sendo mencionado na cena descrita, no entanto é colocado em segundo plano. Esse autor classifica a incorporação nominal em: a) recessiva, devido à diminuição da valência; b) distributiva, por manter a valência verbal; c) classificatória e d) anafórica.

nomes relativos a mantém. Cabe ressaltar que os verbos incorporadores são sempre transitivos, têm conteúdo semântico dinâmico, denotam ações concretas, sempre volicionais, e incorporam o argumento interno.

No próximo capítulo abordarei as expressões adverbiais.

Capítulo 5: Expressões adverbiais

Neste capítulo trato das expressões adverbiais, elementos que exercem funções circunstanciais na oração. Estes elementos pertencem a diferentes classes, tais como posposições, locuções posposicionais, quantificadores, bem como advérbios. Apesar de não possuírem semelhanças semânticas, compartilham propriedades distribucionais e morfológicas que justificam serem agrupados sob o título de expressões adverbiais, a saber: ativam o **indicativo 2** (cf. (4.4)), ao ocuparem a posição mais à esquerda da oração, iniciando-a, e podem ser nominalizados pelo sufixo **{-wār}** ‘nominalização de circunstância’ (cf. (3.3.2.1.2)).

Este capítulo está dividido em três seções. Em (5.1), abordo as posposições; a seguir, em (5.2) as locuções posposicionais. Em (5.3) a quantificação é discutida. Em seguida, em (5.4), discuto os advérbios temporais, locativos dêiticos e de maneira.

5.1 Posposições

As posposições são uma classe fechada de elementos que, à semelhança dos nomes relativos, mantêm uma relação intrínseca com uma expressão referencial, que é o seu complemento nominal obrigatório. As posposições, que são o núcleo do sintagma posposicional, são precedidas pelo prefixo relacional **{r-}** (r- ~ ø- ∞ n-) (cf. (2.2)), quando seu complemento é um sintagma nominal sempre marcado com o sufixo **{-a}** ‘referenciante’ (372), ou um clítico da série II (373). Caso contrário, elas são introduzidas pelo prefixo **{i-}** de terceira pessoa da Série II (374) ou pelo paradigma de pessoa da Série III (375).

- (372) xãwãr-a a-yj **wyrākāj-a** **r-ewiri**
cachorro-REFER 3.II-correr galinha-REFER R-POS
"o cachorro correu atrás da galinha"
- (373) pitywer ã-xe'eg 'ã 'op-a **pe=n-ee**
criança 1sg.I-falar D.E 3.estar.deitado-GER 2pl.II=R-POS
"criançada, estou falando de (em) vocês agora"
- (374) e-ma-na **i-xope**
2sg.IMP-CAUS-ir 3.II-POS
"dê para ela"
- (375) xyre-'i-ø=agỹ-ø tanã rãka a-xe'e-xe'eg **a-xa-ope**
rapaz-ATE-REFER=PL-REFER CERT PAS.REC 3.I-falar-REDUP 3.III-REC-POS
"os rapazinhos conversaram entre si"

As posposições podem receber os prefixos {**xe-**} 'reflexivo' e {**xa-**} 'recíproco'. Estes vêm posicionados entre o marcador de pessoa e o radical. Cabe ressaltar que, nestes casos, as posposições recebem o paradigma da Série III e seus complementos nominais são correferentes com o sujeito da oração, como pode se vê nos seguintes exemplos:

- (376) ie-ø rãka ã-ã mãir-a ø-tāj-pe
1sg-REFER PAS.REC 1sg.I-ir não.índio-REFER R-aldeia-LOC
ma'e-ma'e-ø ø-pyyk-a **we-xe-we**
coisa- REDUP- REFER R-pegar-GER 1sg.III- REF-POS
"eu fui à cidade para comprar coisas para mim mesmo"
- (377) **a-xa-ewiri** rõ'õ rākã'ẽ mĩ i-ka-ø
3.III- REC-POS N.ASS P.REM.N.A HAB 3.II-estar-I2
"eles sempre estavam um atrás do outro (parece)"

5.1.2 Formas e significados das posposições

As posposições podem associar-se a um só papel semântico ou a distintos papéis semânticos. A seguir apresento as formas e os significados das posposições.

- i) **we** (we ~ ope ~ xope)

Esta posposição é associada aos seguintes papéis semânticos:

a) ‘destinatário’

Com este semantismo, a referida posposição ocorre apenas em construções transitivas.

- (378) ãpyãw-a a-mor **xe=ø-we** **mori-o-ø**
 Ãpyãwa-REFER 3.II-dar 1sg.II=R-POS murici- INT-REFER
 "Ãpyãwa deu-me murici grande"

b) ‘benefactivo’

Em construções transitivas, esta posposição também pode exprimir a noção de ‘em favor de’ ou ‘benefício de’.

- (379) ãpi-ø a-yr ’ipirã-ø **xe=r-opy-ø** **ø-we**
 mamãe-REFER 3.I-assar peixe-REFER 1sg.I=R-pai-REFER R-POS
 "mamãe assou peixe para o meu pai"

c) ‘causado’ (causee)

Ocorre em construções transitivas com o sufixo {-akār} ‘mantenedor de agentividade do participante demovido da posição de sujeito’ (MASD).

- (380) xe=r-amõj-a a-ãpa-akãr **xãrio-ø** **ø-we** o'yw-a
1sg.II=R-avô-REFER 3.I-fazer-MASD Xãrio-REFER R-POS flecha-REFER
"meu avô fez flecha por meio de mim"

d) 'complementação de relação'

A complementação de relação ocorre em construções intransitivas e exprime o sentido de 'no que respeita a'.

- (381) **tãxão-ø** rõ'õ a-xarõ **i-xope**
porcão-REFER N.ASS 3.I-ficar.bravo 3.II- POS
"o porcão ficou bravo no que respeita a ele"
(lit: o porcão ficou bravo para ele)

- ii) **wi** (wi ~ xowi)

a) 'ablativo'

Indica um ponto de partida, o início de uma trajetória.

- (382) **confresa-ø** **ø-wi** rãka ara-a porto.alegre-pe
Confresa-REFER R-POS PAS.REC 1excl.I-ir Porto.Alegre-LOC
"de Confresa fomos para Porto Alegre"

- (383) xaryj-a a-kyyxe **axyg-a** **ø-wi**
minha.avó-REFER 3.I-ter.medo espírito-REFER R- POS
"minha avó tem medo de espíritos"

b) 'comparativo de superioridade'

Estabelece comparação entre dois participantes, indicando que um participante é superior ao outro.

- (384) **xãri'i-ø** mĩ a-ãtã wetepe **marãxe'i-ø** **ø-wi**
Xãri'i-REFER HAB 3.I-andar muito Marãxe'i-REFER R-POS
"Xãri'i sempre anda muito mais que Marãxe'i"

iii) **pyri** 'comitativo'

Exprime a noção de companhia. Ocorre, geralmente, em construções intransitivas.

- (385) we-xãok-pãw-ire ekwe ã-xãr **ne=ø-pyri**
1sg.III-banhar-COM-CONS F.IMI 1sg.I-vir 2sg.II=R-POS
"depois que eu acabar de banhar virei ficar com você"

- (386) mỹ=gã-ø tã epe a-teomar a-ka-wo **i-pyri**
IND=SG-REFER INTER D.E 3.I-trabalhar 3.III-estar-GER 3.II-POS
"quem está lá trabalhando com ele?"

iv) **ee** (ee ~ e)

a) 'superessivo'

Expressa a noção de 'em contato com, sobre'.

- (387) koxỹmoko-ø mĩ a-ãpa oroko-ø **w-ãw-a** **r-e**
moça-REFER HAB 3.I-fazer urucum-REFER 3.III-cabelo-REFER R-POS
"a moça sempre faz urucum no cabelo dela"

b) Complemento determinativo de matéria

- (388) konomĩ-wer-a=agỹ-ø i-'ew petek-a **ø-ma-mar-a** **r-e**
 menino-GRUP-REFER=PL-REFER 3.II-gostar bola.de.gude-REFER R-CAUS-sair-REFER R-POS
 "os meninos gostam de jogar bola de gude"

b) 'por causa de'

- (389) koxỹ-wer-a mĩ wera-a i-re-ka-wo **ø-ee**
 mulher-GRUP-REFER HAB 3.CC-ir 3.II-CC-estar-GER 3.II-POS
 "a mulherada sempre vai por causa dele"
 (referindo-se ao murici)

d) 'sobre, a respeito'

- (390) tokyn-a a-xe'eg pãxe-ø **r-aryw-a** **r-e**
 Tokyna-REFER 3.I-falar pajé-REFER R-alegria-REFER R-POS
 "Tokyna falou sobre a festa do pajé"

v) **ne** 'coordenação'

Esta posposição coordena dois sintagmas nominais.

- (391) xe=r-opy-ø rãka a-a **ãpĩ-ø** **ø-ne** ka-pe
 1sg.II=R-pai-REFER PAS.REC 3.I-ir mamãe-REFER R-POS roça-LOC
 "meu pai e mamãe foram à roça"

- (392) tãpapytyg-a n=a-paej-ø t-yro-ø **xã'ẽ-ø** **ø-ne** rã'ẽ
 Tãpapytyga-REFER não=3.I-lavar-NEG 3.II-roupa-REFER panela-REFER R-POS PAS
 "Tãpapytyga não lavou roupa nem panela"

vi) **opi** ‘perlativo’

Indica lugar através do qual se passa. Ocorre em construções com verbos de movimento.

- (393) a-xe-ma-mat-ã rãka tãxão-ø i-a-ø kã’ã-ø **r-opi**
 3.III-REF-CAUS-sair-GER PAS.REC porcão-REFER 3.II-ir-I2 mata-REFER R-POS
 "foi pulando que o porcão foi pela mata"

- (394) ’or tã ekwe awyr-a **r-opi-opi**
 3.vir INTER F.IMI casa-REFER R-POS-REDUP
 "ele virá pelas casas?"
 (referindo-se ao comprador de artesanato que estava na aldeia)

vii) **pe** ‘instrumento’

É um participante inanimado usado pelo agente.

- (395) Xãri’i-ø mĩ tãre’yr-a a-pyyk **pinã-ø** **ø-pe**
 Xãri’i-REFER HAB traíra-REFER 3.I-pegar anzol-REFER R-POS
 "Xãri’i sempre pega traíra com anzol"

- (396) ã-xokã kwee okomari-ø **we-kyxeo-ø** **ø-pe**
 1sg.I-matar PAS.MED cobra.coral-REFER 1.sg.III-facão-REFER R-POS
 "matei a cobra coral com meu facão"

viii) **pype**

a) ‘inessivo’

Expressa a noção de localização interna.

- (397) ma'e-ø tã ewĩ 'ŷj **i-pype**
IND-REFER INTER D.E 3.estar.sentado 3.II-POS
"o que é que tem aí dentro?"

b) 'ilativo'

Expressa a noção de movimento para dentro.

- (398) e-ma-na 'y-ø e-'y-yro-ø **i-pype**
2sg.IMP-CAUS-ir água-REFER 2sg.III-água-invólucro-REFER 3.II-POS
"ponha água no pote"

- ix) **enone** 'anterioridade'

Expressa anterioridade tanto temporal quanto espacial 'antes de', 'em frente de'

- (399) orokoko-ø rãka ka 'or **a-a-wo** xe=r-enone
surucucu-REFER PAS.REC D.E 3.vir 3.III-ir-GER 1sg.II=R-POS
"a surucucu passou aqui na minha frente"

- (400) xe=r-amõj-a mĩ a-poraãj a-ka-wo **t-enone**
1sg.I=R-avô-REFER HAB 3.I-dançar 3.III-estar-GER 3.II-POS
"meu avô sempre dança na frente deles"

- x) **ewiri** 'posterioridade'

Esta posposição indica posterioridade temporal e espacial, 'atrás, depois'.

- (401) **ie-ø** ã-ã ø-ewiri
1sg-REFER 1sg.I-ir 3.II-POS
"eu fui depois dele"

- (402) xãwãr-a a-yj wyrãkaj-a **r-ewiri**
 cachorro-REFER 3.I-correr galinha-REFER R-POS
 "o cachorro correu atrás da galinha"

- xi) **kãty** ‘alativo’ (kãty ~ gãty)

Indica movimento em direção a determinado local ou entidade.

- (403) ie-ø kwee xe=ø-xinyk goiania-ø **ø-kãty** we-a-wo
 1sg-REFER PAS.MED 1sg.II=R-estar.triste Goiânia-REFER R-POS 1sg.III-ir-GER
 "eu estava triste indo na direção de Goiânia"

- (404) xõ-ø r-opi rãka a-ra-a **i-kãty**
 capim-REFER R-POS PAS.REC 3.I-CC-ir 3.II-POS
 "pelo capim elas foram (com os baldes) na direção deles"
 (referindo-se aos muricis)

- xii) **xãwie** ‘comparativo de igualdade’

Estabelece comparação entre dois participantes, estabelecendo similaridades entre eles.

- (405) akoma'e-kwer-a=agỹ-ø a-a mãir-a ø-gãty
 homem-GRUP-REFER=PL-REFER 3.I-ir não.índio-REFER R-POS
 t-ãwãxar-a **ø-xãwie**
 3.II-inimigos- REFER R-POS
 "os homens foram na direção dos não-índios iguais a inimigos deles"

- (406) **ã'ẽ=gỹ-ø** a-xa-xokã xãwãroo-ø **ø-xãwie**
 DEM=PL-REFER 3.I-REC-matar onça-REFER R-POS
 "eles lutaram à semelhança da onça"

xiii) **awāke** 'antessivo'

Indica mostra-se à frente de determinada entidade.

(407) **xe=r-awāke** karamee i-xe'eg-i
1sg.II=R-POS PAS.REM 3.II-falar-I2
"ele falou de frente para mim"

xiv) **awāxĩ** 'alativo terminativo'

Indica movimento em direção à determinada entidade que acaba em com contato com essa entidade.

(408) korināka'i-∅ mĩ 'or **ne=r-awāxi**
Korināka'i-REFER HAB 3.vir 2sg.II=R-POS
"Korināka'i sempre vem ao seu encontro"

5.2 Locuções posposicionais

Os nomes marcados com os locativos {-**ipe**} (-ipe ~ -pe ~ -ime ~ -me) 'locativo pontual' e {-**imõ**} (-imõ ~ -mõ ~ -wõ) 'locativo difuso' são expressões adverbiais que funcionam como oblíquos na sentença (409) e (410). Os referidos morfemas locativos diferem das posposições por não receberem o prefixo relacional {**r-**} nem o prefixo de terceira pessoa da Série II {**i-**}. Cabe ressaltar que esses locativos estão sujeitos a processos morfofonológicos típicos de fronteira de morfemas.

(409) wākiri ne=r-yro-∅ pe 'ow takope-**pe**
Walkíria 2sg.II=R-roupa-REFER D.E 3.estar.deitado quintal-LOC
"Walkíria, sua roupa está no quintal"

- (410) ypyton-**imo** **mĩ** xãwãroo- \emptyset i-ãtã- \emptyset
escuridão-LOC HAB onça-REFER 3.II-andar-I2
"na noite a onça sempre anda"

Qualquer nome relativo, autônomo ou absoluto poder receber esses sufixos locativos. Entretanto, observam-se casos em que nomes se tornam opacos, ao formarem locuções posposicionais. As locuções posposicionais são compostas de um nome que recebe os locativos {-ipe} e {-imo}, formando sintaticamente um todo indivisível, que funciona como posposição. A seguir demonstro as locuções posposicionais que são mais produtivas:

- i) **'arimo** 'altitude'

Indica noções de 'por cima de, em cima', vinculadas simultaneamente às idéias de altura e disseminação. Pode exprimir movimento ou não.

- (411) wyrã'i- \emptyset a-wewe a-ka-wo tãw-a **\emptyset -'ārimō**
passarinho-REFER 3.I-voar 3.III-estar-GER aldeia-REFER R-LOC.POS
"o passarinho está voando por cima da aldeia"

- ii) **wyripe** 'subessivo'

Expressa idéia da posição de uma entidade em relação à outra que lhe fica por cima. Cabe observar que neste caso há uma localização pontual.

- (412) maj-a ÿj xe=r-ekwãw-a **\emptyset -wyripe**
cobra-REFER 3.estar.sentado 1sg.II=R-rede-REFER R-LOC.POS
"a cobra está debaixo da minha rede!"

- iii) **wyrimo** 'por baixo de, embaixo'

À semelhança da locução posposicional **wyripe** 'subessivo', esta locução também exprime uma idéia de 'subposição' de uma entidade em relação à outra. Entretanto, a localização é difusa, ou seja, disseminada.

- (413) amyn-a **ø-wyrimo** ãkaj i-tor-i rã'ẽ
chuva-REFER R-LOC.POS C.I.COM 3.II-vir-I2 PAS
"ele veio debaixo de chuva"

- iv) **awãjpe** 'do outro lado'

Indica parte oposta de um ponto de referência.

- (414) e-ixãk 'y-ø **ø-awãjpe** i-ka-ø marare-ø
2sg.IMP-ver água-REFER R-LOC.POS 3.II-estar-I2 vaca-REFER
"veja! a vaca está do outro lado do rio"

- v) **owãpe** 'no fundo de'

Expressa profundidade.

- (415) 'yxe'e-ø **r-owãpe** i-ka-ø xokori-ø
poço-REFER R-LOC.POS 3.II-estar-I2 sucuri-REFER
"no fundo do poço está a sucuri"

- vi) **yype** 'perto de'

Exprime proximidade espacial.

- (416) takâr-a **ø-ypype** xâytâtã'i-ø i-exâk-i xyre-ø= agỹ-ø
 takâra-REFER R-LOC.POS estrela-REFER 3.II-ver-I2 rapaz-REFER=PL-REFER
 "perto da takâra os rapazes viram as estrelas"

5.3 Quantificação

A quantificação pode ser discreta ou não-contínua.

5.3.1 Quantificação discreta

A quantificação discreta é bastante reduzida. São praticamente quatro numerais, a saber: **mãxepe** ~ **ãxepe** ‘um’, **mokôj** ‘dois’, **maãpyr** ‘três’ e **xãirô** ‘quatro’. Os numerais **ãxepe**, **mokôj**, **maãpyr** são os mais usados, como demonstram os exemplos de (417) a (419). Para expressar mais de três elementos do conjunto, usa-se o quantificador não-contínuo **wetepe** ‘muitos’ (cf. (5.3.2)). Como pode ser observado nos exemplos abaixo, os numerais não são usados como modificadores nominais e podem ocorrer em qualquer posição da oração. Além disso, podem ocorrer na sentença sem a presença de um sintagma nominal (419). Ao ocuparem a posição mais a esquerda da sentença, ativam o indicativo 2, como no exemplo (418).

- (417) ã'ẽ a-xokã **ãxepe** kwãxi-ø
 C.D 3.I-matar um quati-REFER
 "então ele matou um quati"

- (418) **mokôj** rãka **i-yj-ø** are=r-enone xãwâr-a tâxão-ø ø-kãty
 dois PAS.REC 3.II-correr-I2 1excl.II=R-POS cachorro-REFER porcão-REFER R-POS
 "dois (cachorros) correm na nossa frente em direção aos porcões"

últimas sílabas do numeral três (maãpy-ãpyr (três-REDUP)). Os numerais **mãxepe pa mokōj** ‘sete’ e **mãxepe pa maãpyr** ‘oito’ são constituídos pelo número cinco, acrescidos dos numerais **mokōj** ‘dois’ e **maãpyr** ‘três’, respectivamente. O numeral **mokōj pa exĩ** ‘nove’ é composto por **mokōj** ‘dois’, **pa** ‘mão humana’ e pela forma **exĩ**, forma esta homófona ao {-**exĩ**} ‘iminentivo’ (cf. (4.2)). Segundo os próprios Tapirapé, este numeral significa ‘quase duas mãos’, isto é, quase dez. Ao formar **mokōj pa** ‘dez’, literalmente “duas mãos humanas”, começa-se de novo o mesmo processo, como se vê na constituição do numeral **mokōj pa mãxepe** ‘onze’.

As reduplicações monossilábica e dissilábica do numeral **mãxepe** ‘um’ formam tipos de distribuição desse numeral. A reduplicação monossilábica exprime a idéia de ‘sozinho’ ou de ‘apenas um’ (420). Já a reduplicação dissilábica demonstra como um conjunto foi distribuído (421).

(420) **kori-ø** **'or** **ãxepe-pe**
 Kori-REFER 3.vir um-REDUP
 "Kori veio sozinho"

(421) **ãxepe-xepe** i-ke-ø **'yn-a** **takār-ipe**
 um-REDUP 3.II-entrar-I2 3.estar.sentado-GER takãra-LOC
 "de um em um eles foram entrando na takãra"

5.3.2 Quantificação não-contínua

A quantificação não-contínua é expressa basicamente pelas seguintes expressões: **wetepe** ‘muito, em grande quantidade, intensificação’ (422), **ãw'i'i** ‘pouco, em pequena quantidade’ (423) e **ãxepexe** ‘mais’ (424). Cabe ressaltar que, à semelhança da quantificação discreta, essas expressões não funcionam como modificadores, e que em muitos casos exprimem também intensificação (425).

- (422) **wetepe** i-pyyk-i 'ipirã- \emptyset
muito 3.II-pegar-I2 peixe-REFER
"ele pegou muitos peixes"
- (423) **ãw'i'i** ãpĩ- \emptyset i-maãpyk-i t-emi-'o- \emptyset
pouco mamãe-REFER 3.II-cozinhar-I2 3.II-N.PAC-ingerir- REFER
"mamãe cozinhou um pouquinho de comida"
- (424) **ãxepexe** korinãka'i- \emptyset i-'o-patãr-i
mais Korinãka'i-REFER 3.II-ingerir-DES-I2
"Korinãka'i quer comer mais"
- (425) xe= \emptyset -ãkyg-a \emptyset -ãy **wetepe**
1sg.II=R-cabeça-REFER 3.II-doer muito
"minha cabeça dói muito"

5.4 Advérbios temporais, locativos dêiticos e de maneira

Os advérbios aqui apresentados são invariáveis e diferentemente das posposições e das locuções posposicionais não exigem complemento nominal obrigatório. São em número reduzido e parecem não estar sincronicamente relacionados aos locativos.

5.4.1 Advérbios temporais

Os advérbios **ymỹ** 'antigamente, há algum tempo' (426), **ymỹ'iwe** 'cedo, pela manhã' (427), **ãxe'i** 'ontem' (428), **ãxeiwe** 'amanhã' (429) e os decorrentes desses dois últimos, **ãxeiwe kweere** 'depois de amanhã' e **ãxe'i kweere** 'onteontem', são as poucas expressões temporais que sincronicamente parecem não ser marcadas com os locativos {-ipe} e {-imo} (cf. (5.2)). Em geral para expressar noções temporais ligadas ao decurso do

dia, da noite e das estações do ano são usados os sufixos locativos, sempre marcados em nomes absolutos (430) e (431).

(426) **ymỹ** rākã'ě agỹ-∅ wetepe i-re-ka 'ywy-∅
antigamente P.REM.N.A PL-REFER muito 3.II-C.C-estar terra-REFER
"antigamente eles (se referindo aos Tapirapé antigos) tinham muitas terras"

(427) xe=r-opy-∅ a-a mani'ak-a ∅-'ak-a **ymỹ'iwe**
1sg.II=R-pai-REFER 3.I-ir mandioca-REFER R-arrancar-GER cedo
"meio pai foi arrancar mandioca cedo"

(428) **āxe'i** ākaj ere-xe-nog 'ywy-∅ r-opi rã'ě
ontem C.I.COM 2sg.I-REF-deitar terra-REFER R-POS PAS
"ontem você se deitou pelo chão"

(429) **āxeiwe** ara-a i-kāty i-xokã-wo āmo-∅ i-r-ot-a peyr-a ∅-pe
amanhã 1excl.I-ir 3.II-POS 3.II-matar-GER IND-REFER 3.II-C.C-vir-GER peyra-REFER R-POS
"amanhã nós iremos na direção deles para matar um e trazer na peyra¹"

(430) **ypyton-imo** mĩ morixow-a i-xaj'a-∅
noite-LOC HAB Morixowa-REFER 3.II-chorar-I2
"de noite Morixowa sempre chora"

(431) **kwār-ipe** i-manõ-pāw-i xe=r-eymāw-a
sol-LOC 3.II-morrer-COM-I2 1sg.II=R-animal.doméstico-REFER
"no verão morreram todos os meus animais domésticos"

5.4.2 Advérbios locativos dêíticos

Apenas dois advérbios dêíticos, **mõ** 'longe' (432) e **ājxe** 'perto' (433), não estão vinculados ao sistema de demonstrativos espaciais (cf. (3.4.3.1)). Diferentemente destes, as

¹ Peyra é um grande cesto retangular que se carrega nas costas.

formas **mõ** e **ãjxe** não recebem os sufixos locativos {-ipe} e {-imo} nem o sufixo {-a} ‘referenciante’.

(432) xe=r-etym-a **mõ**
1sg.II=R-casa-REFER longe
"minha casa é longe"

(433) **ajxe** i-ka-ø marare-ø ø-memyr-a
perto 3.II-estar-I2 vaca-REFER R-filhote-REFER
"o filhote da vaca está perto"

5.4.2 Advérbios de maneira

Os advérbios de maneira são **taneme** ‘rápido’ (434), **mawej** ‘devagar’ (435), **emanyn** (emanyn ~ nyn) ‘assim, dessa maneira’ (436), **xemim** ‘às escondidas’ (437) e **xagãtope** (xagãtope ~ xagãto) ‘abertamente, às claras’ (438).

(434) ã’ẽ=gã-ø ’or **taneme**
DEM=SG-REFER 3.vir rápido
"ele veio rápido"

(435) ãpi-ø a-ãpa tamãkorã-ø **mawej** i-r-yn-a
mamãe-REFER 3.I-fazer tamãkorã-REFER devagar 3.II-C.C-estar.sentado-GER
"mamãe faz tamakorã devagar, estando sentada"

(436) **emanyn** mĩ i-apa-ø i-maãpyk-a xetyk-a
assim HAB 3.II-fazer-I2 3.II-cozinhar-GER batata.doce-REFER
"é assim que ela cozinha batata doce"

(437) ã'ẽ=gỹ-ø a-a xe=ø-we **xemim**
DEM=PL-REFER 3.I-ir 1sg.II=R-POS às escondidas
"eles foram embora (de mim) às escondidas"

(438) **xagãto** ara-wer-or i-xowi tãtã-ø
abertamente 1excl.I-C.C-vir 3.II-POS banana-REFER
"abertamente trouxemos as bananas dele"

No próximo capítulo tratarei das partículas intra-oracionais.

Capítulo 6: Partículas intra-oracionais

As partículas formam uma classe fechada de elementos que não se flexionam e não ocorrem como predicados. Assemelham-se aos clíticos por não ocorrerem isoladamente como enunciados. Entretanto, ao contrário desses, não possuem hospedeiro.

Em Tapirapé, as partículas formam uma grande classe heterogênea, abrangendo marcas de tempo, de aspecto, de ênfase, de foco, de fonte da informação (evidencialidade), de confiabilidade da informação¹ (modalidade epistêmica), de distinção de sexo, de interjeição e de várias outras funções.

Podem ser intra-sentenciais, englobando as partículas intra-oracionais, e extra-sentenciais. As partículas intra-sentenciais ocorrem em posição fixa ou flutuante no âmbito da oração ou da sentença, além de marcarem fronteiras na organização sintática da construção. Algumas dessas partículas vetam a ocorrência de outras dentro da oração, no entanto, é comum a ocorrência de duas ou mais partículas em uma mesma sentença. Caso as partículas intra-oracionais ocupem uma mesma posição, em especial a segunda, elas são hierarquizadas entre si.

Neste capítulo descrevo a classe das partículas intra-oracionais do Tapirapé, por serem estas essenciais à compreensão da oração, tanto no nível sintático, quanto no semântico. A maioria dessas partículas possui conteúdo semântico diversificado, expressando noções de fonte ou confiabilidade da informação, associadas às noções de tempo e aspecto, dentre outras. Este fato dificulta a organização das mesmas por tipo de conteúdo informacional, de maneira que serão aqui agrupadas por suas características sintáticas, isto é, pelas posições que ocupam na oração. Este capítulo está estruturado em duas seções, a saber: a seção (6.1) e (6.2) que tratam, respectivamente, das partículas de posição fixa e das partículas flutuantes.

¹ Chafe (1986: 262) utiliza o termo evidencialidade em um sentido amplo, englobando os conceitos de fonte da informação e confiabilidade da informação.

6.1 Partículas de posição fixa

As partículas de posição fixa são aquelas que ocupam posições determinadas na oração, independentemente, na maioria dos casos, dos constituintes que as precedem. Podem ocorrer na segunda posição ou na posição final dentro da oração. Aquelas ocupam a posição imediatamente após o primeiro constituinte, ao passo que as partículas de posição final, como o próprio nome diz, ocupam a posição que encerra a oração, o que não impede que elas possam ser seguidas por partículas intra-sentenciais.

6.1.1 Partículas de segunda posição

As partículas de segunda posição são em maior número que as de posição final. Ocupam a segunda posição da oração, independentemente se o primeiro constituinte é um sintagma nominal, um sintagma verbal, conectivos discursivos ou uma expressão adverbial, onde estão incluídos sintagmas posposicionais, adverbiais e orações subordinadas. Algumas dessas partículas podem co-ocorrer em grupos de até três elementos, os quais são hierarquizados entre si. Na ausência de constituintes intermediários, as partículas de segunda posição precedem as partículas finais, formando uma seqüência maior, isto é, de três ou mais partículas. São partículas que exprimem fonte da informação, confiabilidade da informação, aspecto, interrogação e foco assertivo. A seguir, passo a apresentar as partículas de segunda posição.

6.1.1.1 Fonte da informação

i) **Passado recente atestado**

A partícula **rãka** é muito produtiva nas interações diárias, indicando a fonte da informação. Demonstra que o conteúdo da informação está sendo transmitido pela primeira vez e “*em primeira mão*”², que foi atestado pelo falante, isto é, que foi adquirido por via

² Provavelmente corresponde às seguintes expressões do Português: *deixa eu te contar....* ou *sabia que...*

direta, pela própria experiência. É associado também a esta partícula um valor temporal ‘passado recente’. Em virtude de sua semântica, não é usada em narrativas míticas nem em sentenças interrogativas. Em sentenças afirmativas, só é usada com participantes de primeira (439) ou de terceira pessoa (440).

(439) are-∅ **rāka** ara-xokã xãwãroo-∅ koxy-wer-a t-yro-paej-aramõ
 1excl-REFER PAS.REC 1excl.I-matar onça-REFER mulher-GRUP-REFER 3.II-roupa-lavar-SUB
 "nós matamos a onça enquanto as mulheres lavavam a roupa"

(440) ãxe'i **rāka** i-te'omar-i wetepe
 ontem PAS.REC 3.II-trabalhar-I2 muito
 "ontem ele trabalhou muito"

Em geral, a ocorrência da partícula **rāka** não é produtiva com partículas de confiabilidade da informação, tais como **tanã** ‘certificação’ ou **rõ’õ** ‘conteúdo informado não assumido pelo falante’. Entretanto, em casos esporádicos, verifica-se sua co-ocorrência com essas duas partículas. A partícula **tanã** (cf. 6.1.1.2) demonstra que teor informado é altamente confiável e que o falante responsabiliza-se pelo conteúdo da informação. Em co-ocorrência com **rāka**, ambas indicam que o evento ou estado foi atestado pelo falante, em um passado recente, e que o conteúdo da informação é altamente confiável (441). Por outro lado, **rõ’õ** (cf. 6.1.1.2) expressa que o conteúdo da informação não é assumido pelo falante, o qual se exime de qualquer vínculo com o que foi dito. Neste caso, o falante atesta que a informação que está sendo transmitida foi adquirida por via direta, entretanto, não assume o conteúdo da informação, desvinculando-se completamente do teor informado (442). Ademais, verifica-se a co-ocorrência de **rāka** com a partícula **panē** ‘frustrativo’ (cf. (6.2)), sendo que esta sempre antecede aquela (443).

(441) ekwe xyre-∅ **tanã rāka** i-yj-∅ ’ot-a
 D.E rapaz-REFER CERT PAS.REC 3.I-correr-I2 3.vir-GER
 "aqui os rapazes correm"
 (lit: aqui os rapazes, com certeza, correram vindo)

(442) a-a **rāka** **rō'ō**
 3.I-ir PAS.REC N.ASS
 "eles foram"³

(443) ã-xoka-matār **panē** **rāka** maj-a i-re-ka-wo ã'ê **rāka** n=a-manō-j
 1sg.I-matar-DES FRUST PAS.REC cobra-REFER 3.II-CC-estar-GER CD PAS.REC não=3.I-matar-NEG
 "eu quis matar a cobra e ela não morreu"

ii) **Passado médio atestado**

A partícula **kwee** explicita uma interação com o ouvinte, indicando que o estado/evento foi atestado pelo falante, e está sendo transmitido pela primeira vez ao ouvinte. Além de ser uma partícula de fonte da informação, ela implica um valor temporal 'passado médio', exemplos (444) e (445). À semelhança da partícula **rāka**, não é utilizada em sentenças afirmativas com participantes de segunda pessoa nem em sentenças interrogativas. Também não é aceita nas narrativas míticas. Verifica-se sua ocorrência apenas com a partícula **panē** 'frustrativo' (446).

(444) kwāxi-ø r-ewiri **kwee** i-hyj-ø a-a-wo
 quati-REFER R-POS PAS.MED 3.II-correr-I2 3.III-ir-GER
 "ele correu atrás do quati"
 (lit: atrás do quati correu, indo.).

(445) ie-e'ym-a **kwee** ã-tym 'āwāxi-ø ka-pe
 1sg-NEG-REFER PAS.MED 1sg.I-plantar milho-REFER roça-LOC
 "não foi eu quem plantou milho na roça"

(446) a-xe-mim **kwee** **panē** xe=ø-wi
 3.I-REF-esconder PAS.MED FRUST 1sg.II=R-POS
 "ele se escondeu de mim"

³ A co-ocorrência dessas partículas pode ser traduzida para o português como: *eu vi... mas não sei de nada.*

iii) **Passado remoto atestado**

Karãe (karãe ~ karamee) é uma partícula de fonte da informação, que indica atestação do evento/estado por parte do falante, ou seja, que a informação transmitida foi obtida por meio da própria experiência. Atribue-se a esta partícula também uma idéia de tempo, ‘passado remoto’, exemplos (447) e (448).

(447) ã'ẽ **karamee** ne=r-amoj-a amõ-ø a-xokã ãxepe
 CD PAS.REM 2sg.II=R-avô-REFER IND-REFER 3.I-matar um
 "então o avô dele matou um (kaiapó)"

(448) i-yâr-aramõ **karãe** ara-a mãir-a ø-tãj-pe
 3.II-canoa-S.P.N.AT PAS.REM 1excl.I-ir não.índio-REFER R-aldeia-LOC
 "quando ele tinha canoa, nós fomos à cidade"

Foi verificada a co-ocorrência da partícula **karãe** apenas com as partículas **mĩ** ‘aspecto habitual’ (449) e **ranõ** ‘aspecto iterativo’ (450).

(449) ka **karãe** **mĩ** xaryj-a i-ãpa-ø ini-ø
 D.E PAS.REM HAB avó-REFER 3.II-fazer-I2 rede-REFER
 "lá que minha avó sempre fazia rede"

(450) epe **karãe** i-waem-i a-a-wo kãrãxã-o-ø **ranõ**
 D.E PAS.REM 3.II-chegar-I2 3.III-ir-GER karajá-INT-REFER ITER
 "lá chegaram (indo) os Kaiapó de novo"

À semelhança de **rãka** e **kwee**, a partícula **karãe** não ocorre em sentenças afirmativas com participantes de segunda pessoa, nem tão pouco em sentenças interrogativas, independentemente da pessoa dos participantes. Essas três partículas formam um grupo que indica o mesmo tipo de evidência, isto é, o evento/estado foi presenciado e pode ser atestado pelo falante. A diferença entre elas reside no valor temporal que expressam.

iv) Passado médio não atestado

Esta partícula expressa tempo, ‘passado médio’, porém sua função básica é assinalar o tipo de fonte da informação. Indica que o falante não presenciou o evento/estado que está sendo narrado, antes, tomou conhecimento do mesmo por vias indiretas, ou seja, porque alguém lhe contou (451). Ocorre com frequência em sentenças interrogativas (452) e em sentenças com participantes de segunda pessoa (453).

(451) *tã!* *xe=r-mõj-a* ***rākwee*** *a-ka* *kapitãw-aramõ*
sim! 1sg.II=R-avô-REFER P.MED.N.A 3.I-estar cacique-S.P.N.AT
 "meu avô foi cacique"
 (lit: meu avô esteve como cacique)

(452) *mỹ=gã-ø* *tã'ẽ* ***rākwee*** *a-ãpa*
 IND=SG-REFER INTER P.MED.N.A 3.I-fazer
 "quem fez?"

(453) *ã'ẽ* ***rākwee*** *pe-akome'o* *oito* *marageta-ø* *ramiro-ø* *ø-we*
 CD P.MED.N.A 2pl.I-contar oito estória-REFER Ramiro-REFER R-POS
 "e vocês contaram oito histórias ao Ramiro"

v) Passado remoto não atestado

Rākã'ẽ é uma partícula de fonte da informação que expressa a não atestação do evento/estado pelo falante e indica tempo ‘passado remoto’ (454). É muito recorrente nos textos míticos e co-ocorre, geralmente, com a partícula ***rõ'õ***, que a antecede (455). Além disso, verifica-se sua co-ocorrência também com as partículas ***panẽ*** (456) e ***mĩ*** (457), sendo que estas últimas ocorrem pospostas a ***rākã'ẽ***.

- (454) marewariri- \emptyset **rākā'ē** a-āpa tamākorā- \emptyset
 Marewariri-REFER P.REM.N.A 3.I-fazer tamākorā-REFER
 "Marewariri fez o tamākora"⁴
- (455) ā'ē **rō'ō** **rākā'ē** xākowi- \emptyset =agỹ- \emptyset a-ka mokoj **xe**
 CD N.ASS P.REM.N.A Xākowi-REFER=PL-REFER 3-estar dois REST
 "Xākowi está só com dois (companheiros)"
- (456) pāxe-wer-a=gỹ- \emptyset **rākā'ē** **panē** a-kome'o i-xope
 pajé-GRUP-REFER=PL-REFER P.REM.N.A FRUST 3.I-contar 3.II-POS
 i-ma-na-wo i-re-ka-wo
 3.II-CAUS-ir-GER 3.II-CC-estar-GER
 "os pajés (e os espíritos) contaram para ela, fazendo-a ir em vão"
 (lit: os pajés (e os espíritos) contaram para ir, fazendo-a ir estando com ela em
 vão)
- (457) wetepe **rō'ō** **rākā'ē** **mī** xane= \emptyset -ypy- \emptyset =gỹ- \emptyset
 muito N.ASS P.REM.N.A HAB 1incl=R-primeiro-REFER=PL-REFER
 i-āpa āxyg-a t-aryj-pe
 3.II-fazer espíritos-REFER 3.II-alegria-LOC
 "os nossos antepassados faziam muitos espíritos em suas festas"

vi) **Inferência**

Pa é uma partícula de fonte da informação que indica inferência em geral. A inferência pode ser decorrente de uma evidência sensorial, tal como algo ouvido (458), baseada na observação (459), ou de notícia anônima que corre publicamente sem confirmação (460). Quando há a co-ocorrência dessa partícula com as partículas **rō'ō** 'conteúdo informado não assumido pelo falante' e **ke** 'dubitativo', estas últimas sempre a antecedem, como demonstra o exemplo (461). Observa-se, neste caso, que o falante tem

⁴ Texto mítico sobre a origem do tamākora.

dúvidas em relação ao que está sendo inferido, além de eximir-se da responsabilidade do conteúdo informado.

(458) marare-ø **pa** 'ã-wo a-ka
vaca-REFER INFER D.E-LOC 3.I-estar
"as vacas estão por aqui" (ouvindo o mugir do gado)

(459) 'y-me **tã** **pa** **i-tyn-i** we tãtã-ø
D.E-LOC INTER INFER 3.II-sentar-I2 PERF banana-REFER
"lá, ainda tem banana?"

(460) marama'eâr-a **pa** a-a xema'eāj-pe
professor-REFER INFER 3.I-ir escola-LOC
"as professoras foram à escola"

(461) bexi-ø **rõ'õ** **ke** **pa** a-xãok a-ka-wo
Bete-REFER N.ASS DUB INFER 3.I-banhar 3.III-estar-GER
"pode ser a Bete que está banhando"
(ao entardecer ouvindo o barulho do chuveiro, aproximadamente no horário em que a irmãzinha Elizabeth costumava tomar banho)

vii) **Conteúdo informacional compartilhado**

A partícula **ãkaj**, fonte da informação, indica que o conteúdo informacional é de conhecimento pessoal tanto do locutor quanto do seu interlocutor (462). Em geral, é utilizada para relembrar acontecimentos, os quais servem de base para que o locutor descreva, opine ou expresse a causa ou a conseqüência de determinado evento/estado, exemplo (463). Em sentenças interrogativas, é usada como pedido de informação que já foi previamente compartilhada, exemplo (464). Ademais, esta partícula não enleia tempo, e por isso, com freqüência, observa-se sua co-ocorrência com a partícula **rã'ẽ** 'passado', como demonstra o exemplo (463).

(462) ie-∅ **ākaj** ã-xar we-xe-we xe'eg-aramõ
 1sg-REFER C.I.COM 1sg.-vir 3.III-REF-POS chamar-SUB
 "eu vim quando você me chamou"

(463) a-kyr-ete **ākaj** ypyton-imo **rā'ē** maryn ka-∅ ponte-∅ i-'ar-i **rā'ē**
 3.I-chover-INTNS C.I.COM noite-LOC PAS por.isso D.E-REFER ponte-REFER 3.II-cair-I2 PAS
 "choveu muito (em grande quantidade) na noite. Por isso, aquela ponte caiu"

(464) wākiri ma'e tã **ākaj** ne=∅-men-a r-er-a
 Walkíria IND INTER C.I.COM 2sg.II=R-marido-REFER R-nome-REFER
 "Walkíria, qual é o nome do seu marido, mesmo?"

viii) **Evocação da memória partilhada pelos interlocutores**

A partícula de fonte da informação **kwākaj**, à semelhança de **ākaj**, também exprime que o conteúdo da informação é de conhecimento mútuo dos interlocutores. Entretanto, expressa um tempo passado que é pormenorizado no momento em que o falante convoca o ouvinte a relembrem, juntos, determinados episódios vivenciados de maneira direta ou indireta por eles, como demonstram os exemplos (465) e (466). O uso dessa partícula elimina da sentença qualquer elemento que situe o enunciado em um tempo passado especificado, como por exemplo, a partícula **rā'ē** 'passado' ou qualquer elemento adverbial como **āxe'i** 'ontem'. Essa partícula corresponde às seguintes expressões do Português: "*se lembra*" ou "*sabe aquele dia*".

(465) ane-∅ **kwākaj** xe=∅-momok xepe e'i ro'o i-xope
 2sg-REFER EVOC.M 1sg.II=R-molhar 2sg→1sg 3.dizer N.ASS 3.II-POS
 "você me furou, ele disse para ele"

- (466) ymỹ **kwākaj** ã-re-ka wex-yj-a kwār-ipe karẽ
 antigamente EVOC.M 1sg.I-CC-estar 1sg.III-dente-REFER sol-LOC agora
 xe=∅-wājwi maryn xe=r-yj-a i-ko-koj
 1sg.II=R-ser.velha por.isso 1sg=R-dente-REFER 3.II-cair-REDUP
 "antigamente eu tinha meus dentes. Daqui para frente eu estou velha, por isso meus dentes estão caindo"

Em sentenças interrogativas, **kwākaj** ocorre somente com participantes de terceira pessoa, mais precisamente com o demonstrativo anafórico **ākaj** ‘aquilo, aquele, aquela, determinado e não-visível’. Neste caso, o interlocutor deseja recuperar uma informação ou detalhá-la no discurso:

- (467)⁵ **ākaj** kwākaj tã'ẽ
 DEM EVOC.M INTER
 "aquela como é mesmo?"

6.1.1.2 Confiabilidade da informação

i) Futuro iminente

Ekwe é uma partícula de modalidade epistêmica, que também expressa tempo, ‘futuro iminente’. De uso freqüente nas interações diárias, indica que o falante tem um elevado grau de certeza que o evento/estado projetado em relação ao presente está em via de efetivação imediata, conforme demonstram os exemplos (468) e (469). Em sentenças com participantes de segunda pessoa, esta partícula ocorre somente nas interrogativas (470).

⁵ O exemplo (238) foi aqui renumerado.

(468) a-ka **ekwe** pe-wo ka-pe
 3.I-estar F.IMI D.E-LOC roça-LOC
 "ele ficará lá na roça"

(469) ie-∅ **ekwe** ã-ã ã'ẽ n=a-xewyr-i 'ot-a
 1sg-REFER F.IMI 1sg.I-ir CD não=3.I-voltar-NEG 3.vir-GER
 "eu irei e ele não voltará"

(470) ma'e-∅ tã **ekwe** ere-maãpyk
 IND-REFER INTER F.IMI 2sg.I-cozinhar
 "o que você vai cozinhar"

ii) **Conteúdo informado não assumido pelo falante**

Rõ'õ é uma partícula de confiabilidade da informação muito produtiva nas interações diárias, bem como nos textos míticos. Expressa que o conteúdo da informação não é assumido pelo falante e o exonera de qualquer responsabilidade sobre o que foi dito, exemplos (471) e (472). O uso dessa partícula com participantes de segunda pessoa em sentenças afirmativas é muito restrito. Observa-se, neste caso, que ela só é usada em sentenças que denotam futuro (472).

(471) xãwãr-e'ym-a **rõ'õ** a-o'o konomĩ-∅
 cachorro-NEG-REFER N.ASS 3.I-morder menino-REFER
 "*parece* que não foi o cachorro que mordeu o menino"

(472) ãxeiwe **rõ'õ** **ke** ere-ka ex-ewete-wo ranõ
 amanhã N.ASS DUB 2sg.I-estar 2sg.III-ser.forte-GER ITER
 "amanhã você poderá está forte de novo"

A partícula **rõ'õ** parece ter primazia sobre as outras partículas de segunda posição e geralmente as precede, como pode-se ver nos exemplos (455), (457) e (461). Até o

momento, os únicos casos em que esta partícula não ocupa a posição à frente das outras partículas é quando co-ocorre com as partículas de segunda posição **rāka** ‘passado recente’, **xowe** ‘foco assertivo’ e com a partícula flutuante **panē** ‘frustrativo’. No caso de sua co-ocorrência com a partícula **rāka**, pode-se observar que **rō’ō** tem seu escopo sobre toda a oração, considerando-a como um todo, da qual a partícula **rāka** é um constituinte, como demonstram os exemplos (473) e (442). Já como a partícula **xowe** (cf.(6.1.15)), esta tem escopo sobre o primeiro sintagma da oração, formando com este um constituinte (474). Por sua vez, a partícula **panē**, por não ter posição fixa, pode ocorrer em qualquer posição na oração, inclusive antecendo ou seguindo a partícula **rō’ō** (475) e (476), respectivamente.

(473) a-nopỹ **rāka** **rō’ō**
 3.I-bater PAS.REC N.ASS
 "ela bateu nele"

(474) w-owy-ramō **xowe** rō’ō ākaj mĩ xāy-ø
 3.II-sangue- S.P.N.AT FOC N.ASS C.I.COM HAB lua-REFER
 i-piry-māw ’op-a ypyton-imo
 3.II-ser. vermelho-COMP estar.deitado-GER noite-LOC
 "...quando tem sangue dela, a lua fica completamente vermelha na noite"

(475) pāxe-kwer-a=agỹ-ø **panē** **rō’ō** rākā’ě a-kome’o
 paje-GRUP-REFER=PL-REFER FRUST N.ASS P.REM.N.A 3.I-contar
 i-xope i-ma-na-wo i-re-ka-wo
 3.II-POS 3.II-CAUS-ir-GER 3.II-CAUS-estar-GER
 "os pajés e outros falaram para ela sair"
 (lit: os pajés e outros falaram para ela sair, estando com ela (mas ela não saiu))

- (476) **ã'ê rō'ō panē** epe a-xokã-patâr i-re-ka-wo
 CD N.ASS FRUST D.E 3.I-matar-DES 3.II-CC-estar-GER
 "e ele queria matá-lo, estando com ele"

iii) **tanã** 'certificação'

A partícula **tanã**, à semelhança de **rō'ō**, é uma partícula de confiabilidade da informação. Entretanto, diferentemente daquela, indica que o conteúdo da informação é certificado pelo falante, isto é, o falante assume que o conteúdo informado é altamente confiável e se responsabiliza por ele, como em (477). É muito produtiva com partículas de fonte da informação, tais como **rākã'ê** (478), **ekwe** 'futuro iminente' (479), sempre antecedendo estas últimas. Ademais, essa partícula não é usada em sentenças com sujeitos de segunda pessoa.

- (477) are=r-aryw-a ø-ma-ypy-ãw-a **tanã** xepaanogãw-a
 1excl.II=R-alegria-REFER R-CAUS-início-N.PROC-REFER CERT Xepaanogãwa-REFER
 "nossa primeira festa é Xepaanogãwa"

- (478) kwe **tanã rākã'ê** i-a-ø i-xowi pe-ø r-opi ranõ
 D.E CERT P.REM.N.A 3.II-ir-I2 3.II-POS caminho-REFER R-POS ITER
 "lá ele se foi dele pelo caminho novamente"

- (479) a-pāk-e'ym-a **tanã ekwe** n=a-'ãr-i ini-ø ø-wi
 3.III-acordar-GER CERT F.IMI não=3.I-cair-NEG rede-REFER R-POS
 "se ele não acordar ele não vai cair da rede"

iv) **ke** 'dubitativo'

A partícula de modalidade epistêmica **ke** (ke ~ ike) expressa dúvida do falante com relação ao conteúdo da informação, conforme demonstram os exemplos (480) e (481). Com frequência, esta partícula é precedida por **rō'ō** (482). A co-ocorrência destas duas

partículas indica que o falante não assume o conteúdo da informação, ao mesmo tempo em que expressa dúvida em relação ao mesmo conteúdo. Outra partícula que comumente ocorre com o dubitativo, em posição posposta, é **ekwe** ‘futuro iminente’. Neste caso, o dubitativo ameniza o grau de certeza que o falante tem sobre ao evento ou estado projetado em relação ao presente (483).

(480) 'ã-wo **ke** i-tyn-i maj-a mō-ø
 D.E-LOC DUB 3.II-sentar-I2 cobra-REFER IND-REFER
 "por aqui talvez tenha cobra⁶"

(481) ã'ẽ=gã-ø **ke** a-xokã xãwãr-oo-ø rã'ẽ
 DEM=SG-REFER DUB 3.I-matar cachorro-INT-REFER PAS
 "ele talvez matou a onça"

(482) ãxeiwe **rõ'õ** **ke** ere-pyyk xe=ø-pyyro-rym-a
 amanhã N.ASS DUB 2sg.I-pegar 1sg.II=R-sapato-FN-REFER
 "amanhã, você poderia comprar meu futuro sapato"

(483) ã'ẽ **ke** **ekwe** a-a xe=ø-pyri
 CD DUB F.IMI 3.I-ir 1sg.II=R-POS
 "então ela poderá ir ficar comigo"

6.1.1.3 Aspecto habitual

A partícula **mĩ** indica ‘aspecto habitual’, que pode ser traduzido por *sempre* em sentenças afirmativas (484) ou por *nunca* em sentenças negativas (485). Verifica-se sua ocorrência com partículas que expressam tempo passado, tais como **karãe** ‘passado remoto atestado’, **kwee** ‘passado médio atestado’ e **rãkã'ẽ** ‘passado remoto não atestado’. Em textos míticos, é comum a co-ocorrência da partícula **mĩ** com as partículas **rõ'õ** e **rãkã'ẽ**, que a antecedem (486). Entretanto, para expressar aspecto habitual no presente, essa

⁶ A cobra estaria pronta para dar o bote.

partícula parece vetar a ocorrência de outras partículas, exceto da partícula interrogativa **tã'ẽ** (487).

(484) 'ãwãxi-∅ **mĩ** ãpi-∅ a-ãpa kãwĩ-ramõ
 milho-REFER HAB mamãe-REFER 3.I-fazer cauim- S.P.N.AT
 "é de milho que mamãe sempre faz cauim"

(485) n=ã-ra-a-j **mĩ** marawỹkãw-a i-me'eg-a bazilia- pe
 não=1sg.I-CC-ir-NEG HAB artesanato-REFER 3.II-vender-GER brasília-LOC
 "eu não levo artesanato para vendê-lo em Brasília"

(486) kwe **rõ'õ** **rãkã'ẽ** **mĩ** a-a-wo i-kãty ranõ
 D.E N.ASS P.REM.N.A HAB 3.II-ir-GER 3.II-POS ITER
 "lá ela foi na direção dele de novo"

(487) emany **tã** **mĩ** pe-ãpa
 assim INTER HAB 2sg.I-fazer
 "é assim que você sempre faz?"

6.1.1.4 Interrogação

As partículas interrogativas **tã'ẽ** (tã'ẽ ~ tã) e **pã'ẽ** (pã'ẽ ~ pã) introduzem perguntas de conteúdo (488) e (489) e perguntas polares (490) e (491). A partícula **tã'ẽ** é mais produtiva que **pã'ẽ**, ocorrendo quase que absoluta nas interações diárias, enquanto que a partícula **pã'ẽ** é basicamente usada nas narrativas míticas e entre os anciãos. Os mais jovens utilizam-na quando se dirigem aos anciãos, como expressão de respeito e formalidade.

(488) ma'era **tã** pe-manak 'ywyrã-∅
 por que INTER 2pl.I-cortar árvore-REFER
 "por que vocês cortaram a árvore?"

(489) mǃyme **pǎ'ě** ere-a rǎ'ě
onde INTER 2sg.I-ir PAS
"onde você foi?"

(490) ne=∅-pir-ãkow **tǎ'ě**
2sg.II=R-pele-estar.quente INTER
"você está com calor" (lit: você está com a pele quente?)

(491) xe=r-omōj ere-a **pǎ'ě** confresa-pe rǎ'ě
1sg.II=R-avô 2sg.I-ir INTER Confresa-LOC PAS
"vovô, você foi a Confresa?"

As partículas interrogativas podem co-ocorrer com outras partículas de segunda posição, sempre antecedendo-as, como demonstram os exemplos a seguir:

(492) ã'ě=gã-∅ **tǎ** **ke** a-xokã xǎwǎr-oo-∅ rǎ'ě
DEM=SG-REFER INTER DUB 3.I-matar cachorro-INT-REFER PAS
"ele matou a onça mesmo?"

(493) xǎryj emany **pǎ** **mī** ere-ãpa
vovó assim INTER HAB 2sg.I-fazer
"vovó, é assim que você sempre faz?"

6.1.1.5 Foco assertivo

A partícula **xowe** é um tipo de foco assertivo⁷ (cf. Givón, 2001). Sua utilização leva o ouvinte a estabelecer um contraste entre o conteúdo informacional de duas assertivas. Ocorre após o constituinte foco da segunda assertiva. Em geral, parece haver um tipo de

⁷ Segundo Givón (2001: 223), todo foco assertivo é um foco contrastivo, entretanto, o contrário não é verdadeiro.

comparação entre essas assertivas, cujo objetivo é salientar a diferença informacional entre elas, como pode ser verificado nos seguintes exemplos:

- (494) \emptyset -enyr-a \emptyset -we i-ãpa-wo xapakãnio- \emptyset r-owãj-a \emptyset -pe
 3.II-irmã-REFER R-POSP 3.II-fazer-GER gavião-REFER R-rabo-REFER R-POS
- i-kywyr-a \emptyset -we **xowe** rō'ō rãka'ẽ \emptyset -ãxor-owãj-a \emptyset -pe
 3.II-irmão-REFER R-POSP FOC N.ASS PAS.REM 3.II-papagaio-rabo-REFER R-POS
- "para a irmã dela fizeram-no (cocar) com o rabo do gavião. Para o irmão dela, diferentemente, fizeram-no com rabo de papagaio"

- (495) ie- \emptyset ekwe ã-a kãto'yw-a \emptyset -pyri ane- \emptyset **xowe** ekwe
 1sg-REFER F.IMI 1sg.I-ir Kãto'ywa-REFER R-POS 2sg-REFER FOC F.IMI
- kojapã'ãxigamama-jpe
 campo.de.futebol-LOC
- "eu irei para junto de Kãto'ywa. Já você irá para o campo de futebol"

- (496) gỹ- \emptyset mĩ a-ãpa wetepe o'i- \emptyset akoma'e-kwer-a mĩ wer-or
 PL-REFER HAB 3.I-fazer muito farinha-REFER homem-GRUP-REFER HAB 3.CC-vir
- wetepe tãtããpepakyg-ama'e- \emptyset ã'ẽre **xowe** i-xokã- \emptyset a-a-wo tãxão- \emptyset
 muito banana.comprida-N.PRED-REFER CD FOC 3.II-matar-I2 3.III-ir-GER porcão-REFER
- "eles sempre fazem muita farinha. Os homens sempre vão buscar muita banana comprida e só depois é que vão matar porcão"

6.1.2 Partículas de posição final de oração

As partículas descritas a seguir ocorrem em posição final na oração, isto é, são os últimos constituintes da oração, fato este que não as impede de ocorrerem seguidas de outras partículas intra-sentenciais, como o *reportivo* ou partículas marcadoras de sexo. Ademais, pode acontecer de elas ocorrerem mais de uma vez na sentença, quando esta é composta por mais de uma oração.

6.1.2.1 Passado

Rã'ẽ é uma partícula que exprime tempo 'passado'. Ocorre em posição final de oração, sobre a qual tem seu escopo, independentemente se o constituinte que a antecede é um sintagma nominal ou verbal, como pode se ver no exemplo (497), adverbial (498) ou mesmo uma outra partícula (499).

(497) wãri'o-ø rõ'õ a-ixãk miãr-a **rã'ẽ** ã'ẽ rõ'õ a-xe-mim **rã'ẽ**
 Wãri'o-REFER N.ASS 3.I-ver veado-REFER PAS CD N.ASS 3.I-REFL-esconder PAS
 "Wãri'o viu um veado e ele (o veado) se escondeu"

(498) maryn tã ãkaj ere-a ãxe'i **rã'ẽ**
 por que INTER C.I.COM 2sg.I-ir ontem PAS
 "por que você foi ontem?"

(499) ie-ø ã-kwããw a-a rõ'õ ke **rã'ẽ**
 1sg-REFER 1sg.I-saber 3.I-ir N.ASS DUB PAS
 "eu sei. Ele pode ter ido embora"

6.1.2.2 Futuro

A ocorrência do evento ou estado em momento posterior ao da fala é assinalada pela partícula **ne** 'futuro', exemplos (503) e (504). Cabe esclarecer que **ne** não é uma partícula de confiabilidade da informação, e que a questão da incerteza que a cerca é um subproduto do futuro. No caso em que o falante quer assinalar incerteza quanto à realização do evento, utiliza-se também a partícula **ke** 'dubitativo', de segunda posição (505). À semelhança da partícula **rã'ẽ** 'passado', **ne** ocorre como último constituinte da oração, sobre a qual tem seu escopo.

- (500) ãxiwe ã-waem we-a-wo **ne**
 amanhã 1sg.I-chegar 1sg.III-ir-GER FUT
 "amanhã eu chegarei lá"
- (501) ekwe i-tor-i ne=∅-men-i ne=∅-we **ne**
 D.E 3.II-vir-I2 2sg.II=R-marido-ATE 2sg.II=R-POS FUT
 "lá (uma dia) virá um maridinho para você"
- (502) peẽ-∅ **ke** are-magãtyro tãryj-pe arepe **ne**
 2pl-REFER DUB 1excl.II-enfeitar alegre-LOC 2sg/2pl→1excl FUT
 "vocês nos enfeitaram na festa"

6.1.2.3 Aspecto iterativo

Ranõ ‘aspecto iterativo’ é uma partícula que exprime repetição de um evento ou estado (503). Comumente pode ocorrer mais de uma vez na sentença (504) e não raro é antecedida por um grupo de partículas de segunda posição, quando o primeiro constituinte é o núcleo do predicado (505).

- (503) ’ã xe=∅-waem-aramõ ere-a **ranõ**
 D.E 1sg.II=R-chegar-SUB 2sg.I-ir ITER
 "quando cheguei aqui, ele foi embora de novo"
- (504) ãxe’i rãka i-xaj’a-∅ ’y ’ã i-xaj’a-∅ **ranõ**
 ontem PAS.REC 3.II-chorar-I2 D.E D.E 3.II-chorar-I2 ITER

 ãxeiwe tã ke i-xaj’a-∅ **ranõ**
 amanhã INTER DUB 3.II-chorar-I2 ITER
 "ontem ele chorou. Hoje ele chorou de novo. Amanhã será que ele chorará de novo?"

- (505) – yni 'or rō'õ ke ekwe **ranõ**
 – não 3.vir N.ASS DUB F.IMI ITER
 " – não. Talvez ele virá de novo"

6.1.2.4 Advertência

A partícula **rãpa** exprime advertência. Explicita um conselho que visa prevenir um “mal” e que está fundamentado em análises de fatos precedentes. Contém implicações acerca de quais cuidados devem ser tomados para evitar que um possível fato não se realize. Essa partícula ocorre imediatamente após o núcleo do predicado da oração, como demonstram os exemplos a seguir:

- (506) e-tyryk morixow-a ere-kāj **rãpa**
 2sg.IMP-afastar Morixow-REFER 2sg.I-queimar ADVER
 "afasta-se Morixowa! Se não você se queima"
 (referindo-se a Morixowa que estava engatinhando em direção ao fogo)

- (507) e-paj a-manõ **rãpa**
 2sg.IMP-alimentar 3.I-morrer ADVER
 "alimente-o, se não ele morre"

- (508) taneme ã-xar ty'ār-a xe=ø-xokã **rãpa**
 rápido 1sg.I-vir ter.fome-REFER 1sg.II=R-matar ADVER
 "eu virei rápido se não a fome me mata"

6.2 Partículas flutuantes

As partículas flutuantes podem ocupar diferentes posições na oração e são de dois tipos: (i) as que não se associam a um constituinte e (ii) as que vêm justapostas à direita do constituinte sobre o qual têm seu espoco.

6.2.1 Frustrativo

A partícula **panē** não se associa a qualquer constituinte e pode ocupar diferentes posições, exceto a primeira posição na oração. A presença desta partícula expressa que o evento/estado não se realizou ou se se realizou foram frustradas as expectativas dele decorrentes (509), (510) e (511).

(509) ã-xokã-matâr **panē** rāka maj-a i-re-ka-wo ã'ē rāka n=a-manõ-j
 1sg.I-matar-DES FRUST PAS.REC cobra-REFER 3.II-CC-estar-GER CD PAS.REC não=3.I-morrer-NEG
 "eu quis matar a cobra (estando com ela) e ela não morreu"

(510) xāwāpinim-a tanã a-yj ārāxow-a ø-gāty **panē**
 onça.pintada-REFER CERT 3.I-correr arara.amarela-REFER R-POS FRUST
 "a onça pintada correu na direção da arara amarela (em vão)"

(511) are-ø **panē** rāka ara-'o marare-a'a-ø ã'ē rāka
 1excl-REFER FRUST PAS.REC 1excl.I-ingerir vaca-carne-REFER CD PAS.REC

 wyrākāj-a'a-ø **xe** ara-'o
 galinha-carne-REFER REST 1excl.I-ingerir
 "nós queríamos comer carne de vaca (em vão) e comemos só galinha"

6.2.2 Aspecto perfeito

A partícula **we** expressa aspecto perfeito. Segundo Comrie (1976a: 60) a significação geral do perfeito é "*the continuing present relevance of a past situation*". Esta partícula pode ocupar qualquer posição na oração e, em geral, é antecedida por constituintes verbais (515) e (516), e por expressões adverbiais (517) e (518). Cabe ressaltar que o perfeito pode coincidir com o momento da fala (515).

(512) n=or-i ne=r-exāk-a **a-te'omar** **we** pe a-ka-wo
 não=vir-NEG 2sg.II=R-ver-GER 3.I-trabalhar PERF D.E 3.III-estar-GER
 "ele não veio para te ver. Ainda está trabalhando lá"

(513) **eiri-ø** a-xão-patãr **we**
 Eiri-REFER 3.I-banhar-DES PERF
 "Eiri ainda quer banhar"

(514) ã-wãem kwee we-xat-a **i-a-e'ym-aramõ** **we**
 1sg.I-chegar PAS.MED 1sg.III-vir-GER 3.II-ir-NEG-SUB PERF
 "eu cheguei e ele ainda não tinha ido"

(515) **ãxe'i** **we** 'ã **i-ka-ø**
 ontem PERF D.E 3.II-estar-I2
 "desde ontem ele está aqui"

6.2.3 Restritivo

A partícula **xe** tem como função restringir, delimitar, isto é, apontar apenas uma entidade ou expressão adverbial do grupo ao qual pertence. Esta partícula tem seu escopo sobre o constituinte que a antecede, como demonstram os exemplos a seguir:

(516) kãto'yw-a rãka a-mor xe=ø-we kãwĩ-ø **xe**
 Kãto'ywa-REFER PAS.REC 3.I-dar 1sg.II=R-POS cauim-REFER REST
 "Kãto'ywa deu-me só cauim"

(517) kotãtãi-wer-a **xe** rõ'õ ke ãkaj 'ã-wo a-a rã'ẽ
 menina-GRUP-REFER REST N.ASS DUB C.I.COM D.E-LOC 3.I-ir PAS
 "acho que somente as meninas foram por aqui"

(518) tãw-e'ym-ipe mĩ i-enow-i xe=∅-xe'eg-a
aldeia-NEG-LOC HAB 3.II-ouvir-I2 1sg.II=R-falar-REFER

mãir-a **∅-tãj-pe** **xe** mĩ i-enow-i
não.índio-REFER R-aldeia-LOC RES HAB 3.II-ouvir-I2

"não é na aldeia que eles escutam minha fala. É só na cidade que eles me escutam"

No capítulo que se segue apresentarei a estrutura da oração.

Capítulo 7: A Estrutura da oração

Neste capítulo trato das orações independentes e subordinadas e dos tipos oracionais do Tapirapé. Morfologicamente, as orações independentes distanciam-se das subordinadas pelo uso de morfemas inerentes a cada uma das estruturas. Além desse fato, as orações independentes possuem autonomia gramatical e podem ser utilizadas como uma sentença, ao passo que as subordinadas necessitam sempre de uma oração matriz, ou seja, de uma independente. Os núcleos das orações matrizes são basicamente constituídos por verbos; entretanto, com menos frequência, verificam-se orações matrizes com núcleos nominais. Diferentemente das orações declarativas e negativas, que são constituídas por núcleos verbais e nominais, as imperativas são compostas apenas por núcleos verbais.

O capítulo está assim distribuído: na seção (7.1) demonstro as estruturas das orações independentes; na seção (7.2) trato da estrutura ativa “estendida” do Tapirapé; por sua vez, na seção (7.3) discuto a sentença complexa; e, por último, em (7.4) são vistos os tipos oracionais.

7.1 Orações independentes

Há dois tipos básicos de orações independentes: as orações compostas por predicados verbais e por predicados nominais. As orações com predicados verbais subdividem-se em orações intransitivas ativas, intransitivas descritivas e transitivas. Já as orações com predicados nominais são as existenciais, as equativas/inclusivas. Cabe ressaltar que, com exceção dos predicados das orações equativas/inclusivas, a negação de predicado dessas orações é realizada pelo morfema descontínuo {na=....-i}.

7.1.1 Orações com predicados verbais

As orações com predicados verbais subdividem-se em orações intransitivas e transitivas, de acordo com o número de argumentos requeridos pelo verbo. As orações intransitivas possuem um argumento na função de sujeito, enquanto que as transitivas possuem dois argumentos verbais, um na função de sujeito e outro na função de objeto. Os argumentos requeridos pelo verbo podem se manifestar por meio de pronominais ou nominais.

7.1.1.1 Orações intransitivas

7.1.1.1.1 Orações intransitivas ativas

As orações intransitivas ativas são constituídas por um verbo intransitivo ativo que se flexiona com os prefixos marcadores de pessoa da Série I (cf. (4.1.1)). Têm por predicado um verbo que admite apenas o argumento único em função de sujeito. Além do predicado, que é o constituinte básico dessas orações, observa-se a ocorrência opcional de outros constituintes como sintagmas nominais na função de sujeito, demonstrativos espaciais, partículas, expressões adverbiais tais como advérbios, sintagmas posposicionais, sintagmas locativos. Em orações constituídas apenas por sujeito e predicado, o sintagma nominal sempre antecede o predicado:

(519) **xe=r-opy-ø** **a-kapir**
1sg.II=R-pai-REFER 3.I-capinar
"meu pai capina"

(520) **peke'i-a** **a-koj**
pequi-REFER 3.I-cair
"o pequi caiu"

Entretanto, em orações constituídas por predicados intransitivos e por demonstrativos espaciais, estes freqüentemente precedem o predicado, como em (521). Caso o sujeito também seja expresso por um sintagma nominal, este pode preceder o predicado ou segui-lo, como em (522) e (523), respectivamente.

(521) **ewĩ i-tyn-i**

D.E 3.II-estar.sentado-I2

"está/aqui está sentado"

(referindo-se a um par de meias que estava enrolado atrás de um armário)

(522) **'ã xã'ẽ-ø** i-kãto

D.E panela-REFER 3.II-ser.boa

"esta/aqui panela é boa"

(523) **ekwe i-a-ø kori-ø**

D.E 3.II-ir-I2 Kori-REFER

"Kori foi lá" (lit: lá foi Kori)

As expressões adverbiais podem ocorrer em posição posterior (524) ou antecedente (525) ao predicado, conforme demonstram os exemplos a seguir:

(524) a-a **ãxeiwe**

3.I-ir amanhã

"eles vão amanhã"

(525) **kã'ã-ø r-opi** i-ãtã-ø xawaxi-ø

mata-REFER R-POS 3.II-andar-I2 jabuti-REFER

"pela mata caminha o jabuti"

7.1.1.1.2 Orações intransitivas descritivas

As orações descritivas têm como núcleo um verbo descritivo, flexionado pelos marcadores de pessoa da Série II (cf (4.1.2)), que admite apenas um argumento nuclear. Nessas orações o núcleo do predicado pode vir acompanhado por um sintagma nominal em função de sujeito (526), por expressões adverbiais (527), bem como por partículas (528), sendo a estrutura básica aquela constituída pelo predicado (529).

(526) **magãw-a** **i-pytyg**
 mangaba-REFER 3.II-ser.maduro
 "a mangaba está madura"

(527) **mãir-a** **ø-tãj-pe** **mĩ** **i-ew**
 não.índio-REFER R-aldeia-LOC HAB 3.II-ser.preguiçoso
 "na cidade ele é sempre preguiçoso"

(528) **i-kyrã** **karamee**
 3.II-ser.gordo PAS.REM
 "ela era gorda"

(529) **xe=ø-xinik**
 1sg.I=R-ser.triste
 "sou triste"

Cabe mencionar que em orações constituídas apenas por sujeito e predicado, o sintagma nominal sempre antecede o predicado, como em (526). Entretanto, se a oração for constituída pelo predicado, sintagma nominal na função de sujeito e por demonstrativo espacial ou expressão adverbial, observa-se que o demonstrativo espacial (530) ou a expressão adverbial (531) tendem a ocupar a primeira posição na sentença. Contudo, diferentemente das orações intransitivas ativas, o sintagma nominal na função de sujeito não é deslocado para a posição pós-predicado. Esse ocupa a posição imediatamente posterior ao demonstrativo espacial (530) ou à expressão adverbial (531).

(530) 'ã ane-ø ne=ø-kywer
 D.E 2sg-REFER 2sg.II=R-ser.magro
 "aqui você está magra"

(531) ãxe'i me'i-ø i-kane'õ
 ontem Me'i-refer 3.II-estar.cansado
 "ontem Me'i estava cansada"

7.1.1.2 Orações transitivas¹

As orações transitivas têm como predicado um verbo transitivo, que requer dois argumentos nucleares, sendo um na função de sujeito e o outro na função de objeto, exemplo (532). Os sintagmas nominais, geralmente, são elididos quando referidos anteriormente ou cuja referência é fornecida pela situação, permanecendo apenas o predicado e outros constituintes da oração como, por exemplo, as partículas (533). Como mencionado na seção (4.1.3), independentemente do número de argumentos, o verbo transitivo possui apenas uma vaga morfológica, que pode ser preenchida pelo sujeito (cf. exemplos (532) e (533)) ou pelo objeto (534) e (535). Por isso, os núcleos de seus predicados podem receber os marcadores de pessoa da Série I, II e IV, respeitando a hierarquia de pessoa (cf. (4.1.3.1)).

(532) xe=r-amõj-a= agỹ-ø a-kytyk mani'ak-a
 1sg.II=R-avô-REFER=PL-REFER 3.I-ralar mandioca-REFER
 "meu avô e os companheiros ralam mandioca"

¹ Segundo Givon (2001:109-Vol I), "Transitivity is a complex phenomenon involving both semantic and syntactic components. [...] The prototype event is defined by the properties of agent, patient and verb in the event-clause. [...] Syntactic prototype of clause: Clauses and verbs that have a **direct object** are syntactically transitive. All others are syntactically intransitive."

De acordo com Hopper & Thompson (1980), a transitividade verbal indica transferência de uma ação de um participante, Agente (A), para outro, o Paciente (P).

(533) **a-mãana** rākā'ē mĩ
3.I-assustar P.REM.N.A HAB
"ela sempre os assustava"

(534) ã'ē=gỹ-∅ **are-o'o** ka-pe
DEM=PL-REFER 1excl.II-morder roça-LOC
"eles nos morderam na roça"
(referindo-se aos cachorros)

(535) ie-∅ **ãpa-ixāk**
1sg-REFER 2pl.IV-ver
"eu vejo vocês"

As orações transitivas ainda podem conter, além dos argumentos nucleares e do predicado, outros constituintes tais como expressões adverbiais e partículas (536). Mesmo podendo conter vários constituintes como os ora descritos, a estrutura oracional básica é aquela composta apenas pelo predicado, como em (537).

(536) **ymỹ** **rõ'õ** **rākā'ē** konomĩ-wer-a n=a-mamar-i petek-a
antigamente N.ASS P.REM.N.A menino-GRUP-REFER não=3.I-jogar-NEG bola.de.gude-REFER
"antigamente, os meninos não jogavam bola de gude"

(537) **a-pyy-pāw**
3.I-pegar-COM
"ele pegou tudo"

As estruturas oracionais transitivas **SVO** (538) ou **OVS** (539)² são as mais freqüentes na fala cotidiana. Entretanto, pode se encontrar estruturas tais como: **SOV** (540), **OSV** (541), **VSO** (542) e **VOS** (543).

(538) **Kono-ø** a-mim **xe=ø-pã'yr-a**
 Kono-REFER 3.I-esconder 1sg.II=R-colar-REFER
 "Kono escondeu meu colar"

(539) **xãwároo-pypar-a** a-ixãk **xãri'i-ø**
 onça-rastro-REFER 3.I-ver Xãri'i-REFER
 "Xãri'i viu rastro de onça"

(540) **xe=r-amõj-a** **yro-ø** a-ãpa-kãto
 1sg.II=R-avô-REFER cesto-REFER 3.I-fazer-APREC
 "meu avô faz bem cesto"

(541) **wyrãkaj-a** **rãka** **tãpapytyg-a** a-xokã
 galinha-REFER PAS.REC Tãpapytyga-REFER 3.I-matar
 "Tãpapytyga matou a galinha"

² Os jovens letrados, principalmente os que estudam fora da aldeia, julgam ser a estrutura **SVO** a única correta. Afirmam que a estrutura **OVS** é errada e, em muitos casos, corrigem as crianças na escola. Em uma apresentação feita pelos alunos do Aranowa'yão - Ensino Médio Tapirapé-, um dos alunos foi contundente ao afirmar que essa estrutura não existe na língua Tapirapé. Que apenas a estrutura **SVO** é correta para se entender "direitinho" o que se fala. Esta afirmação gerou muita polêmica. A maioria discordava e argumentava que se os mais antigos falam nesta ordem é porque está certo. Entretanto, ocorreu um fato hilário no intervalo da aula. Ia passando perto da porta da sala de aula um cachorro esquálido, quando o beiju que eu estava comendo caiu ao chão. Ao abaixar-me para retirá-lo do local, o animal avançou em mim e por pouco não me mordeu. A mesma pessoa que não tinha aceitado a estrutura **OVS** e que a considerou agramatical, assustou-se com o ocorrido e proferiu a seguinte sentença na ordem **OVS**:

exãk! Wãkiri-ø **a-o'ø** **xãwãr-a**
 veja! Walkíria-REFER 3.I-morder cachorro-REFER
 'vejam! o cachorro mordeu a Walkíria'.

(542) are-nopỹ **are-ø** **ã'ẽ=gỹ-ø**
 1excl.I-bater 1excl-REFER DEM=PL-REFER
 "eles nos bateram"

(543) a-mama-kãto-'i **petek-a** **konomĩ-wer-a**
 3.I-jogar-APREC-ATE bola.de.gude-REFER menino-GRUP-REFER
 "os meninos jogam bola de gude direitinho"

7.1.1.3 Relações gramaticais

Segundo Leite (1990: 45), apesar de o Tapirapé ser uma língua ativa-estativa, as relações semânticas de Agente e Paciente são insuficientes para explicar o seu funcionamento gramatical. A autora (*op. cit*) argumenta que é a categoria **sujeito** que controla a correferencialidade³, independentemente de ser o sujeito de uma oração transitiva (A), o da intransitiva dinâmica (Sa) ou o da estativa (So). Cabe ressaltar que no âmbito desse trabalho, adoto a análise de Leite (*op.cit*), por serem o Agente e o argumento único dos verbos intransitivos ativo e descritivo os controladores da correferência em geral, podendo ser intra-oracional ou entre as orações matrizes e as subordinadas.

Com exceção do reflexivo (544), que é controlado pelo Agente do transitivo, a marca de correferência intra-oracional é realizada pelo paradigma da Série III, indiferentemente de ser um complemento do verbo na posição de objeto, um nome relativo (545) ou autônomo (546), ou um sintagma posposicional (547).

(544) i-kyr-ire rãka i-**xe**-ma-par-i inina-ø ø-pe
 3.II-chover-CONS PAS.REC 3.II-REF-CAUS-sair-I2 corda-REFER R-POS
 "depois que choveu elas pularam corda"

³ O termo *correferência* foi utilizado pela primeira vez por Dooley (1982) e depois por Jensen (1990:120) em estudos sobre morfossintaxe Tupí-Guaraní.

- (545) **we-memyr-a** **kwee** **ie-ø** **ã-mamion**
 3.III-filho-REFER PAS.MED 1sg-REFER 1sg.I-pintar.de.preto
 "eu pintei de preto meu próprio filho"
- (546) **a-ixãk-akâr** **xe=ø-we** **a-xã'ẽ-ymin-a**
 3.I-ver-MASD 1sg.II=R-POS 3.III-panela-VEL-REFER
 "ela mostrou-me a panela velha dela"
- (547) **ara-xat-a** **ekwe** **ara-weror** **tãtã-ø** **ara-xe-we** **xe** **ranõ**
 1excl.III-vir-GER F.IMI 1excl.I-trazer banana-REFER 1excl.III-REF-POS RES ITER
 "nós traremos bananas de novo só para nós mesmos"

Por sua vez, o Agente e o argumento único do intransitivo ativo e descritivo da oração matriz são os controladores da correferência nas subordinadas. A correferência na subordinada é marcada por sufixos e/ou prefixos da Série III. O sufixo {-wo} (-wo ~ -a ~ -ta) 'gerúndio'⁴ assinala a correferência entre os participantes Agente e/ou argumento único da subordinada e o Agente e/ou o argumento único da matriz, cujo núcleo do predicado é um verbo transitivo ou intransitivo ativo. Se o verbo da subordinada for intransitivo, receberá o referido sufixo e os prefixos da Série III (548). Neste caso parece haver uma sobreposição de correferencialidade, pois tanto o sufixo quanto os prefixos indicam correferência entre o sujeito desta com o da matriz. Por sua vez, se o verbo for transitivo, a correferencialidade entre os sujeitos será assinalada apenas pelo sufixo {-wo}, e a referência ao paciente será feita pelos marcadores da Série II (549) ou por um sintagma nominal, como em (550).

- (548) **ã-ixãk** **teny-ø** **we-a-wo**
 1sg.I-ver Teny-REFER 1sg.III-ir-GER
 "eu vi Teny quando fui"

⁴ Conforme nota 19 do Capítulo 2, utilizo a terminologia tradicionalmente usada nas línguas da família Tupí-Guaraní para os sufixos {-wo} e {-aramõ}, ou seja, gerúndio e subjuntivo, respectivamente.

(549) ã'ẽ=gã-ø a-yj a-a-wo xe=ø-kotok-a
 DEM=SG-REFER 3.I-correr 3.III-ir-GER 1sg.II=R-cutucar-GER
 "ele correu (indo) quando me cutucou"

(550) xãrio-ø a-a **miãr-a** ø-mamyrõ-wo
 Xãrio-REFER 3.I-ir veado-REFER R-procurar-GER
 "Xãrio foi procurar veado"

Nas orações descritivas, a correferência é assinada somente pelos marcadores de pessoa da Série III (551). Estas orações diferenciam-se das intransitivas ativas por receberem apenas o sufixo subordinador {-**ãramõ**}, indiferentemente de o sujeito da subordinada ser correferente ou não ao da matriz. A não-correferencialidade é assinalada pelos prefixos da Série II (552) ou por um sintagma nominal (553).

(551) t-aryj-pe **ara**-poraãj-ta rãka **ara**-ka **arax-ary-xaryw-amõ**
 3.II-ser.alegre-LOC 1excl.III-dançar-GER PAS.REC 1excl.I-estar 1excl.III-ser.alegre-REDUP-S.P.N.AT
 "na festa nós dançamos e estávamos muito alegres"

(552) **ne**=ø-xinyk 'ã e-ka-wo **xe=ø-xinyk-ãramõ**
 2sg.II=R-ser.triste D.E 2sg.III-estar-GER 1sg.II=R-ser.triste-S.P.N.AT
 "você fica triste quando estou triste"

(553) ã-ãpa ekwe tori-kawĩ-ø 'y-ø **r-akow-ãramõ**
 1sg.I-fazer F.IMI não.índio-cauim-REFER água-REFER R-ser.quente-S.P.N.AT
 "eu farei o café se a água estiver quente"

Outro tipo de oração em que a correferencialidade é assinalada somente pelos marcadores de pessoa da Série III é a consecutiva {-**ire**} (-ire ~ -re) (cf. (7.3.2.3)). A Série III assinala a correferencialidade entre o argumento único dessa oração e o Agente (554) ou o argumento único da matriz (555).

(554) **a-ker-ire** wetepe xãpi'i-ø **i-pyej-ø** xã'ẽ-ø
 3.III-dormir-CONS muito Xãpi'i-REFER 3.II-lavar-I2 panela-REFER
 "depois que Xãpi'i dormiu muito, ela foi lavar as panelas"

(555) ã-xepyto'ak ekwe **we-karō-pāw-ire**
 1sg.I-descansar F.IMI 1sg.III-comer-COM-CONS
 "descansarei depois de comer tudo"

Nas construções de subjuntivo (cf. (7.3.2.1)), orações que só ocorrem com verbos transitivos e intransitivo ativo, o sufixo {-**āramō**} (-āramō ~ -ramō ~ -amō ~ -mō) indica que o Agente ou o argumento único da matriz não são idênticos aos dessas orações. Verifica-se que o argumento único das subordinadas no subjuntivo é codificado pelos prefixos da Série II (556), ao passo que o paciente pode ser codificado pelos prefixos da Série II (557) ou por um sintagma nominal (558). Entretanto, os marcadores da Série III estabelecem um outro tipo de correferência, desta vez entre o Agente ou o argumento único da principal e o Paciente da subordinada, como pode se ver nos exemplos (559) e (560).

(556) ã-ixāk ne=ø-y-ø **i-a-ramō**
 1sg.I-ver 2sg.II=R-mãe-REFER 3.II-ir-SUB
 "vi sua mãe quando ela se foi"

(557) a-xokã tãxão-ø w-āty-ø **i-'o-wej-āramō**
 3.I-matar porcão-REFER 3.III-esposa-REFER 3.II-ingerir-DES-SUB
 "ele matou o porcão porque a esposa dele queria comê-lo"

(558) **miār-a** **ø-xokã-mō** ara-'o ø-a'a-ø
 veado-REFER R-matar- SUB 1excl.I-ingerir 3.II-carne-REFER
 "quando ele matou o veado, nós comemos a carne dele"

(559) **ie-ø** **ã-nopỹ** **we-o'o-ramõ**
1sg-REFER 1sg.I-bater 1sg.III-morder-SUB
"eu bati nele quando ele me mordeu"

(560) **a-yj** **a-a-wo** **ie-ø** **a-kotok-amõ**
3.I-correr 3.III-ir-GER 1sg-REFER 3.III-cutucar-SUB
"ele correu (indo) quando eu o cutuquei"

Cabe ressaltar que, mesmo a única vaga morfológica do transitivo sendo ocupada pelo Paciente em virtude da hierarquia de pessoa, é o sujeito gramatical que controla a correferência na subordinada, como se pode observar no exemplo a seguir:

(561) **me'i-ø** **ere-ø-mook** **a-yj-ta** **a-a-wo**
Me'i-REFER 2sg.II-R-molhar 3.III-correr-GER 3.III-ir-GER
"Me'i te molhou enquanto corria (indo)"

A única propriedade positiva que define a função de objeto é que o Paciente pode ocupar a única vaga morfológica do transitivo nas orações independentes em virtude da hierarquia de pessoa (cf. (561)). Entretanto, apesar de o Tapirapé ser uma língua rica em morfologia e de não possuir regras abstratas para expressar o controle das anáforas, são as relações gramaticais de Sujeito que governam a reflexivização, a correferencialidade intra-oracional, bem como entre sentenças complexas.

7.1.2 Orações com predicados nominais

As orações com predicados nominais são aquelas que têm um nome como predicado. Estabelecem relação de existência, de identificação e de inclusão. As orações existenciais são de dois tipos, a saber: a existencial possessiva e a existencial absoluta. As existenciais possessivas têm a capacidade de associarem-se a um sintagma nominal na função de sujeito, enquanto que as existenciais absolutas não. As orações equativas e inclusivas distinguem-se semanticamente, contudo não apresentam diferença gramatical.

7.1.2.1 Orações existenciais

Um nome pode instituir predicado naturalmente sem que haja cópula ou morfologia que indique mudança de classe gramatical. As orações existenciais são aquelas cujo núcleo do predicado é um nome não marcado com o sufixo referenciante {-a}. São de dois tipos: as existenciais possessivas e as absolutas. As existenciais possessivas têm um nome relativo (562) ou autônomo (563) como núcleo do predicado. Por serem capazes de associarem-se a um sintagma nominal, formam-se com este uma construção genitiva. As orações absolutas têm um nome absoluto (564) como predicado, e este, por sua vez, não admite indicação de possuidor. Cabe ressaltar que as orações absolutas são menos produtivas que as possessivas.

(562) eirowi- \emptyset **\emptyset -etym**
 Eirowi-REFER 3.II-casa
 "Eirowi tem casa" (lit: Eirowi a casa dela (existe))"

(563) ie- \emptyset **xe=r-exã'ẽ-'yã**
 1sg-REFER 1sg.II=R-panela-novo
 "eu tenho panela nova" (lit: (existe) minha panela nova)"

(564) **miã**
 veado
 "veado" (lit: (existe) veado)

As orações existenciais possessivas comportam-se de modo similar ao das descritivas. Indicam a categoria de pessoa por meio dos marcadores da Série II e admitem apenas um argumento nuclear (cf. (562) e (563)). O núcleo do predicado dessas orações pode vir acompanhado por outros constituintes, como expressões adverbiais (565), partículas intra-oracionais tanto de posição fixa (566) quanto flutuante (567), sendo a estrutura básica aquela constituída apenas pelo predicado (568).

- (565) **ãxe'i majtyri-pe** i-pyyro-'yão
ontem Majtyri-LOC 3.II-sapato-novo
"ontem em Majtyri ele tinha sapato novo"
(lit: ontem em Majtyri (existia) sapato novo dele)
- (566) **tãw-a rō'ō rāka'ē nã=h-er-i**
aldeia-REFER N.ASS P.REM.N.A não=3.II-nome-NEG
"a aldeia (parece) não tinha nome"
(lit: a aldeia (não existia) o nome dela)
- (567) **mokoj panē** karãe xe=r-ã'yr⁵ xyre-ø
dois FRUST PAS.REM 1sg.II=R-filho rapaz-REFER
"eu tive dois filhos rapazes em vão"
(lit: meus dois filhos rapazes em vão (existiram))
- (568) **marynime tã'ē ne=ø-memyr**
quantos INTER 2sg.II=R-filho
"— quantos filhos você tem"
(lit: quantos filhos seus (existem))
nã-xe=ø-memyr-i
não-1sg.II=R-filho-NEG
"— não tenho filhos"
(lit: meu filho (não existe))

Essas orações podem funcionar como orações matrizes e seus sujeitos, codificados pelo prefixo {i-} da Série II, são os controladores da correferência na subordinada, como pode ser verificado nos exemplos a seguir:

⁵ Filho do ego masculino.

(569) amõ-ø kwâr-ipe kwee **i-yâr** **a-ka-wo** ã'ê kwee a-me'eg
IND-REFER sol-LOC PAS.MED 3.II-canoa 3.III-estar-GER CD PAS.MED 3.I-vender
"no ano passado ele tinha canoa aí ele a vendeu"

(570) ã'êre xowe **i-patyr** **'op-a**
CD FOC 3.II-flor 3.estar.deitado-GER
"só depois ele terá flor"

As orações existenciais absolutas, diferentemente das possessivas, são formadas basicamente pelo núcleo do predicado (571). O predicado pode vir acompanhado, em poucos casos, apenas por expressões adverbiais (572) ou demonstrativos espaciais (573).

(571) **tâpi'ir**
anta
"anta" (lit: anta (existe))

(572) **xâwâr** **tâj-pe**
cachorro aldeia-LOC
"tem cachorro na aldeia" (lit: cachorro na aldeia (existe))

(573) **ekwe** **'y**
D.E água
"lá tem água/rio" (lit: lá água/rio (existe))

7.1.2.2 Orações equativas e inclusivas

As orações equativas expressam uma relação de identidade, enquanto que as inclusivas, a inserção de determinada entidade em um conjunto. Essas orações compõem-se de dois sintagmas justapostos, em que o primeiro desempenha a função de sujeito e o segundo a de predicado, sendo esta ordem fixa. Possuem estrutura sintática diferente das demais orações com predicados nominais, pois têm um nome marcado com o sufixo referenciante {-a} em função de predicado (equativa (574)) e (inclusiva (575)). São

negadas pelo sufixo {e'ym} 'negação de constituinte' (576), diferentemente dos outros tipos de predicado da língua, inclusive dos predicados que têm um nome como predicado, cuja negação é realizada pelo morfema descontínuo {na=...-i}.

(574) **porãke'i-ø** **xe=ø-y-ø**
 Porãke'i-REFER 1sg.II=R-mãe-REFER
 "Porãke'i é minha mãe"

(575) **xawaxi-ø** **kã'ã-ø** **r-opi- wâr-a**
 jabuti-REFER mata-REFER R-POS-N.CIR-REFER
 "o jabuti é da mata"

(576) **xãwãrãxowi-ø'** **kãrãxã-e'ym-a**
 Xãwãrãxowi-REFER karajá-NEG-REFER
 "Xãwãrãxowi não é karajá"

Conforme discutido na seção (2.3), o predicado das orações equativas/inclusivas do Tapirapé não se diferencia de sintagmas nominais em função argumental e necessita do morfema {-a} 'referenciante', possivelmente por ser um tipo de predicado referencial. A hipótese com que venho trabalhando é que a ocorrência do referido morfema, no predicado, identifica a classe das entidades à qual pertence o sujeito. Entretanto, esta é uma das questões que merecem ser investigadas em trabalhos futuros.

Apesar de se diferenciar das orações existenciais, as orações equativas/inclusivas apresentam características gramaticais em comum com aquelas orações. Verifica-se a ocorrência de partículas de confiabilidade da informação (577) e fonte de informação (578), ambas de segunda posição, bem como expressões adverbiais que indicam tempo (579).

(577) **tãparawoo'i-ø** **ekwe makãrore-ø** **r-ãty-ø**
 Tãparawoo'i-REFER F.IMI Makãrore-REFER R-esposa-REFER
 "Tãparawoo'i será esposa de Makãrore"

(578) **ie-∅** **karamee** parama'eãr-a
 1sg-REFER PAS.REM professor-REFER
 "eu fui professor"

(579) **amõ-∅** **xãy-∅** **r-e** xe=r-opy-∅ kapitãw-a
 IND-REFER lua-REFER R-POS 1sg.II=R-pai-REFER cacique-REFER
 "no próximo mês meu pai será o cacique"

7.2 O Tapirapé: Uma língua de estrutura ativa “estendida”

Consoante Leite (1990), o Tapirapé é uma língua de estrutura ativa, ou seja, apresenta duas classes de verbos intransitivos. Uma classe em que o sujeito do verbo intransitivo flexiona-se com o mesmo paradigma de pessoa que marca o sujeito do verbo transitivo, a saber, a Série I, enquanto que a outra classe de verbos recebe o paradigma que marca o objeto dos transitivos, a Série II. Resumindo, Leite (*op. cit*) estabelece uma comparação interna dos verbos. Agrupa verbos transitivos (580) e intransitivos ativos (581) e diferencia os intransitivos ativos (581) dos descritivos (582). Por sua vez, aponta semelhanças desses (582) com os objetos dos transitivos (583).

(580) **ã-xãok** **rãka** **mãir-a** **∅-xãok-ãj-pe**⁶
 1sg.I-banhar PAS.REC não.índio-REFER R-banhar- N.PROC-REFER-LOC
 "eu tomei banho no (represa) banho dos não-índios"

(581) **ã-kytyk** **mĩ** **mani'ak-a**
 1sg.I-ralar HAB mandioca-REFER
 "eu sempre ralo mandioca"

⁶ **mãira xãokãwa**, 'banho de tori' como é conhecida, é uma represa que pertence à destilaria Araguaia e situa-se bem próxima à divisa da área indígena Urubu Branco.

(582) 'ã xe=ø-kwer

D.E 1sg.II=R-ser.magro

"eu agora estou magra"

(583) marãxe'i-ø xe=ø-mook tyro-paej-ta

Maraxe'i-REFER 1sg.II=R-molhar roupa-lavar-GER

"Maraxe'i me molhou quando ela lavava roupa"

Este trabalho complementa a contribuição de Leite (*op. cit*) ao explicitar: i) o fato de que nomes utilizam a mesma Série de pessoa que os descritivos; ii) quais foram os critérios utilizados para a identificação das classes lexicais nomes e verbos e iii) que os nomes podem instituir predicados naturalmente.

Como visto na seção (4.1), a codificação de pessoa é válida para diferenciar os tipos de verbos. Entretanto, este mesmo mecanismo é eficaz também para diferenciar tipos de predicados. Como pode ser verificado na seção (1.1), os nomes podem instituir predicado de modo natural e compartilham com os verbos similaridades comportamentais. Utilizam as mesmas marcas de índice de pessoa que os descritivos, a Série II, como demonstram os exemplos a seguir:

verbos descritivos

(584) i-ty'är rō'õ a-'ym-a

3.II-estar.faminto N.ASS 3.III-estar.em.pé-GER

"parece que eles estão com fome (estando em pé)"

(referindo-se aos urubus que estavam em pé esperando que os cachorros acabassem de comer os restos de uma vaca morta)

(585) xe=ø-kaneõ-ete ã-ke-patã

1sg.II=R-estar.cansado-INTNS 1sg.I-dormir-DES

"estou muito cansado. Quero dormir"

nome

(586) ã'ëre ekwe amanyxo-ø **i-patyr**

CD F.IMI algodão-REFER 3.II-flor

"depois o algodão terá flor"

(587) **xe=ø-kypy'yr** h-er-a iona'i-ø

1sg.II=R-irmã 3.II-nome-REFER Iona'i-REFER

"eu tenho irmã, o nome dela é Iona'i"

(lit: minha irmã (existe), o nome dela é Iona'i)

Com base na análise dos exemplos acima, pode-se deduzir que, apesar de os nomes e os descritivos pertencerem a classes lexicais diferentes, sintaticamente instituem o mesmo tipo de predicado. Uma outra característica que demonstra que os descritivos e os nomes compõem o mesmo tipo predicado advém do fato de eles receberem o morfema {-**ãramõ**}⁷ (-ãramõ ~ -ramõ) 'subordinador de predicado não-ativo' ao instituírem núcleos de predicados subordinados:

verbos descritivos

(588) a-'o o'i-ø **a-ty'ar-ãramõ**

3.I-ingerir farinha-REFER 3.III-estar.famito- S.P.N.AT

"ela come farinha quando está com fome"

⁷ Cabe esclarecer que no Tupinambá (Rodrigues, 1996), os predicados descritivos subordinados, ou seja, predicados cujos núcleos são constituídos pelos *nomes de qualidade*, segundo a terminologia de Rodrigues (*op. cit.*), recebem o morfema {-**ramo**}, cognato ao {-**ãramo**} 'subordinador de predicado não-ativo' do Tapirapé. Entretanto, o subjuntivo no Tupinambá é expresso pelo sufixo {-**reme**}. Apesar de o subordinador de predicado não-ativo {-**ãramo**} ser homófono ao sufixo do subjuntivo, há diferenças gramaticais entre eles. O sufixo do subjuntivo {-**ãramo**} só ocorre quando não há correferência entre os sujeitos da oração matriz e da subordinada, enquanto que o sufixo subordinador de predicados não-ativos ocorre havendo correferencialidade entre os sujeitos ou não. Além desse fato, o subordinador de predicados não-ativos apresenta alomorfa distinta da do subjuntivo, (-ãramõ ~ -ramõ), enquanto que o subjuntivo apresenta a seguinte alomorfa: (-ãramõ ~ -ramõ ~ -amõ ~ -mõ). Semanticamente, o sufixo subordinador de predicados não-ativos expressa uma propriedade adquirida que se instala por determinado tempo ou indica uma localização espacial temporária (cf. (7.3.2.4)).

- (589) **wex-ã̃y-ramõ** ã̃-nopỹ i-re-ka-wo
 1sg.III-estar.com.raiva- S.P.N.AT 1sg.I-bater 3.II-CC-estar-GER
 "quando eu estava com raiva eu bati nele (estando com ele)"
 (referindo-se ao cachorro)

nome

- (590) **a-yã̃r-ã̃ramõ** kwee mĩ i-a-ø mãir-a ø-tã̃j-pe
 3.III-canoa- S.P.N.AT PAS.MED HAB 3.II-ir-I2 não.índio-REFER R-ldeia-LOC
 "quando ele tinha canoa, ele sempre ia à cidade"

- (591) **wex-etym-ã̃ramõ** mõ-ø ie-ø ã̃-ka 'ã̃-wo
 1sg.III-casa- S.P.N.AT IND-REFER 1sg-REFER 1sg.I-estar D.E-LOC
 "se eu tivesse uma casa, eu ficaria por aqui"

Os predicados cujos núcleos são compostos por descritivos e nomes, ao receberem a referida marca de subordinação, flexionam-se em pessoa de maneira similar aos predicados verbais intransitivos ativos no gerúndio, ou seja, com os prefixos da Série III, como demonstram os exemplos acima.

Cabe ressaltar que os nomes absolutos, mesmo não admitindo um complemento adnominal, como no caso dos nomes relativos e autônomos, enquadram-se na classe de predicados não-ativos. Verifica-se que esses nomes recebem o sufixo {-ã̃ramõ}⁸ ao instituírem predicados subordinados (592) e (593). Excepcionalmente, os nomes admitem indicação de um possuidor que, neste caso, é marcado com os índices de pessoa da Série II (594).

- (592) **xe=ø-totyr-a a-ka kapitãw-ã̃ramõ**
 1sg.I=R-tio-REFER 3.I-estar cacique- S.P.N.AT
 "meu tio é cacique temporariamente"
 (lit: meu tio está como cacique)

⁸ Este morfema é tradicionalmente conhecido em publicações sobre a família Tupí-Guaraní com caso translativo.

(593) **ypyton-imo ara-ixāk xãy-ramõ**
 escuro-LOC 1excl.I-ver lua-S.P.N.AT
 "na noite a vemos como lua"

(594) **epe xe=ø-magãw**
 D.E 1sg.II=R-mangaba
 "lá eu tinha mangabas"

Daí pode-se reconhecer que descritivos e nomes têm em comum a “não-atividade”. O traço semântico menos ativo caracteriza tais palavras, e seus sujeitos conseqüentemente apresentam esse traço, semelhante ao dos objetos. São predicados não-ativos, apesar de pertencerem a classes lexicais distintas. Por sua vez, o traço semântico ativo caracteriza os verbos intransitivos ativos, cujos sujeitos apresentam traços semânticos mais ativos iguais aos marcadores de sujeitos dos verbos transitivos. Logo, com base na codificação de pessoa e no tipo de subordinador que esses elementos recebem, podem-se distinguir dois tipos de predicados: os predicados ativos constituídos pelos verbos transitivos e intransitivos ativos, que recebem os prefixos da Série I, e os predicados não-ativos, formados pelos descritivos e nomes, que recebem os marcadores de pessoa da Série II.

Como visto, o Tapirapé apresenta uma cisão de predicados monovalentes, além de uma cisão interna na classe dos verbos, como proposto por Leite (*op. cit.*). A predicação monovalente está dividida em dois tipos de predicados:

i) a predicação não-ativa, cujo núcleo é constituído por verbos descritivos e nomes, em que o argumento único recebe a mesma marca do objeto do transitivo, como demonstram os seguintes exemplos:

verbos descritivos

(595) **i-aryw a-ka-wo xe=ø-aryw-ãramõ**
 3.II-estar.alegre 3.III-estar-GER 1sg.II=R-ser.alegre-S.P.N.AT
 "ela fica alegre quando estou alegre"

nome

- (596) **i-kyxeo** kwee epe
3.II-facção PAS.MED D.E
"ele tinha facção lá" (lit: facção dele (existia) lá)

ii) A predicação ativa, cujos núcleos são formados por verbos transitivos e intransitivos ativos, em que o argumento único do intransitivo recebe a mesma marca do sujeito do transitivo :

verbo intransitivo

- (597) kwãxi-ø mĩ **a-xoopir** 'ywyrã-ø r-e
quati-REFER HAB 3.I-subir árvore-REFER R-POS
"o quati sempre sobe em árvore"

verbo transitivo

- (598) korãpã-ø **a-ixãk** a-a-wo 'ãwãxi-kyr-a
Korãpã-REFER 3.I-ver 3.III-ir-ger milho-estar.verde-REFER
"Korãpã está indo para ver o milho verde"

A diferença semântica entre os predicados monovalentes cinde a predicação em ativa e não-ativa. Mesmo se não fosse possível distinguir nomes e verbos, por serem primariamente predicados, seria possível identificar os tipos de predicados. Entretanto deve-se perguntar se com base na cisão de predicados monovalentes em ativos e não-ativos, poder-se-ia atribuir a definição de língua ativa para o Tapirapé, já que Klimov (1974) e Dixon⁹ (1994) consideram que as línguas com tipologia ativa ou de sujeito cindido são as que apresentam dois tipos de verbos, ou seja, os verbos ativos e os verbos de estado. Barraza de Garcia (2005) descreve a língua Shawi (Peru) como tendo uma cisão tanto nos verbos quanto nos predicados monovalentes em ativos e estativos. Barraza de

⁹Dixon (1994) chama de *split S system* um sistema que combina um alinhamento nominativo-acusativo com um alinhamento absoluto.

Garcia (*op. cit*) defende a idéia de que o Shawi é uma língua “ativa estendida” por apresentar além da cisão nos verbos a cisão nos predicados monovalentes.

O Tapirapé possui características que se ajustam às descritas por Klimov (*op. cit*) para as línguas de tipologia ativa, tais como: ausência de verbos de posse; ausência de referência temporal; ausência de voz. Além disso, a codificação de pessoa dos predicados não-ativos é igual à marcação do objeto das orações transitivas. Pelo que tudo indica, o Tapirapé apresenta um comportamento de língua ativa, só que em relação aos tipos de predicado. O que é bem natural, já que as entradas lexicais nomes e verbos são inerentemente predicados, e qualquer distinção entre predicados só se realiza no âmbito da predicação. Pelo visto, a cisão de predicados monovalentes apresentada aqui não invalida as definições de línguas ativas propostas por Klimov (*op. cit*) e Dixon (*op. cit*); as amplia uma vez que esses autores só se referem aos tipos de verbos. Ou seja, o Tapirapé apresenta um comportamento de língua ativa “estendida”, conforme proposto por Barraza de Garcia (*op. cit*) para o Shawi.

7.3 A sentença complexa

As sentenças complexas são constituídas por coordenação e subordinação. A coordenação tem organização interna similar à das orações independentes e se realiza por meio de parataxe e por conectivos discursivos. A subordinação, por sua vez, distingue-se da coordenação por meio de marcas de dependência sintática.

7.3.1 Orações coordenadas

As estratégias para se coordenar orações são a parataxe, justaposição de orações, e os conectivos discursivos. Na coordenação sentencial, as orações mantêm estruturas de oração independente, ou seja, os predicados ativos flexionam-se com as marcas de pessoa da Série I, salvo quando ocorre a hierarquia de pessoa, enquanto que os predicados não-ativos recebem os índices de pessoa da Série II sem a marca de subordinação. A coordenação parataxe pode se dar entre duas orações transitivas (599), uma transitiva e

uma intransitiva (600), duas intransitivas (601), uma intransitiva e uma descritiva (602), uma intransitiva e uma existencial possessiva (603), ou seja, independentemente da valência verbal e do tipo de predicado.

(599) kwāxi-∅ **a-o'o** ãpĩ-∅ **a-nopỹ-nopỹ**
 quati-REFER 3.I-morder mamãe-REFER 3.I-bater-REDUP
 "o quati mordeu a mamãe (e), ela bateu muito nele"

(600) wākiri-∅ **a-ãpa** 'ãwāxi-ko'i-∅ **n=a-karõ-j**
 Walkíria-REFER 3.I-fazer milho-estar.esmigalhado-REFER não=3.I-comer-NEG
 "Walkíria fez milho esmigalhado (mingau de fubá) (e) não comeu"

(601) kopi'i-∅ **a-xe-mim** are=∅-wi **ã-xaj'a-ete**
 Kopi'i-REFER 3.I-REF-esconder 1excl.II=R-POS 1sg.I-chorar-INTNS
 "Kopi'i sumiu (de nós), eu chorei muito"

(602) marare-∅ panẽ **a-manõ** **i-kaw** rõ'õ
 vaca-REFER FRUST 3.I-morrer 3.II-ter.banha N.ASS
 "a vaca morreu, parece que ela tinha banha"

(603) xe=∅-kywyr-a **t-ã'yr** **i-py'akygãty**
 1sg.II=R-irmão-REFER 3.II-filho 3.II-ser.corajoso
 "meu irmão tem filho, ele é corajoso"

A justaposição de orações pode exprimir um tipo semântico de coordenação sequencial (cf. (599)), adversativa (600), causa e conseqüência (601). A coordenação, que pode também ser interpretada como adversativa, exprime-se por meio de parataxe e negação. Neste caso a oração afirmativa sempre precede à negativa, como se pode ver em (600). Na coordenação causa e conseqüência, a oração causal sempre precede a consecutiva (cf. (601)). Na parataxe verifica-se coordenação com sujeitos idênticos (cf. (600), (602) e (603) e distintos ((599) e (601))).

A coordenação por meio de conectivos é outra estratégia para expressar coordenação sentencial. Os conectivos são locuções resuntivas formadas pelo demonstrativo **ã'ẽ**, que recebe o sufixo {-**pe**} 'locativo', a posposição {-**wi**} 'ablativo', e as formas **re** e **ramõ**¹⁰, homófonas aos alomorfes dos sufixos {-**ire**} 'consecutivo' e {-**ãramõ**} 'subjuntivo', respectivamente. Ocorrem no início de uma oração e referem-se a constituintes, à oração ou à seqüência de orações anteriores que a precedem no discurso. Expressam relação conjuntiva, causal, de posterioridade, de locação, de fonte e são basicamente os seguintes:

i) **ã'ẽ** 'coordenação aditiva'

O demonstrativo **ã'ẽ** em função de conectivo discursivo expressa basicamente coordenação, ou seja, orações que têm cada uma sentido próprio, autônomo, e que se organizam e se ordenam em uma sentença. De todos os conectivos esse é o único que não ativa o indicativo 2 e apresenta coordenação gramatical e semântica.

(604) xãpãkani-ø a-pyy-patâr i-re-ka-wo wyrã-'i-ø ã'e n=a-pyyk-i
 gavião-REFER 3.I-pegar-DES 3.II-CC-estar-GER pássaro-ATE-REFER CD não=3.I-pegar-NEG
 "o gavião queria pegar o passarinho (estando com ele) e não o pegou"

ii) **ã'ẽramõ ~ ã'ẽra** 'causa, explicação'

Este conectivo remete a um evento anterior que serve de referência causal ou de consequência.

(605) xãwãr-a ø-ãem **ã'ẽramõ** ãkoxi-ø i-a-ø i-xowi
 cachorro-REFER 3.II-latir CD cotia-REFER 3.II-ir-I2 3.II-POS
 "o cachorro latiu por isso a cotia foi embora (dele)"

¹⁰ Ainda não sei especificar o funcionamento das formas **re** e **ramõ** empregadas nas locuções resuntivas **ã'ẽramõ** e **ã'ẽre**. Estes são homófonos aos alomorfes do sufixo {-**ãramõ**} 'subjuntivo' e do {-**ire**} 'consecutivo', respectivamente. Este é mais um ponto a ser trabalhado em pesquisas futuras.

(606) are- \emptyset n=ara-a-j ne=r-etyj-me **ã'ëramõ** i-kyr-ete- \emptyset
 1excl-REFER não=1excl.I-ir-NEG 2sg.II=R-casa-LOC CD 3.II-chover- INTNS-I2
 "nós não fomos à sua casa porque choveu muito"

iii) **ã'ëre** 'posterioridade'

Este conectivo exprime uma relação temporal em referência ao evento anterior, assinalando posterioridade.

(607) a-xewyr 'ot-a a-ke-wo are= \emptyset -ywy-pe ã'ëramo i-r-or-i
 3.I-voltar 3.vir-GER 3.III-entrar-GER 1excl.II=R-terra-LOC CD 3.II-CC-vir-I2

i-xowi ma'e-ma'e- \emptyset **ã'ëre** i-xokã- \emptyset 'ot-a \emptyset -eymãw-a
 3.II-POS IND-REDUP-REFER CD 3.II-matar-I2 3.vir-GER 3.II-animal.doméstico-REFER

ã'ëre tâpi'irãpe- \emptyset =gÿ- \emptyset i-'o- \emptyset wetepe marare-a'a- \emptyset
 CD tapirapé-REFER=PL-REFER 3.II-ingerir-I2 muito vaca-carne-REFER

"eles (os posseiros) voltaram e entraram em nossa terra, por causa disso eles (os tapirapé) trouxeram muitas coisas deles. Depois mataram o gado deles. Posteriormente os tapirapé comeram muita carne de vaca"

iv) **ã'ëpe** 'localização'

Este conectivo circunscreve determinada área ou região, mencionada na oração anterior.

(608) ãxe'i rãka ara-waem **xãpi'ikeãtãj-pe** **ã'ëpe** rãka ara-ker
 ontem PAS.REC 1excl.I-chegar Xãpi'ikeãtãwa¹¹-LOC CD PAS.REC 1excl.I-dormir
 "ontem fomos a Xãpi'ikeãtãwa e lá dormimos"

¹¹ Xãpi'ikeãtãwa é o nome de uma das cinco aldeias da área indígena Urubu Branco.

v) **ã'ēwi** 'ablativo'

Indica o início de uma trajetória de um determinado local para outro.

(609) mãir-ã ø pãxẽ-ø rãka n-a-ixã-matâr-i **ã'ēwi**
 não.índio-REFER R-pajé-REFER PAS.REC não-3.I-ver-DES-NEG CD

rãka ara-a **porto.alegre-pe**
 PAS.REC 1excl.I-ir Porto. Alegre-LOC

"o médico não quis vê-la, de lá fomos para Porto Alegre"

7.3.2 Orações subordinadas adverbiais

As orações subordinadas adverbiais distinguem-se das orações independentes e matrizes por meio de marcas de dependência sintática e por meio de suas estruturas internas. Nessas orações não há ocorrência da hierarquia de pessoa e a codificação dos argumentos é realizada pelos índices de pessoa das Séries II e III (cf. (2.1.2)). Diferentemente das orações independentes e das matrizes, a negação dos predicados das subordinadas é realizada por meio da negação de constituinte {-e'ym} (cf. (2.7)). Cabe ressaltar que as orações subordinadas adverbiais, ao precederem a oração matriz, cujos participantes são de terceira pessoa, ativam a ocorrência do indicativo 2.

7.3.2.1 Orações adverbiais com {-ãramõ} 'subjuntivo'

As orações adverbiais com {-ãramõ} (-ãramõ ~ -ramõ ~ -amõ ~ -mõ), conhecidas tradicionalmente por subjuntivo, indicam não correferencialidade entre o sujeito da oração matriz e o da subordinada. Expressam basicamente circunstância temporal, contudo podem ser interpretadas como causais e condicionais. As orações que exprimem circunstâncias temporais podem anteceder (610) ou seguir (611) a oração matriz. Por sua vez, a noção de causalidade só é interpretada quando a oração matriz antecede a subordinada, como nos exemplos (611) a (613). A condicionalidade é expressa quando há na sentença a partícula de segunda posição **ekwe** 'futuro iminente' (614) e (615).

- (610) **a-kotok-āramō** rāka maj-a i-kātỹ
 3.III-cutucar-SUB PAS.REC cobra-REFER 3.II-mexer
 "quando (vocês) cutucaram a cobra ela mexeu"
- (611) ie-∅ 'ã ã-waem **maragetã-∅** **∅-kome'o-ramō** **we**
 1sg-REFER D.E 1sg.I-chegar história-REFER R-contar-SUB PERF
 "eu cheguei quando ele ainda contava histórias"
- (612) xe=∅-owy-∅ a-yj **xe=∅-xe-'y-mowāj-āramō**
 1sg.II=R-sangue-REFER 3.I-correr 1sg.II=R-REF-perna-cortar-SUB
 "meu sangue correu porque cortei-me a perna"
- (613) ã'ẽ=gã-∅ a-xokã xāwār-a **i-o'o-patār-āramō**
 DEM=SG-REFER 3.I-matar cachorro-REFER 3.II-morder-DES-SUB
 "ele matou o cachorro porque ele quis mordê-lo"
- (614) ã-petek **ekwe** **we-petek-āramō**
 1sg.I-bater F.IMI 1sg.III-bater-SUB
 "eu baterei nele se ele me bater"
- (615) **i-porāj-āramō** **ekwe** xi-xe-pa-petek
 3.II-dançar-SUB F.IMI 1incl.I-REF-mão-bater
 "quando ele for dançar, nós bateremos palmas"

Cabe ressaltar que as orações subordinadas com {-āramo} só ocorrem uma vez na sentença, ou melhor, vinculam-se à matriz, não sendo permitida a ocorrência de outra subjuntiva na sentença.

7.3.2.2 Orações adverbiais com {-wo} ‘gerúndio’

A condição básica das orações adverbiais com {-wo} (-wo ~ -ã ~ -ta), tradicionalmente conhecidas por gerúndio, é a correferencialidade do seu sujeito com o sujeito da oração matriz. Diferentemente do que ocorre no subjuntivo, pode haver mais de uma oração no gerúndio para apenas uma oração matriz na sentença, como nos exemplos (616) a (619). Isto ocorre devido à diferença de comportamento entre os verbos que recebem o gerúndio.

Em (616), há dois verbos de movimento direcional **waem** ‘chegar’ na oração matriz e **xar** ‘vir’ na subordinada, além do verbo **amõ** ‘molhar’. Ocorre que, em Tapirapé, os verbos de movimento podem expressar direcionalidade também sob uma perspectiva dêitica do falante. Desse modo, os verbos de movimento **yj** ‘correr’, **xar** ‘vir’, **a** ‘ir’, **xewyr** ‘voltar’ podem se combinar para expressar essa perspectiva e, conseqüentemente, um deles deverá ser marcado no gerúndio, como nos exemplos (616) e (617). Por outro lado, no exemplo (618), observam-se também dois verbos no gerúndio **wewe** ‘voar’ e **ka** ‘estar’, além do descritivo **ãrõãrõ** ‘ser.bonito’ na oração matriz. Os verbos **ka** ‘estar’, **kow** ‘estar dual’, **kwãw** ‘estar.plural’ e os verbos posturais **’yj** ‘estar.sentado/estático’ **’ow** ‘3.estar.deitado/estático’, quando marcados como o sufixo {-wo}, são auxiliares e expressam aspecto durativo, exemplos (618) e (619).

(616) **a-waem** **rãka** **a-xat-a** **a-xe-amõ-wo**
 3.I-chegar PAS.REC 3.III-vir-GER 3.III-REF-molhar- GER
 "ele chegou (vindo) molhado"

(617) **ã’ẽ=gã-ø** **a-xewyr** **a-a-wo** **confresa-pe**
 DEM=SG-REFER 3.I-voltar 3.III-ir-GER Confresa-LOC
 "ela voltou (indo) para Confresa"

(618) **pykãpykãw-a** **mĩ** **i-ãrõãrõ** **a-wewe-wo** **a-ka-wo**
 borboleta-REFER HAB 3.II-ser.bonito 3.III-voar-GER 3.III-estar-GER
 "as borboletas sempre são bonitas enquanto estão voando"

- (619) **ãpi-ø** **a-pawyn** **i-r-yn-a** inima-ø
 mãe-REFER 3.I-fiap 3.II-CC-estar.sentado-GER linha-REFER
 "mãe está fiando linha (estando sentada com ela)"

As orações no gerúndio também podem expressar relações temporais, como um evento realizado simultaneamente ao evento da matriz (620), ou um evento realizado pelo mesmo sujeito, mas sem simultaneidade, indicando uma seqüência eventiva (621). O gerúndio também pode exprimir finalidade (622).

- (620) **a-xãok-a** xãpi'i-ø xe=ø-wãty
 3III-banhar-GER Xãpi'i-REFER 1sg.II=R-puxar
 "Xãpi'i banhava quando me puxou"

- (621) **ã-waem** **we-xãok-a** **we-karõ-wo** ã'ëre ã-ker
 1sg.I-chegar 1sg.III-banhar-GER 1sg.III-comer-GER CD 1sg.I-dormir
 "eu cheguei, banhei, comi e depois dormi"

- (622) **akoma'e-kwer-a** **i-xokã-wo** a-a xãwãroo-ø
 homem-GRUP-REFER 3.II-matar-GER 3.I-ir onça-REFER
 "os homens foram para matar a onça"

As orações no gerúndio, em geral, seguem as orações matrizes (cf. (616)-(619)). Entretanto, elas podem antecede-las como demonstram os exemplos (620) e (622).

7.3.2.3 Orações adverbiais com {-ire} 'consecutivas'

As consecutivas {-ire} (-ire ~ -re), ao contrário das orações no subjuntivo e no gerúndio, não dependem do parâmetro de correferencialidade. Expressam consequência ou resultado do que se afirma na matriz. O sujeito dessas orações pode ser correferente ao da matriz como em (623) e (624) ou não, como em (625). Essas orações podem anteceder as matrizes (624) e (625) ou segui-las (623).

- (623) ã-xepyto'ak **we-karõ-ire**
1sg.I-descançar 1sg.III-comer-CONS
"eu descansei depois que comi tudo"
- (624) **amanyxo-ø** **ø-awir-pãw-ire** ekwe i-pawyn-i
algodão-REFER R-descaroçar-COM-CONS F.IMI 3.II-fiar-I2
"depois que ela descaroçar todo o algodão ela o fiará"
- (625) **xe=ø-pyk-ire** rãka amyn-a i-kyr-i
1sg.I=R-cobrir-CONS PAS.REC chuva-REFER 3.II-chover-I2
"depois que (você) me cobriu, choveu"

7.3.2.4 Orações adverbiais com {-ramõ} ‘subordinador de predicado não-ativo’

As orações subordinadas não-ativas, constituídas por descritivos e nomes, recebem o sufixo {-ãramõ} (-ãramõ ~ -ramõ) ‘subordinador de predicado não-ativo’, como pode se vê nos exemplos (626) e (627). Ressalta-se que o sujeito dessas orações pode ser correferente ao da matriz (627) ou (626). Entretanto, essas orações recebem a mesma marca de subordinação. A correferência entre os sujeitos é assinalada pela codificação dos argumentos que, à semelhança das orações no gerúndio, recebem os prefixos da Série III (cf. (627)), enquanto que a não identificação é marcada na subordinada com os marcadores de pessoa da Série II (626).

descritivo

- (626) **ø-ary-aryw-ãramo** xi-ma-mar petek-a
3.II-ser.alegre-REDUP-S.P.N.AT 1incl.I-CAUS-sair bola.de.gude-REFER
"quando ele está alegre, nós jogamos bola de gude"

nome

(627) ã-ãpa kwee ma'yr-a ne=ø-we **we-pa'yr-ãramõ**
1sg.I-fazer PAS.MED colar-REFER 2sg.II=R-POS 1sg.III-miçanga-S.P.N.AT
"eu fiz um colar para você quando eu tinha miçangas"

Como se viu, os predicados subordinados monovalentes não-ativos que apresentam o mesmo sujeito da matriz são marcados de maneira diferente da dos predicados subordinados ativos. Foley & Van Valin (1984:122) demonstram que línguas como o Pomo Oriental (família Mixe-Zoque (México)), Lolo-Burmês (família Tibeto-Birmanesa) entre outras, apresentam um comportamento, no qual a marca de “mesmo sujeito” restringe-se aos predicados ativos.

As orações subordinadas não-ativas exprimem basicamente uma propriedade adquirida que se instala por determinado tempo ou indica uma localização espacial temporária de determinada entidade. Essas orações podem expressar circunstância temporal ((626) e (627)) e condicional (591) com a matriz. Podem, por sua vez, anteceder ou seguir a matriz, conforme pode-se vê nos exemplos acima.

7.4 Tipos oracionais

De acordo com Sadock & Zwicky (1985), as línguas manifestam três tipos oracionais básicos: o *declarativo*, no qual se incluem o afirmativo e o negativo, o *interrogativo* e o *imperativo*. Comumente o declarativo é usado para tecer comentários e para narrar histórias. O tipo interrogativo expressa/indica uma solicitação de uma resposta a um questionamento. Por sua vez, o imperativo reúne solicitações e ordens por parte do falante.

7.4.1 Orações declarativas

As orações declarativas subdividem-se em afirmativas e negativas.

7.4.1.1 Orações declarativas afirmativas

As orações declarativas afirmativas definem-se por não apresentarem morfemas específicos que as caracterizem, como no caso das negativas {n(ã)=...-i}, interrogativas {tã'ẽ} ou {pã'ẽ} e das imperativas, que requerem prefixos pessoais {e-} '2sg' e {pe-} '2pl' e negação distintos. São orações não-marcadas na língua com pode ser visto nos exemplos a seguir:

(628) o'yw-a **a-pen**
 flecha-REFER 3.I-quebrar
 "a flecha quebrou"

(629) xe=∅-kywyr-a **a-ãpa** a-ka-wo a-'ywyãpãr-a
 1sg.II=R-irmão-REFER 3.I-fazer 3.III-estar-GER 3.III-arco-REFER
 "meu irmão está fazendo o arco dele"

7.4.1.2 Orações declarativas negativas

As orações negativas são realizadas por meio do morfema descontínuo {na=....-i} (nã ~ n=-i ~ -j ~ -∅), cujas partes ocorrem, respectivamente, no início do predicado e no final deste. O escopo desse morfema é toda a oração. A negação de predicado é utilizada para negar as orações independentes e matrizes:

(630) kã'ã-pe mĩ **n=a-kãxym-i**
 mata-LOC HAB não=3.I-perder-NEG
 "na mata ele nunca se perde"

(631) ãpi-∅ ∅-poro'ã-ramõ ekwe **n=ara-'o-j** **wyrãkãj-a'a-∅**
 mamãe-REFER R-estar.grávida- S.P.N.AT F.IMI não=1excl.I-ingerir-NEG galinha-carne-REFER
 "se mamãe estiver grávida nos não comeremos carne de galinha"

7.4.2 Orações interrogativas

As orações interrogativas¹² são caracterizadas pelas partículas de segunda posição **tã'ẽ** (tã'ẽ ~ tã) e **pã'ẽ**¹³ (pã'ẽ ~ pã) (cf. (6.1.1.4)) e pela partícula **xipa**, usada em perguntas retóricas. As partículas interrogativas **tã'ẽ** (632) e **pã'ẽ** (633) são as mais produtivas na língua, sendo que **tã'ẽ** é mais recorrente. São usadas tanto em perguntas de *conteúdo* quanto em perguntas *polares*.

(632) **manõ tã** ere-a
 onde INTER 2sg.I-ir
 "onde você vai?"

(633) **maryn pã** ka ne=ø-kywe-kywer-ete e-ka-wo
 por que INTER D.E 2sg.II=R-ser.magro-REDUP-INTNS 2.III-estar-GER
 "por que você está emagrecendo tanto?"

(634) **ekwe tã ne=ø-y-ø**
 D.E INTER 2sg.II=R-mãe-REFER
 "lá/aquela é sua mãe?"

As perguntas de conteúdo são formadas pelas referidas partículas e por um conjunto de pró-formas interrogativas, que geralmente ocorrem em posição inicial da sentença, como nos exemplos (632) e (633), mas que também podem ocorrer *in situ* como no seguinte exemplo:

(635) **xe=r-opy-ø tã a-ãpa marynime o'yw-a**
 1sg.II=R-pai-REFER INTER 3.I-fazer quanto flecha-REFER
 "meu pai fez quantas flechas"

¹² As orações interrogativas são aquelas por meio das quais se manifesta uma dúvida ou ignorância acerca do acontecimento, e, em conseqüência, um pedido de confirmação ou negação ou de explicações que sanem dúvidas.

¹³ Segundo alguns Tapirapé, a partícula **pã'ẽ** é usada para exprimir respeito aos mais velhos.

As pró-formas interrogativas são as seguintes:

- | | | |
|------|-----------------|----------------------------------|
| i) | ma'e | |
| | ma'e | ‘que, o que, qual’ |
| | ma'ere | ‘para que’ |
| | ma'ewe | ‘em direção a que’ |
| | ma'ewi | ‘de que’ |
| | ma'eramõ | (ma'eramõ ~ ma'era) ‘por que’ |
| ii) | maryn | |
| | maryn | ‘como’ |
| | marygatõ | ‘quem, qual’ |
| | marynime | ‘quanto’ |
| iii) | mỹ | |
| | mỹ | ‘onde’ |
| | mỹ=gã | ‘quem singular’ |
| | my=gỹ | ‘quem plural’ |
| | mỹme | ‘(para) onde (movimento ou não)’ |
| | mỹwi | ‘de onde’ |
| | mỹramõ | ‘quando’ |
| iv) | mamo | ‘(para) onde’ (movimento) |
| v) | ke | ‘onde’ |
| vi) | ãwã | ‘quem’ |

Cabe ressaltar que, com exceção das pró-formas **ãwã** ‘quem’, **ma'e** ‘o que’, **mỹ=gã** ‘quem singular’ e **mỹ=gỹ** ‘quem plural’, as demais pró-formas interrogativas ativam o indicativo 2. Este fato indica uma diferença de comportamento entre elas. Enquanto as formas **ãwã** ‘quem’, **ma'e** ‘o que’, **mỹ=gã** ‘quem singular’ e **mỹ=gỹ** ‘quem plural’

possuem propriedades de sintagmas nominais, as demais formas interrogativas possuem propriedades adverbiais, pois, ao ocuparem a primeira posição da sentença, sempre ativam o indicativo 2.

A partícula **xipa** é usada em perguntas retóricas, ou seja, em construções interrogativas, cuja finalidade não é interrogar, e sim afirmar. Nessas construções há uma entonação ascendente no constituinte ‘interrogado’ e descendente na partícula **xipa**.

(636) ane-∅ **xipa**
2sg-REFER RET
"é você?"

(637) a-xar **xipa**
3.I-vir RET
"então, ele veio?"

Verificam-se, também, interrogações sem as referidas partículas. A interrogação é feita mediante uma entonação ascendente como em:

(638) **ne=∅-pyyro-∅**
2sg.II=R-sapato-REFER
"seu sapato?"

7.4.3 Orações Imperativas

As orações imperativas são caracterizadas por apresentar formas para segunda pessoa e por uma partícula negativa {**ewi**}. O imperativo é marcado apenas nos verbos pelos prefixos {**e-**} ‘2sg’ e {**pe-**} ‘2pl’ em orações afirmativas (cf. (639) e (640)) e pelos marcadores de pessoa {**ere-**} ‘2sg’ e {**pe-**} ‘2pl’ em orações negativas, como nos exemplos (641) e (642), quando não ocorre a hierarquia de pessoa (cf. (4.1.3.1)).

- (639) **e-xar** xe=∅-pyri
2sg.IMP-vir 1sg.II=R-POS
"venha comigo"
- (640) **pe-xokã** ekwe maj-a taneme
2pl.IMP-matar D.E cobra-REFER rápido
"matem essa cobra rápido"
- (641) **ere-ãpa=ewi**
2sg.IMP-fazer=NEG
"não faça (isso)"
- (642) **pe-yj=ewi**
2pl.IMP-correr=NEG
"não corram"

À semelhança das orações independentes, a hierarquia de pessoa também ocorre nas orações imperativas, quando o paciente é mais alto que o agente, ou seja, 1 > 2:

- (643) **xe=∅-nopỹ=ewi**
1sg.I=R-bater=NEG
"não me bata"

Há diferentes graus de imperativo. Esses graus podem ser expressos por meio do sufixo {-’o} ‘intensivo’ e da partícula **ke** ‘dubitativo’. O uso do sufixo intensivo {-’o} acrescido da elevação do tom de voz imprime um tipo de ordem forte, austera, como no exemplo (644). Entretanto a utilização da partícula **ke** suaviza a ordem, como em (645).

- (644) **e-par-o**
2sg.IMP-sair-INT
"saia!" (referindo-se ao cachorro que estava dentro da casa)

- (645) **pe-pyy=ke** **ekwe=gã-ø**
2pl.IMP-pegar=DUB D.E=SG-REFER
"pegue aquela, por favor"

Uma outra maneira de suavizar a forma imperativa é a utilização da expressão **ãpy**, cujo significado é ‘primeiro, antes’. Essa expressão funciona como um “suavizador” do comando, exprimindo polidez:

- (646) **e-mor=ãpy** **parãxi-ø**
2sg.IMP-dar=primeiro lápis-REFER
"dê-me o lápis, por favor"

A seguir apresento as considerações finais deste estudo.

Considerações finais

“[...] time is running out. It is already too late for many languages, but we hold the future of many others in our hands.”

Crystal (2000:111,166)

Nesta tese tive por escopo apresentar a descrição da morfossintaxe do Tapirapé. Embora tenha buscado realizar um estudo o máximo possível abrangente e detalhado, não há ainda conclusões maiores a destacar. Há sim algumas deferências aos capítulos apresentados e à necessidade de se continuar a pesquisa sobre essa língua.

O Capítulo 1 constitui-se de uma descrição sobre as funções sintáticas exercidas pelas classes lexicais nomes e verbos e de como é realizada a distinção entre estas. Por ser o Tapirapé uma língua onipredicativa, o critério funcional é irrelevante para distinguir nomes e verbos como duas classes lexicais. A distinção entre estes só é possível com base em critérios morfológicos. Os nomes são identificados pela propriedade de receber os sufixos {-**kwer**} ‘passado nominal’, {-**rym**} ‘futuro nominal’, {-**ryn**} ‘similaridade’ e {-**ymyn**} ‘velho’. Os verbos diferenciam-se dos nomes por poderem receber o sufixo nominalizador {- **ãw**} ‘nominalização de processo/ instrumento’. A identificação de nomes e verbos evidencia que os critérios utilizados para o estabelecimento dessas classes lexicais não são universais, mas específicos a cada língua.

No Capítulo 2, tratei dos morfemas que são onipresentes em diferentes tipos de constituintes, principalmente naqueles compostos por nomes e verbos, mas que também podem aparecer nos constituídos por posposições e advérbios.

No Capítulo 3, abordei a classe dos nomes. Usando critérios gramaticais internos à língua, procurei compreender a estrutura dessa categoria, as relações que estabelece com as demais classes de palavras e a configuração morfossintática que a distingue do verbo. Foram trabalhados também a formação dos nomes complexos, as formas pronominais, nas quais se incluem os pronomes independentes, os indefinidos, os demonstrativos espaciais e anafóricos e a estrutura do sintagma nominal.

No Capítulo 4, discuti a classe dos verbos e suas propriedades morfossintáticas. Há três subclasses: os intransitivos ativos, os descritivos e os transitivos, todos distintos entre si por suas combinações com os marcadores de pessoa das Séries I e II. Além dessas propriedades, outros fenômenos morfossintáticos e semânticos envolvendo os verbos foram tratados, entre eles a marcação do aspecto, da modalidade, a ocorrência do indicativo 2 e as operações de mudança de valência, nas quais está inclusa a incorporação nominal.

O Capítulo 5 foi destinado às expressões adverbiais. Estas são elementos que exercem funções circunstanciais e compartilham propriedades distribucionais e morfológicas, tais como ativar o **indicativo 2**, ao ocuparem a posição mais à esquerda da oração, iniciando-a, e poder ser nominalizadas pelo sufixo {-wãr} ‘nominalização de circunstância’.

No Capítulo 6, tratei das partículas intra-oracionais. As partículas intra-oracionais, em geral, possuem conteúdo semântico diversificado e expressam noções de fonte ou confiabilidade da informação, associadas às noções de tempo e aspecto, dentre outras. Por esse motivo, foram trabalhadas por suas características sintáticas, isto é, pelas posições que ocupam na oração.

No Capítulo 7, apresentei algumas reflexões sobre as orações independentes e subordinadas bem como os tipos oracionais. Ficou evidenciado que, apesar de o Tapirapé ser uma língua de estrutura ativa “estendida”, ou seja, que apresenta, além da cisão nos verbos, a cisão nos predicados monovalentes, tem também as relações gramaticais Sujeito e Objeto.

Este trabalho tem por meta contribuir de forma significativa para o conhecimento do Tapirapé. Entretanto, os dados apresentados e as análises indicam a premência da continuação desta pesquisa. Os demonstrativos espaciais, por exemplo, para mais do que discutido, desempenham outras funções, tais como evidencialidade dêitica, modificação de sintagma nominal, marcação de aspecto. A marcação de aspecto abre, por assim dizer, um outro foco de investigação. Esse é marcado de plurimaneiras, podendo ser por meio de partículas, sufixos e verbos auxiliares.

As partículas extra-sentenciais, fáticas, interjectivas, reportivas e marcadoras de sexo, compõem um rico e complexo inventário de grande ocorrência na língua. A recursividade da causativização seguida da reflexivação aponta para uma construção, que de certa forma pode ser denominada de “passiva”. Outros tantos fenômenos poderiam ser aqui arrolados. No entanto, cabe salientar que os resultados deste trabalho, complementado por vindouras pesquisas, poderão fornecer elementos para futuras pesquisas de ordem tipológica, teórica e pedagógica.

BIBLIOGRAFIA

ADELAAR, W. F. H. “La diversidad lingüística y la extinción de las lenguas”. In QUEIXALÓS, F. & RENAULT-LESCURE, O. (orgs.), *As línguas amazônicas hoje*, São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA)/IRD/MPEG, pp. 29-36, 2000.

AIKHENVALD, A. “Amazonian Language”. In *The Third Australian Linguistic Institute*. Australian National University.

ALMEIDA, A.; IRMÃZINHAS DE JESUS & PAULA, L. G. *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1983.

ANCHIETA, Pe. José. *Artes de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

ANDERSON, S. “Typological distinctions in word formation”. In SHOPEN, T. (ed.), *Language typology and syntactic description*, vol. III: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 1985a.

_____. “Inflectional Morphology”. In SHOPEN, T. (ed.), *Language typology and syntactic description*. Vol. III: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 1985b.

ANDREWS, A. “The major functions of the noun phrase”. In SHOPEN, T. (ed.), *Language typology and syntactic description*. Vol. I: Clause Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ANÔNIMO. *Vocabulário na Língua Brasilica*, vol. I (A -H), Manuscrito. Português-Tupi do século XVII. 2^a edição, coordenada e prefaciada por Carlos Drummond. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1952

_____. *Vocabulário na Língua Brasileira*, Vol. II (I -Z). Manuscrito. Português-Tupi do século XVII. 2ª edição, coordenada e revista por Carlos Drumond. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1953.

BARRAZA DE GARCIA, Y. J. *El sistema verbal en la lengua Shawi*. Tese de Doutorado, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

AURELI, W. *Sumaúma*. São Paulo: Clube do Livro, 1966.

AUSTIN, P. Switch-reference in Austrália. In *Language* 57, pp. 309-34, 1981.

BALDUS, Herbert. *Tapirapé: Tribo Tupí no Brasil Central*. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Editora da USP (Coleção Brasileira n. 7), 1970.

BARBOSA, J. N. *Contribuição à análise fonológica do Suruí do Tocantins*. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

BENDOR-SAMUEL, D. (ed.). *TupiStudies I*. Norman: Summer Institute of Linguistic, 1971.

_____. *Hierarchical structures in Guajajara*. Norman: Summer Institute of Linguistic of the University of Oklahoma, 1972.

BENVENISTE, E. “Estrutura das relações de pessoa no verbo”. *Problemas de Lingüística Geral I*. 3ª ed., Campinas: Pontes, pp. 247-259, 1991.

_____. “A natureza dos pronomes”. *Problemas de Lingüística Geral I*. 3ª ed., Campinas: Pontes, pp. 277-283, 1991.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística Geral I*. 4ª ed., Campinas: Pontes, 1995.

BORGES, M. V. *Aspectos fonológicos e morfossintáticos do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. Tese de Doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.

BYBEE, J. L. *Morphology: A Study of Relation between Meaning and Form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

CABRAL, A. S. A. C. “Prefixos relacionais no Asuriní do Tocantins.” *Moara* 8. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: UFPA, pp. 07-24, 1997.

_____. “A propósito das oclusivas sonoras do Jo’é”. *Moara* 9. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: UFPA, pp. 53-7, 1998.

_____. “Aspectos da marcação de caso no Asurini do Tocantins”. CD-ROM do XIII Congresso da ANPOLL. Campinas: UNICAMP, 2000a.

_____. “Flexão relacional na família Tupí-Guaraní”. *ABRALIN*, Boletim da Associação Brasileira de Linguística 25. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, pp. 233-262, 2000b.

_____. “Observações sobre a história do morfema -a da família Tupi-Guarani”. In QUEIXALÓS, F. (ed.), *Des noms et des verbes en Tupi-Guarani: état de la question*. Muechen: Lincom Europa, Lincom Studies in Native American Linguistics 37, pp. 33- 62, 2001.

_____. “Grammatical Changes in Tupian Languages.” Paper presented at the Annual Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas (SILLA), Atlanta, GA, 2003a.

_____. “Sobre o desenvolvimento de padrões absolutivos em famílias orientais do tronco Tupí”. Comunicação apresentada no II Encontro sobre Ergatividade na Amazônia, Brasília, 2003b.

_____. “Sobre a história das línguas Tupí-Guaraní faladas no Tocantins”. In SIMÕES, M. S. (org.). *Populações e tradições às margens do Tocantins: um diálogo entre a cultura e a biodiversidade*. Belém: UFPA/IFNOPAP, pp. 301-314, 2004.

_____. “O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní.” In CABRAL, A. S. A. C., & RODRIGUES, A. D. (orgs.), *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília, EdUnB, 2005.

CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. D. “Pronomes e marcas pessoais em línguas do tronco Tupí.” In CABRAL, A. S. A. C., & RODRIGUES, A. D. (orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: EDUFPA, pp. 234-242, 2002.

CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. D. (orgs.). *Dicionário Asurini do Tocantins-Português*. Belém: Editora da UFPA, 2003.

CALDAS, R. & DA SILVA, T. “Verbos de Atividades Mentais em Ka’apor e Outras Línguas Tupí-Guaraní. In CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, pp. 352-357, 2002.

CARVALHO, M. G. P. *Sinais de morte ou de vitalidade? Mudanças estruturais na língua Tembé*. Dissertação de mestrado, Belém: Universidade Federal do Pará, 2001.

_____. “A propósito da distinção entre nomes, verbos e descritivos em Tembé”. *ABRALIN*, Boletim da Associação Brasileira de Lingüística 26. *Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN*, vol. 2, pp. 353-355, 2001 .

CHAFE, W. “Evidentiality in English and in general”. In CHAFE, W & NICHOLS, N (eds) *Evidentiality: The linguistic coding of epistemology*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986.

COMRIE, B. “Causatives and universal grammar.” In *Transactions of the Philological Society*. pp. 2-31, 1974.

_____. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976a.

_____. "The syntax of causative constructions: cross-language similarities and divergences." In *Syntax and semantics*, vol. 6. Los Angeles, 1976b.

_____. "In defense of spontaneous demotion: The impersonal passive." In COLE & SADOCK, J. M. (eds). *Syntax & Semantics 8: Grammatical Relations*. Academic Press, pp. 47-68, 1977.

_____. *Language universals and linguistic typology (Syntax and morphology)*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

_____. *Tense*. Cambridge University Press: Cambridge, 1985.

_____. "Causative verb formation and the other verb-deriving morphology". In SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description*. Vol. III: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. *Language universals and linguistic typology. Syntax and morphology*. 2^a ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

_____. Swicth-reference in Huichol: a typological study. In HAIMAN, J & MUNRO, P. (ed.), *Swicth-reference and Universal Grammar*. Typological Studies in Language. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1983.

COMRIE, B. & THOMPSON, S. "Lexical Nominalization". In SHOPEN, T. (eds.). *Language typology and syntactic description*. Vol. III: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, pp.349-398, 1985.

COMUNIDADE TAPIRAPÉ. *Xanetawa parageta* : histórias de nossas aldeias. São Paulo/Brasília. MARI/MEC/PNUD,1996.

CORRÊA DA SILVA, Beatriz Carreta. *Urubú-Ka'apor, da Gramática à História: A Trajetória de um Povo*. Dissertação de Mestrado, Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

COUCHILI, T.; MAUREL, D. & QUEIXALÓS, F. “Classes de lexèmes en Émérillon”. *Ameríndia* 26/27, pp. 173-208, 2002.

COUTO DE MAGALHÃES, J. V. *Viagem ao Araguaia*. 6ª ed. (Coleção Brasileira nº 28). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

CRAIG, C. G. “Los lingüistas frente a las lenguas indígenas”. In QUEIXALÓS, F. & RENAULTLESCURE, O. (orgs.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA)/ IRD/MPEG, pp. 37-52, 2000.

CREISSELS, Denis. *Syntaxe générale: une introduction typologique*, vols. I e II. Paris: Lavoisier, 2006.

CRYSTAL, D.A. *Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Blackwell Publishers, 5ª ed, 2003.

DeLANCEY, S. *Lexical categories*. Lecture 2. LSA Summer Institute, UC: Santa Barbara, 2001.

DIETRICH, W. *El idioma Chiriguano. Gramática, vocabulario, textos*. Madrid: Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1986.

DIETRICH, W. “Categorias lexicais nas línguas tupi-guarani (visão comparativa)” In QUEIXALÓS, F. (ed.), *Des noms et des verbs en tupi-guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, pp. 21-37, 2001.

DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Adjective classes*. Austrália: Research Centre for Linguistic Typology/La Trobe University, 2002. <http://www.latrobe.edu.au/rclt/workshops/2002>

DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. (eds.). *The Amazonian Languages*. CAMBRIDGE: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1999.

DOOLEY, R. A. "The positioning of non-pronominal clitics and particles in Lowland South American Languages". In PAYNE, D. (ed.) *Amazonian linguistics studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, pp. 457-493, 1990.

DOOLEY, R. A. *Léxico Guaraní, Dialeto Mbyá*. Sociedade Internacional de Lingüística, Cuiabá, MT, 2006. <http://www.sil.org/americas/basil/PortTcPb.html> #DictGram.

DOOLEY, R. A. *Períodos Guaraní*. Arquivo Lingüístico 34, Summer Institute of Linguistics, 1982.

DRYER, M. S. "On the six-way word order typology". *Studies in Language* 21, pp. 69- 03, 1997.

DUARTE, F. B. *Ordem de constituintes e movimento em Tembé: minimalismo e anti-simetria*. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

EVERETT, D & SEKI, L. "Reduplication and CV skeleta in Kamaiurá". In *Linguistic Inquiry* 16:2, pp. 326-330, 1986.

FACÓ SOARES, M. *A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokáma, Asurini e Guajajara*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979.

FACÓ SOARES, M. & LEITE, Y. "Vowel shift in the Tupi-Guarani Language Family: a typological approach". In KEY, M. R. (ed.). *Language change in South American indian languages*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, pp. 36-53, 1991.

FOLEY, W. A. & VAN VALIN Jr, R.D. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

FOX, B. A. & HOPPER, P. J. (eds.). *Voice Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1994.

GILDEA, S. *On Reconstructing Grammar*. New York & Oxford, Oxford University Press, 1998.

GIVÓN, T. "Evidentiality and epistemic space". *Studies in Language* 6:1, pp. 23-49, 1982.

_____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam and Philadelphia: JBPC, 1995.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GOUVÊA DE PAULA, L. Mudanças de Código em Eventos de Fala na Língua Tapirapé durante Interações entre Crianças. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2001.

GREENBERG, J. H. "Some universals of grammar with a particular reference to the order of meaningful elements". In GREENBERG, J. H. (ed.). *Universals of Language 2*. Cambridge: MIT Press, pp. 73- 93, 1963.

GUDSCHINSKY, S. C. & AARON, W. M. "Some relational post-positional of Guarani". *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*. Edição Especial. Brasília: SIL, pp. 8-95, 1971.

HALE, K. "On endangered languages and the importance of linguistic diversity". In Grenoble, L. A. & Whaley, L. I. (eds.) *Endangered languages. Language loss and community response (currents issues and future prospects)*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 92-126, 1998.

HARRISON, C. "The interplay of causative and desiderative in Guajajara". *MOARA 4, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras/UFGA*. Belém: Pará, pp. 83-114, out/1995-mar/1996.

_____. "Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara". In DERBYSHIRE, D. C. & PULLUM, G. K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 407-439, 1986.

_____. *Gramática Asurini*. Série Lingüística 4. Brasília: SIL, 1975.

_____. "The morphophonology of Asurini words". *Tupi Studies I*. Norman: SIL of the University of Oklahoma, pp. 21-71, 1971.

HOPPER, P. J. (ed.). *Tense-Aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam: Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1992.

HOPPER, P. J. & THOMPSON, S. A. "Transitivity in grammar and discourse." In *Language* 56, pp. 251-99, 1980.

_____. "The discourse basis for lexical categories in universal grammar." *Language* 60:04, pp. 703-752, 1984.

HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

IRMÃZINHAS DE JESUS. *O renascer do povo Tapirapé: diário das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld. 1952-1954*. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

JACOBSEN, W. H. Jr. *Noun and Verb in Nootkan* (Heritage Record 4) Victoria, British Columbia Provincial Museum, 1983.

JAKOBSON, Roman. *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

JELINEK, E. "Empty categories, case and configurationality." *Natural language and linguistic theory* 2, pp. 39-76, 1984.

_____. "Ergative 'Splits' and Argument Type." *MIT Working Papers in Linguistics* 18, pp. 15-42, 1993.

JENSEN, Allen A. Wayampi. In: KAHREL, P. & VAN DER BERG, R. (eds.) *Typological Studies in Negation*, vol 29 . Amsterdam / Philadelphia: JBPC, pp.343-364, 1994.

JENSEN, C. "Object-prefix incorporation in proto Tupi-Guarani verbs". *Language Sciences* 9, pp. 45-55, 1987.

_____. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. Série Línguas Indígenas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

_____. "Cross-referencing changes in some Tupi-Guarani languages". In PAYNE, D. L. (ed.). *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas, pp. 117-158, 1990.

_____. "Comparative Tupi-Guarani morphosyntax". In DERBYSHIRE, D. C. & PULLUM, G. K. (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 4. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, pp. 480-618, 1998.

_____. "Tupi-Guarani". In DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 25- 63, 1999.

KAKUMASU, J. "Urubu-Ka'apor". In DERBYSHIRE, D. & PULLUM, G. *Handbook of Amazonian Languages*, vol. I. Berlin Mouton de Gruyter, pp. 326-403, 1986.

KEENAN, E. "Towards a universal definition of subject". In LI, C. (ed.). *Subject and topic*. Academic Press, 1976.

_____. "Relative clauses." In SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description*, vol. II: Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistics (Setting up the problem)*. Paris: The Hague/Mouton, 1977.

KINKADE, M. D. "Salish evidence against the Universality of 'Noun' and 'Verb'." *Lingua* 60, pp. 25-40, 1983.

KISSENBERTH, Wilhelm. *Bei den Canella-Indianern in Zentral-Maranhão*. Baessler Archiv (Brasilien), vol. 2, pt 1, pp. 45-54, 1911.

KLIMOV, G. A. "On the character of languages of active typology". *Linguistics* 131, pp. 11-25. Paris: Mouton, 1974.

KRAUSE, Fritz. *In den Wildnissen Brasiliens: Bericht und Ergebnisse der Leipziger Araguaya-Expedition, 1908*. Leipzig, 1911.

LABOV, William. "Chain Shifts Across Subsystems." In *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, vol. 1. Cambridge: Blackwell Publishers, pp.271-291, 1994.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LAUNEY, M. *Catégories et opérations dans la grammaire nahuatl*. Thèse d'Etat, Paris: Université de Paris IV, 1986.

_____. *Une grammaire omniprédicative. Essai sur la morphosyntaxe du nahuatl classique*. Paris: CNRS Editions, 1994.

LAZARD, G. “La question de la distinction entre nom et verbe en perspective typologique.” *Folia Linguistica* 33.3-4, pp. 389-418, 1999.

LEITE, Yonne de F. *Aspectos da fonologia e morfofonologia Tapirapé*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, 1977.

_____. “Atividade e Estatividade em Tapirapé.” *Anais do II Encontro Nacional da ANPOLL*. Rio de Janeiro, 1987.

_____. “Para uma Tipologia Ativa do Tapirapé. Os clíticos referenciais de pessoa”. In SEKI, L. (org.) *Cadernos de Estudos Lingüísticos 18: Estudos em Línguas Indígenas*. Campinas: UNICAMP/IEL, pp.37-56, 1990.

_____. “A incorporação nominal em Tapirapé (Tupi-Guarani)”. Texto apresentado no X Congresso Internacional de La Asociación de Lengüística y Filología de América Latina, em Vera Cruz, México, abril de 1993.

_____. “As construções causativas em Tapirapé.” *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, vol. 3, pp. 73-86, 1994.

_____. “Estrutura silábica e articulação secundária em Tapirapé”. In WETZELS, L. (org.). *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, pp. 151-194, 1995.

_____. “De homens, árvores e sapos: forma, espaço e tempo em Tapirapé”. In *Mana, Estudos de Antropologia Social*, vol. 4: 2. Rio de Janeiro: Museu Nacional/ UFRJ, pp. 85-100, 1998.

_____. “O estatuto dos sintagmas nominais de sujeito e objeto em Tapirapé”. In QUEIXALÓS, F. (ed.). *Des noms et des verbs en tupi-guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, pp. 87- 101, 2001.

_____. "A nasalidade vocálica em Tapirapé". *Letras de Hoje*. Porto Alegre, vol. 38, n. 4, pp. 49-61, 2003.

LEITE, Yonne de F., SOARES, Marília F. & SOUZA, Tânia C. "O papel do aluno na alfabetização de grupos indígenas: a realidade psicológica das descrições lingüísticas." *Boletim do Museu Nacional, Antropologia 53*, pp.1-23. Rio de Janeiro, 1985.

LEITE, Yonne de F. & VIEIRA, M. D. "Atividade e Ergatividade nas Línguas da Família Tupí-Guaraní: Problemas de Análise." *Anais do V Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, 1990.

LEITE, Yonne de F. & M. D. Vieira. "As Construções causativas em línguas da família Tupi-Guarani: Um processo?" *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*, vol. 2, pp. 974-80. João Pessoa, 1995.

LEMLE, Miriam. "Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family". In BENDOR-SAMUEL, D. (ed.) *Tupi Studies I*. Norman, Oklahoma: SIL, pp. 107- 129, 1971.

LEMOS BARBOSA, Pe. A. *Curso de Tupi Antigo. Gramática, exercícios, textos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

LONGACRE, R. 1985. "Sentences as combinations of clauses." In SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description*, vol. III: Clause Structure. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 235-286, 1985.

LYONS, J. "Deixis as the sources of reference". *Formal semantics of Natural languages. Papers from a colloquium sponsored by the king's College research Center*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

_____. *Semantics 2*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTINS, M. F. *Incorporação nominal em Guarani Mbyá*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1970

MIOTO, C. *et alii*. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.

MITHUN, M. "The evolution of noun incorporation." *Language* 60, pp. 847-94, 1984.

_____. "The convergence of noun classification systems". In CRAIG, C. (ed.). *Noun Classes and Categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 379-397, 1986.

_____. "Language obsolescence and grammatical description". *IJAL*, vol. 56:1, pp. 01 -26, 1990.

_____. "Active/agentive case marking and its motivation". *Language* 67, pp. 510-546, 1991a.

_____. "The role of motivation in the emergence of grammatical categories: the grammaticalization of subjects". In TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.), Amsterdam: JBPC, pp. 160-184, 1991b.

_____. "New directions in referentiality". *Studies in Anaphora*. FOX, B. A. (ed.). *Typological studies in language* 33. Amsterdam: John Benjamins, pp. 413-435, 1996a.

_____. "Multiple reflections of inalienability." In CHAPPELL, H. & MCGREGOR, W. (eds.). *The Grammar of Inalienability*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 1996b.

_____. "The significance of diversity in language endangerment and preservation". In GRENOBLE, L. A. & WHALEY, L. I. (eds.). *Endangered languages. Language loss*

and community response (currents issues and future prospects). Cambridge: Cambridge University Press, pp. 63-191, 1998.

_____. "The languages of Native North America". Cambridge: Cambridge University Press, pp. 24-27; 36-47, 1999.

_____. "Actualization patterns in grammaticalization: From clause to locative morphology." In ANDERSON, H. (ed). *Actualization: Linguistic Change in Progress*. Current Issues in Linguistic Theory 219. Amsterdam: John Benjamins, pp. 143-168, 2001.

_____. "Who shapes the Record: the speaker and the linguist." NEWMAN, P. & RATLIFF, M. *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 34-54, 2001.

_____. "Pronouns and agreement: the information status of pronominal affixes." *Transactions of the Philological Society*, London: Blackwell 101.2, pp. 235-278, 2003.

MITHUN, M. & CHAFE, W. "What are S, A, and O?". *Studies in Language* 23:3, pp. 569-596, 1999.

MONSERRAT, R. M. F. "Prefixos pessoais em Awetí". Publicações do Museu Nacional. Série Lingüística III. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1976.

MONSERRAT, R. M. F. & SOARES, M. F. "Hierarquia Referencial em Línguas Tupi". In SIMÕES, A. M. & REIS, C. A. (orgs.). *Ensaio de Lingüística*. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura, vol. 9. Belo Horizonte: UFMG, pp. 164-187, 1983.

NEVES, D. D. *A língua Suruí do Tocantins: uma introdução à morfossintaxe*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Belém: UFPA, 1999

NICHOLS, J. "On alienable and inalienable possession". In SHIPLEY, W. (ed.). *In honor of Mary Haas* (from The Haas Festival Conference on Native American Linguistics). Mouton de Gruyter: Berlin, New York/Amsterdam, pp. 557-609, 1988.

_____. “Head-Marking and dependent-marking grammar”. *Language* 62:1, pp. 56-79, 1986.

NICHOLSON, V. *Aspectos da língua Assurini*. Brasília: SIL, 1978.

PAYNE, D. L. (ed.). *Amazonian Linguistics*. Austin: University of Texas, 1990.

_____. “The Tupi-Guarani inverse”. In FOX, B. A. & HOPPER, P. J. (eds.). *Voice Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 1994.

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PRAÇA, W. N. *Nomes como predicados na língua Tapirapé*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1999.

_____. “Orações independentes com núcleos verbais e nominais em Tapirapé.” *Universa. Revista da UCB*. Brasília: Universidade Católica de Brasília, vol. 8:3, pp. 553-570, 2000.

_____. “Negação de constituinte topicalizado em Tapirapé”. In CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, pp. 413-417, 2002.

PROPHETA, Benedicto. *O indígena brasileiro: Expedição entre as tribos selvagens da Ilha do Bananal e norte de Mato Grosso*. Bahia, 1926.

QUEIXALÓS, F. “Incorporação nominal em Sikuni”. In: *Moara* 4, pp. 115-149, 1996.

_____. *Nom, verbe et prédicat en sikuni (Colombie)*. Paris : Peeters, 1998.

_____. *Syntaxe sikuani (Colombie)*. Paris: Peeters, 2000.

_____. “Le suffixe referentiant en Émérillon”. In QUEIXALÓS, F. (ed.) *Des noms et des verbes en Tupi-Guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, pp. 115-132, 2001a.

_____. (ed.) *Des noms et des verbes en Tupi-Guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, 2001b.

_____. “The notion of transfer in Sikuani causatives.” In SHIBATANI, M. (ed.). *The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2002.

_____. “Posse em katukina e valência dos nomes”. In RODRIGUES, A. R. & CABRAL, A. S. A. C. (orgs). *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: EDUnB, 2005.

_____. “The primacy and fate of predicativity in Tupi-Guarani” In LOIS, X. & VAPNARSKY, V. (eds.). *Root classes and lexical categories in Amerindian languages*, pp. 249-287. Vienne, Peter Lang, 2006.

ROBERT, S. (ed.). *Perspectives synchroniques sur la grammaticalisation: polisémie, transcatégorialité et échelles syntaxiques*. Collection Afrique et Langage 5. Louvain-Paris: PEETERS, 2003.

RODRIGUES, Aryon D. “A categoria de voz em Tupi.” *Logos* 6, pp. 50-53. Curitiba, 1947.

_____. “A composição em Tupi.” *Logos* 4, pp. 63-70. Curitiba, 1951.

_____. “Análise morfológica de um texto Tupi”. *Logos* 15, pp. 56-77. Curitiba, 1952.

_____. “Morfologia do verbo Tupi”. *Letras* 1, pp. 121-152. Curitiba, 1953.

_____. “Classification of Tupi-Guarani”. *International Journal of American Linguistics* 24, pp. 231-234. Baltimore, 1958.

_____. “Os estudos de lingüística indígena no Brasil.” *Revista de Antropologia* 11, pp. 9-21. São Paulo, 1963.

_____. “A classificação do tronco lingüístico Tupi.” *Revista de Antropologia* 12, pp. 99-104. São Paulo, 1964.

_____. “Tupi-Guarani e Mundurukú: evidências lexicais e fonológicas de parentesco genético”. *Estudos Lingüísticos* (Anais de Seminários do GEL) 3, pp. 194-209. Araraquara: UNESP, 1980.

_____. Estrutura do Tupinambá. Notas do curso dado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Inédito, 1981a.

_____. Abertura e Ressonância. *Estudos Lingüísticos IV*. (Anais de Seminários do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Est. de São Paulo). Araraquara, pp. 324-333, 1981b.

_____. “Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani”. *Revista Brasileira de Antropologia*, vols. 27/28. São Paulo: USP, pp. 33-53, 1984/1985.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. “You and I = neither you nor I: the personal system of Tupinambá (Tupi-Guarani)”. In PAYNE, D. L. (ed.) *Amazonian Linguistics. Studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, pp. 393-406, 1990a.

_____. “A case of grammatical affinity among Tupi, Karib, and Macro-Jê.” MS, Universidade de Brasília, 1990b.

_____. *Endangered languages in Brazil*. Symposium on Endangered Languages of South America. Rijks Universiteit Leiden, 1993a.

_____. “Línguas Indígenas: 500 Anos de Descobertas e Perdas.” DELTA, São Paulo, v. 9:1, pp. 83-103, 1993.

_____. “The Grammatical Structure of Classical Tupi”. Notas de curso dado na Universidade de Leiden, Holanda. Inédito, 1994.

_____. “Oposición conceptual y analogía fonológica en Guaraní: ‘casa’ y ‘chacra’”. *Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborigen*. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, pp. 325-329, 1995.

_____. “Argumento e predicado em Tupinambá”. *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* 19, pp. 57-70, 1996a.

_____. As Línguas Gerais Sul-Americanas. *PAPIA – Revista de Crioulos de Base Ibérica*, Brasília, v. 4, pp. 6-18, 1996.

_____. “Macro-Jê”. In DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. (orgs). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. “Tupi”. In DIXON, R. M. W. & AIKHENVALD, A. Y. (orgs). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. “Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupi-Guarani”. *Atas do II Congresso Nacional da ABRALIN*. CD-ROM. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000a.

_____. “Caso em Tupi-Guarani, particularmente em Tupinambá”. *CD-ROM do XIII Congresso da ANPOLL*. Campinas: Unicamp, 2000b.

_____. “Panorama das línguas indígenas da Amazônia”. In QUEIXALÓS, F. & RENAULT-LESCURE, O. (orgs.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA)/IRD/MPEG, pp. 15-28, 2000c.

_____. “Sobre a Natureza do Caso Argumentativo”. In QUEIXALÓS, F. (ed.) *Des noms et des verbes en Tupi-Guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, pp. 103- 114, 2001a.

_____. “Flexão relacional no tronco lingüístico Macro-Jê”. *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001b.

RODRIGUES, A. D. & CABRAL, A. S. A. C. “Reverendo a classificação interna da família Tupi-Guarani”. CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, pp.327-337, 2002.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. & COSTA, “Notas sobre a ergatividade em Xikrín”. *Liames* 3, pp. 19-27, 2003.

RODRIGUES, A. D. & DIETRICH, W. “On the Linguistic relationship Between Mawé and Tupi-Guarani”. *Diachronica* 14:2, pp. 265-304. Amsterdam, 1997.

RODRIGUES, Daniele M. Grannier. “Evidências do Guarani Antigo para uma Hierarquia das Categorias Lexicais”. *ABRALIN: Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* 20, pp. 55-59, 1997.

ROSE, F. *Morphosyntaxe de l’Emerillon. Langue Tupi-Guarani de Guyane Française*. Doutorado, Paris: Université Lumière Lyon 2, 2003.

_____. “Reduplication in Tupi-Guarani languages: going into opposite directions”. Inédito. 2004.

RUIZ de MONTROYA, Antonio. *Arte y Vocabulario de la lengua Guaraní*. Madrid. Reprodução facsimilar, Ediciones de Cultura Hispánica, Madrid, 1994.

SADOCK, J. M. & ZWICKY, A. M. “Speech act distinctions in syntax”. 1985

SAPIR, E. “The problem of noun incorporation in American languages.” *American Anthropologist* 13, pp. 2250-282, 1911.

SCHACHTER, P. “Parts-of-speech systems”. In SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description*, vol. I: Clause Structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SEKI, Lucy. “O Kamaiurá: língua de estrutura ativa”. *Língua e Literatura* 5. São Paulo: USP, pp. 217-227, 1976.

_____. “Marcadores de pessoa do verbo Kamaiurá”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 3. Campinas: UNICAMP, pp. 22-40, 1982.

_____. “Para uma caracterização tipológica da língua Kamaiurá”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 12. Campinas: UNICAMP, pp. 15-24, 1987.

_____. (org.). “Estudos em Línguas Indígenas”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 18. Campinas: UNICAMP, pp. 37-56pp 1990a.

_____. “Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an Active-Stativ Language”. In PAYNE, D. L. (ed.) *Amazonian linguistics. Studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, pp. 367-391, 1990.

_____. “Aspectos diacrônicos da língua Kamaiurá (Tupi-Guarani)”. *Linguística Romanica et Indiana*. Festschrift für Wolf Dietrich. Gunter Narr Verlag Tübingen, pp. 565-581, 2000a.

_____. *Gramática do Kamaiurá. Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000b.

_____. “Classes de palavras e categorias sintático-funcionais em Kamaiurá”. In QUEIXALÓS, F. (resp.), *Des noms et des verbs en tupi-guarani: état de la question*. Munique: Lincom Europa, pp. 39-66, 2001.

_____. “Aspectos morfossintáticos do nome em Tupari”. In CABRAL, A. S. A. C. & RODRIGUES, A. R. (orgs.). *Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Belém: Editora Universitária-Pará, pp. 298-308, 2002.

SHOPEN, Timothy. (ed.). *Language typology and syntactic description*. Vols. I, II, III. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. (ed.). *Language typology and syntactic description*, vol.3. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

SOARES, Marília F. & LEITE, Yonne de F. “Vowel shift in the Tupi-Guarani language family: a typological approach.” In *Language change in South American Indian Languages* (org. por M. R. Key). Philadelphia: University of Pennsylvania Press, pp.36-53, 1991.

SILVA, A. C. S. “A morfologia flexional da língua Parakanã”. *MOARA 11*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: UFPA, pp. 133- 149, 1999a.

_____. *Aspectos da referência alternada em Parakanã*. Dissertação de Mestrado, Belém: UFPA, 1999b.

SWADESH, M. "Nootka internal syntax". *International Journal of American Linguistics* 9, pp. 77-102, 1939.

THOMPSON, S. A. & HOPPER, P. J. "Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation". In BYBEE, J. & HOPPER, P. (eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2001.

VIEIRA, M. D. *O problema da configuracionalidade na língua Asurini: uma consequência da projeção dos argumentos do predicado verbal*. Tese de Doutorado, Campinas: UNICAMP/IEL, 1993.

VIEIRA, M. D. & LEITE, Yonne de F. "Observações preliminares sobre a língua Araweté". *MOARA 9*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: UFPA, pp. 07-31, 1998.

WAGLEY, Charles. *Lágrimas de Boas Vindas: Os índios Tapirapé do Brasil Central*. Coleção Reconquista do Brasil, vol. 2. Belo Horizonte: Itatiaia/ Editora USP, 1988.

ZWICKY, A. M. "Clitics". Bloomington: IULC, 1977.

_____. "Clitics and Particles". *Language* 61, pp. 283-305, 1985.

ZWICKY, A. M. & PULLUM, G. K. "Cliticization vs. Inflection: English N'T". *Language* 59:3, pp. 502-513, 1983.

_____. "Hierarchies of person". *Linguistic Society* 13, pp. 714-733, Chicago, 1977.

WIESEMANN, Ursula. Switch-reference in Bantu languages. *Journal of West African Languages* 12, pp. 42-57, 1989.

ANEXO 1: Aspectos da fonologia Tapirapé

Apresenta-se aqui uma sistematização sobre a fonologia basicamente extraída de Leite (1977, 1995, 2003) e alguns comentários sobre a mudança no sistema vocálico embasados em Facó Soares & Leite (1991).

I. Consoantes

A língua Tapirapé apresenta um total de 23 fonemas segmentais, sendo 13 consonantais e 10 vocálicos. Os fonemas consonantais são 6 obstruintes / p t tʃ k k^w ʔ / e 7 não-obstruintes / m n ŋ r h w j /.

	labiais	alveolares	álveo- palatais	velares	lábio- velar	glotais
oclusivos	p	t	tʃ	k	k^w	ʔ
fricativo						h
nasais	m	n		ŋ		
flap		r				
aproximantes	w		j			

Tabela 14: Fonemas consonantais

- i) Os fonemas / p / e / t / realizam-se como oclusivas bilabial [p] e alveolar [t] respectivamente em posição inicial e medial de palavra.
- ii) A oclusiva velar / k / manifesta-se como [k] em início, meio e fim de palavra.
- iii) A oclusiva glotal / k^w/ realiza-se como [k^w]. Ocorre em posição inicial e medial de palavra.
- iv) A oclusiva glotal / ʔ / realiza-se como [ʔ], ocorrendo em início e meio de palavra.

v) A africada / tʃ / álveo-palatal manifesta-se com [tʃ]. Ocorre em posição inicial e medial de palavra:

vi) A fricativa / h / realiza-se como [h], ocorrendo em início e meio de palavra (em geral alterna com sua ausência).

vii) As nasais / m /, / n / e / ŋ / realizam-se respectivamente como [m], [n] e [ŋ] em posição inicial, medial e final de palavra.

viii) O flap / r / ocorre em posição inicial, medial e final de palavra. Em posição inicial, sua frequência é bastante reduzida, ocorrendo basicamente em algumas partículas. Em posição intervocálica realiza-se como [r] flap oral em ambiente oral e como [r̃] flap alveolar nasal em ambiente nasal. Em posição final realiza-se como [r̃] precedido de vogal nasal e antes de silêncio, e como [r] precedido de vogal oral e antes de silêncio.

viii) A aproximante lábio-velar / w / ocorre em posição medial e final de palavras. Em posição intervocálica manifesta-se como [w̃] em ambiente nasal e como [w] em ambiente oral. Em posição final realiza-se como [w̃] precedido de vogal nasal e antes de silêncio, e como [p] precedido de vogal oral e antes de silêncio.

xix) A aproximante / j / manifesta-se como [j] vocóide anterior alto em ambiente oral. Em ambiente nasal realiza-se como nasal palatal [j̃].

II. Vogais

Diferentemente da maioria das línguas da família Tupí-Guaraní que têm seis fonemas vocálicos orais e seis nasais, o Tapirapé possui cinco vogais orais / i ɛ a o / e cinco nasais / ĩ ɛ̃ ã õ /, conforme pode-se observar na tabela 15:

	anteriores		centrais		posteriores	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
altos	i	ĩ	ɨ	ɥ		
médios	e	ẽ			o	õ
baixos			a	ã		

Tabela 15: Fonemas vocálicos

III. Restrições na distribuição dos fonemas

Os fonemas vocálicos nasais, com exceção do /ã/, ocorrem unicamente em sílabas acentuadas.

Todos os fonemas vocálicos e os consonantais, exceto os fonemas aproximante álveo-palatal /j/ e o nasal velar /ŋ/, ocorrem em início de palavra.

O fonema bilabial /p/, alveolar /t/, africado álveo-palatal /tʃ/, o lábio-velar /k^w/, o fricativo glotal /h/ e o oclusivo glotal /ʔ/ não ocorrem em final de palavra.

O fonema fricativo glotal /h/ ocorre em posição inicial de monossílabos tônicos ou entre duas vogais idênticas, desde que a segunda seja tônica.

O fonema oclusivo alveolar /t/ não ocorre diante do fonema vocálico /i/.

IV. Acento tônico

O acento não é contrastivo, recaindo sempre na última sílaba das raízes. Por meio de derivação, entretanto, obtêm-se palavras paroxítonas e proparoxítonas, pois a grande maioria dos sufixos é átona.

V. Padrões silábicos

Fonologicamente há quatro padrões silábicos em Tapirapé, simbolizados por (C) V (C). Assim têm-se dois tipos de sílabas abertas V e CV, e dois de sílabas fechadas CVC e VC. Os padrões V e CV ocorrem em qualquer posição tais como: início de sílabas iniciais e início de sílabas mediais e finais, predominando esse último padrão. Por sua vez, os padrões VC e CVC só ocorrem em final de palavras, diante de pausa. Assim, sílabas com coda só são permitidas em final de palavras, como exceção de /j/, que pode ocorrer em palavra composta.

VI. Ortografia em uso

Foi utilizada no âmbito deste trabalho a ortografia vigente da língua. Nesta convenção ortográfica, os seguintes grafemas têm valores distintos dos mais usuais:

- (i) o grafema **x** corresponde ao fonema álveo-palatal /tʃ/;
- (ii) o grafema **'** corresponde ao fonema oclusivo glotal /ʔ/;
- (iii) o grafema **kw** corresponde ao fonema oclusivo lábio-velar /k^w/;
- (iv) o grafema **g** corresponde ao fonema nasal velar /ŋ/;
- (v) e, por último, o grafema **y** representa o fonema vocálico central alto /ɨ/.

Dessa forma, tem-se os seguintes grafemas:

Consoantes: **p, t, x, k, kw, ', h, m, n, g, r, w, j**

Vogais: **i, ĩ, y, ã, e, ê, a, ã, o, õ**

VII. Mudança no sistema vocálico do Tapirapé

O Tapirapé apresenta mudanças notáveis em seu sistema vocálico em relação ao do Proto-Tupí-Guaraní (PTG). De acordo com Lemle (1971), o sistema vocálico do PTG apresentava seis vogais orais / *i *ĩ *e *a *o *u / e seis vogais nasais / *ĩ *ẽ *ẽ *ã *õ *ũ /. Em contrapartida, o Tapirapé apresenta uma série de cinco vogais orais e suas correspondentes nasais (cf. tabela 15). Uma outra língua da família Tupí-Guaraní, o Asuriní do Tocantins, que também pertence ao subconjunto IV de Rodrigues (1984/1985:39), tem sua estrutura muito semelhante à do Tapirapé e também possui uma série de cinco vogais orais / i ĩ e a o /, mas sem suas contrapartes nasais. Apesar dessa diferença, estas duas línguas apresentam em comum algumas mudanças que afetaram seus sistemas vocálicos, alterando-os em relação ao do PTG. Estas mudanças, de acordo Soares & Leite (1991), são as seguintes:

- (i) levantamento do *a em /ĩ /;
- (ii) levantamento do *ã em /ẽ /, somente no Tapirapé;
- (iii) nasalização do *a em /ã /, somente no Tapirapé;
- (iv) abaixamento do *o em /a/ em todos os ambientes em Tapirapé e somente na sílaba final ou na penúltima precedida de /o/ em Asuriní;
- (v) neutralização da oposição entre *u e *o.

Conforme Leite (1982) *apud* Soares & Leite (1991), essas mudanças inseridas no sistema vocálico do Tapirapé e do Asuriní, bem como em algumas outras línguas da mesma família, são inovações graduais, regidas por regras fonológicas que passaram por estágios intermediários, não simultâneos. O levantamento do *a para ĩ teria passado pelo seguinte processo: *a > ə > ĩ. Dessa maneira, o processo de mudança funciona em cadeia, em que a passagem de um fonema a outro, como por exemplo o do *a > ã, abre uma lacuna na estrutura. E por ser este movimento em cadeia, a lacuna deixada pelo *a é preenchida por um som resultante de outra mudança.

Ao examinarem o mecanismo de mudanças ocorrido nos sistemas vocálicos do Tapirapé, do Asuriní do Tocantins, do Guajajara e do Araweté, Soares & Leite (1991) rejeitam a proposta de Leite (1982), alegando que tal proposta evidencia apenas o processo de mudança em si, desconsiderando o nível fonético dos segmentos, além de não esclarecer por que essas mudanças ocorrem. Essas autoras, da mesma forma que rejeitam a proposta de Leite (1982), criticam a reconstrução do Proto-Tupí-Guaraní de Lemle (1971), argumentando que o proto-sistema proposto seria falho, por ter-se baseado apenas em dados fonológicos, sem considerar o sistema fonético.

Assim, Soares & Leite (1991) propõem uma reinterpretação do proto-sistema baseada nas variações fonéticas dos segmentos que o compõem. Ao considerar a alofonia dessas línguas, seria possível postular as variações fonéticas do proto-sistema, ou seja, uma alofonia imanente. Dessa maneira, pode-se admitir que as mudanças inerentes ao Tapirapé e às outras línguas da mesma família poderiam ter ocorrido simultaneamente e que o redimensionamento de cada sistema fonológico teria ocorrido por meio dos alofones já presentes no proto-sistema. Destarte, “o potencial para a mudanças estaria circunscrito no proto-sistema, no universo acústico e nos princípios articulatórios que, por sua vez, governam as transformações sonoras, limitando possibilidades de mudança, as quais são diferentes e específicas a cada língua” (Soares & Leite, 1991: 50).

Segundo Rodrigues (1981:330), a situação de nasalização do Tapirapé, aparentemente espontânea, pode ser descrita mediante coeficientes de compacidade, ou seja, em função da ressonância na cavidade oral ampliada pela ressonância na cavidade nasal. Neste caso, trata-se de um processo diacrônico, e não morfofonêmico, em que todas as ocorrências da vogal oral *a do PTG se converteram em suas correspondentes nasalizadas /ã/ em Tapirapé. Trata-se de um fenômeno em cadeia, em que *u > o e *o > a, e *a > ã. Esta última mudança acarretou a mudança *ã > ĩ. Como no quadro abaixo:

Proto-Tupí-Guaraní ³		Tapirapé
*u	→	o
*o	→	a
*a	→	ã

	*ã	→	ĩ	
	Exemplos:			
(i)	* kutuk	>	kotok	‘furar’
(ii)	* mono	>	mana	‘enviar’
(iii)	* katu	>	kāto	‘bom’
	* tata	>	tātā	‘fogo’
(iv)	* nupã	>	nopỹ	‘bater’
	* āj	>	ỹj	‘dente’

Consoante Rodrigues (1993: 24), “esse fenômeno, chamado de compactação vocálica, porque quanto mais se amplia a caixa de ressonância mais próximas ficam as frequências dos dois primeiros formantes do som vocálico, não é raro. Rara é, entretanto, a produção de vogal nasal por esse meio.”

Labov (1994: 290), ao estudar as mudanças em cadeia de subsistemas das línguas, afirma também que as mudanças das vogais posteriores do Tapirapé ocorreram em cadeia, envolvendo movimentos de abaixamento, em que /o/ passa a /a/ e o /u/ passa a ocupar o espaço deixado pelo /o/. Além disso, afirma também que a nasalização de vogais baixas é um princípio não marcado, utilizado por muitas línguas em muitos períodos, favorecido pela tendência do abaixamento do véu palatino com as vogais baixas. Como se vê, Labov (1994) corrobora a proposta de Rodrigues (1981), não só em relação aos processos de mudanças em cadeia das vogais posteriores, mas também em relação ao caso específico da nasalização do Tapirapé, por se tratar de um fenômeno articulatorio vinculado à promoção da capacidade máxima de ressonância.

Cabe esclarecer que este fenômeno de mudanças em cadeia do sistema vocálico do Tapirapé alterou sobremaneira sua fonologia, causando o aparecimento do fonema /ã/ em sílabas átonas e o surgimento de regras morfofonêmicas peculiares a esta língua.

Anexo 2: Textos Tapirapé

Texto 1: akyrete 'choveu muito'

ãxe'i rāka ara-a confresa-pe
ontem PAS.REC 1excl.I-ir Confresa-LOC

arax-emi-'o-pāw-āramō
1excl.III-N.PAC-ingerir-COM-SUB

"ontem fomos à Confresa porque tinha acabado toda nossa comida"

pe ara-waem-amō rāka i-ma-ypy-ø a-kyt-a
D.E 1excl.III-chegar-SUB PAS.REC 3.II-CAUS-começo-I2 3.III-chover-GER

"quando chegamos lá começou a chover"

ywyto-ø rāka wetepe 'or
vento-REFER PAS.REC muito 3.vir

"o vento veio muito forte"

ã'ē rāka a-ma-par ma'e-ma'e-ø are=r-enone-wār-a
CD PAS.REC 3.II-CAUS-sair IND-REDUP-REFER 1excl.II=R-POS-N.CIR-REFER

"ai ele jogou muitas coisas na nossa frente"

a-etyk rāka yākopy-ø ywy-ø ywyrã-ø i-etyk-a
3.I-derrubar PAS.REC bicicleta-REFER lixo-REFER árvore-REFER 3.II-derubar-GER

"ele derrubou, biciletas, lixo, árvores, ele derrubou"

ã'ēre rāka amyn-a i-kyr-ete-ø ã'ē rāka are ara-ka ara-kyyx-wo
CD PAS.REC chuva-REFER 3.II-chover-INTNS-I2 CD PAS.REC 1excl 1excl.I-estar 1excl.III-ter.medo-GER

"depois choveu muito forte e estávamos como medo"

are rāka ara-pa'ym ara-kwāp-a
1excl PAS.REC 1excl.I-estar.em.pé 1excl.III-estar.PL-GER
"estávamos em pé"

ã'ê rāka are-amō are-pa'ym-a ramō
CD PAS.REC 1excl.I-molhar 1excl.III-estar.em.pé-SUB
"estávamos molhados e continuávamos em pé "

a-ma-ypyton-ixe rāka ã'ê rāka ara-kow i-exāk-a farmaci-pe
3.I-CAUS-ser.escuro-GRAT PAS.REC CD PAS.REC 1excl.I-estar.dual 3.II-ver-GER farmácia-LOC
"fez-se noite e estávamos em dupla vendo (a chuva) na farmácia "

are-py-ø rāka ara-amō ã'êpe rāka are-poko-ete i-exāk-a
1excl.II-perna PAS.REC 1excl.I-molhar CD PAS.REC 1excl.II-ser.comprido- INTNS 3.II-ver-GER
"nossas pernas estavam molhadas e por muito tempo ficamos vendo a chuva"

mokōj ora r-e amyn-a i-ky-pa'ak-i are=ø-we
dois hora R-POS chuva-REFER 3.II-chuva-cessar-I2 1excl.II-R-POS
"só depois de duas horas parou de chover para nós"

maryn 'ã ara-kane'õ-ramō arax-ã'y-xã'y-ramō
por.isso D.E 1excl.II-estar.cansado-S.P.N.AT 1excl.III-estar.dolorido-REDUP-S.P.N.AT
"por isso estamos cansados e doloridos"

ara-ty'ã-ramō arax-a-wo
1excl.III-estar.famito- S.P.N.AT 1excl.III-ir-GER
"estávamos com fome e fomos"

maryn 'ã 'y are-mama'eāy ara-ka-wo
por.isso D.E D.E 1excl.II-estar.doente 1excl.III-estar-GER
"por isso estamos doentes"

Texto 2: Marãxe'i aã'r 'Marãxe'i caiu'

marãxe'i-ø a-ã'r 'ot-a ã'e a-ma-pen a-xywã-ø
Marãxe'i-REFER 3.II-cair 3.II-vir-GER CD 3.I-CAUS-quebrar 3.III-braço-REFER
"Marãxe'i caiu (da árvore) e quebrou o dela braço"

maryn rãka ara-wera-a confresa-pe
por.isso PAS.REC 1excl.III=CC-ir-GER Confresa-LOC
"por.isso fomos a Confresa"

confresa mãir-a ø-pãxe-ø rãka n=a-ixã-matar-i
Confresa não.índio-REFER R-pajé-REFER PAS.REC não=3.I-ver-DES-NEG
"o médico de Confresa não quis vê-la"

ã'ëwi rãka ara-a porto.alegre-pe
CD PAS.REC 1excl.I-ir Porto. Alegre-LOC
"de lá fomos para Porto Alegre"

epe rãka mãir-ã ø-pãxe-ø
D.E PAS.REC não.índio-REFER R-pajé-REFER

i-exãk-i ã'ëra rãka i-ma-xig-i i-xywã-ø
3.II-ver-I2 CD PAS.REC 3.II-CAUS-ser.branco-I2 3.II-braço-REFER
"lá o médico a viu e engessou o braço dela "

Texto 3: 'ipirã 'o peixe'

Escrito por Xãrio'i Tapirapé

ãxe'i rãka ã-ã 'ipirã-pe
ontem PAS.REC 1sg.I-ir peixe-LOC
"onde eu fui pescar (no peixe)"

ã'ẽ rãka ã-xokã maãpyr ywyrão-ø
CD PAS.REC 1sg.I-matar três jaraqui-REFER
"então peguei três jaraqui"

wãrãrão-ø rãka ã-xoka maãpyr ranõ
curumatã-REFER PAS.REC 1sg.I-matar três ITER
"matei três curumatã também"

ã'ẽre rãka ã-xar i-pyyk-a we-ka-wo tokonare-ø
CD PAS.REC 1sg.I-vir 3.II-pegar-GER 1sg.III-estar-GER tucunaré-REFER
"então vim e fiquei pegando tucunaré"

ã-pyyk rãka wetepe tokonare-ø
1sg.I-pegar PAS.REC muito tucunaré-REFER
"peguei muito tucunaré"

ã-pyyk rãka i-exãk-a xawaxio-ø ø-wor-a
1sg.I-pegar PAS.REC 3.II-ver-GER tartaruga-REFER R-boiar-REFER
"peguei e fiquei olhando o boiar da tartaruga"

ã'ẽ rãka ã-xar i-paj-ta we-ka-wo xawaxio-ø
CD PAS.REC 1sg.I-vir 3.II-alimentar-GER 1sg.III-estat-GER tartaruga-REFER
"então vim pescando (alimentando) a tartaruga"

ã-pyyk rāka mokōj xawaxio-ø ã'ēre rāka
1sg.I-pegar PAS.REC duas tartaruga-REFER CD PAS.REC

n=a-'o-i pinã-ø xawaxio-ø
não=3.I-ingerir-NEG anzol-REFER tartaruga-REFER
"peguei duas tartarugas, depois elas não comeram o anzol"

ã'ē ã-xar ãwyr-a ø-gāty
CD 1sg.I-vir casa-REFER R-POS
"então vim embora para casa"

ã'ē rāka ã-yr we-xe-we mokōj wārārão-ø
CD PAS.REC 1sg.I-assar 1sg.III-REF-POS dois curumatã-REFER
"ai assei dois curumatã para mim"

ã'ē rāka ywyr-ipe ã-ye-ak i-r-ot-a wārārão-ø
CD PAS.REC margem-LOC 1sg.I-tripa-arrancar 3.II-CC-vir-GER curumatã-REFER
"então eu já tinha tirado a tripa do curumatã na margem"

ã'ē rāka ã-r-or xawaxio-ø ywyr-ipe
CD PAS.REC 1sg.I-CC-vir tartaruga-REFER margem-LOC
"então eu trouxe as tartarugas da margem "

ã'ē rāka mī xe=ø-parer-a ã-māȳj xe=r-etã-ø=agỹ-ø ø-we
CD PAS.REC HAB 1sg.II-R-pesca-REFER 1sg.I-distribuir 1sg.II-R-companheiros-REFER=PL-REFER R-POS
"então eu distribuir minha o fruto de minha pesca com meus companheiros"

Texto 4: xawaxio**‘a tartaruga’**

Escrito por Iparewã Tapirapé

() **ãxe'i rãka i-a-ø ãwã-'yã-wer-a=ãgỹ xawaxio-ø ø-paj-ta**
 ontem PAS.REC 3.II-ir-I2 gente-ser.jovem-GRUP-REFER=PL-REFER tartaruga-REFER R-alimentar-GER

"ontem os rapazes foram pescar (alimentar) tartaruga"

() **ã'ẽ rãka wer-or xawaxio-ø i-pyyk-a ãwã-'yã-wer-a=ãgỹ-ø**
 CD PAS.REC 3.CC-vir tartaruga-REFER 3.II-pegar-GER gente-ser.jovem-GRUP-REFER=PL-REFER

"então os rapazes trouxeram as tartarugas que eles pegaram"

pinã-ø ø-pe mĩ i-pyyk-i i-r-ot-a xawaxio-ø yjxig-a ø-wi
 anzol-REFER R-POS HAB 3.II-pegar-I2 3.II-CC-vir-GER tartaruga-REFER praia-REFER R-POS

"com o anzol eles sempre pegam (vindo) as tartarugas da praia"

ãwã-'yã-wer-a=ãgỹ-ø mĩ a-ker a-a-wo xawaxio-ø r-e
 gente-ser.jovem-GRUP-REFER=PL-REFER HAB 3.I-dormir 3.II-ir-GER tartaruga-REFER R-POS

"os rapazes sempre dormem quando vão por causa da tartaruga"

ã'ẽ mĩ epe a-'o 'op-a yjxig-ime ãwã-'yã-wer-a=ãgỹ-ø
 CD HAB D.E 3.I-ingerir 3.estar.deitado-GER praia-LOC gente-ser.jovem-GRUP-REFER=PL-REFER

"lá eles sempre comem, os rapazes"

maryn mĩ i-kyyxe-ø karẽ ãwã-'yã-wer-a ø-wi
por.isso HAB 3.II-ter.medo-I2 agora gente-ser.jovem-GRUP-REFER=PL-REFER R-POS
"por isso, agora, elas sempre têm medo dos rapazes"

maryn mĩ karẽ ãwã-'yã-wer-a=ãgỹ-ø i-ker-ixe
por.isso HAB agora gente-ser.jovem-GRUP-REFER=PL-REFER 3.I-dormir-GRAT

a-a-wo ø-ee
3.III-ir=gER 3.II-POS
"agora os rapazes sempre dormem por causa delas"

ã'erã xe mĩ karẽ i-r-or-i i-pyyk-a xawaxio-ø
CD REST HAB agora 3.II-CC-vir-I2 3.II-pegar-GER tartaruga-REFER
"então só depois eles vão para pescar tartaruga"

Texto 4: Tomãtoxiri axokã maja ‘Tomãtoxiri matou a cobra’

narrador: Xãko’iãpari Tapirapé

Ma’e pe ta ekwe amappy Tomãtoxiri. Tomãtoxiri ãkaj nym kwĩ: Tomãtoxiri kome’oawa ãkaj nym kwĩ. Maryke’yri ãkaj axeke’ywanak apy akawo. A’ere ãkaj, xanãj ekwe akome’opy penope.

Maryke’yri axeke’ywanak akawo, apa gỹ rowa kwĩ, mytyare agỹ towa, axopeteri agỹ rowa. A’e rō’õ rãka’ẽ mi aa a’e axopeteri agy, apa Mytyare agy ixeke’a para irota ixowi, Mytyare agy axopeteri wĩ. A’e rō’õ rãka’ẽ mĩ ixoka irekawo ixeke’a’i re. Emanyn ãkaj Tomatoxiri ypy kwĩ. Ate petyma re ia. Ipoko’yga mo a’ega rano.

Axeke’ywanak rãka’ẽ, axeke’ywanak rō’õ rãka’e~ apa, Tomatoxiri rowa, imanaka ipirã axewe pane. A’e rō’õ rãka’e~ mĩ ixeke’ã ot iraawo i’owo apa, Mytyare agỹ. A’e rãka’e mĩ aa pe ixope xe kwe a’e rō’õ mĩ axokaã irekão ipymiwo. Axoka’i rō’õ rãka’e mĩ irekawo ixeke’ã para re. Ipirã iraãwo ixowi. Ka aawo’i, iraawo’i wararo remi’o apyrepreri xe, a’e apa. Apa rowa Tomatoxiri rowa.

— Marygãto pa’e apa, xanerowa, xanerowa ã ikawo wa.

— Pexe xiekakwaãp e’i rō’õ ixope, tã’yra gỹ. A’era rō’õ rãka’ẽ, a’era rō’õ rãka’ẽ ia ixeke’ywa reej axemima eẽ. A’e rō’õ rãka’e~, aa’i a’egã kwĩ iopa pane. Ake pane ixeke’a ixope rano. A’era rō’õ rãka’e~ ipyperawaki. A’e rãka’ẽ, ewixe a’egỹ, Mytyare agỹ ’y ropi ixope. Wa wa wa wak jak ipyri ota.

— Ake pãwa, e’i rō’õ ixope ota ?

— Ake kwĩ e’i rō’õ ixope!

— Axe axão.

— ’Ã! Ere xixoka’i axão.

— ’Ã! Ee a’ata xe. Ixokawo, iakymyka’i irekão, ixokão. Ixoka’i rō’õ rãka’ẽ mĩ irekãwo ixeke’a para re kwĩ, ipymio. Ate rō’õ rãka’ẽ mi imamytoakwymawi’i. A’e ramo aawo ixowi. Pe iraãwo ixeke’a para a’egỹ xe. A’egã akwerã ropi we iowyna’i apa wararo remi’o apyrepreri iraãwo. Nakejoo axão. Axekakowi py rō’õ rãka’ẽ akao. A’era ãkaj ta’yra gy aa ipakaopa kwĩ.

— Erekekakop pa ā ekawo wa xeropy! Ereexokaakāroo pake ekwe apa exapiarāo agỹ we wā e'i rō'ō rāka'ē ixope.

— Nerekome'o patāri mī arewe kwī axāwo ixope. Apa kwī e'i rō'ō: Peāpe xowexowepājpe mī akākop penowi kwī, e'i rō'ō wā'yra gỹ we. Napexāi patāroo kwī, e'i rō'ō ixope. A'era mī 'ā axexokā akāriī wekawo axāwo.

Epewo py e'i rō'ō ixope! Ne! E'i rō'ō. Aapa py penee xājawa mo axāo. A'era rō'ō iapa xājawa ee kwī, Tomatoxiri'i agỹ rowa, xājawa iapa, tyke'yra gỹ re. A'egā rō'ō aka'i kwī apa aape xowexoweri ramo ape'i Tomatoxiri'i. Ekwe rāka'e~ ika maja xokā ryma. Tyke'yra gỹ xe hon ixowi, aa'apeo, tyke'yra gỹ mokōj. A'e rō'ō apa pāp xājawa. A'e rō'ō ka ixājāwera ikwawi kaiā ropi. Natywamo rō'ō xanewe apa mira, ayryna. Natywimo rō'ō. Tomatoxiri'i xājawera rō'ō ka akwāp, ayryna, miimira iāpa ixope rāka'ē ixājāwa mo.

Miimitee pe py iāita irekao kwī wa'yra. Ā a'erē ayrynoo pe iāita. Axokā rō'ō rāka'e~ mī imogopa, iāpe rō'ō iāitaaaa, xā ape xepe ane e'i rō'ō rāka'e~ mī wa'yra we. A'ere amo rano, āpe xepe ane axāo imatowiāpa, aaipā rō'ō. Pexe axāo, ienopa xaapiāwa, peo rō'ō pa xaapiāwa ika axāo.

— Arereraā arepe kwī ? E'i rō'ō wowa we.

— Yni! E'i rō'ō.

— Nerenyra ekwe nereraā! E'i rō'ō ixope. A'era rō'ō rāka'e~ enyra iraā, apa, Tomatoxiri ryke'yra, gỹ, rō'ō iraā enyra xaāpiājpe.

Ixaāpi wyrā akao kwī, axapyyka itāpemoo pe, rō'ō rāka'e ika axapyyka kwī wyrā a'epe aawo. A'e rō'ō rāka'e~ yn towa xe yj'i.

— Eapyakā yme areree? Axāo wowa we. A'e Tomātoxiri'i ka owi ipyri wowa pyri, iryneixe'i, ikywekyweri āpe'i. A'ega'i xe rō'ō rāka'e~ wereka'i. Tomātoxiri'i xe rō'ō rāka'ē wereka'i towa. Tyke'yra gỹ tana weraāp enyra gỹ imaxapyyk akāta. A'e rō'ō rāka'ē ixapyyka aawo opa kwī. A'e rō'ō rāka'ē amapepenn wyrā aawo akawo, tyke'yra gỹ temiamiara.

Ma'ewe tā rāka'ē ākaj apa, kapimy'i renyra apa.

— Mygā rāge'i pa y naetymyj'i ynā aporaāta, e'i, akywyrā we, ikorāpa akywyrā. A'e rō'ō.

— Nekywyra ewi ÿj'i aporaãta kã! E'i rõ'õ.

— A! Wekywyri pa akorãwi axão. Ate rõ'õ apa. Na'ãri rõ'õ a'e Tomatoxiri agy ryke'yra gÿ, xapyykãi pe. Na'ari. Ka imapepeni wyrã. A'egy tana rõ'õ rãka'e~ mĩ irakwãpatãramo apa axawapexo ee enyra kwĩ. Ka'aawa mo xe, ka'aawa mo xe e'i rõ'õ rãka'e~ mĩ enyra ixope ynã, xãwa rõ'õ rãka'e~ mĩ nawerakwari wyrã irekawo ikywyra gÿ. Ate ixaãpi aawo akao, xaapiãjpe aporaata. Towa yn ÿi ipa, aapa'i rõ'õ rãka'e~ aawo wowa maananaawyma apa anoxowawy, miãra. Penao keawo irekawo, e'i rõ'õ ixope, arerowa axão.

Xeropy pexe.

— Pipiawak takena, pexe ke ixope irekao, e'i rõ'õ rãka'e~ mĩ, temiamiãra akoxi we, miãra we, mĩ apa anoxowawy, we. A'egÿ tana aa akao axapyyka. A'e rõ'õ rãka'e~ emanyn ireka Tomãtoxiri ryke'yra gy, enyra imaxapykakãta. Ate rõ'õ rãka'e~ nietykãwi. A'era rõ'õ irori akywyra. Towa yn amaana irekawo ma'ema'e.

— Xeropy ?

— Hã! Oo, xera'yra gÿ pã pa awaemi pã axãwo, ota ipiawaka takena, jyjk miãra. Aneo xe pa ka ereka ñi axãwo. ãwo aawo ixowi rano. Emanywe rano, imaana ãkoxi rano. Emanywe imaana anoxowawy rano. Ewĩ rõ'õ rãka'e~ a'egÿ, itori.

— Na'ãri pa apa nekywyra gÿ mo? Axão.

— Yni! E'i rõ'õ. Na'ari e'i rõ'õ ixope enyra xa.

A'e rõ'õ apa enyra, Wenyra werot irekawo. Ate rõ'õ enyra apa kwĩ, wereka ipirã. Ipirã rõ'õ wereka enyra axepype rano. A'era rõ'õ ikome'o ikywyra apa wowa we.

— Xeropy ? Axãwo. Arerenyra ka wereka ipirã kwĩ axão.

— Marygato pã xirekao ixowi wa, e'i rõ'õ rãka'e~ a'egÿ rano.

— Marygato tã axãwo.

— Pekã kwĩ, e'i rõ'õ ixope. Pekã pexexenyra wi ipira imakaxyyma axãwo ? Ne! E'i rõ'õ. A'era rõ'õ ere kwĩ axão axaweraão. Tomatoxiri'i tana ka iryneixe'i opa kwĩ. Wekaete'i ramo pã xe rãka'e~ a'egã wã. A'egÿ xe emi aka tyke'yra gÿ. Aximaãta aawo, irota ipirãta wenyra kwĩi. Ere ke ipirã ipype. Ikayryj rõ'õ. Akã rõ'õ tywyra, po po po po pooo, akã irekão wenyra pe ipirã. Akão rõ'õ ipirã kwĩ ikwãra pe. 'ã imakaxyma, oxo'ypiãpawo ee.

Aywō rō'ō akopa ixowi ikā'o ramo. Ate rō'ō ixokā pāwi ixowi. A'erē pane rano, yni, akaxymā; axokā pāp rō'ō ipira ixowi wenyra wi.

— Emixe rō'ō ke wa, e'i rō'ō ixope, emixe.

— Awe amo ika kwī e'i rō'ō. Emī iwykaāryma. Akawo ipero'i, enyra pype.

— Marygato tā ekwe ika, a'eramo a'egā ? E'i rō'ō .

— Marygato rō'ō! E'i rō'ō axāope . A'e rō'ō pane epe axokā patā irekao . A'e axewaem ixowi akao. Yni naxokāj.

— Akaixe ke ekwe kwī ! E'i rō'ō ixope . Amamāp rō'ō apa wenyra wī ipirā . A'era rō'ō ika'i ipero'i xe axewaema ixowi, wī korỹ wykaāryma rāka'e. Ate, a'e rō'ō axe'apeāp akopa rano.

— Marygato ta ekwe ika axāo.

— Ea'ỹgakāt xeretotyra we kwī ! E'i rō'ō. Xeretotyra we xixe'ēg axāo, taa'ỹg e'i rō'ō, xanewe axāo. Tokāto ee xanepy'ā, e'i rō'ō.

A'era rō'ō ixē'ēgi atotyra we.

— Xetoty ? E'i rō'ō. Ha! E'i.

— Koxỹ exat ia'ỹga arewe kwī, axawo. Epe rō'ō i'owej irekawo wenyra. Exat ia'yga arewe, e'i rō'ō ixope. Mỹ ta'ē ! E'i rō'ō, itotyra gỹ ota ikāty kwī. Ka kwī axāo. Āxe ! E'i rō'ō.

— Marygāto tā ā ika penope ? E'i rō'ō.

— ipirā ā aka ipype kwī! Axāo. Ipirā rāka ipype axāo. A'e rāka arakā ixowi axāo. Aramakaxymā ipirā axāo. A'e ā axepe'i aka, e'i rō'ō. A'e pāke eke Marygato a'o ramo āka pā, ara'e ā arakao, e'i rō'ō. Marygato ke ekwe, e'i rō'ō. Nakwaāwi rō'ō kā'i rano, Marygato ke ekwe ika kwī. Erea'ỹgi pa'ē ramo arewe wā ? E'i rō'ō ixope. Da kwī ia'ỹgi, e'i rō'ō.

— Ere mi eramo ia'ỹga arewe wā ? E'i rō'ō kā'i we.

— Ne! E'i rō'ō. Ekwe amanō penowi axāo. A'e pāke ekwe apa, arerakōj manakī pāke ekwe pā, ara'ē kwī! E'i rō'ō ixope. A'e ramo arakyyxe ā irekao ixowi, e'i rō'ō ixope. Axe axāwo. Ka amō penowi e'i rō'ō kā'i, aawo i'arimo. A'o rō'ō iropa kwī, a'o, a'o a'oo. Aixākixe rō'ō akao ipero'i, ka'i rakōja, aixākixe akāo, iropa a'o, a'o, a'o, a'ooo yni (naāpai rō'ō).

A'era rō'ō, yni ke kwī, e'i rō'ō akopaikkywyrā gỹ. Ema'emi ka i'ojxeo iropa axāwo. A'era rō'ō ixē'ēgi ixope. Ama'y tā'yparaxeokixeo ka'i ere, ta'ypa opa ipype. Nyn rō'ō ipyyk aawo.

— Xetoty ? Xetoty ? E'i rō'ō.

— Hā! Āoxe pā wā xetoty ? Aoxetee rō'ō ixewarīi xe opa.

— Xetoty, ere āoxe kwī ? Axāwo. Aoxe pā wā e'i. Yn tana rō'ō epe awā pe ipyyk aawo, iāty pepitā.

— Xetoty, ere āoxe kwī ? Axawo. Emi āoxe ry iāty pepita. A'era rō'ō kā'i ixawawairi, āoxe kwī, āoxe e'i rō'ō aawo a'yma axekyta. Āoxe e'i rō'ō, āoxe, e'i rō'ō. Akajxe ekwe kwī e'i rō'ō kā'i, akajxe ekwe axāo. Pode apa irawyka axawo. A'era rō'ō emi koxỹ ireka kwī emigā. Se mō rō'ō ixokā pāwi rāka'ē ixowi. A'e ramo rō'ō nawyj koxỹ, akwāpa mī xa. Emanyn rō'ō rāka'ē. Axe axāo. A'era rō'ō rāka'ē wenyra irawykixe irekawo, a'egy, Tomātoxiri retā gỹ. Ate rō'ō rāka'ē itori akawo wowa gỹ pyri rano.

A'e ramo rō'ō ākai ikapiri towa, ikapiri rō'ō towa, Tomātoxiri rowa akapit. Ā ityma petyma, ityma petyma kwī Tomātoxiri rowa. A'e axemaawā opa petyma. A'e rō'ō pe koxỹ, koxy mene'yma apa rano, ireka ireka ixope kawaro rano. Ekwe imorakāta ikāty ne, agỹ rano. Emanyn ia apāpa Tomātoxiri kome'oāwa kwī. A'ega rō'ō apa, axe e'i rō'ō a'era rō'ō ixemaawā opa apa petyma ka wi. Towiroo opa, ate ipatyt, eminōg ypy kwera, kwe petyma, kwe petyma ika pe.

A'e rō'ō.

— Axe tā pa apa Tomātoxiri ika apa kwāra ra'yragāwa, kwāra ra'yra rō'ō Tomātoxiri agỹ, e'i rō'ō koxymene'yma. Pea mo nā irota xemena mo, e'i rō'ō. A'era rō'ō rāka'ē ikome'o aawo ixope. A'era rō'ō iarō irekawo kawi, a'e a'egy tyke'yra gỹ. Aa akopa rano, ee rano. Ate rō'ō rāka'ē mī, xa nami mī kawaro ka' ēme none itoroo, mi ikaro, akoro aawo oawera wi. Emanyn rō'ō rāka'ē ika kawaro, tō tō tō tō aa rō'ō rāka'ē mī to to to to to, werot rō'ō rāka'ē mī kawaro, ywyto, i'ywyto rō'ō rāka'ē mi kawaro ota. Epa pāke itori pā, e'i pane rō'ō rāka'ē mī, āoxekāto. A'e rō'ō rāka'ē mi awapeyj 'ota axewi. A'e ate apeyj, tyryryk aket rō'ō rāka'e mi. Ewiri we wi hyy apapata ota ika pe, i'owo xe ipetyma, towa petyma.

Katak katak imori i'owo ka. Ka'emã a'e ramo we rō'ō rāka'e~ mi ixema'ywi rano, āwa aawo rano.

Pe aawo ikome'owo apa koxymene'yma we rano.

— Narepyyki axãwo, Naraixãki axão.

— Yn ekwe araa ikãty rano, e'i rō'ō rāka'e~ mĩ. A'era rō'ō rāka'e~ mĩ ia ikaty rano. Ate itorixe rano.

— Pepyyk pã wã axão ?

— Yni kwĩ arekerori i'oo ota ra'e~ rano!

— A'o ÿg pa epe ota ra'e~ rano wã! E'i rō'ō rāka'e~ mĩ wowa we.

— Maryn pã napepyykoo wã, e'i rō'ō rāka'e~ mĩ towa ixope. Ate emanyn ireka, napyyki tyke'yra gỹ. A'e, ewĩ tana rō'ō ikome'o apa bandeira ixope. Awyrapere rō'ō rāka'e~ ika bandeira. A'ere rō'ō rāka'e~ mĩ ixemamara aawo, kawaro axewi ha re, tyke'yra gy. I'ymanak patãta iraãwo, a'e koxymene'yjme irakewo, para irekao koxymene'yma. A'e maja rãty.

Maja rãty rō'ō rāka'e~ aga bandeira, a'ega rō'ō rāka'e~ mi amanak patãn iraãwo, Tomatoxiri ra'yra agỹ. Ate rō'ō irayro'i tywyra ikywekyweri.

— Maryn pã napepyykoo wa? Pe'opãwakãt pa ekwe xerexowi ka wi wa, e'i rō'ō rāka'e~ ixope.

— Apyykoo mo ie, e'i rō'ō !

— Ane kywekyweroo xe mo ta erepyyk ! E'i rō'ō ixope tyke'yra agỹ!

— Apyykoo mo! E'i rō'ō ona.

— Axe mō pãke.

— Eere mi a'era mo eo wa? E'i, nane'oo xawãra, e'i rō'ō ixope.

— Apyyk amo kwĩ, e'i rō'ō yna ixope wyke'yra gỹ we. Exanai ekwe, e'i rō'ō. Yy wekwaxoweri i'apakwãri'i, ekwe ia xawãra remiaryma, e'i rō'ō ixope. Axe pa'e, napyyk ekwe, e'i rō'ō. Xãwa rō'ō, yy aa rō'ō kwĩ wowa ka wi iexãka. Ere ke kwet, kwet i'oakãri, kwet i'oakãri petyma.

— Epa ere'o akãpãp, xerexowi kawi wa axão.

— Nyn tana ma'e xipyuk e'i rō'ō. Imapepena xo kwī, ma'e xo rāka'ē ke. Ipēo'i rō'ō iryna ywira pe tyuk, a'ere ako'ā re ixio tyuk.

A'ere rō'ō amō ipen, ka axori, tyuk, emi rō'ō. Yn irekawo iramaenyna kawaro re. Aka, aka aka aka. Xanami pa, ka'em enone mi iawo karoorera a'egy rano. Ewī rō'ō, to to to tok i'ywyto, epa pāke pa e'i rō'ō yna, wekwāxoweri pe rō'ō ityni. Epa pake pā axāo. I'ywyto kawaro aawo. Ewixe rō'ō a'egy, to to to to, kawaro kwī ixema'ywi Hō, kawaro kyrekyrera. Ikeri pane, xo xok, peo ipari, aket pane peo rō'ō ipari, ate ixāgate. E tana rō'ō kwi iraā ikaty, ia'i ikāty. Axe pa 'ā pee pe'o pexekao wa. Amanaki rō'ō aawo akykwera ixowi. Amanak aawo akykwera. Akykwera wie rō'ō ipari ixope.

— Pee pa ā peka i'owo xeropy ka wi wā axāo. Mik apik rō'ō akwāpa kawaro.

— Ari ane pa wa ?

— Tomatoxiri ane pā wā ? E'i rō'ō ixope.

— Iaā ! Ie kwī, e'i rō'ō.

— Neree arakao ā araka kwī, e'i rō'ō ixope ?

— Axewara ! E'i. Tā eree arakao ā araka. Apa kwī, e'i rō'ō. Koxymene'yma 'ā aremaga akāt nepiara mo kwī. Perot xewe pexeawo axāo.

— Axewāra! E'i rō'ō.

— Tāryn! E'i rō'ō. Nerereka patā rō'ō, akao kwī, e'i rō'ō ixope kawaro. A'era rō'ō, axe pā wā axāo. Exe e'i rō'ō. Epiapy ā py wetowa we wexe'ēga kwī, e'i rō'ō.

— Ne! E'i rō'ō. Ka a'era araxat newi, axāo. Eaete ke, axeiwe araa newe ne rano, e'i rō'ō ixope.

— Tā pexarike rano, axeiwe axarine rano, e'i rō'ō. A'era rō'ō pe ia'i. Eixe rō'ō ia'i awaema.

— Yg!

— Kwe itora akawo penywira, e'i rō'ō ixope.

— Ari ekwe itoroo akao kwī e'i rō'ō, tyke'yra gỹ ixope. A'ega xe mō pāke apyyk wā, axāo. Akerao xe rō'ō ke aawo uma ra'ē. A'egā xe mo ta'ē apākoo ra'ē, e'i rō'ō ixope.

Akerie aawo yna ra'ē kwī axāo. Ewi xe rō'ō ikome'o

— Erepyuk pā wa ? E'i rō'ō ixope.

— Yyni! E'i rō'ō ixope. Ie xe mo tã apyyk, e'i rō'ō. Penemirayroyrō ramo xe mo tã ie apyyk penope, peẽ xepe tana ã napepyyki irekao. Pe'opāwakāt xerexowi ka wi kwĩ, ixope e'i rō'ō ixope a'yma. Pexe rynoo ramo, e'i rō'ō wyke'yra gỹ we. Nakome'oi epe aawo apa axewe haawa. Xo epe irāã'i wyke'yra gỹ axewi kwātāra mo ikome'o wowa we. Ikwatāt tyke'yra gỹ a'era rō'ō ikome'o'i.

— Xeropy ? Axão, apyykoo nekawi wāra kwĩ xeropy, e'i rō'ō.

— Axewarã ta'ẽ erepyyki ? E'i rō'ō.

— Āpyyk kwĩ! E'i rō'ō ixope. Akeroo xe mi aawo akopa nera'yra gy kwĩ, e'i rō'ō ixope. Ie tana nakeri kwĩ, e'i rō'ō. Marygato nerekeri, ere xewe, e'i rō'ō. Xo rāka apẽ weko'a re, wexori rāka amō. A'e mi pane xerapeyj, a'e mĩ xemamāk xekotoka. A'e ramo apyyk, e'i rō'ō. Kawaro kwĩ, e'i rō'ō, kawaro epe aka i'owo xanekawi'i kwĩ, e'i rō'ō wowa yna. Axe pã wã axão. A'e rō'ō aa rano, ã rano. A'era rō'ō ekwe aa kare newi, e'i, aã ekwe kare newi axão.

Mi rō'ō apa eymawa ikowi, towa reymawa. A'e rō'ō rāka'ẽ.

— Migỹ ekwe araa wexearoãra mo xeropy, e'i rō'ō ixope. Wyke'yra gy iatã py'yj ia ika ramo epe ikome'o akao wowa we. Ne! Eraã ke exewe exywyra gy, e'i rō'ō ixope. Araã ekwe, e'i rō'ō apa we koriwekero we, Totoko we, rāka'ẽ ikowoo eymāwa. A'e rō'ō, ate rō'ō mi apa ixemamarixeo aao akao, kwe bandeira apa nera'yra gy kwi e'i rō'ō. Pode rō'ō apa ipyyka irāãwo ekwe pontera wyra pyra wi. Imanaka para irāão kwe koxymene'yma pyri irakewo, irā'āpa ipae. A'e ramo rō'ō ireka kwĩ, e'i rō'ō.

Amamãp rō'ō pa imanao tāwa apa maja kwĩ axão, e'i rō'ō ixope. E'i xewe kawaro axão. Era rō'ō emanyn rāka'ẽ ikome'o ixope. Axe e'i rō'ō. Ekwe erea'i xewi kwĩ, e'i rō'ō ixope towa irekao. Eraãryn axão. Y ekwe aa axão. A'e ekwe apa, amanak ekwe irāãwo bandeira irakeo ipyri, e'i. A'e ekwe naxari ixowi, e'i rō'ō. Areka ekwe weawo, e'i rō'ō rāka'ẽ. Xe'egāwa rō'ō apa emanyn. Yy, ewixe rō'ō ixoperano, no to to to ho'ō kawaro kyrekyrera, aa'ape kawaroho.

— Āta erexat ekawo ? Axão.

— Taã! ã aka kwĩ. Ere, ei' rō'ō ixope. Pexe axão. Axoopita amō re, agã re.

— Mygã re pa erea ? Axão.

— Agã re ekwe! E'i rō'ō, axoopita amō re, tojãwa re. A'e ke ewĩ, kawaro apewiwe ke exemamat para iraãwo ekwe bandeira ipyyka awyrapyra para irakeo awyra pe, koxymene'yma pae ira'ãpa e'i rō'ō rãka'ẽ ixope.

Axe e'i rō'ō. A'era rō'ō ia, iraã kwĩ wiĩ weraã kawara. Pe rō'ō iwaema aawo. Ere ke kwe bandeira akao. Popok popopo bandeira ywyto ireka. Epe rō'ō inyyk aawo ee kawaro. Ere e'i rō'ō! Ere exa'yga ee! Erea pa ekwe axão. Kwetee axa'yg ee, e'i rō'ō. Apa'yma kawaro apere. Pyk axemamat rō'ō kawaro ape wi Tomatoxiri kwĩ. Totototohyj pok ipyyk aawo bandeira, tak imanaka takena ropi iraãwo xorok, irake ipae kwĩ. Ere ke koxymene'yma opa.

— 'Ã ãpa peroriiewiewie pã, e'i rō'ō ixope.

— Tãryn! Arawerot.

— Ane ã ereka ee, e'i rō'ō kawaro agy. A'era ã arawet newe, e'i rō'ō ixope. Era rō'ō iraã kawaro, apa aawo akwapajpe kawaro. Ka rō'ō aawo 'opa, a'e koxy pae, a'e Tomãtoxiri
Axe'ega ixope:

— Marygato pa ã peka axão. Marygato mo pa kī' ī : Maja ã aka xemena mo, e'i rō'ō. A'e mi penexakimo mĩ ixyroekyj ota xewe maja axão. Maj kyrera pa kī' ī. Aixajmi tãwa rawaxãra imakaxymãwi wyrã, e'i rō'ō. Xeree e'i rō'ō. A'e ramo, areka e'i. Xerereka xererekao, e'i rō'ō ixope. Axe pã ñ e'i rō'ō.

— A'e ta mÿ aka?

— Aaweo rano! Axão pe kwãra pirÿpirÿgi ra ekwe itori rano, xekaty rano. 'Ã mĩ aketa xepyri. Ka ymy'iwe aawo xewi rano. Emanyn mĩ ã ika. A'e mĩ ãwã ot xepyri. A'e mĩ axokã ke'ẽ, e'i rō'ō ixope. ãxe e'i rō'ō opa Tomãtoxiri, axe pa ñ axão.

Emĩ xereymãwa gy axão. Eymãwa rō'ō mĩ : Tootoko, koriwekero.

— Mĩ epaj'ñ a'e ramo xawãra gÿ he ? E'i rō'ō ixope.

— Epikapy! Axão. Amook apy newe, e'i rō'ō. A'era rō'ō imooki. Amook rō'ō imowãpa Tomatoxiri weymãwa, enyra. A'ere rō'ō irori. Ere tee ipata axão. A'e rō'ō apaaj. Apaj rō'ō

irekao ixope, imamy'aoty, ymy ã enyra ipy'aatỹ. A'ere ã ipy'aatỹ ikywyrã. A'e rō'ō kwĩ.
Aapã rãka gy xewi, e'i rō'ō ixope rano. Ie xe ỹ a'ỹj'ĩ axã. Y awyrera xe ỹ awyrera, aapã
ixowi gỹ aka pe apata, opa. Mygã ixokão maja. Naxokãj mygã, xane naxixokãj.

Tomatoxiri naxokãj nyneixe rano. Axokã xawãra pe. Ixokã xawãra gỹ imaxekyj ireka ramo
ixokã. A'e ramo emany, ã rãka'ẽ ixokã. A'e ramo ã ia paãpãwi xewi, e'i rō'ō. A'e ane,
epe kwãra há ramo we pane i'ỹgeka.

— Ere exypa xewi ke'ẽ!

— Epikie rano e, e'i rō'ō ixope. Epikie rano e, Te'ina xexokão ota e, e'i rō'ō ixope.

— Emookie emĩ xawãra e, e'i rō'ōixope. Era rō'ō imooki xawãra rano, ee rano, i'awoxe
ramo. Ate ia kwĩ maja ywyto, tototototo. Eramo tee rō'ō koxỹ ika kwĩ. Ere exypa xewi
ke'ẽ, axã Tomatoxiri we. Epikie he. Epa itori, e'i rō'ō. Epikie he, iko'ã ropi apyyk iryna.
Aaxorapa'ỹm rō'ō yna koxỹ. A'egã rō'ō axenõg opa. A'e rō'ō apyyk iryna iko'a ropi, ka
rō'ō ipyyki'ĩ iryna axewi xywataramo. Epikie he axã. Ere exypa, awaem ka maja
xamewe. Hoooooo, ot rō'ō maja rema xe'ẽga kwĩ. Epa itori ke'ẽ axã. Ere exypa ke'ẽ.

Amagetã mĩ xawãra ee.

— Mygã py ekwe apat axã.

— Ane py e'i rō'ō enyra we. Ne! E'i rō'ō. Enyra we ikywyrã we, rãka'ẽ kwĩ. Ewĩ tana
rō'ō ipari ota kwĩ maja wip, õhõ akomanemaep ota. A'era tee rō'ō. Axaj'a rō'ō 'yna ipa pe
ãty kwĩ.

— Ere exypa'ĩ xewi ? Xexokã akariĩ ekwe exeewewe xepe xepe axã. Axãj'a rō'ō yna ipa
pe. Epikie he axã ixope. Xã ot rō'ō akope pe. Xã ewĩ rō'ō ipari ixope. Eere kwĩ axã
toorokoo we py. A'e rō'ō kwĩ toorooko ipari'ĩ maja we. Haowaowao hao hao hao hao.
Wereka rō'ō kwĩ. To to to maja i'ara akao xawãra re. Pewo rō'ō ipara akao ixowi.

— Epikie! Ewi tana rō'ō ipikie ãty. Epikie, xiexãk axã. A'ega epe aawaxãt xanewi axã.
Xi ekwe ixokã, a'era ekwe axokã, e'i rō'ō. Erekyxe he wi e, epikie, e'i rō'ō ãty we iryna,
ipyyka iywỹja ropi.

To, kwe maja i'ara akawo kwĩ, xawāra ixokā matāta. Peo ikawaiwixe'ĩ, xawāra ere. Xawāra kawaiwawyma ropi rāka'ẽ, emanyn ika'ĩ kwĩ, to. Ate rō'ō ixekyj ewi rō'ō ike emyra rano he he he he, aa opa. Ewi tana rō'ō epikie, e'i ixope, xiexāg axāo. Emigỹ ekwe amaxekyj axāo. A'era ekwe axokā, e'i rō'ō rāka'ẽ ioxpe. Hỹ! E'i rō'ō. A'era rō'ō iexākie akopa. Ewi tana rō'ō rāka'ẽ imookie ixope eymāwa. Imooka tyk ka opa apikyga mo. Enyra xe rano: Hao hao hao hao wereka kwĩ, peo ipara akao. Era xepe ixekyj aawo maja hyo hyo hyo hyo. Ate rō'ō ixekyj apa rano enyra, koriwekero rano. Ere ane rano ke'ẽ! Axāo apata ixope a'ega rano.

Tradução Livre

Tomãtoxiri vivia em uma aldeia que estava sendo aterrorizada por uma grande cobra de duas cabeças. Ele não era muito forte, mas tinha muita coragem. Apaixonara pela esposa da cobra e sempre ia visitá-la. Com muita esperteza sempre desafiava a cobra. Esperava-a sair e quando ela estava bem ia ao encontro de sua namorada. Um dia, pressentindo algo, foi visitar sua namorada e levou dois cachorros com ele. Assim que ele entrou na casa da cobra, ela apareceu no pátio. Os cachorros a atacaram antes que ela pudesse entrar na sua casa. Foi uma luta muito violenta, e os cachorros se revejavam na peleja. Cada hora um cachorro lutava com a cobra. Depois de muita luta a cobra e os cachorros já estavam exaustos. Neste momento, Tomãtoxiri dirigiu à cobra, mantando-a. Cortou uma cabeça de cada vez. Ao matar a cobra, ele livrou sua aldeia do medo, e as pessoas passaram a viver normalmente. Por considerá-lo muito fraco, alguns homens não queriam acreditar que Tomãtoxiri havia sido capaz de tal feito. Um homem forte e grande chegou a se atribuir o mérito de ter matado a cobra de duas cabeças. Muitas pessoas acreditaram nele e outros acreditaram em Tomãtoxiri. Foi assim que começaram as mentiras no mundo.

Anexo 3: Álbum de fotografias Tapirapé

autor: Walkíria Neiva Praça



Foto 1: Vista externa da takãra – aldeia Tãpi'itãwa



Foto 2: Ritual de passagem - Marãkã'yga 'festa do xyre'
Interior da takãra (maio de 2004)



Foto 3: Xâpi'i Tapirapé – pintura tradicional
(maio de 2004)



Foto 4: Os estudantes Tapirapé
Apresentação de trabalho final Aranowa'yão - Ensino Médio Tapirapé
(dezembro de 2006)



Foto 5: Comemoração da formatura do Aranowa'ção – Ensino Médio Tapirapé
(Os formandos) (dezembro de 2006)



Foto 6: Comemoração da formatura do Aranowa'ção – Ensino Médio Tapirapé
(Os formandos) (dezembro de 2006)



Foto 7: Calendário Tapirapé - trabalho de final de curso do Aranowa'yão (dezembro de 2006)



Foto 8: Formando apresentando trabalho final de curso (Xeky'ã 'armadilha tradicional para se capturar peixes') (dezembro de 2006)



Foto 9: Formandos do Ensino Médio – Dança tradicional
(dezembro de 2006)



Foto 10: Formandos do Ensino Médio – Dança tradicional
(dezembro de 2006)



Foto 12: Xáko'iãpari e sua esposa Tokyna na casa das Irmãzinhas de Jesus (maio de 2004)



Foto 13: Tãywi Tapirapé – aldeia Tãpi'itãwa (outubro de 2005)



Foto 14: Xáko'iãpari e Tokyna no pátio da aldeia Tãpi'itãwa (maio de 2004)



Foto 15: Crianças brincando – aldeia Tãpi'itãwa (maio de 2005)



Foto 16: Korinãka'i Tapirapé – pintura tradicional
(maio de 2004)

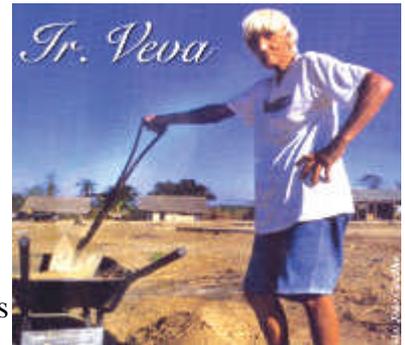
Anexo 4: Os Tapirapé na internet

A Missão junto aos Tapirapé

AS IRMÃZINHAS

Falar dos Tapirapé e não falar das Irmãzinhas, ou vice-versa, é omitir parte da história. Há 50 anos as irmãs da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld vivem na aldeia Urubu Branco, próximo de Confresa-MT.

Três irmãzinhas chegaram ao Brasil no dia 24 de junho de 1952, com o objetivo de morar junto com os Tapirapé, numa casa como a dos indígenas, passando a ter a mesma alimentação e o mesmo estilo de vida.



“Ir aos esquecidos, aos desprezados, pelos quais ninguém se interessa”, são as palavras da Irmãzinha Madalena, fundadora da Fraternidade. As Irmãs Genoveva, Clara e Denise, quando chegaram à aldeia Tapirapé, encontraram um povo com cerca de 50 pessoas, sobreviventes dos ataques de seus vizinhos Kayapó.

Após 50 anos de dedicação e comprometimento com esse pequeno povo indígena, hoje os números são outros:

cerca de 500 Tapirapé, em sua maioria crianças e jovens, vivem nas aldeias Majtyritãwa, próxima a Santa Terezinha, Tapiitãwa, Wiriaotãwa, Akara'ytãwa e Xapi'ikeatãwa, na área indígena Urubu Branco, próxima da cidade de Confresa.

ESFORÇO DE INCUL INCULTURAÇÃO TURAÇÃO

O respeito às crenças, ao estilo de vida e aos costumes dos Tapirapé foi o que fez das Irmãzinhas as principais aliadas deste povo durante todos estes anos. As lutas foram muitas e a determinação destas mulheres ainda maior. “Queríamos viver no meio deles o amor de Deus que não deseja outra coisa senão que vivam e cresçam como Tapirapé” afirma a Irmãzinha Genoveva, que ainda vive com eles.

O quase extermínio dos Tapirapé se dá a partir de 1909, quando a população de aproximadamente 2000 índios foi exposta às doenças trazidas pelos não-índios.

Logo na chegada, deram atenção especial à saúde, pois os indígenas estavam muito expostos ao contágio de doenças levadas pelos não-índios. Era a primeira vez que a “fraternidade” se estabelecia numa comunidade indígena em solo brasileiro. Muita coisa aconteceu durante esses 50 anos. Os Tapirapé, que pareciam estar próximos da extinção, conseguiram se recompor.

Mas, para chegar a essa nova situação, quanta dedicação, partilha e aprendizagem foi exigida das irmãs que vinham de uma cultura completamente diferente. Apesar de alguns surtos epidêmicos, com a chegada das Irmãzinhas a mortalidade foi reduzida e quase

erradicada, devido aos tratamentos curativos e do controle profilático das doenças. Nesse processo todo, as Irmãzinhas sempre respeitaram a maneira de ser dos Tapirapé.

O POVO TAPIRAPÉ



O quase extermínio dos Tapirapé se dá a partir de 1909, quando a população de proximadamente 2000 índios foi exposta às doenças trazidas pelos não-índios. Epidemias de gripe, varíola e febre amarela acabaram com duas aldeias. Outro agravante da diminuição e dispersão dos Tapirapé, foram as disputas existentes com os Kayapó, que viviam na mesma região. Em 1935, já estavam reduzidos a 130 pessoas e, em 1947, estavam com apenas 59.

Foi nesse ano que ocorreu o grande ataque Kayapó. Aproveitando a ausência dos homens que haviam saído para a caça, a aldeia Tampiitãwa foi praticamente destruída e várias mulheres e meninas raptadas. Com a chegada das Irmãzinhas, em 1952, a situação começa a ser controlada. Com isso, podemos dividir a história Tapirapé em duas etapas - antes e depois das Irmãzinhas.

TESTEMUNHO DE DOAÇÃO

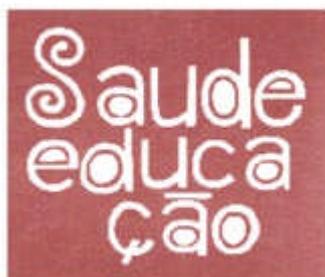
Desde 1952, quando chegou à aldeia, Genoveva, ou simplesmente Veva, como é conhecida, nunca mais saiu de perto dos Tapirapé. Veva nasceu no dia 19 de agosto de 1923, em Valfraicourt, um lugarejo da França. De aparência frágil, cabelos brancos, há muitos anos acorda todos os dias antes do sol para cuidar da pequena roça que cultiva atrás das casas de taipa da aldeia Urubu Branco, a maior do povo.

O respeito total à cultura e ao processo histórico deste povo fez com que os Tapirapé se salvassem e se multiplicassem, tornando-se um povo alegre e seguro. Hoje, aos 78 anos e mais de seis malárias no currículo, Veva completa 50 deles vivendo com os Tapirapé. Das religiosas, Veva é a única Irmãzinha que permanece na aldeia desde o começo da missão. Atualmente vive numa casa simples, como as outras dos indígenas, em companhia das colegas Odila e Elizabette.

Trata-se de uma vida de doação, sacrifício e, sobretudo, de muito amor aos últimos, aos esquecidos do mundo. Nesta terra onde o egoísmo, a ganância e a violência parecem querer dominar, é bom saber que os profetas do amor continuam levantando sua voz poderosa, feita sobretudo de testemunho autêntico. Enquanto o mundo puder contar com pessoas como Veva, continua a esperança daquele mundo que alimenta os nossos sonhos.

Liliane Luchin
Revista Porantim

FONTE: Revista Porantim nº 195, pp 3-4, outubro de 2004



ENSINO MÉDIO É MOTIVO DE ALEGRIA PARA OS TAPIRAPÉ

O povo Tapirapé recebeu com muito entusiasmo o início do ano letivo de 2004. É que, depois de mais de dois anos de espera, finalmente começa a se concretizar a implantação do Ensino Médio em duas de suas aldeias, Tapi'itãwa, próxima a Confresa e Majtyri, próxima a Santa Terezinha.

Em Tapi'itãwa, área indígena Urubu Branco, a aula inaugural contou com a participação de lideranças das aldeias, da direção e coordenação da escola, das Irmãzinhas de Jesus e demais membros da equipe local do CIMI, além, e dos professores e comunidade local. São 69 cursistas de quatro aldeias Tapirapé que vão fazer o Ensino Médio em Tapi'itãwa.



foto João Castilho

PROPOSTA DE ENSINO INCULTURADA

Em discursos emocionados, lideranças e cursistas ressaltaram a importância da implantação deste nível de ensino nas aldeias, porque só assim todos os que estão interessados em continuar os seus estudos agora tem a oportunidade de fazê-lo. Além disso, com o curso funcionando na aldeia, se torna mais fácil concretizar uma proposta de ensino que realmente respeite a cultura Tapirapé.

Isso ficou bem claro nas três primeiras semanas de funcionamento da 1ª etapa intensiva do Projeto *Aranowa'yao* – Novo Pensamento - em Tapi'itãwa,. O início do curso se deu com os estudos de disciplinas da área de

RECUPERANDO AS

TRADIÇÕES E OS MITOS

Como um dos resultados dessas duas primeiras semanas de estudo, foi realizada uma exposição no barracão da comunidade mostrando os trançados, redes e cartazes com os textos e ilustrações produzidos pelos cursistas. O barracão ficou pequeno para tanta arte bonita produzida nessas duas primeiras semanas.

Na terceira semana os cursistas estudaram o mito da origem do povo Tapirapé, com a contribuição do sr. Cantídio Taywi, que foi à sala de aula para narrar o mito para os cursistas. Durante toda a semana aprofundaram esse estudo e a maior parte declarou que

linguagem. Por sugestão dos próprios Tapirapé, a disciplina que inaugurou o curso foi a de Artes. Para os estudos desta disciplina, os alunos foram à mata, juntamente com os professores, buscar folhas de bacaba a fim de recuperar trançados que as gerações mais novas não estavam aprendendo. As atividades de trançado se desenvolveram durante as duas primeiras semanas do curso, com os alunos se dedicando com muito entusiasmo a esse trabalho e produzindo várias peças de artesanato propostas pelo professor Domingos Xario.

As moças, além de participarem dos estudos de trançado com os rapazes, puderam, também, se dedicar a outras atividades próprias das mulheres, como a confecção de redes, *tamakorã* e de outros objetos tecidos em algodão. Neste estudo elas foram orientadas pela professora Tapirapé Mypytygi.

Juntamente com a disciplina de Artes, os alunos se dedicaram também aos estudos de Língua Portuguesa e Língua Tapirapé, com muitas discussões e reflexões nessas línguas, além de se dedicarem à produção de textos e desenhos para a confecção de livrinhos, abordando os temas da arte e da diversidade artística dos Tapirapé.

desconhecia essa história que relata a origem de seu povo.

No final da semana, os cursistas deram uma demonstração de que haviam de fato aproveitado muito bem a semana de estudo: em um teatro apresentado com muita arte e espontaneidade, eles representaram a história para toda a comunidade, que ficou admirada da capacidade dos estudantes.

O curso continua na quarta semana com a disciplina de Ciências Naturais. Depois todos retornam para as suas aldeias, esperando pela etapa intermediária e dando continuidade aos seus estudos com a realização das tarefas propostas pelos professores. É importante ressaltar que esta primeira etapa contou com a participação de professores indígenas Tapirapé que estão estudando o 3º Grau indígena em Barra do Bugres para ministrar as disciplinas. A comunidade pode perceber que seus próprios professores já têm condições de assumir este curso.

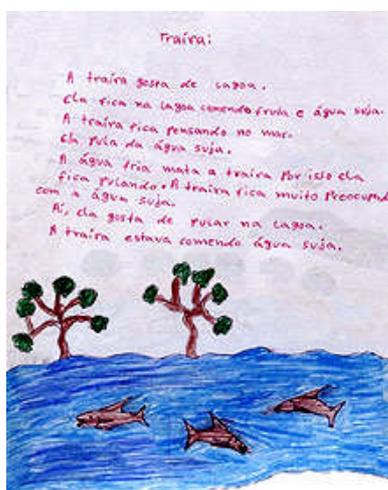
Em Majtyri, o segundo grau também teve início com autorização do setor de educação indígena da Secretaria de Estado da Educação. A comunidade espera que este curso seja logo aprovado pelo Conselho Estadual de Educação. Deste curso participam alunos Tapirapé e Karajá das aldeias Majtyri e Itxala, respectivamente.

FONTE: <http://www.prelaziasaofelixdoaraguaia.org.br/alvorada-mar04/saudeeducacao239.htm>

Surge uma nova língua: o 'português-tapirapé'



Ensinar a Língua Portuguesa aos índios sem interferir nos costumes e na cultura do povo é um dos grandes desafios atuais na formação educacional indígena. Desafio que a lingüista Maria Gorete Neto sentiu na pele. Convidada a lecionar a disciplina de Língua Portuguesa, como segunda língua, na aldeia dos Tapirapé, no Mato Grosso, Maria Gorete acabou permanecendo três anos em contato direto com este povo, de 1999 a 2001. O resultado da experiência levou a pesquisadora a analisar os textos escritos em português dos adolescentes e jovens de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e chegar à conclusão de que existe um "português-tapirapé". "Embora sejam totalmente compreensíveis a qualquer falante do português, os índios carregam uma marca de identidade muito forte nos textos", explica.



recorrentes nas redações.

Pelo menos três características identificadas nas 30 redações livres e desenhos analisados pela lingüista estão descritas em sua dissertação de mestrado "Construindo interpretações para entrelinhas: cosmologia e identidade étnica nos textos escritos em português, como segunda língua, por alunos indígenas Tapirapé", orientada pela professora Marilda do Couto Cavalcanti. Uma das questões abordadas pela pesquisadora é aquela que chamou de "etnicização" do português. Ela explica, por exemplo, que a mobilidade sintática no "português-tapirapé" é flexível, assim como ocorre na língua Tapirapé. As frases "Estou com fome muita" ou "Índio muito joga bola animado" são perfeitamente aceitáveis dentro dos padrões de escrita e oralidade dos índios.

Outro aspecto foi a presença incisiva de elementos da cosmologia Tapirapé nos textos. "As relações de partilha e a alegria associada à abundância de comida e de terra – características do povo – aparecem a todo instante na escrita", comenta Maria Gorete. Os relatos das invasões de terra, discussões sobre direitos indígenas, ameaça de morte pelos posseiros, enfim, questões relacionadas às necessidades de sobrevivência dos índios, e os conflitos com os não-índios, são assuntos



do português sem que haja discriminação para com nenhuma delas.

A terceira marca, e talvez a mais importante observada nos textos, refere-se à identidade indígena. "Por um lado, os aspectos da cosmologia constantes nos textos apontam para um modo Tapirapé de ver e agir no mundo. Tais aspectos os diferenciam e auxiliam a construir sua identidade étnica em contraste a outros povos. De outro lado, as características aparentes nos textos denotam um português-tapirapé com uma função identitária, diferente do português considerado 'padrão' e de outras variedades desta língua. É um português específico que traz à tona o fato dos povos indígenas apropriarem-se e moldarem a Língua Portuguesa ao invés de aceitá-la passivamente. Apesar de utilizar a língua historicamente imposta, os alunos 'preservam' suas especificidades", esclarece. Neste sentido é que a lingüista defende políticas lingüísticas que garantam o ensino e a valorização das múltiplas variedades

http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2005/ju299pag08.html

POLÍCIA MILITAR INVADE ALDEIA TAPIRAPÉ

Por Guilherme Leonardi 16/04/2004 às 03:07

Informe n.º 606

Ontem era para ser um dia de festa para os Tapirapé,
> no Mato Grosso, que há dias estavam preparando a
> apresentação das Caras Grandes, um dos rituais de
> maior importância para esse povo. Todos os homens
> estavam concentrados na Takãra, a grande casa
> cerimonial localizada no centro da aldeia, quando,
> por volta das 10 horas, três viaturas das polícias
> Militar e Civil adentraram a aldeia.
> Logo depois, chegou outro veículo, transportando
> cerca de quinze ex-invasores da área indígena Urubu
> Branco. Os 21 policiais, comandados por um capitão
> que se apresentou como capitão Marques, estavam
> fortemente armados e vestiam coletes à prova de
> bala. O cacique geral do povo Tapirapé, José Pio
> Xywaeri, convidou o grupo de policiais para entrar
> na Takãra, para explicar o motivo da invasão.
> Segundo o capitão eles estavam escoltando o oficial
> de justiça para que fosse entregue aos Tapirapé um
> mandado de busca e apreensão e uma ordem de
> reintegração de posse aos ex-invasores da área
> indígena Urubu Branco.
> O mandado de busca e apreensão foi expedido pela
> juíza substituta Ana Graziela Vaz de Campos, da
> Comarca de Porto Alegre do Norte, Mato Grosso, no
> último dia 22, e refere-se ao gado e outros bens
> apreendidos pelos Tapirapé quando do processo de
> desintrusão da região norte da área indígena,
> ocorrido em dezembro de 2003.
> Os Tapirapé esclareceram aos policiais sobre a
> ilegalidade da presença deles em sua terra, pois,
> além de não haver um representante da Fundação
> Nacional do Índio para discutir a questão, a
> competência para entrar nas áreas indígenas é de
> exclusividade da Polícia Federal. As lideranças
> indígenas explicaram, também, que a apreensão do
> gado e outros bens foi uma forma de indenização face
> aos prejuízos causados pelos ocupantes ilegais da
> área, que desmataram grandes extensões de terra para
> a formação de pastos e, ainda, venderam,
> ilegalmente, grande quantidade de madeira retirada
> da área indígena.
> Os Tapirapé se recusaram a assinar o mandado. A área
> indígena Urubu Branco é demarcada, homologada e
> registrada em Cartório em nome da União.

- > O fato preocupa o Conselho Indigenista Missionário
- > (Cimi), pois coloca em risco a vida de crianças,
- > mulheres, idosos Tapirapé, pela ação ilegal das
- > polícias Militar e Civil.
- > A equipe do Cimi da Prelazia de São Félix do
- > Araguaia, juntamente com o bispo D. Pedro
- > Casaldáliga, cobra das autoridades competentes ações
- > imediatas no sentido de paralisar definitivamente as
- > ações judiciais que desrespeitam os direitos dos
- > Tapirapé garantidos na Constituição, e restabeleçam
- > a tranqüilidade e a segurança nas aldeias.

FONTE: <http://www.cimi.org.br/informep.htm>



Povos Indígenas » [O Índio](#) » [Etnias Indígenas](#) » [Tapirapé](#)

Tapirapé

Estado: MT.

População: 502

O fim da década de 60 e toda a década de 70 marcam a história Tapirapé com a luta pela posse de terra. Assegurada a sobrevivência física pela ação delicada das Irmãzinhas de Jesus, a frente de expansão pecuária, que adentrou a área em meados dos anos 60, obrigou os Tapirapé a se unirem aos Karajá em defesa de seu território. Suas terras foram compradas pela Tapiraguaia S. A. e as da cidade de Santa Terezinha, pela Companhia de Desenvolvimento do Araguaia- Codeara- ambas fazendas latifundiárias de criação de gado. Foram anos de violência em toda a região do Araguaia, de arbítrio, de perseguições políticas, de mortes. O Pe. François Jentel, que junto com as Irmãzinhas de Jesus assistia os Tapirapé, foi expulso do Brasil e seus seguidores, na defesa dos índios e posseiros, ameaçados e presos. Esse período de luta é lembrado pelos Tapirapé em seus mínimos detalhes: as tumultuadas reuniões com os poderosos representantes das Companhias de Desenvolvimento e as tíbias atitudes da Funai, a presença do exército, as reações traduzidas na forma de confisco e morte do gado dos agressores. Reforçou-se, porém, exatamente nesse período, o ser Tapirapé. Data desse época a publicação do livro de H. Baldus Tapirapé, *Tribo tupi no Brasil Central* (Companhia Editora Nacional/ Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970) que foi avidamente folheado, visto e revisto, acordando tradições esquecidas, revivendo por suas gravuras e desenhos o trançado das cestarias e os antigos artefatos. Foi também a luta pela terra que reforçou o sentimento de indianidade, expandindo o mundo geográfico dos Tapirapé com freqüentes idas a Brasília para pressionar a Funai a às Assembléias Indígenas em aldeias distantes para discutir, em conjunto com seus pares, seus problemas. Recrudescer, por outro lado, o desejo de conhecer melhor o mundo dos brancos e, para não deixar enganar, dominar sua língua e suas leis.

Outro fato se singulariza na vida dos Tapirapé: o projeto de educação bilingüe iniciado em 1972, projeto esse levado a efeito mais uma vez com o tato característico da Missão Tapirapé. Um casal de professores, que trouxe consigo o filho de seis meses dando-lhe um nome Tapirapé, aceitou o desafio, desenvolveu uma ortografia e procurou traduzir-lhes o significado da escrita e da leitura. Hoje os Tapirapé têm cadernos para pré- alfabetização, cartilha e livros de exercícios em que se retrata seu mundo, mitos escritos e por eles ilustrados. É bonito ver os meninos maiores lendo para os menores as histórias de Peetora, Koreweka, Xyreno e Ware.

A escola bilingüe veio responder a um antigo anseio dos jovens que se preparavam para assumir a

liderança do grupo; julgavam que, para fazer valer seus direitos, era necessário falar bem o português, ler e escrever. Ficou-me gravada na memória a indignação de um jovem e combativo Tapirapé que, ao exigir a inclusão de determinada área na delimitação das terras, ouviu do agrimensor a seguinte provocação: "foi a Missão que botou isso na cabeça de você, não foi?" Ao que o jovem respondeu: "não precisamos de ninguém para nos fazer pensar, temos nossa cabeça para pensar. Não temos é boca com palavras de branco para falar direto".

Hoje há quatro turmas que estudam Tapirapé e português no antigo prédio da igreja e quatro monitores indígenas ajudam as duas professoras da Missão. Alguns pais sonham com a saída de seus filhos para estudar, através da Funai, em Brasília ou ficar em casa de algum amigo no Rio, São Paulo ou Goiânia, para completar sua educação. Dois jovens foram para Santa Terezinha para iniciar o segundo grau, numa experiência não muito bem sucedida. Um deles voltou logo, com saudades, e para se casar. O outro demorou-se mais, casou-se na aldeia, mas acabou se suicidando. Primeiro caso de suicídio; suas causas foram amplamente debatidas à noite nas rodas dos homens, na takãra. Há um processo em andamento para que se oficialize a escola da aldeia.

Conseguida a demarcação e legalizada a posse da terra (Portaria 1093/ E de 26 de agosto de 1981, D. O. U. Ano CXIX, nº 167, 1981) numa campanha que teve foros internacionais e que levou os Tapirapé às páginas amarelas da revista VEJA (nº 451, abril de 1977), a vida na aldeia prosseguiu em seu cotidiano sempre renovado.

A aldeia mudou de lugar, afastou-se do porto do Iguarapé uns 500 metros em virtude de uma cheia que quase destruiu todas as casas. E cresceu o círculo em torno da takãra. É tão grande que não dá mais para visitar todas as casas como o fazia antigamente. Em algumas dessas casas há cama de casal próxima às redes enfileiradas. Aumentou o número de mulheres Karajá casadas com Tapirapé morando na aldeia. Três línguas são freqüentemente ouvidas e faladas: Português, Karajá e Tapirapé. Os casamentos mistos não são bem vistos, dizem que os filhos dessas uniões são misturados.

Uma estrada com pontes financiadas pela fundação francesa François Jentel liga a aldeia a Santa Terezinha. Viajam muito a Brasília ou a Goiânia para tratamento de saúde. Os rapazes têm certidão de nascimento e quase todos os homens carteira de identidade onde consta o nome brasileiro e o nome tapirapé, acompanhados do getílico "Tapirapé".

O "botel" que durante anos levou turistas nacionais e estrangeiros em viagens pelo Araguaia não pára mais na aldeia. Perderam, assim, os Tapirapé um dos seus meios de obter algum dinheiro. Mas foram eles mesmo que solicitaram a interdição, alegando a poluição das águas do rio. Tentaram equilibrar seu orçamento com a pesca do pirarucu. Ausentavam-se em grupos por períodos enormes e as mulheres ficavam com a responsabilidade da família. O pirarucu começou a escassear na área e seu lucro era pequeno, pois tinham que pagar ao empreiteiro a comida e o material que usavam e, ainda mais, deixar dinheiro em casa para mulher e filhos completarem a produção da roça. No momento voltaram à venda de artesanato a uma intermediária que arremata as peças a serem vendidas em São Paulo ou em São Félix.

Estão procurando resolver o problema do gado que lhes foi doado pelo Pe. François Jentel, numa de suas tentativas de encontrar uma saída econômica para eles, em pé de igualdade com o desenvolvimento da área. Contrataram um vaqueiro e construíram um curral. Por anos as vacas e bois perambulavam junto com os porcos, mulas e cavalos pelo pátio, sujando tudo. Foi moroso encontrar uma solução: o que fazer com um animal doméstico que era de posse coletiva? Não era de ninguém, ninguém era responsável pelos estragos, ninguém se interessava. Houve, porém, um caso de tétano e isso apressou o encaminhamento da questão. Outra tentativa econômica que fora feita por Pe. François foi o do plantio do arroz e sua venda na Cooperativa de Santa Terezinha. Não deu certo. A cooperativa também não foi para a frente.

A esse cotidiano se estremeiam as festas, os nascimentos e as mortes. Continuam a enterrar seus mortos em casa. Em 1982 presenciei a morte de Æokãja, aquela a quem chamava de ãpi (mãe). Os parentes raspam a cabeça, os homens se pintaram de preto com tinta de jenipapo. O viúvo percorreu os caminhos que faziam juntos e que levavam os dois à roça e ao local de banho, se lamentando em choro ritual. Seus animais de criação foram mortos, seus objetos pessoais, como panelas, foram jogados no fundo do rio e com ela foram enterrados seus colares de miçanga e os muitos cortes de fazenda. Em torno do túmulo, cavado no centro da casa, parentes e amigos dançaram seguidamente por 24 horas. O luto que havia sido suspenso recentemente, devido à morte de João Velho, voltou a pesar sobre a aldeia e as festas programadas foram suspensas. Por diversas madrugadas escutei, ao raiar do sol, o choro de Korãwã.

Antes havia assistido a um tãtãopãwa em todas as suas etapas de saídas para a pesca, para a procura do mel com a chamada ritual dos wyrã. No final da tarde todos reunidos, no pátio fora da takãra, divididos em seus grupos para comer o wyrã xepaabogãwa.

Ainda enfeitam com flocos de algodão e tãmãkorã as crianças na época do desmame e algumas koxãmoko, embora se vistam com aprumo e na moda, muitas vezes exibem a pintura facial própria à sua faixa etária. A pajelança – por uns tempos atividade quase que exclusiva dos Karajá, a quem pagavam caro o conhecimento – recomeça timidamente a surgir: um jovem foi aprender métodos de cura com os Kamayurá no Xingu. Temem, no entanto, a volta das vinganças e das mortes violenta.

Da língua já se sabe bem mais. Sem dúvida alguma pertence à família Tupí- Guarani, aproximando-se muito do Asurini do Trocará, do Asurini do Xingu e do Parakanã por seu sistema de cinco vogais (i, e, y, a, o), ao invés do sistema de seis, mais comum. Mantém, porém, diferentemente daquelas, vogais nasais fonêmicas. De próprio, na mudança fonológica o que caracteriza é a passagem de a para ã e de e para y.

A uma fonêmica segmental muito simples e com padrões silábicos do tipo (C) V (C), alia-se uma morfofonologia extremamente rica e uma morfologia elaborada.

O sistema de prefixos pessoais, extremamente complexo, classifica o Tapirapé, do ponto de vista tipológico, do seguinte modo: nas orações independentes segue o padrão ativo- estativo, isto é, os prefixos para sujeito dos verbos intransitivos estativos têm a mesma forma que os prefixos de objeto dos verbos transitivos e dos prefixos de posse nominal. É, porém, uma estatividade cindida que se manifesta na primeira pessoa singular e plural e na segunda pessoa do singular, a segunda pessoa plural é neutra e a terceira tripartida. Nas orações dependentes, em geral foram nominalizadas, há domínios em que prevalece uma ergatividade morfológica, que se manifesta na marca de caso ergativo em sintagmas nominais agentivos (orações causativas) ou na concordância, em que se prefixa à raiz verbal ou o sujeito dos verbos intransitivos ou o objeto dos verbos transitivos. A formação morfológica em que há co- referencialidade de sujeitos e objetos segue um padrão estativo, sendo a co- referencialidade com sujeito de verbos estativo e com objeto de verbos transitivos marcada pelo sufixo- ramõ e a co- referencialidade entre sujeitos de verbos transitivos e intransitivos marcada pelos sufixos ã 9 quando a raiz termina por consoante) ou -wo (quando a raiz termina por vogal). Do ponto de vista sintático, apresenta algumas características do tipo OV, tais como, preposições, genitivo precedendo o substantivo; porém o adjetivo segue o substantivo numa forma aglutinada e as relativas – formas nominalizadas – gravitam tanto à esquerda quanto à direita de seu núcleo. Nas citações indiretas a ordem sintagmática é invariavelmente OVS, mas em outras construções a ordem é variável, dependendo dos fatores discursivo – pragmáticos; em geral o dado novo antecede o verbo, posição essa também tópica e contrastiva.

O sistema de determinantes é altamente elaborado; expressa-se com ele não só a proximidade ou o afastamento em relação ao falante, mas também a forma do objeto: se comprido, redondo ou alto. Um homem em pé e as árvores recebem o determinante para objeto redondo; também assim são traduzidas as expressões espaciais para aqui e lá. Várias facetas lingüísticas permanecem ainda totalmente obscuras e muito falta para que se chegue a uma descrição da língua que leve a uma melhor compreensão do mundo que ela expressa.

Os caminhos por que trilham os Tapirapé nesses últimos vinte anos os aproxima cada vez mais do mundo ocidental. Venceram um a um os empecilhos que os ameaçavam, adaptaram-se às novas circunstâncias, mantendo sempre o seu espírito altivo e fidalgo. São, porém, agora proprietários de terra cercados de pobres sem terra. Quando mais próximos a nós, mais nos temem.

Os Tapirapé de hoje lidam conosco com a mesma perícia e cautela com que navegam nos iguarapés, arte essa que lhes era outrora praticamente desconhecida. Sabem que a realidade que os cerca é outra. Tãpi'itãwa ficou na memória, como a terra sem males onde não havia nem malária, nem mosquitos. Disse-me Xãmáracowi a quem perguntei se gostaria de ir viver, desejo expresso por outros Tapirapé, entre os Asurini do Xingu, grupo Tupi, contatado recentemente e que eram assistidos pelas Irmãzinhas de Jesus.

As palavras de Xãwãrãxowi, o primeiro Tapirapé a me falar de seu desejo de ter uma herança para transmitir a seus filhos – uma casa de tijolo, umas vacas – ao tentar apaziguar a minha preocupação com as novas idéias, as roupas modernas, as prolongadas ausências para a pesca do pirarucu, as poucas idas à roça são bem expressivas desse ser Tapirapé: "Não se preocupe não. Tudo isso é coisa de pele. O que vale é o que corre aqui dentro de minhas veias. E isso é tapirapé. Isso não muda."

Fonte:

Yonne Leite

Museu Nacional, 7 de novembro de 1986.

Adaptado do prefácio de WAGLEY, Charles. Lágrimas de Boas Vindas – Os índios Tapirapé do Brasil Central – Revisão Técnica Berta G. Ribeiro. São Paulo – Editora da Universidade de São Paulo – 1988.

<http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJA63EBC0EITEMID1E3377CAFFAE48A4806FF74777E3984DPTBRIE.htm>